

# Ropicapnefma

COLEÇÃO DIÁLOGOS PORTUGUESES

João de Barros



**EDIÇÃO**

IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição  
FCSH/NOVA – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa  
**Coleção DIÁLOGOS PORTUGUESES**

**NA CAPA:**

Ilustração de *Antifonário Santoral, Hinário Santoral*,  
BNP Il.115, fól. 14r (detalhe)

**DESIGN GRÁFICO**

Inês Mateus

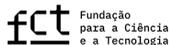
**IMPRESSÃO E ACABAMENTO**

Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, SA

**ISBN 978-989-8968-15-9**

**Depósito Legal 521680/23**

Outubro de 2023



O IELT é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projecto UIDB/00657/2020

O projeto «Recuperar o Diálogo (edição crítica e estudo)» é financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (Processo 139446)

# ROPICAPNEFMA, DE JOÃO DE BARROS

Edição e estudo de  
NATÁLIA ALBINO PIRES  
ROBERTO CARMO ANTUNES  
com a colaboração de  
TERESA GONÇALVES CASTRO



# Apresentação

O projeto *Diálogos Portugueses*, sediado no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IELT, FCSH/NOVA), tem como principal objetivo estudar e editar textos portugueses, ou de autores portugueses, em diálogo, independentemente do assunto que versem.

A presente obra é publicada no âmbito do Projeto «Recuperar o Diálogo (edição Crítica e Estudo)», apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian (Processo 139446), e desenvolvido pelo grupo de trabalho sobre *Diálogos Portugueses*. O conjunto de obras em publicação neste quadro concreto visa dar a conhecer uma pequena parcela deste vasto Património Nacional esquecido até há pouco.



# *Ropicapnefma: a Mercadoria Espiritual* de João de Barros

## 1. Breves apontamentos sobre a vida e a obra de João de Barros

Tendo provavelmente nascido em Viseu, João de Barros (1496-1570) foi educado “na corte de D. Manuel brincando por cima das arcas do guarda-roupa de seu filho, o futuro rei D. João III” (Coelho 1992: 21). Logo passou a desempenhar funções que o ligavam “directamente à pessoa do rei, à família real e aos altos dignatários da corte bem como aos grandes mercadores e financeiros” (Coelho 1992: 19).

Sabe-se que investiu em duas expedições colonizadoras ao Brasil, em 1536 e 1565, tendo fracassado em ambas, acumulando, assim, um montante de dívidas que lhe impediria qualquer ambição de acumular excedentes financeiros. O primeiro desses empreendimentos revela bem a singularidade do carácter de Barros. Discorrendo a respeito da expedição de 1536, o biógrafo seiscentista Manoel Severim de Faria apresenta o testemunho revelador de António Galvão, cronista e figura importante no estabelecimento dos negócios portugueses em terras então descobertas no Oriente:

Foi tambem a este rio Maranhão um fidalgo Português, que se chamava Aires da Cunha, levou dez navios, novecentos Portugueses, cento e trinta cavalos, fez grandes gastos, em que se perderam os que armaram, e o que mais perdeu nisso foi João de Barros feitor da casa da Índia, que por ser nobre, e de condição larga pagou por Aires da Cunha, e outros que lá faleceram, com piedade de mulheres e filhos que lhes ficaram, etc. (Faria 1999: 39)

Outro teste à fortaleza moral de João de Barros, talvez ainda mais assertivo do que as dificuldades financeiras pelas quais passou, decorreu da instauração da Inquisição em Portugal. Atormentado pelas denúncias que envolviam pessoas cada vez mais próximas (Coelho 1992: 49), redigiu à pressa (Révah 1950: LXXIX) o *Diálogo Evangélico Sobre os Artigos da Fé, Contra o Talmud dos Judeus*. Nas primeiras páginas

desse diálogo, as metáforas são bastante incisivas: “com tuas próprias armas que sam os antigos Rabijs que te compozeram, cortarei a cabeça dos errores e malícia de todolos os modernos” (Barros 1545: fl. 3v); “por serem o fundamento do seu muro, assentadas sobre a primeyra pedra Christo, per vós outros reprovada, nam seram ante a tua face derretidas, mas ella e a tua cabeça sera quebrada e moída” (Barros 1545: fl. 3v). Todavia, ressalta desses trechos e do próprio uso do género dialógico a intenção de comprovar a verdade da fé cristã pelo conhecimento dos argumentos dos seus adversários. Em verdade, João de Barros pertencia a “um pequeno grupo de portugueses que, embora pensassem o pior dos judeus e das suas doutrinas, eram de opinião que não se podiam integrar no cristianismo nem com massacres, nem pela acção dos tribunais inquisitoriais” (Révah 1950: XXIX).

Seja como tesoureiro da Casa da Mina e Índia, ou como tesoureiro-mor de Ceuta, seja tratando de agricultura na sua quinta da Ribeira de Alitém, em Pombal (onde escreveu *Ropicaþnefma*), Barros nunca abandonou o árduo empenho literário e intelectual. Aos setenta anos, quando se reformou em função de uma trombose, as dívidas referidas acima estavam longe de ter sido refreadas. Isto dava motivo para zombarias, uma vez que, para se dedicar à vasta bibliografia que planeava redigir, se privou do conforto e de outras oportunidades oferecidas por “um officio que poderia render dez por um, capaz portanto de sustentar os dez filhos que teve” (Coelho 1992: 63). Legou para a posteridade, no entanto, uma obra marcada pela originalidade e pela versatilidade, um tesouro de apontamentos e percepções que testemunham a cultura portuguesa quinhentista, desde o Humanismo até à Contrarreforma, desde a tradição medieval até às novidades trazidas do Oriente.

Além de *Ropicaþnefma* (1532), João de Barros escreveu outros quatro diálogos: *Diálogo da Viciosa Vergonha* (1540), *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem* (1540), *Diálogo Evangélico Sobre os Artigos da Fé, Contra o Talmud dos Judeus* (c.1543) e *Diálogo Sobre Preceitos Morais em Modo de Jogo* (1563). A preocupação central dos dois primeiros e do último é a educação dos jovens, sendo o primeiro inspirado no opúsculo *De Pudore* de Plutarco, então recentemente traduzido por Erasmo de Roterdão e publicado, juntamente com outras obras do autor grego, ora sob o título *De Vitiosa Verecundia*, ora como *Libellus de Immodica Verecundia* (Osório 2001: 141-42). O *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem* integra a *Gramática da Língua Portuguesa*, uma das obras “fundadoras de um trabalho de normatização e de reflexão sobre a língua portuguesa” (Curto 1993: 358). O *Diálogo Evangélico*, referido acima, está repleto de referências à literatura judaica cabalística, as quais foram colhidas, porém, em obras de apologética antijudaica cujos autores nem sempre primaram pelo rigor ou mesmo pela honestidade no que diz respeito à correção das informações disponibilizadas (Révah 1950: LXXIX-LXXX).

Os três diálogos dos anos quarenta do século XVI possuem apenas dois interlocutores: Pai e Filho, Pai e Filho, Evangelho e Talmud, respetivamente. No *Diálogo Sobre Preceitos Morais*, surge uma terceira personagem, a filha Caterina (além do filho António e do Pai). É difícil, todavia, diferenciar a atuação discursiva dos dois irmãos, uma vez que ambos se limitam a perguntar sobre as regras do jogo de tabuleiro criado pelo seu pai. A inserção da menina parece antes atender a uma necessidade de coerência narrativa: o brinquedo é destinado a ensinar virtudes à infanta Dona Maria, e Caterina fica incumbida de bem aprender as regras para posteriormente as retransmitir. Embora nos pareça digna de atenção a criatividade empregada na composição deste e dos outros três diálogos mencionados acima, tal impressão parece advir, sobretudo, do modo original e erudito como o autor reelabora os temas que aborda. É apenas em *Ropica pñefma*, no entanto, que os recursos disponibilizados pelo género literário dialógico são utilizados na sua plenitude, com abundância e divergência de pontos de vista atribuídos a interlocutores com personalidade e modo de discursar próprios.

Antes de tratar desses aspetos, convém referir as demais obras do escritor. O primeiro livro que João de Barros escreveu assume a forma de um romance de cavalaria, intitulado-se *Crónica do Imperador Clarimundo Donde os Reis de Portugal Descendem* (1522). Numa extensa passagem dessa obra, publicada cinquenta anos antes de *Os Lusíadas*, a história de Portugal é narrada em oitava rima, embora aqui os versos apareçam intercalados com prosa corrida<sup>1</sup>. Barros cultivou também a retórica laudatória no *Panegírico do Rei D. João III* (lido em 1533, editado pela primeira vez em 1740) e no *Panegírico da Mui Alta e Esclarecida Infanta Dona Maria Nossa Senhora* (escrito c.1545, editado pela primeira vez em 1655). Além das suprarreferidas obras, debruçou-se ainda sobre a didática da língua, tendo elaborado os *Grammatices Rudimenta* (escrito c.1540 e publicado pela primeira vez em 1972), visando o ensino do latim, e a *Cartinha com os Preceitos e Mandamentos da Santa Madre Igreja, e com os Mistérios da Missa e Responsórios Dela* (1539), com o intuito de promover a aprendizagem das primeiras letras.

Depois de se aventurar pela tradição das novelas de cavalaria, dos panegíricos, dos diálogos, da gramática e do ensino, João de Barros passa a dedicar-se, sobretudo, à historiografia. Também nisto primou pela originalidade: as suas *Décadas da Ásia* são o primeiro exemplo, na Europa, de uma obra que utiliza “anais, cronologias,

---

<sup>1</sup> Existe um único exemplar da primeira edição desta obra, atualmente na Biblioteca Nacional de Espanha, em Madrid. O texto do romance é redigido em prosa, mas integra um conjunto de profecias, em verso, que se referem à história de Portugal.

corografias e várias fontes persas, indianas, chinesas e outras, que [Barros] obteve por diligências oficiais, mandou traduzir e até chegou a facultar a personalidades estrangeiras.” (Saraiva e Lopes 1979: 291). Trata-se de três livros, impressos pela primeira vez, respetivamente, em 1552, 1553 e 1563, além de um quarto publicado postumamente em 1615. Este último não deve ser confundido com a *Década IV* de Diogo do Couto, impressa em 1602; este cronista, guarda-mor da Torre do Tombo na Índia, considerando apenas as três *Décadas* que Barros publicou em vida, deu continuidade ao trabalho a partir do tomo IV.

João de Barros, como um bom renascentista, testou os limites da sua potencialidade individual em variados campos da atividade humana (o comércio, a agricultura, a exploração marítima) e sempre se interessou pelos saberes da Antiguidade e pelas novidades trazidas com as navegações. Mesmo no seu labor literário, mostrou-se sempre muito eclético, como já se demonstrou. Embora a sua consagração como autor certamente advenha das crónicas acima referidas, é no seu primeiro diálogo, *Ropicapnefma*, que parece encontrar-se a melhor expressão da sagacidade inventiva da sua escrita. É desta obra que trataremos a seguir.

## 2. *Ropicapnefma*: do título à argumentação

O diálogo de João de Barros de que nos ocupamos, *Ropicapnefma*, é, de entre as obras do escritor, aquela que apresenta o título mais enigmático. Na dedicatória que dirige a Duarte de Resende, o próprio autor explica que o título “nação destes dous ramos gregos a hũu chamam Ropica e outro Pneumaticos. Os quaes enxertados hũu em outro, lançaram de sy Ropicapnefma: a que em nossa linguagem podeis chamar mercadoria espiritual” (fl. 3r). Ramalho, no entanto, debruçando-se sobre as especificidades linguísticas subjacentes à formação do título, salienta que a palavra *ropicapnefma*, tal como Barros a criou, “não tem qualquer sentido em grego. É simplesmente intraduzível” (1976: 205)<sup>2</sup>. O próprio Barros parece não confiar plenamente no seu neologismo. No *explicit*, o título é substituído pelo significado pretendido: “Acabou se d empremir esta mercadoria espiritual ã a muy noble e sempre leal çidade de

---

<sup>2</sup> ῥοπικᾶ (rhopika) é um termo grego raro utilizado por Plutarco e que significa ‘mercadoria sem valor’; πνεῦμα (pneuma) significa ‘espírito’. O problema na composição dessas duas palavras é de concordância: na forma como se encontram, o primeiro termo está no plural e o segundo, no singular (Ramalho, 1976: 205).

Lixbõa” (fl. 97r). Ocorre o mesmo na referência feita quase uma década depois no *Diálogo da Viçiosa Vergonha*: “o tratado *que* vossa merce côpos da mercadoria espiritual” (Barros 1540: fl. 13v).

Na “Introduçam e Argumento da Obra”, Barros assume, claramente, a missão evangélica de, tal como São Paulo, trazer os seus contemporâneos à verdade através da reflexão e alerta os seus leitores para a necessidade de se ler este texto enquanto metáfora:

Quem lêe entenda. E que áa de entender? Que a mayor parte desta obra vay em methaphora: e *que* as cousas e auctoridades que a Vontade, Intêdimento, e Tempo arguem contra a Razã, sam as que qualquer infiel e pecador pode arguir: e com esta condiçam sem lhe dar outro crédito, as reça. Esta ée a prinçipal cousa que encomendo e peço aquelles que tanto nam alcançam (fl. 3v).

Assim, o autor coloca em cena 4 personagens (Tempo, Vontade, Entendimento e Razão) que, ao longo da obra, esgrimem argumentos sobre polémicas religiosas coevas. Destacam-se, entre os temas, o da superioridade da alma sobre o corpo, o da existência de punição e recompensa depois da morte e uma comparação entre as três religiões monoteístas (cristianismo, islamismo e judaísmo). A obra segue o modelo das alegorias medievais, apresentando, ainda, pontos de contacto com personagens de autos vicentinos, mais especificamente com as do *Auto da Feira* e com as do *Auto da Barca do Inferno* (Boxer 1981: 59).

Nesta perspectiva alegórica, Vontade e Entendimento representam as principais partes da alma e trocam os talentos<sup>3</sup> por vícios, ou seja, compram vícios (os sete pecados capitais — soberba, avareza, luxúria, inveja, ira, gula e preguiça) usando como moeda de troca a não obediência aos ensinamentos do *Evangelho*. Na realidade, as mercadorias (ou seja, os vícios) que compram com os talentos dados por Deus e que, orgulhosamente, apresentam à Razão não possuem qualquer valor, porquanto não traduzem um crescimento espiritual. A Razão é apresentada como a guardiã da passagem entre o mundo terreno e o mundo divino, função que lhe foi confiada por Deus, para se certificar de que tudo o que entra no paraíso celeste está conforme os seus mandamentos soberanos. Representa a razão humana iluminada, esclarecida e

---

<sup>3</sup> Lembre-se que o termo *talento*, para além de significar dom/capacidade de um indivíduo, designa uma unidade monetária antiga, sendo o termo, por isso, utilizado em jogos de linguagem. Veja-se a parábola dos talentos no *Evangelho* (Mateus 25: 14-30), na qual a palavra já é usada com duplo sentido.

fiel aos dogmas da fé católica, cabendo-lhe julgar o emprego dos talentos e decidir quem entra na Glória. Por fim, o Tempo desempenha a função de mediador entre a Razão, por um lado, e, por outro lado, a Vontade e o Entendimento, sendo estes últimos os seus sócios no negócio das mercadorias viciosas. O Tempo simboliza ainda a memória da humanidade, testemunhando a evolução ou involução espiritual dos indivíduos ao longo dos séculos.

Quanto à sequência narrativa, o diálogo começa com uma reflexão do Tempo sobre as dificuldades que ele próprio, o Entendimento e a Vontade encontrarão para convencer a Razão a aceitar as mercadorias que trazem. Ele considera ser praticamente impossível removê-la dos seus retos princípios. Os três mercadores procuram a Razão na sua fortaleza em busca de um bom despacho que lhes permita atravessar, com os pecados, a fronteira para o mundo pós-morte. A Razão recebe-os com um certo espanto e evidente aversão àquilo que trazem consigo, mas aceita debater com o grupo de mercadores, estabelecendo as seguintes diretrizes: que a Vontade mostre as mercadorias e diga o que vê de bom nelas; que o Entendimento elabore perguntas e pareceres; que o Tempo, dada a sua longevidade e experiência como observador do mundo, avalie os argumentos apresentados.

Como, segundo a Razão, o apego às mercadorias viciosas se fundamenta em três fatores — “hũa tẽ dúvida na immortalidade d alma, outra na sua pena e gloria, outra na ley de Christo” (fl. 10r) —, assim a obra se divide em três graus (capítulos) nos quais a fiscal da fronteira procura dissuadir os interlocutores dos seus enganos. No primeiro, a respeito da imortalidade da alma, destacam-se as ações discursivas do Entendimento. Ofendido por um elogio irónico que a Razão faz à sua inteligência, este mercador defende-se com uma ampla exposição dos seus conhecimentos sobre o *Trivium* e o *Quadrivium*<sup>4</sup>, assim como dos ofícios que já exerceu e mesmo das ciências ocultas em que foi iniciado. No segundo, que trata da existência de prémios e castigos em conformidade com os merecimentos de cada um, são dignas de atenção as reflexões que a Vontade apresenta contra as instituições religiosas e monárquicas, acusando-as de forjarem dons espirituais e leis terrenas para ampliar o seu poder. No terceiro, sobre a dúvida quanto à superioridade do cristianismo, a defesa do judaísmo, apresentada pela Vontade, assim como os ataques do Entendimento às autoridades cristãs, motivam a Razão a reagir pronunciando-se sobre Moisés como se tratasse de um criminoso e charlatão. A obra termina, tal como começou, com um discurso do Tempo, que agora reconhece a justeza dos argumentos da Razão, lembra

---

<sup>4</sup> *Trivium*: gramática, retórica e lógica; *Quadrivium*: aritmética, geometria, música e astronomia. Trata-se das matérias fundamentais da educação medieval.

as dificuldades inerentes ao desapego das mercadorias e prontifica-se a aconselhar os seus dois sócios durante a noite que se inicia.

Para além da interpretação alegórica, sugerida pelo próprio autor, e da leitura narrativa, que revela a originalidade literária de *Ropicaɸnefma*, a obra é também digna de atenção pelo modo como cada uma das personagens concebe estratégias argumentativas próprias, marcadamente distintas das dos seus interlocutores. A breve análise que a seguir apresentamos, acerca da construção dessas quatro personagens na narração dialógica, pretende ressaltar tal individualidade retórico-persuasiva.

A Razão é a juíza do embate retórico que se estabelece com os três mercados. Como tal, deve preservar intransigentemente o *Novo Testamento*, principal lei do reino em cuja fronteira reside. Com base nessa legislação, deve decidir se as mercadorias apresentadas podem, ou não, passar pela fronteira. Assim, diante de ofensas às escrituras apostólicas, a Razão permite-se reagir com discursos enérgicos. Observe-se, no trecho seguinte, o uso metafórico dos termos ‘aguado’, ‘calabreada’ (mistura de diferentes tipos de vinho) e ‘embebeda’ na resposta oferecida ao Entendimento, que havia insinuado a existência de outro messias além de Cristo: “Ser puro judeu he hũ erro, mas aguado cõ hereje: esta ée hũa calabreada tam má e danosa, que embebeda eternalmête.” (fl. 74r). A fiscal é tão intransigente na defesa do *Novo Testamento* que se sente autorizada até mesmo, quando ouve a lei de Moisés ser sobreposta à de Cristo, a ofender o profeta do *Antigo Testamento*: “Este testemunho sã sospeita pode se provar *per* o discurso da vida do mesmo Moses: porque sendo homeçida fogio da cõversaçam dos seus com temor de Pharaó de quẽ era familiar” (fl. 69r); “sua vara que lhe fazia dar tanto crédito antre aquelle povo rustico, que nam entêdia poderẽ se obrar mayores cousas *per* regras de astronomia: em que elle foy mais docto que quãtos magicos naquelle tẽpo ouve ã Igipto” (fl. 69v). Quando se trata de outros temas, porém, a Razão mantém uma postura compatível com a sua alcuinha, dialogando atentamente com os seus interlocutores. Ante os excessos eventualmente cometidos pelos requerentes, costuma limitar-se a breves comentários, nos quais é evidente o tom irónico: “Pareçe te que esta parte que tantos argumentos e tantas repostas por sy e por outrẽ dáa (sem de alguẽ ser perguntada) deve ter mais perfeçam e de mayor exçelencia e melhor natureza que a dhũ aliphante o mais ensinado que possa aver?” (fl. 25r); “Loguo (segundo vejo) todo o teu saber rematas em a semelhança do Cameliã? E a meu juyzo nã erraste, porque ambos vos mantẽdes do aar, elle do elementar, e tu da vaidade das letras e do paço” (fl. 36v).

A Vontade é, de entre os interlocutores, quem possui maior interesse no negócio das mercadorias. Nas três partes do diálogo, aparenta estar ansiosa para obter um bom fim para os seus negócios a despeito de qualquer lei em contrário. Demons-

tra, por isso, menosprezo pelas hierarquias seculares e eclesiásticas, incluindo os poderes atribuídos à Razão. Na primeira parte do diálogo, usa, de forma distorcida, uma frase do *Gênesis* para comprovar que o corpo precede a alma: “Creçey multiplicay e enchey a terra: senhoreay todolos pexes do mar, e as aves do çeo, e toda a alma vivête *que* se move sobre a terra. Donde entenderás *que* nam somente ée o corpo universal senhor dos brutos, pexes e aves, mas ainda de todolos *spiritus*.” (fl. 16v-17r). Na segunda parte, acusa religiosos de forjar fábulas sobre paraísos no pós-morte para exercer controlo sobre o povo; acusa também os governantes de fazer o mesmo através de leis elaboradas arbitrariamente para atender aos seus próprios interesses. Também aqui, os seus argumentos, embora aparentem contundência, pecam no que diz respeito à demonstração lógica, como nota o Tempo no seguinte passo, em que critica os seus dois sócios: “Ambos soes companheiros, tã fracos na logica como em as leys: nã quero favorecer a hũ nem a outro” (fl. 46v). A atitude rebelde da Vontade não deve ser interpretada no sentido que modernamente se atribui à rebeldia: a revolta da mercadora advém de um pensamento apegado exclusivamente às coisas terrenas. Isso fica evidenciado pelo seu comportamento na terceira parte do diálogo, quando se declara disposta a converter-se ao judaísmo por causa dos benefícios materiais que daí lhe adviriam e julga as demais religiões em função do lucro que proporcionam aos seus fiéis. A intenção constante da personagem não é ser porta-voz de algum materialismo dialético anacrónico, mas apenas demover a Razão da sua decisão em relação às mercadorias, mesmo que para isso tenha que renegar princípios lógicos e valores morais canónicos.

O Entendimento, ao contrário da Vontade, desvia-se constantemente do objetivo relacionado com as mercadorias e parece preocupar-se, sobretudo, com a sua autopromoção. O discurso desta personagem caracteriza-se pelas digressões, nas quais conhecimentos e autoridades são exibidos ufanamente, com diversidade e abundância. Para o Entendimento, parece não haver diferença entre ser sábio e simular sabedoria; os lucros proporcionados pelos seus estudos regem os valores morais nos quais fundamenta a sua argumentação — é digna de nota, por exemplo, a descrição que faz da sua conduta quando exerceu as profissões de médico e advogado (fl. 28v-30r). As digressões referidas acima atingem o seu ápice no final da primeira parte do diálogo. Nesse ponto, diante da Razão que estrategicamente se cala, evidencia-se o tom de devaneio. Discorre, então, sobre uma conjunção de Marte e Saturno que provocaria guerras civis em Espanha, sobre falcões lusitanos que conquistariam a filha do Sol montados em cavalos marinhos, sobre o esposo supremo que, vendo a sua esposa ser desonrada, se vingaria. Segue-se um breve comentário da Razão, que reflete o estado do erudito mercador: “as muytas letras te confundirá o juizo” (fl. 35r). O interesse do Entendimento pelas mercadorias, no

entanto, nunca está ausente. Tendo-as em vista, combate agressivamente os princípios postulados pela Razão. Chega ao ponto de desqualificar o *Novo Testamento*, comparando Jesus Cristo aos piores criminosos: “Hũ malfector em padeçer paga todolos erros que cometeo: assy Cristo *que* mais podia pagar a Deos que morrer a mais injuriosa morte que se naquelle tẽpo dava e que pela ley era maldita” (fl. 63v).

O Tempo, embora ciente dos méritos e da intransigência da Razão, defende fielmente os seus sócios no confronto contra a fiscal, exigindo desta que os trate com imparcialidade. O seu interesse pelas mercadorias, embora inegável, é menos importante para si do que honrar o compromisso que assumiu com a Vontade e o Entendimento: “Eu (como ja disse) o mayor emprego *que* neste negõçio trago, ée familiar companhia com a Vontade e Intendimento” (fl. 10r). Tal corporativismo, todavia, inclui também a responsabilidade de repreender os companheiros quando incorrem em erro e de procurar estabelecer um consenso entre os seus sócios e a Razão. Graças à sua longa existência, o Tempo consegue fundamentar a sua argumentação com exemplos retirados de épocas imemoriais. As duas passagens a seguir apresentadas estão relacionadas, respetivamente, com o surgimento das leis e da escrita: “Sabes tu Intendimẽto qual foy a cobiça que dividio as terras, e *que* primeyro achou este pronome Meu? O maleçioso poder, na minha primeyra idade quando tu em os homens tũhas fraco juizo” (fl. 47r); “Elles [papel e tinta] naçeram pera defender dos imigos: e o uso das letras foy inventado pera destroyr amigos e ganhar imigos. E sabes quando foy descuberto este seu dano? Depoys que ãtraram em juizo de homens mançebos” (fl. 79v).

As características sucintamente apontadas acima permitem constatar que o modo de argumentar não apenas é diferente para cada personagem, como também se adequa às características de personalidade e aos objetivos retóricos dos quatro interlocutores fictícios. Nesse sentido, *Ropicapnefma* parece-nos ser a obra portuguesa do século XVI em que os recursos literários facultados pelo género dialógico são explorados com mais argúcia e originalidade.

### 3. *Ropicapnefma* na sociedade quinhentista

*Ropicapnefma*, para além do seu valor literário, é um documento essencial para conhecermos tanto o pensamento e a cultura, como o contexto histórico e político quinhentista. Assim, este diálogo tem servido como fonte para diversas vertentes de estudo, seja de carácter filosófico (Saraiva 1956; Royen 1967; Dias 1969; Andrade 1980; Boxer 1981; Santos 1990; Coelho 1992; Barata-Moura 1993, Calafate 2001);

seja sobre a sua importância para o estudo da recuperação do gênero literário dialógico no Renascimento (Osório 2001; Cruz 2003; Nascimento 2004; Friedlein 2005; Vargas Díaz-Toledo 2013; Antunes 2021); ou ainda sobre o discurso antisemita e anti-islâmico quinhentista (Révah 1967; Serrão 1988; Coelho 1996; Buescu 1996; Coelho 1996; Hahn 2009a e 2009b; Gomes 2015).

A própria natureza dialógica da obra, contudo, tem tornado vãs as tentativas de encontrar, no meio da diversidade de matérias oferecidas, uma linha de leitura que permita uma interpretação global. São tão acentuadas as diferenças e oposições entre as personagens que pouco se pode afirmar a respeito da verdadeira intenção do escritor, exceto pelo que este deixou registado na dedicatória e no prólogo. Para ilustrar tal dificuldade, comparem-se os estudos de António José Saraiva (1956) e C. R. Boxer (1981): enquanto o primeiro sustenta uma leitura que atribui às polémicas levantadas pela Vontade e pelo Entendimento o *status* de manifestação da real intenção do autor empírico, o segundo encaminha a sua atenção para o comportamento da Razão na condição de protagonista do debate. Chegam, assim, a conclusões radicalmente opostas: “A verdade é que não se descobre o que imaginava o autor da *Rópica* como alternativa para o mundo que tão radicalmente criticava, nem a força social de que ele seja o expoente. E talvez por isto mesmo é esta crítica tão radical...” (Saraiva 1956: 105); “The emphasis in *Ropica Pnefma* is rather on peaceful missionary evangelism and on the utility of the voyages of discovery.” (Boxer 1981: 59).

Apesar das preocupações doutrinárias e cristãs expressas na obra (sobretudo na defesa do cristianismo empreendida pela Razão face às demais religiões monoteístas) e apesar das ressalvas do autor expressas na “Introdução e Argumento da Obra” a respeito das demais personagens, *Ropicapnefma* viria a entrar no *Index* dos livros proibidos. Com efeito, a Inquisição manda retirar de circulação esta obra de João de Barros, que figura já no “*Catalogo de livros prohibidos* de D. Jorge de Almeida, Inquisidor Geral, publicado em 1581” (Pericão 2016: 56). Révah (1950: LXXXIX), ao refletir sobre a causa de o supramencionado *Diálogo Evangélico Sobre os Artigos da Fé* e de outras duas obras semelhantes<sup>5</sup> não terem sido publicadas na época em que foram escritas, propõe que “a Inquisição não devia desejar que se estabelecessem discussões, mesmo animadas das melhores intenções, sobre dogmas religiosos”. Cremos, todavia, que, pelo menos no caso específico de *Ropicapnefma*, foram fatores mais concretos, talvez até de natureza técnica, que terão influenciado a decisão de proscrever este livro do cenário cultural português.

---

<sup>5</sup> Nomeadamente *Espelho de Cristãos Novos*, de Fr. Machado, e *Inquisição e Segredos da Fé Contra a Obstinação Porfia dos Judeus, e Contra Gentios e Hereges*, de Diogo de Sá.

João de Barros era um leigo a escrever sobre questões sagradas. Isso, conforme pode ser inferido dos comentários constantes no *Diálogo da Viciosa Vergonha*, era por si só motivo para repreensão:

(Filho) Esse modo de plantar doutrina católica, é permitido a todos ou aos sacerdotes somente? Por *que* o outro dia me queria dar a entender hũ saçerdote, *que* o tratado *que* vossa merce cõpos da mercadoria espiritual nã lhe cõvinha pelo hábito e negõçio que tẽ. (Barros, 1540: 13v)

A personagem Pai defende-se alegando que a missão evangélica é uma obrigação para todos os cristãos. No entanto, uma reflexão sobre o modo como as citações bíblicas são utilizadas pelo escritor em *Ropicapnefma*, se não justifica, pelo menos explica o escândalo eventualmente provocado entre os censores do Santo Ofício.

Logo na dedicatória, Barros adverte o amigo Duarte de Resende, que o instara a enviar algum escrito que ocupasse os serviços do impressor Germão Galharde: “Lembre vos o que diz David: O espirito vay e nam torna” (fl. 2r). Na palavra ‘espírito’, à época, conviviam o significado físico de ‘sopro’ e o espiritual de ‘alma’. No salmo referido, verifica-se um uso metonímico, pelo qual no ‘sopro’ se subentende a efêmera condição de ‘estar vivo’: *et recordatus est quia caro sunt: spiritus vadens, et non rediens*<sup>6</sup>. O próprio Barros, todavia, reconhecendo que distorce o significado original, faz, através de uma outra metonímia, o ‘sopro’ valer por ‘quaisquer palavras proferidas’: “*que* o elle [David] diga a seu proposito faz ao que pedis: ca nã posso dizer cousa, (sendo mal julgada) que a torne mais recolher” (fl. 2r). Outra descontextualização semelhante ocorre na dedicatória quando a expressão *Nom enim erubesco euangelium* (fl. 1v)<sup>7</sup> é utilizada para comentar os pudores do escritor ao publicar a sua obra<sup>8</sup>.

Os dois exemplos até agora referidos não se encontram ainda no diálogo propriamente dito. Assim, um escritor sem educação teológica formal apresenta-se disposto *ab initio* a manipular frases bíblicas. Exibe, é certo, erudição e habilidade literária, mas faz isso numa época marcada por debates filológicos viscerais que punham em questão o modo como tradicionalmente eram interpretadas as escrituras

---

<sup>6</sup> “Lembra-se de que eram apenas carne, um vento que vai, sem nunca voltar” (Salmos 78: 39).

<sup>7</sup> “Na verdade, eu não me envergonho do evangelho” (Romanos 1: 16).

<sup>8</sup> Veja-se também as expressões latinas “super aspidem et basiliscū” (43v) e “totus non capit orbis” (91v) utilizadas no transcorrer do diálogo e explicadas no glossário de expressões latinas.

sagradas (a *Vulgata* latina de São Jerónimo começava a ser confrontada com os “originais” em grego ou aramaico). O momento histórico era crítico e os escritos da juventude de João de Barros, que não foi queimado pela Inquisição nem impedido de tornar-se cronista oficial do reino português, talvez parecessem, aos olhos dos censores, um tanto ou quanto levianos.

No transcorrer do diálogo entre as personagens interlocutoras, são frequentes outros dois modos de citação bíblica que, provavelmente, seriam também vistos com maus olhos pelos inquisidores, independente da entidade fictícia que os empregasse. O primeiro constitui-se numa racionalização comparativa, que permite ao orador avaliar e julgar as ações dos santos e do próprio messias. Isso ocorre, por exemplo, quando o Tempo discorre sobre líderes que, para serem respeitados pelo povo, fingiam ser inspirados pela sabedoria divina. A personagem cita, entre esses, até mesmo Maomé e compara-o a S. João Batista e Jesus, explicando da seguinte maneira um suposto fracasso dos dois últimos: “Joane Batista se levava outro caminho e nam entrara dizendo: Fazez penitência, per ventura nam perdera a cabeça. Cristo tambem quis seguir esta penitência e reprender viçios: e sendo justo e perfectissimo em vida, logo zombaram delle” (fl.51r).

Exemplo mais explícito aparece numa fala do Entendimento. Valendo-se do exemplo da biografia dos filósofos gregos e de uma comparação fundada na potência dos milagres, argumenta que Pedro fora melhor do que Jesus:

Esses *que* tu fazes rusticos, nã ficaram tã inorantes da doutrina *de* seu mestre que per ella nã podessem atraher o povo a sy: obrãdo mayores milagres segundo se conta da sombra de Pedro. Exemplo temos de muytos discipulos preçederem em saber a seus mestres: como Platam a Socrates, Aristoteles a Platam, e outros muytos com *que* alcançarã mais fama que os propios mestres. (fl. 64v)

Um segundo modo nada ortodoxo de citação consiste em avalizar pecados e heresias através de fragmentos bíblicos descontextualizados. A Vontade, por exemplo, refere Salomão para alegar a inexistência de uma alma imortal: “Que sentia Salamam d alma, quando disse: Hũu mesmo fim ée o do homẽ e o dos brutos?” (fl. 39v). Em outra passagem, fundamenta-se no *Gênesis* para explicar o seu desprezo pelas leis que prometem pena e glória depois da morte: “Acharás *que* na criaçam do primeyro homẽ, hũa só ley de obediência lhe deu *Deos*, dizẽdo: De toda arvore do paraíso come, mas da arvore da çiência do bẽ e mal nam comas” (fl. 44v). Certamente muito mais grave para os olhos dos censores seria a seguinte citação, feita mais adiante pela mesma personagem: “Hũu mandado vos dou novo, que vos ameis hũs aos outros: e assy como vos eu amey assy vos amay antre todos, ca nisto conheçeram serdes

meus discípulos, se vos tiverdes este amor.” (fl. 60v). Nada haveria de mal com tal frase se, no contexto em que foi usada, não servisse para elogiar os judeus (mais unidos do que os cristãos) e criticar as brigas contra os cristãos que se separaram da Igreja Católica.

*Ropicapnefma* é anterior à instauração da Inquisição em Portugal (1540) e ao Concílio de Trento (1545). A sua indexação à lista dos livros proibidos é muito posterior, cerca de quarenta anos após o início das atividades do tribunal português do Santo Ofício. Tal ato proibitivo, contudo, apesar de criticável, não será por si só prova de existir uma intolerância da Inquisição às discussões sobre dogmas religiosos, como sugeriu Révah numa passagem acima citada ao tratar de outro dos diálogos de Barros (1950: LXXXIX). Sabemos que toda a discussão, em qualquer época e lugar, e sobre qualquer tema, é sempre objeto de restrições. Acresce que, já desde a Antiguidade, os que teorizaram sobre a retórica se depararam com a existência de lugares-comuns que muitas vezes funcionam como axiomas morais previamente assumidos como válidos pelos interlocutores de um debate, mesmo tratando-se de indivíduos antagónicos. Tendo isso em conta, reflitamos sobre o ponto de vista do poder censório de um reino onde oficialmente não havia outra religião além da católica: que amontoado de absurdos não lhe pareceria um debate sobre dogmas cristãos fundado na distorção e racionalização superficial de textos sagrados, assim como no emprego destes para justificar atos então interpretados como crimes capitais? O facto de serem proferidos por personagens fictícias de modo algum serviria como abonação. Assim, parece-nos que a proibição se terá devido, pelo menos neste caso, ao modo como os dogmas estão a ser discutidos, e não à discussão por si só.

#### 4. Edições anteriores do diálogo *Ropicapnefma*

A obra de que nos ocupamos não teve, até ao presente, grande fortuna editorial. Houve unicamente quatro edições deste diálogo de João de Barros.

Da edição *princeps* de *Ropicapnefma* conhecem-se atualmente apenas 5 exemplares, tendo sido estes os testemunhos usados para a presente edição crítica. Um encontra-se na British Library (com a cota C.25.e.30.) — ao qual atribuímos a sigla B; outro está na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (com a cota V.T.-18-7-33) — ao qual atribuímos a sigla C; outro integra a Houghton Library, em Harvard, nos Estados Unidos (com a cota \*PC5 B2786 532R) — ao qual atribuímos a sigla H; outro encontra-se na Biblioteca Nacional da Áustria (com a cota

\*31.J.117.), disponível para consulta em linha<sup>9</sup> — ao qual atribuímos a sigla A — e outro encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (com a cota CII,002,024) — ao qual atribuímos a sigla RJ<sup>10</sup>.

A segunda edição da obra, com o título *Compilação de Varias Obras do insigne Portuguez João de Barros* e o subtítulo explicativo “contem a ropica pnfema e o dialogo com dous filhos seus sobre preceitos moraes”, data de 1869, tendo sido impressa por diligências do Visconde de Azevedo. Segundo o próprio Visconde, corrigiu os poucos erros, atualizou grafias e alterou a estrutura de algumas frases (Azevedo 1869: III-VII).

A terceira edição de *Ropicapnfema* deve-se ao labor de Israel-Salvador Révah. Em 1952, o autor publica uma edição fac-similada do exemplar a que atribuímos a letra B; em 1955, dá à estampa uma edição com leitura modernizada. Ambas as edições de Révah, a de 1952 e a de 1955, são reimpressas em 1983 pelo INIC sem qualquer revisão ou ampliação. Mattos Romão, autor da nota introdutória da edição de Révah, afirma que optaram por fac-similar o exemplar londrino porque “o texto está melhor impresso, pelo que é mais legível e contém pouco sublinhado, o que não sucede no exemplar de Harvard que está bastante riscado” (Barros 1955: V).

Por fim, em 2019, o Círculo de Leitores publicou, no vol. 3 da coleção Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa, uma nova edição de *Ropicapnfema*, de Ernesto Rodrigues, cuja introdução se destaca por apresentar uma sinopse relativamente extensa do desenvolvimento dos temas do diálogo. O projeto editorial desta coleção tem como objetivo geral “facilitar a um grupo alargado de leitores contemporâneos, diverso nos interesses, nos objetivos e nas formações, o acesso a textos de fases pretéritas da nossa língua” (Lemos 2019: 119).

Para além dos exemplares da edição *princeps* conhecidos e para além da segunda, terceira e quarta edições da obra, na Biblioteca Pública Municipal do Porto encontra-se um manuscrito do século XIX (M-FA-25) mandado elaborar pelo

---

<sup>9</sup> Veja-se: [http://digital.onb.ac.at/OnbViewer/viewer.faces?doc=ABO\\_%2BZ169365409](http://digital.onb.ac.at/OnbViewer/viewer.faces?doc=ABO_%2BZ169365409) [data da última consulta: 27/12/2021].

<sup>10</sup> B, C, H e A, acompanhados das suas respetivas cotas, são referidos no catálogo de Aurélio Vargas Díaz-Toledo, *Uma primeira aproximação ao corpus dos diálogos portugueses dos séculos XVI-XVII* (2013: 79). O autor ainda menciona um exemplar da biblioteca da Casa dos Palmela, sem ser capaz de localizá-lo com precisão (veja-se abaixo algumas considerações sobre este volume). A recente publicação da coleção Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa considera apenas os exemplares B, C, H e A, bem como o da Casa dos Palmela (Rodrigues 2019: 58). O exemplar RJ é citado no *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*, organizado por Sheila Moura Hue e Ana Virgínia Pinheiro (Reis, 2010: 160-161). Até onde temos notícia, na presente edição de *Ropicapnfema* são considerados pela primeira vez os cinco exemplares em conjunto.

Visconde de Azevedo e que viria a ser a base da edição referida acima que ele próprio dá à estampa em 1869. Segundo informa na “Explicação que Serve de Prologo”, trata-se de uma cópia produzida com base na edição *princeps* pertencente a Manoel Antonio Figueira, negociante da cidade do Porto e seu amigo pessoal (Azevedo: 1869, III).

Estes testemunhos, porque modernos, não foram considerados no cotejo realizado para a presente edição crítica. Não obstante, os de Azevedo e Révah foram consultados em casos pontuais de dúvidas, o que deu origem, na maior parte dos casos, à constatação de várias divergências de leitura<sup>11</sup>.

## 5. Apresentação dos exemplares da edição *princeps* de *Ropicapnefma*

Azevedo, na “Explicação que Serve de Prologo”, dá notícia dos três exemplares conhecidos ao seu tempo: um pertença de Joaquim Pereira da Costa; outro “com algumas faltas” (1869: II), pertença do Duque de Palmela e ainda um terceiro exemplar, então na posse de Manuel António Figueira, sendo este último o que serviu de base ao manuscrito atualmente na BPMP e à subsequente edição (1869: II).

Révah (1983: VIII-IX), por seu turno, afirma existirem 4 exemplares da edição *princeps* de *Ropicapnefma*, no entanto, só nos dá a localização exata de dois deles (o da British Library e o da Houghton Library).

Segundo Révah (1983: VIII), o exemplar da Houghton Library, que considera tratar-se do único exemplar completo conhecido, corresponde ao de Joaquim Pereira da Costa, adquirido a este último por 63.000 réis, por um certo Sr. Fernandes, conforme informação que o estudioso recolheu no tomo X do *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Aranha 1883: 188). Essa compra, supõe Révah, deve ter ocorrido antes de 1873, ano em que o Visconde Pereira, filho de Joaquim Pereira da Costa, leilou os livros do seu pai: de facto, *Ropicapnefma* já não fazia parte do espólio nessa ocasião, como se pode verificar no *Catálogo dos livros antigos, raros e classicos que*

---

<sup>11</sup> Por exemplo, cotejando com Azevedo e com o respetivo manuscrito, consultável na Biblioteca Pública Municipal do Porto: fl. 2v: xiras] rixas; fl. 7v: com tudo] comtudo; fl. 52v: Valerius. li. viii] *falta*; fl. 76r: Cristo sómente] Cristo, menos sómente; fl. 81r: mais asy] mais a si; entre outras. Por exemplo, cotejando com Révah: fl. 47v: disto] disso; fl. 49v: Seneca de seniis oratorum] *falta*; fl. 81r: mais asy] mais a si; entre outras.

compõem a magnífica e mui conhecida livraria do falecido exm<sup>o</sup> Joaquim Pereira da Costa (1873). Nessa sequência, a coleção de livros raros desse Sr. Fernandes foi adquirida por Fernando Palha, estando já o exemplar na posse deste último em 1883, conforme o testemunho de Brito Aranha (1883: 188), amigo de Fernando Palha.

Conseguimos traçar o percurso posterior do livro. De acordo com informação fornecida pela bibliotecária da Houghton Library — a quem agradecemos o apoio prestado —, o anterior possuidor do exemplar, John B. Stetson Jr., terá adquirido parte da biblioteca de Fernando Palha (supõe-se que por venda direta, uma vez que não há notícia de qualquer leilão). John B. Stetson Jr. era um empresário e diplomata americano, colecionador de livros e curador de literatura portuguesa em Harvard. O seu padraço foi o escultor e diplomata português Aleixo de Queiroz Ribeiro, que se casou em 1908 com Sarah Elizabeth Shindler, viúva do industrial americano John B. Stetson. Esta ligação familiar pode explicar o interesse de John B. Stetson Jr. pela literatura e cultura portuguesas, apoiando a suprarreferida conjectura a respeito da compra do exemplar em causa. Parte da sua biblioteca foi doada ao Harvard College em 1928, data que consta dos exemplares carimbados pela própria Harvard College Library.

Sobre o exemplar da British Library, Révah conjectura tratar-se do livro que pertencia à biblioteca de Lord Stuart de Rothesay — diplomata britânico que desempenhou importante papel em Portugal no transcorrer das Guerras Liberais — leiloadada em 1855. Efetivamente, no *Catalogue of valuable library of the late right honorable Lord Stuart de Rothesay including many illuminated and important manuscripts*, constam as seguintes informações na entrada 212: “Barros (Joam de) Ropicapnefma (Mercador Espiritual) Dialogo gothic letter, wants title Lisboa, XII de Mayo, 1552[sic]” (1855: 16). Na página da British Library, por sua vez, descreve-se atualmente o estado do livro com as seguintes palavras: “Imperfect: wanting the titlepage which has been supplied in fac-símile”<sup>12</sup>. Se as expressões ‘wants title’ e ‘wanting the titlepage’ referem um mesmo tipo de problema, temos, portanto, um forte indício de que as suposições de Révah estão corretas.

De acordo com a informação prestada pelo curador da British Library, Barry Talyor — a quem agradecemos o apoio — a obra foi adquirida pela própria biblioteca ao vendedor de livros James Toovey, em 1865. A tratar-se realmente do exemplar de Lord Rothesay, há um lapso de tempo entre 1855 e 1865, ou seja, entre o

---

<sup>12</sup> Veja-se: [https://explore.bl.uk/primo\\_library/libweb/action/search.do](https://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/search.do) [Consultado em 15/01/2023]. Para aceder à descrição, digite “ropica” no campo de pesquisa, selecione a edição “Lisboa G. Galharde 1532” e clique em “details”.

leilão e o registo na biblioteca, sobre o qual pouco podemos afirmar. Em *A catalogue of books in various languages remarkable for beauty of condition on sale by James Toovey*, de 1858, não consta que o vendedor possuísse, três anos após o leilão, um exemplar de *Ropicaþnefma*, pelo que poderíamos supor que a aquisição foi posterior. Por outro lado, para os padrões de Toovey, talvez um exemplar sem a página de título, por mais raro que fosse, não pudesse ser considerado entre os de “*beauty of condition*”. Este bibliófilo inglês era muito bem relacionado com uma vasta rede de vendedores de livros e proeminentes colecionadores; possuía também uma determinação incansável, quando se tratava de adquirir livros raros que estivessem em ótimo estado (Roberts 1895: 253-54). Sendo assim, será plausível conjecturar que o livro esteve com o próprio James Toovey ou com qualquer outro aficionado por livros durante essa década.

Révah diz-nos, ainda, ter consultado o exemplar pertencente à família Palmela, não nos informando onde se encontrava, nem como teve acesso à obra, afirmando faltarem-lhe apenas “o primeiro fólio e o último” (Révah 1983: IX). Cruzando esta informação com a descrição feita por Azevedo e as faltas que o testemunho hoje consultável na Biblioteca Nacional da Áustria apresenta (entre outros problemas, nota-se que o primeiro e o último fólio foram objeto de restauro), podemos supor que o exemplar da biblioteca austríaca seja o que pertenceu ao Duque de Palmela. Algumas questões, todavia, se impõem a esta conclusão. Por um lado, não conseguimos, até à data, aferir o modo como o exemplar da edição *princeps* de *Ropicaþnefma* chegou à Áustria: a própria biblioteca — à qual agradecemos a informação prestada — desconhece o seu anterior possuidor. Por outro lado, um selo colado no exemplar indica que o responsável pela sua atual encadernação foi o vienense Franz Hollnsteiner, encadernador da corte imperial austríaca, o que nos leva a situar a chegada do exemplar a Viena na segunda metade do século XIX.

Assim sendo, se o exemplar austríaco é realmente o dos Palmela, tornar-se-ia difícil para Révah consultá-lo em Portugal, no século XX. Caso o tenha feito na Áustria, é estranho não o ter referido. Portanto, se ele, como supomos, não ocultou informações no que afirmou despretensiosamente, é improvável que o exemplar que consultou seja o de Áustria. Por outro lado, seria impossível tratar-se do da British ou o da Houghton, aos quais o próprio Révah atribui origens diferentes. Nada havendo, também, que aponte para os outros dois exemplares, tudo leva a crer que temos, na Europa Central, um exemplar de localização sabida e de procedência ignorada. Quanto ao outro, o dos Palmela, sabemos de onde veio, mas ignoramos, ao certo, o fim que levou.

Relativamente ao exemplar pertencente a Manuel António Figueira, embora Révah não o tenha consultado, assevera que lhe falta o primeiro fólio (1983: IX). Assegura, ainda, que este exemplar foi adquirido em 1871 pelo Dr. Vieira Pinto por

77.000 réis no leilão de Manuel da Figueira<sup>13</sup> e conjectura a possibilidade de poder tratar-se de um exemplar referido num catálogo de Oxford<sup>14</sup>. De facto, Brito Aranha (1883: 188), no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, atesta a existência de um exemplar comprado em 1871 por Vieira Pinto, no leilão da biblioteca de Figueira, em bom estado, mas sem a página de rosto. Mais recentemente, Pericão reitera a informação dada por Brito e Révah ao afirmar que “Este exemplar está incompleto, pois falta-lhe a p. de rosto substituída por uma reprodução fotozincográfica, aliás muito perfeita” (2016: 57). Cumpre, todavia, lembrar que, no que concerne a tal truncagem, o Visconde de Azevedo não refere que o exemplar de Manuel António Figueira esteja incompleto e elege-o para servir de base à sua edição. Portanto, a ligação entre Vieira Pinto e Manuel da Figueira fundamenta-se unicamente no testemunho de Brito Aranha, depois replicado por Révah.

No exemplar que hoje se encontra na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, constam o selo *ex-libris* de Vieira Pinto e também o do Visconde da Trindade, último possuidor do exemplar antes de este chegar à instituição. Há uma página de rosto, mas a ausência nela das fibras horizontais, que são vistas nos demais fólios quando postos sobre luz forte, confirma que se trata realmente de uma reprodução fac-similada. De acordo com a informação disponibilizada pela Dr<sup>a</sup> Maria de Fátima Bogalho, do Serviço de Referência da BGUC — a quem agradecemos o apoio prestado — o espólio do bibliófilo Dr. João Vieira Pinto foi alvo de leilão, em 1885<sup>15</sup>. O anterior proprietário do exemplar, Alberto Eduardo Vallado Navarro, Visconde da Trindade, adquiriu-o na Livraria Coelho em 1958<sup>16</sup> e legou-o, por testamento de 1960, à biblioteca, para onde foi transferido em 1972.

---

<sup>13</sup> Conforme indica Révah (1983: IX), a obra consta no número 2354 do *Catálogo de livros antigos e modernos entre os quais se incluem os que pertenceram ao falecido sr. Manoel Antonio Figueira que hão de ser vendidos em leilão nos dias 19 e seguintes do mez de junho do corrente anno, desde as 4 até às 8 horas da tarde, no largo de S. Domingos do Porto*, publicado em 1871.

<sup>14</sup> “Catalogue 43. A collection of rare and unique Spanish and Portuguese books Offered for sale by A. Rosenthal, lda” (Révah 1983: IX). Não conseguimos consultar a obra diretamente.

<sup>15</sup> No exemplar do *Catálogo da livraria que foi do falecido Dr. João Vieira Pinto e que tem de ser vendido em leilão no dia 1 de agosto de 1885 e seguintes, ás 5 horas da tarde na rua de traz da Sé N<sup>o</sup> 37 Porto*, disponível na Biblioteca Nacional de Portugal, há marcações a lápis indicando datas e, possivelmente, preços. No número 6796, consta: “RHOPICA Pneufma, ou mercadoria espiritual, por Joam de Barros. 1 v. 4<sup>o</sup> Lisboa 1552[sic]. (Vid dic. De Innocencio pag. 320.) Rarissimo.” (1885: 285). Convém notar que, seguindo a cronologia indicada pelas notas a lápis, a obra só teria ido a leilão em 16 de fevereiro de 1886 e é possível imaginar que não tenha sido arrematada de imediato, tendo em vista a ausência da marcação de valor ao lado.

<sup>16</sup> Livraria fundada em Lisboa, em 1874, atualmente desaparecida.

Levando em conta que o exemplar da BGUC foi adquirido em Portugal pelo seu anterior possuidor, considerámos a possibilidade de a Livraria Coelho o ter comprado diretamente no leilão do espólio do Dr. Vieira Pinto, o que indicaria que este exemplar nunca saiu do país. Também neste caso, algumas questões se antepuseram a tal conclusão: em primeiro lugar, parece improvável que um livro tão raro tenha passado 73 anos numa renomada livraria sem que despertasse a ambição de nenhum bibliófilo; em segundo, não encontramos qualquer referência a *Ropicaþnefma* nos catálogos da livraria Coelho do início do século XX, disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal; por fim, notamos que o exemplar de Coimbra foi ricamente encadernado por um encadernador francês do último terço do século XIX, Émile Pouget. Assim, vislumbramos a possibilidade de que, talvez em virtude do preço, ou ainda das condições do exemplar, a compra não tenha ocorrido durante o leilão de 1885. Mais interessante ainda, há a suspeita de um inopinado itinerário, que porventura levou o exemplar para lá e para cá dos Pirenéus, com vista ao seu restauro, eventualmente para torná-lo comercializável, ou mais valioso, ou ainda para que bem adornasse alguma biblioteca privada, onde possa ter estado por décadas antes de a sua venda ser disponibilizada pela Livraria Coelho.

Por fim, e para acréscimo de não menores mistérios, localizamos recentemente mais um exemplar da edição *princeps* de *Ropicaþnefma* na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, desconhecido por Azevedo e Révah. Sabe-se que foi doado pelo bibliófilo luso-brasileiro João António Marques, por meio de um testamento redigido pelo seu sobrinho, João Ferreira Marques. Na última página desse documento, disponível na mesma biblioteca, refere-se um “pacote com o nome por fóra das quatro importantes obras seguintes” (Marques 1893: 3-4); entre as quatro, abaixo de uma gramática e de outro diálogo do próprio João de Barros, aparece *Ropicaþnefma*. Graças a esse testemunho e ao de Joaquim Anselmo<sup>17</sup>, os bibliotecários brasileiros logo perceberam o valor do que havia ali: foi efetuado o restauro do exemplar; etiquetaram-no com um texto datilografado, encarecendo a sua raridade; guardaram-no num cofre. Parece-nos ter sobrevivido a custo até agora, pois as suas bordas externas deterioraram-se, o que sugere que esteve descurado por muito tempo antes de chegar às mãos do colecionador.

---

<sup>17</sup> Mais especificamente, a entrada 596 da *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI*, onde consta, no último parágrafo: “O ex. de Fern. Palha, único que se conhece completo, foi anteriormente de Joaquim Pereira da Costa. Inoc. menciona mais 2 ex; ambos incompletos: um que foi de lord Stuart e o outro do duque de Palmela. A raridade dos exemplares provirá do facto de a obra ter sido posta no *Catálogo dos livros proibidos* de D. Jorge de Almeida, 1581.” (Anselmo 1926: 171).

Vislumbramos duas hipóteses que explicam o caminho percorrido pelo exemplar. A primeira funda-se na indicação em letra manuscrita datável entre os séculos XVI e XVII de uma antiga proprietária do livro, Francisca de Proença. Sabe-se que o brasão dos Proença começou a adquirir preeminência em Portugal, na região da Beira Baixa, no século XVI. Um dos ramos da família ter-se-ia estabelecido no Rio de Janeiro no século XVII. No século XIX, eram já influentes neste estado brasileiro, destacando-se, por exemplo, o visconde Aureliano Coutinho, sucessivamente ministro do Império, da Justiça e do Estrangeiro e, coincidentemente, filho de uma Francisca de Proença. Conhecendo-se tal percurso migratório e tendo em vista que vários de entre os Proenças seguiram a carreira de bacharel, é verosímil imaginar que o exemplar tenha sobrevivido em alguma biblioteca familiar do Rio de Janeiro com que Marques tenha entrado em contacto.

A outra hipótese fundamenta-se em dois dados. Em primeiro lugar, a bibliotecária da Biblioteca Nacional, Juliana Taboada — a quem agradecemos aqui a solicitude, assim como a todos os funcionários da secção de obras raras — advertiu-nos para o facto de o livro não possuir a etiqueta *ex libris* de João António Marques e não estar rasurado nem rasgado nas partes que indicam os antigos possuidores, características habituais nos livros pertencentes ao espólio desse colecionador. Em segundo lugar, Brito Aranha, no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, refere-se a três exemplares únicos de obras de João de Barros que haviam pertencido ao convento da Cartucha em Évora e que estavam, “por uma casualidade, em poder do Sr. Marques” (1883: 188). Porém, nenhum desses três era *Ropicapnefma*. Isso sugere que, no início da década de 80 do século XIX, poucos anos antes do seu falecimento, o bibliófilo luso-brasileiro não possuía ainda o exemplar que encontramos no Rio de Janeiro. A sua biografia é incerta e pouco estudada, mas sabe-se que residia em Portugal quando faleceu. Talvez tenha tido notícia de um exemplar da edição *princeps* de *Ropicapnefma* entre as poeiras de alguma biblioteca de casa senhorial. Negociou, comprou-o, mas não houve tempo de empregar com esse cobiçado artefacto os mesmos escrúpulos aplicados aos demais livros. Esta segunda hipótese, porém, não se opõe totalmente à primeira: certamente o bibliófilo possuiria contactos no Brasil, como é o caso do próprio sobrinho, naturalizado brasileiro e casado com uma brasileira. Há neste caso muito ainda por descobrir, como, aliás, no da maior parte dos restantes exemplares, já mencionados.

## 5.1. Descrição codicológica dos exemplares

Para esta edição foram adquiridas cópias digitalizadas dos exemplares da British Library, da Houghton Library e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra; o exemplar da Biblioteca Nacional da Áustria encontra-se disponível para consulta em linha; o da Biblioteca Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro, foi fotografado para uso exclusivo dos investigadores envolvidos na presente edição.

Três dos exemplares apresentam paginação em numeração árabe, manuscrita, de época posterior: o da Houghton Library e o da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro têm paginação sequencial no canto superior direito, mas apenas na frente dos fólhos, ao passo que o da British Library apresenta paginação sequencial tanto na frente, como no verso, no canto superior direito e no canto superior esquerdo, respetivamente. Por seu turno, o exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e o da Biblioteca Nacional da Áustria não estão paginados.

Na introdução da sua edição, Révah dá-nos indicações precisas acerca das características da edição *princeps* de *Ropicapnefma*. Segundo ele, trata-se de um “[...] in-4.º de 98 fólhos, impresso em caracteres góticos. As páginas não são numeradas<sup>18</sup>, mas os diferentes cadernos estão marcados de A a M: todos os cadernos são de 8 folhas, excepto o último, M, que tem 10”. E acrescenta no parágrafo seguinte: “o frontispício é ocupado pelo título a vermelho, rodeado de uma cercadura a preto” (Révah 1983: VII). Esta caracterização dos cadernos aplica-se integralmente a todos os exemplares da edição *princeps* consultados, sendo conveniente acrescentar que, além das letras, sempre presentes nos quatro primeiros fólhos, o segundo, o terceiro e o quarto de cada caderno são também identificados com números romanos: A, Aij, Aijj, Aijj, etc.

O texto, impresso em letra gótica, é de leitura fácil e apresenta notas marginais que geralmente remetem para as autoridades que validam o diálogo entre as personagens, seguindo, segundo Coelho (1992: 75), um modelo medieval. No exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há marginálias manuscritas acrescentadas por um leitor, conforme se detalhará adiante.

Em termos gerais, o texto, que possui poucas gralhas de imprensa, caracteriza-se por apresentar as oscilações grafemáticas específicas de uma época em que a

---

<sup>18</sup> Conforme referido anteriormente, Révah utilizou para a sua edição fac-similada o exemplar da British Library, que apresenta paginação manuscrita. Esta descrição do estudioso, contudo, refere-se apenas às características da edição original impressa, sem levar em consideração imperfeições e rasuras ou outras intervenções posteriores.

grafia ainda não havia sido definida por normas rígidas. Por isso, encontramos uma mesma palavra grafada de formas diferentes, como o atestam os exemplos: *razã/razam, homẽ/homem, nã/nam, cõ/com, uso/vso*.

### 5.1.1. Exemplar da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – C

Trata-se de um exemplar completo do texto, com a ressalva de que a primeira folha é fac-similada. Parece ter sido bastante aparado na parte superior e caracteriza-se por ser o único exemplar sem rasuras e sem sublinhados, apresentando apenas um borrão de tinta na 1ª palavra da 1ª linha do fólio 33r e na última palavra da 1ª linha do fólio 33v. Apresenta manchas de humidade que não impedem a leitura e o último fólio, o 97, foi restaurado com fita-cola no pé da página e no canto superior.

No final do livro, no fólio 97v, há uma nota manuscrita de difícil leitura. Parece-nos, no entanto, tratar-se de um ensaio de redação do qual indicamos com uma cruz o texto que não se consegue ler: “depois que desa tera vim † | numqua † | etc † | depoiis que vim desa tera numquam ouvi novas | diguo eu Tomas Galvão que he verddade”.

### 5.1.2. Exemplar da Biblioteca Nacional da Áustria – A

O exemplar da Biblioteca Nacional da Áustria destaca-se por apresentar dois fólhos manuscritos, os fólhos 40r-40v e 47r-47v. Será ainda necessário verificar a existência de eventuais fólhos fac-similados. Da colação dos exemplares, constata-se que os fólhos 24r-24v e 31r-31v, embora não sejam manuscritos, apresentam, no entanto, bastantes variações ortográficas (registadas no quadro seguinte).

<b>Fólio</b>	<b>Exemplar A</b>	<b>Demais exemplares</b>
24r	outro	outros
24r	teenções	tenções
24r	infermidade	infirmidade
24r	<i>que</i>	que
24r	<i>quero</i>	quero
24r	descobrir	descobrir
24r	<i>que</i>	que
24r	taees	taes
24r	cõçedes	conçedes
24r	jũtamẽte	juntamete
24r	respõder	responder

<b>Fólio</b>	<b>Exemplar A</b>	<b>Demais exemplares</b>
24r	cō	com
24r	philosphos	philosophos
24r	de	<i>de</i>
24r	huũ	hũ
24v	apertamêto	apertamento
24v	ẽçẽdida	ençẽdida
24v	cō	com
24v	<i>Razam</i>	Razã
24v	Bem	Bẽ
24v	aprẽdeste	aprendeste
24v	<i>verdadeiro</i>	verdadeiro
24v	cuides	cuydes
24v	openiam	opiniam
24v	conheçimêto	conhecimento
31r	nã	nam
31r	de	<i>de</i>
31r	dõ	dom
31r	contemplaçam	contemplaçã
31r	<i>de</i>	de
31r	buscando	buscãdo
31r	<i>pera</i>	pera
31r	requerimento	requerimêto
31r	cō	com
31r	depois	<i>depois</i>
31r	algũ	alguũ
31r	bem	bẽ
31r	de	<i>de</i>
31r	dizẽ	dizem
31r	pulpitanos	publicanos
31v	quẽ	quem
31v	<i>teus</i>	teus
31v	<i>que</i>	que
31v	alguãa	algũa
31v	<i>Intẽdimento</i>	<i>Intendimento</i>
31v	Nã	Nam

No fólio 2r, há dois borrões de tinta que não impedem a leitura. No fólio 9r, na 4ª linha, a palavra *paga* encontra-se rasurada, embora seja possível a sua leitura. O fólio 71v apresenta uma dobra, ou um rasgão restaurado no canto inferior esquerdo.

No fólio 10r, há um sublinhado nas 3 primeiras linhas desde “hũa tẽ duvida” até “ley de Christo” tal como no exemplar da Houghton Library. No fólio 14v, constata-se uma longa frase sublinhada (“Os que fizeram obras de mereçimento [...] outros de viçio pera fogir: e juntamente”) e os fólhos 16r e 17v possuem, também, um longo sublinhado lateral, o qual destaca, igualmente em ambos os fólhos, uma nota manuscrita na qual se pode ler “scandaloso”.

No fólio 97v há uma nota manuscrita de muito difficil leitura, porquanto a tinta do fólio 97r repassou e a tinta com que está escrita se encontra bastante sumida. Parece-nos tratar-se, também neste caso, de um ensaio de redação, no qual indicamos com uma cruz o texto que não se consegue ler: “Sñor | a maior parte desta tribu † tª  
q̃ tiue | foi ca desta obrigação foi a onra | e firmusora q̃ do † pesoa sem, | a cujo res-  
peito fiquo ou por baixo da | coisa neste despejo meu por q̃ cuidado | q̃ minhas obras se  
† mostrando | a vontade q̃ tenho de voso seruiço | ~~ex per~~ bom por fiador o sen † |  
do ~~q a minha pela~~ † | q̃ elle sera o q̃ lhe discullpara | polo q̃ de minha parte mereço”.

### 5.1.3. Exemplar da British Library – B

A exemplo do de Coimbra, trata-se de um exemplar completo, exceto pela primeira folha fac-similada. Apresenta sublinhados nos fólhos 45r, 45v, 46v, 47v e ainda texto em falta no canto inferior esquerdo do fólio 49r e no canto inferior direito do fólio 49v.

### 5.1.4. Exemplar da Houghton Library – H

Trata-se de um exemplar com um número significativo de sublinhados. Assim, no fólio 1v encontramos um sublinhado longo na frase “olhay primeiro que ée fructa [...] em cheiro, ã tacto, em vista, ã ouvido”. No fólio 10r, há um sublinhado nas 3 primeiras linhas desde “hũa tẽ duvida” até “ley de Christo”, tal como no exemplar da Biblioteca Nacional da Áustria. Há ainda outros sublinhados vários, uns maiores, outros menores, num número significativo de fólhos<sup>19</sup>. No fólio 66r, ao lado de um longo sublinhado, pode ler-se a palavra *nota*, manuscrita, e, nos fólhos 68v e 75r,

---

<sup>19</sup> Nomeadamente nos fólhos 50r, 50v, 52r, 52v, 55v, 58r, 58v, 59r, 59v, 60r, 63r, 64v, 66r, 70r, 71r, 74r, 78r, 79v, 81v, 82r, 83r, 84r, 84v, 85r, 86v, 87r, 88r, 88v, 89r, 89v, 90v, 91r, 91v, 92v.

encontramos a palavra *Cristo* sublinhada.

No fólio 1v, existe uma dobra, ou um rasgão restaurado na 1ª linha do texto. No fólio 14r, verifica-se, no canto inferior direito, uma falha de texto decorrente de uma dobra do papel que apanha as últimas 4 linhas do texto.

No fólio 97v, há uma nota manuscrita em latim: “Adsjuva nos deus salutaris noster”<sup>20</sup>.

### 5.1.5. Exemplar da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – RJ

Trata-se de um exemplar completo, com as bordas externas bastante danificadas, guardado em cofre e restaurado pelo antigo processo de laminação para o proteger do ataque de insetos (especificamente, de brocas). A fina velatura usada em tal processo torna as margens internas das páginas mais claras, sem que isso impeça a leitura. Na contracapa, por um bilhete datilografado, percebe-se que antigos bibliotecários se deram conta da raridade do exemplar e registaram: “Tratado filosófico dos mais originais da Renascença. Livro do qual existem poucos exemplares”. Numa das folhas de guarda, refere-se abreviadamente a localização do livro no catálogo *Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI* de António Joaquim Anselmo: “Anselmo n<sup>o</sup>596”. Abaixo, há a indicação de pertença à coleção doada em testamento por João António Marques. A indicação de propriedade, manuscrita no verso do último fólio (97v), é, sem dúvida, o aspeto mais intrigante deste exemplar e lança uma nova e difusa luz sobre o caminho percorrido pelos originais da edição *princeps*: “Este livro he de *Francisca* de proença † assina [abaixo está a assinatura]” (a cruz indica impossibilidade de leitura).

O exemplar apresenta grande quantidade de sublinhados<sup>21</sup>, ou de traços verticais à margem para destacar trechos<sup>22</sup>. Inclui também observações marginais acrescentadas por um leitor<sup>23</sup>. Este leitor interveniente também fez correções: no

---

<sup>20</sup> “Socorre-nos, ó Deus salvador nosso” (Salmos 79: 9).

<sup>21</sup> Nomeadamente nos fólhos 6r, 6v, 7r, 7v, 8r, 8v, 9r, 10r, 10v, 11r, 11v, 12r, 12v, 13r, 13v, 14r, 14v, 23v, 30r, 38v, 39v, 40r, 42r, 46r, 48r, 49v, 50r, 52v, 55r, 55v, 59r, 66r, 78r, 78v, 79r, 82r, 82v, 88v.

<sup>22</sup> Fólhos 15r, 24v, 28r, 37r, 48r, 50r, 70v, 79r, 82r, 82v, 83r, 84r, 84v, 88r, 88v.

<sup>23</sup> “nota” no fólio 14v; “nota” no fólio 24v; “nota” no fólio 42r; “nota” no fólio 48r; “nota 2” no fólio 50r; “e *que* ha de ser o carpinteiro” no fólio 50r; “nota daqui por diäte *que* têm boa Doutrina” no fólio 54r; “nota” no fólio 54v; “Côparação do pecado original” no fólio 55r; “por *que Deus* não encarnou mais cedo” no fólio 55v; “como se Deus † cõ Adã depois *que* pecou. Comparação boa.” no fólio 56r; “nota” no fólio 59r; “3” no fólio 60v; “4” no fólio 62r; “nota” no fólio 66r; † no fólio 78r; “nota” no fólio 82r e “*que* cousa he fidalgia” no fólio 91r.

fólio 7r, risca “mançebia” e escreve ao lado “moçidade”; no fólio 14r, sugere “cegueyra” ao lado de “çeguidade”; no fólio 47r, transforma “multidicaçam” em “multiplicaçam” usando o círculo da letra ‘d’ para fazer um ‘p’ e o traço vertical para formar um ‘l’. Existem diversos buracos provocados por insetos (brocas) espalhados pelo livro. No entanto, estes só atingem o corpo do texto entre os fólhos 18v e 27r, 39r e 43v, 80r e 97r, sem prejudicar a leitura, exceto entre 90r e 95v, onde as palavras “erro”, “*que me*”, “depois de”, “nas saídas”, “quebrar. Quẽ”, “alimparas” e “dizendo” se tornam praticamente irreconhecíveis. Esparsos borrões acobreados não impedem a leitura.

## 5.2. A pertinência de uma nova edição crítica

De entre os vários estudiosos citados neste prefácio, tanto o trabalho de Azevedo como o de Révah são de valor inestimável. Os esforços envidados por Azevedo permitiram que uma obra de Barros até então descurada voltasse a ver a luz no que foi a sua primeira edição moderna. Révah, para além de reeditar a obra no século seguinte, desenvolveu uma investigação sobre o percurso dos exemplares de 1532 que nos serviu de base para ulteriores pesquisas e reflexões. Além do mais, ao publicar também um *fac-simile* de *Ropicaþnefma*, devolveu aos leitores do séc. XX a possibilidade de apreciar o texto original.

A presente edição diferencia-se das precedentes, antes de mais, porque traz à colação, localizados e descritos, exemplares da edição *princeps* que não foram tidos em conta pelos anteriores editores. Pode-se agora afirmar, com segurança e em primeira mão, que, apesar da proibição inquisitória a que o diálogo *Ropicaþnefma* foi submetido em 1581, pelo menos cinco exemplares da edição *princeps* sobreviveram até aos nossos dias.

Por outro lado, esta edição também se diferencia das que a antecedem pelo facto de apresentar uma transcrição do texto muito próxima do original (com poucas alterações e interferências editoriais), por integrar, em apêndice, um glossário com termos usados no texto e que podem hoje ser desconhecidos de um público menos especializado, bem como um índice de nomes próprios e, ainda, um glossário de expressões latinas.

Agradecemos de forma particular a quem colaborou connosco no longo diálogo que antecedeu esta publicação: Isabel Barros Dias, pela leitura do prefácio e dos índices; Margarida Santos Alpalhão, pelas sugestões de direcionamento para as pesquisas; Bruna Stock, pela ajuda com pesquisas e revisões; Teresa Gonçalves Castro, pelo impulso inicial dado a este trabalho e pela transcrição de uma parte do texto.

Esperamos que, com a presente edição, o leitor do século XXI não só possa ter acesso a este importante diálogo do século XVI, como também aprecie o quanto de atual a obra contém. Através das vozes divergentes das quatro personagens que participam de um debate sobre os temas basilares da fé cristã, o livro convida-nos a refletir sobre a dialética existencial que opõe os vícios às virtudes, as ânsias desenfreadas à consciência de existir o mal e o bem. *Ropicaḡnefma* configura-se como um retrato bastante original de um conjunto de dilemas que jamais deixaram de ser fundamentais para a civilização do Ocidente.

Natália Albino Pires e Roberto Carmo Antunes

# Bibliografia

## I. Edições da obra *Ropicaꝑnefma*, de João de Barros

Barros (1532)

Barros, João de, *Ropicaꝑnefma*, Lisboa: Germã Galharde Impressor, 1532. Exemplares consultados: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Nacional da Áustria, British Library, Houghton Library e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Barros (1869)

Barros, João de, “*Ropica Pnefma*”, *Compilação de Varias Obras do Insigne Portuguez João de Barros*, Porto: Visconde de Azevedo, 1869.

Barros (1952)

Barros, João de, *Ropicaꝑnefma de João de Barros*, vol. I, introdução de Israel-Salvator Révah, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1952.

Barros (1955)

Barros, João de, *Ropicaꝑnefma de João de Barros*, vol. II, introdução de Israel-Salvator Révah, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1955.

Barros (1983)

Barros, João de, *Ropicaꝑnefma de João de Barros*, vol. I, introdução de Israel-Salvator Révah, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

Barros (1983)

Barros, João de, *Ropicaꝑnefma de João de Barros*, vol. II, introdução de Israel-Salvator Révah, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

Barros (2019)

Barros, João de, “*Ropicaꝑnefma de João de Barros*”, introdução e coordenação de Ernesto Rodrigues, in *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa: primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica*, v. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 580-696.

## II. Bibliografia Específica sobre *Ropicaꝑnefma*

Andrade (1980)

Andrade, António Banha de, *João de Barros – Historiador do Pensamento Humanista Português de Quinhentos*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1980.

Anselmo (1926)

Anselmo, António Joaquim, *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926, p. 171.

Antunes (2021)

Antunes, Roberto Carmo, “*Ropicapnefma* de João de Barros” in *A Retórica na Ficção: a construção da personagem em diálogos de cinco escritores humanistas*, Dissertação de Doutoramento entregue à Universidade Aberta, 2021, p. 99-130.

Aranha (1883)

Aranha, Brito; Silva, Innocencio Francisco, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo X, Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, p. 187-189.

Azevedo (1869)

Azevedo, Visconde de, “Explicação que serve de prologo”, in Barros, João de, *Compilação de Varias Obras do Insigne Portuguez João de Barros – contem a Ropica Pnefma e o Dialogo com dous filhos seus sobre preceitos moraes*, Porto: Imprensa em Casa do Visconde de Azevedo, 1869, p. II-VIII.

Barata-Moura (1993)

Barata-Moura, José, “Necessidade e demanda de uma razão tempestiva. Anotações (temporãs) à *Ropicapnefma*, de João de Barros”, in Soares, Virgílio M., et. al. (eds.), *A Universidade e os Descobrimientos*, Lisboa: IN-CM, 1993, p. 307-351.

Boxer (1981)

Boxer, Charles R., *João de Barros – Portuguese Humanist and Historian of Asia*, Nova Deli: Ashok Kumar Concept Publishing Company, 1981.

Buescu (1996)

Buescu, Ana Isabel, “João de Barros: Humanismo, mercancia e celebração imperial”, *Oceanos*, nº 27 (Julho-Setembro 1996), p. 10-24.

Calafate (2001)

Calafate, Pedro, “A filosofia moral na *Ropica Pnefma*”, in Calafate, Pedro (org.), *História do Pensamento Filosófico Português*, Lisboa: Caminho, vol. II, 2001, p. 72-78.

Coelho (1992)

Coelho, António Borges, *Tudo é Mercadoria: sobre o percurso e obra de João de Barros*, Lisboa: Caminho, 1992.

Coelho (1996)

Coelho, António Borges, “João de Barros e a questão judaico-cristã nova”, *Oceanos*, 27, 1996, p. 75-82.

Coelho (1997)

Coelho, António Borges, *João de Barros. Vida e Obra*, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

Cruz (2003)

Cruz, Maria Leonor Garcia da, “Formas de diálogo e de mediação social na Lisboa quinhentista”, *Clio*, 9, p. 39-62.

Dias (1969)

Dias, José Sebastião da Silva, *A Política Cultural da Época de D. João III*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969, p. 253-286.

Friedlein (2005)

Friedlein, Roger, “Ein schlüsseltext der portugiesischen Renaissance: gesprächsstruktur und paradoxie selbstbezug in Ropica Nefma von João de Barros (1532)”, in Friedlein, Roger (ed.), *El Diálogo Renacentista en la Península Ibérica/ Der Renaissancedialog auf der Iberischen Halbinsel*, Stuttgart: Steiner Verlag, 2005, p. 97-140.

Gomes (2015)

Gomes, Ana Cristina Costa, “Ropica Pnema: em diálogo”, *Caderno de Estudos Sefarditas*, 14, 2015, p. 153-170.

Hahn (2009a)

Hahn, Fábio André, *A Pureza da Fé: o antijudaísmo pacífico de João de Barros no Portugal quinhentista*, Dissertação de doutoramento entregue à Universidade Federal Fluminense, 2009.

Hahn (2009b)

Hahn, Fábio André, “Ropicapnema como literatura antijudaica no Portugal de quinhentos” in *Anais Eletrônicos do IV Congresso Internacional de História*, Maringá/Paraná, p. 2711-2719.

Nascimento (2004)

Nascimento, Maria Teresa, “Modelos clássicos no diálogo quinhentista português”, in Jorge, Carlos e Zurbach, Christine (eds), *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, Évora: Universidade de Évora, 2004.

Osório (1988)

Osório, Jorge A., “O diálogo no Humanismo português”, in *O Humanismo Português. 1500-1600*, Lisboa: Academia das Ciências, 1988, p. 383-412.

Osório (2001)

Osório, Jorge A., “Plutarco revisitado por João de Barros”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 2001, p 139-155.

Pericão (2016)

Pericão, Maria da Graça, *Livros Quinhentistas da Coleção Visconde da Trindade*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2016.

Pires e Castro (2013)

Pires, Natália Albino e Castro, Teresa Gonçalves, “*Ropicapnema* Revisitada nos Alvores do Século XXI: questões editoriais” in Godinho, Helder (dir.) et al. (orgs.) *Da Letra ao Imaginário: homenagem à professora Irene Freire Nunes*, Lisboa: FCSH-UNL, 2013, p.491-504.

Ramalho (1976)

Ramalho, Américo da Costa, “Ropicapnefma: um bibliónimo mal enxertado”, *Humanitas*, 27-28, 1976, p. 201-208.

Reis (2010)

Reis, Flávio, “Hue, Sheila Moura; Pinheiro, Ana Virginia (Org.). *Catálogo dos Quinhentistas Portugueses da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Edições da Biblioteca Nacional, 2004”. *Floema*, ano VI, n.7, jul./dez., 2010, p. 159-163.

Révah (1950)

Révah, Israel-Salvador, “Introdução”, in Barros, João de, *Diálogo Evangélico Sobre os Artigos da Fé Contra o Talmud dos Judeus*, Lisboa: Livraria Studium Editora, 1950, p. IX-XC.

Révah (1955)

Révah, Israel-Salvator, “Introdução”, in Barros, João de, *Ropicapnefma de João de Barros*, vol. II, Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1955, p. VII-XLV.

Révah (1962)

Révah, Israel-Salvator, “Le colloque Ropicapnefma de João de Barros. Genèse, structure et technique”, in *Mélanges Offerts à Marcel Bataillon par les Hispanistes Français*, *Bulletin Hispanique*, Tome LXIV bis, 1962, p. 572-592.

Révah (1967)

Révah, Israel-Salvator, “‘Antiquité et christianisme’ ‘anciens et modernes’ dans l’oeuvre de João de Barros”, *Revue Philosophique de la France à l’Étranger*, 157, 1967, p. 165-185.

Révah (1983)

Révah, Israel-Salvator, “Introdução”, in Barros, João de, *Ropicapnefma de João de Barros*, vol. II, Lisboa: Instituto Nacional de Inverstigação Científica, 1983, p. VII-XLV.

Rodrigues (2019)

Rodrigues, Ernesto, “*Ropicapnefma*, de João de Barros”, in *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa: primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica*, v. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 58-75. .

Royen (1967)

Royen, Theda van, *Contributo para a Revisão do Conceito de Erasmismo e a Sua Influência na Literatura Portuguesa do Séc. XVI com Base na “Rópica Pnefma” de João de Barros*, Lisboa: Império, 1967.

Santos (1990)

Santos, Susan dos, *The “Ropicapnefma” of Joao de Barros: a philosophical dialogue for the mercantile age*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Londres, 1990.

Saraiva (1956)

Saraiva, António José, “Averroísmo e Erasmismo na Rópca Pnefma”, in *O Humanismo em Portugal*, Lisboa: Jornal do Fôro, 1956, p. 73-105.

Serrão (1988)

Serrão, Joaquim Veríssimo, “João de Barros: entre Erasmo e o Império”, in Martins, José de Pina et al. *O Humanismo Português. 1500-1600*, Lisboa: Academia das Ciências, 1988, p.31-53.

Silva (1883)

Silva, Innocencio Francisco, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo III, Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, p. 318-323.

Vargas Díaz-Toledo (2013)

Vargas Díaz-Toledo, Aurelio, “Uma primeira aproximação ao corpus dos diálogos portugueses dos séculos XVI-XVII”, *Criticón*, 117, 2013, p. 65-130.

### III. Outras obras citadas no prefácio

*A Bíblia de Jerusalém* (2000)

*A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2000.

Barros (1540)

Barros, João de, *Dialogo da Viciosa Vergonha*, Lisboa: Lodouicum Rotorigiũ, 1540.

Costa (1873)

Costa, Joaquim Pereira da, *Catálogo dos livros antigos, raros e classicos que compõem a magnífica e mui conhecida livraria do fallecido exm<sup>o</sup> Joaquim Pereira da Costa*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1873.

Curto (1993)

Curto, Diogo Ramada, “Língua e Memória”, in *História de Portugal: no alvorecer da modernidade (1480-1620)*, Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 356-373.

Faria (1999)

Faria, Manoel Severim de, “Vida de João de Barros”, in *Discursos Vários Políticos*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, p. 27-67.

Figueira (1871)

Figueira, Manuel António da, *Catálogo de livros antigos e modernos entre os quais se incluem os que pertenceram ao fallecido Sr. Manoel Antonio Figueira que hão de ser vendidos em leilão nos dias 19 e seguintes do mez de junho do corrente anno, desde as 4 até às 8 horas da tarde, no largo de S. Domingos do Porto*, Porto: António José da Silva, 1871.

Lemos (2019)

Lemos, Aida Sampaio, “Critérios de Transcrição e Edição”, in *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa: primeiros livros de edificação moral e primeira crónica biográfica*, v. 3, Lisboa: Círculo de Leitores, 2019, p. 119-121.

Marques (1893)

Marques, João Ferreira, *Relação dos livros pertencentes a João António Marques e que, por seu falecimento, seu testamenteiro em Portugal remete à Biblioteca Nacional, conforme determinação do falecido*, documento manuscrito disponível para consulta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Lisboa, 1893.

Pinto (1885)

Pinto, João Vieira, *Catálogo da livraria que foi do falecido Dr. João Vieira Pinto e que tem de ser vendido em leilão no dia 1 de agosto de 1885 e seguintes, às 5 horas da tarde na rua de traz da Sé N.º 37 Porto*, Porto: Typographia Accidental, 1885.

Roberts (1895)

Roberts, W, *The Book-hunter in London: historical and other studies of collectors and collecting*, Londres: Elliot Stock, 1895.

Rothesay (1855)

Rothesay, Lord Stuart de, *Catalogue of the valuable library of the late right honourable Lord Stuart de Rothesay, including many illuminated and important manuscripts*, Londres: J. Davy and Sons, 1855.

Saraiva e Lopes (1979)

Saraiva, António José e Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 1979.

Toovey (1858)

Toovey, James, *A catalogue of books in various languages remarkable for beauty of condition on sale by James Toovey, 177, Piccadilly*, Londres: Chiswick Press, 1858.



## Normas de transcrição e aparato crítico

Na transcrição do texto, mantivemos os critérios gerais usados no projeto “Diálogos Portugueses” e que transcrevemos eliminando o que não se aplica à presente edição crítica:

— a tendência geral é conservar o texto, com muito poucas mudanças.

— oscilações gráficas da mesma palavra mantêm-se, com as exceções seguidamente assinaladas.

Exemplos : mandamento; mandamẽto;  
              mandañto passa a mandamento;  
              mandamto passa a mandam[en]to.

Nota : as letras entrelinhadas descem à linha:

Exemplos : discreto<sup>s</sup> passa a discretos;  
              anterio<sup>r</sup> passa a anterior;  
              vot<sup>o</sup> passa a voto.

— letras em falta colocam-se entre [ ]

Exemplos : entr passa a entr[e]

— duplas grafias mantêm-se, de acordo com as especificidades próprias:

Exemplos : ijmão passa a iirmão;  
              imiigo, igreja mantêm-se.

— desenvolvimento de abreviaturas (assinalado em *itálico*)

Não se considera abreviatura a vogal ou o ditongo nasal assinalado com til.

O til coloca-se sempre na primeira vogal, independentemente da vogal em que ocorra.

Exemplos : grã fica desta forma, mesmo que ocorram oscilações com gram;  
huũ passa a hũu;  
huã passa a hũa.

— estabelecimento de fronteira de palavra, sem apóstrofo

Segue-se a regra “preposição + pronome não se separa”; “preposição + nome separa-se”:

Exemplos: qual quer passa a qualquer;  
a hi passa a ahi (hoje aí);  
doutra, mantém-se doutra;  
darmas passa a d armas.

Mantém-se casos existentes no texto: d’elles.

— colocação de clíticos

Devem separar-se os pronomes, sem hífen:

Exemplos: fazella passa a faze lla;  
Diruoloeuy passa a Dir vo lo ey;  
dissesse (pretérito perfeito) passa a disse sse;  
anichilállos passa a anichilá llos;  
poenlhe passa a poen lhe.

— acentuação

Mantém-se o acento gráfico apenas na sílaba tónica em que hoje se acentua graficamente.

Mantém-se, ou introduz-se, nos casos de ambiguidade morfológica: é/e (caso em que ẽ passa a é)

Os restantes casos presentes no texto são abandonados.

— uso de ç

Mantém-se quando exista (antes de e ou i). Acrescenta-se em casos como começo que passa a começo.

— transcrição de i/j/ e u/v

Faz-se segundo os valores vocálico ou consonântico da ocorrência.

Exemplos: jimagem passa a imagem; igreja passa a igreja;  
vso passa a uso; louuo passa a louvo.

— uso de y

Mantém-se sempre que tenha valor vocálico ou semivocálico; passa a j sempre que apresente valor consonântico.

Exemplos: Rey, pay, mym, ymagem mantêm-se  
Yerusalem passa a Jerusalem

— introdução de maiúsculas

Em princípio de frase e nomes próprios.

— introdução de muito pouca pontuação (intervenção reduzida ao mínimo).

Exemplos: Coloca-se ponto final inexistente numa frase.

Na dúvida, não se acrescenta pontuação.

— correção de erros evidentes (com forma abandonada em nota)

Exemplo: letras trocadas, palavras repetidas

Coloca-se antes de ] a forma escolhida e depois de ] a que se abandonou: se] se se

Tendo em conta algumas especificidades linguísticas da obra em edição, houve necessidade de pequenos acrescentos que seguidamente se discriminam:

— As gralhas tipográficas (como a troca de *n* e *u*) foram corrigidas.

— Os 3 casos excepcionais de *çt* foram corrigidos para *ct* e o caso único de *çh* também foi corrigido para *ch*.

— Procedeu-se à acentuação de todas as formas verbais de futuro para, nuns casos, as desambiguar das formas verbais de pretérito mais que perfeito e para, noutros casos, facilitar a leitura.

— Também para desambiguar ou facilitar a leitura, procedeu-se à acentuação de alguns substantivos proparoxítonos que podem ser confundidos com formas verbais.

— Com a finalidade de desambiguar diferentes classes de palavras procedeu-se à acentuação

a. do advérbio *te* (até) para distinguir do pronome *te*.

b. do advérbio *ca* para distinguir da conjunção causal *ca*.

c. dos pronomes tónicos *nos* e *vos* para os distinguir das respectivas formas átonas.

d. de pronomes interrogativos diretos e indiretos para os distinguir do pronome relativo.

— Os vocativos foram assinalados com a marcação do acento na interjeição *o*.

— Para distinguir o ditongo oral [-*au*] do ditongo nasal [-*ão*], manteve-se ou acrescentou-se o acento em:

- a. *náo* para distinguir de *não*;
  - b. *máo(s)* para distinguir de *mão(s)*;
  - c. *gráo(s)* para distinguir de *grão(s)*;
- As formas verbais *vem* e *tem* na terceira pessoa do plural foram acentuadas.
- Nas expansões seguiram-se as regras gerais e em casos particulares teve-se em conta a opção maioritária do autor. Assim:
- a. *ds* foi desenvolvido em *Deos* porquanto de acordo com a regra geral os nomes próprios se iniciam com maiúscula e porque ao longo do texto maioritariamente surge *deos*;
  - b. *p* foi desenvolvido em *por* ou *per* de acordo com a sua função sintática na frase;
  - c. a abreviatura de *pri* foi desenvolvida como *piri* nas palavras da família de *espírito*, seguindo a regra geral do maior número de ocorrências no texto;
  - d. *ra* foi desenvolvido em *razam* uma vez que o maior número de ocorrências do texto é *razam*.
  - e. *Xp̃o* foi desenvolvido como *Christo*, pois trata-se, na verdade, das letras gregas chi (som de ch ou de h aspirado) e rô (som de r).
- Corrigiram-se os acentos graves com valor de til.
- Todos os inícios de frase foram marcados com maiúscula.
- Acrescentam-se os parêntesis curvos em falta.

Uma vez que os exemplares da edição *princeps* não apresentam numeração original nos fólhos, optámos por numerá-los a partir do início da dedicatória dirigida a Duarte de Resende, não contando, portanto, o frontispício. Assim, os fólhos de texto são numerados sequencialmente de 1r a 97r.

As palavras e expressões explicadas no “Glossário” são assinaladas com um asterisco (\*) no final da palavra ou, no caso de expressões, no final da primeira palavra da expressão. Nos nomes próprios e nas palavras, expressões e sentenças latinas incluídos, respetivamente, nos índices “Nomes Próprios” e “Expressões Latinas”, nenhuma marcação especial foi incluída no texto.

# Ropicapnefma

João de Barros



**/1r/ Joam de Barros: ao senhor Duarte de Resende paz e saude envia.**

Estes dias passados lhe mandey pedir por merçe, *que* se ao sair do rebate de Lixbõa (onde me eu nã achei *pera* me *prover*) viera em sua companhia o meu Tullio *de* Officiis, ou qualquer outro seu livro, me socorrese com elle em este hermo: onde peste, tremores de terra, e grandes invernadas, me tinham çercado cõ enfadamẽto. E elle em logar de socorro pos me em mayor neçessidade, pedindo me que lhe ajudasse cõ mais achegas, *pera* hũa obra que tomara de empreitada: que era tirar do meu Tullio Amicicia e Paradoxas em nossa linguagem, por ter em essa çidade de Coimbra Germã impressor tam vezinho, que por honrra das letras o queria occupar: E que pois a tomar este trabalho, ja lhe dera azo\* com o meu Tullio, que lhe acudisse cõ algũa minha linguagẽ: ca de sua casa nã *esperava* poer mais custo que as mãos. A obra eu lhe cõfesso ser bõa, pois ée occupaçam de louvor vosso: mas melhor ée

/1v/ *pera* Germã que *pera* mÿ: porque a elle<sup>24</sup> dais lhe proveito em seu offiço, e a mÿ pedis me o vosso natural, cousa *pera* eu muito reçar e a ella nam vos obedecer, dado que digaes quam bem vos pareceo o meu Clarimũdo quando foy ter com vosco em Maluco. Verdade ée que vos podia lá enganar, por a linguagem da terra ser tam barbara, *que* a minha vos pareçeria elegante. Certo senhor, a mais razoada linguagem que eu agora

---

<sup>24</sup> elle] C, A, B, H e RJ elles.

Justo e honesto vencẽ  
todalas cousas.

Horatius, Satira. iii.

tinha, era honesta escusa: por muitas causas particulares *que* impedem o que pedis. Pero como sangue nam se roga: (e mais em caso tam justo e honesto como ée o seu proposito) nã quero que possam mais os meus inconvenientes, que o seu mandado. E tambem se o nam fizer, temo que me ponhaes a tacha que Horaçio dáa aos musicos. Nunca çessam de cantar, e rogados antre os amigos nam o querem fazer. Quando me ouvistes em Maluco, sem rogo foy de alguẽ: porque aquella idade pera todas essas cousas tem liçença. Ao presente (Nom enim erubescio euangelium): mais musico som da bõa linguagem portuguesa, na orelha que na voz. Pero dou lhe que vos contente por serdes amigo e sangue: que farey, ou faremos ao juyzo de tantos pareceres com *que* se julgã as obras feytas na praça (porque nam pode ser mais pública que Germam, pois dizeis que espera pollo que

Psalmus setẽta e sete.

/2r/ vos ey de mãdar pera o imprimir). Lembre vos o que diz David: O espirito vay e nam torna. E *que* o elle diga a seu proposito faz ao que pedis: ca nã posso dizer cousa, (sendo mal julgada) que a torne mais recolher. Germã bõ amigo ée, pera aquelles que podem alcançar tanto louvor das obras que lhe entregarem: como sey que tẽdes çerto da empresa que tomastes. E que eu obedeça em vos nisto servir, olhay primeiro que ée fructa montesinha\*, sem mais beneficio que o da natureza, e que por esta causa áa de travar a muitos: ca se fora lavrada e regada cõ letras e crédito de muitos annos, mais saborosa fora a gostos portugueses, *que* sam muy delicados, e nam gostam pomos\* que travam, mas doçes ã sabor, em cheiro, ã tacto, em vista, ã ouvido. E se hũ só sentido desgostar: (dado que aos outros contente) pedistes condenaça pera vós e pera mỹ. Direis, pera que me mãdastes fructa de tal casta? A isso respondo, Em todas cousas que se pedem, se áa de consirar\* quẽ pede, quem dáa, a cousa pedida, e se ée tempo della e convem a ambas as partes. Esta regra quis seguir no que me pedistes: consirei\* virdes poucos dias áa de Maluco, onde estevestes por fector del Rey nosso senhor, e eu sair de seu thesoureiro (negóçio que tambẽ tracta de mercadoria como o vosso) e que nenhũa linguagem podia convir

/2v/ mais a vós e a m̃y, que a que tratasse de mercadoria, feita em colloquios por ser tempo delles. Nam lhe pareça que o digo por os de Erasmo, que estes ja sam velhos: mas por algũs novos portugueses *que* vós e eu temos ouvido, antre homens que neste trato da mercadoria falam tã solto, como se estevesem em Alemanha nas xiras\* de Luthero. Assy que esta foy a causa de vos enviar tal fructa: porque leva dentro em sy, a tençã com *que* Paulo desejava ser anathema\* *de Cristo*, *que* era por trazer a verdade os seus parêtes e naturaes. Eu nã direy anathema\*: (mas como diz o proverbio) fiz de m̃y m̃agas\* ao demo cõ quãtas cousas por sua parte movi. Direis, esse offiço de converter a *Cristo* os *que* andã fora delle: ée de Paulo, e daquelles a *que* a sorte de seu misterio coube, e tẽobrigaçam *de* dar a usura os talentos do Senhor. Devera vos lembrar que diz o mesmo Paulo. Cada hũu permaneça na vocaçam em que foy chamado. Vós soes casado, tendes filhos, sem letras e sem dias: Coridon que te demencia cepit? Nam ves que o carapeteiro\* nam pode dar peras? Respondo com a parabola do Samaritano. Este quãto ao genero, seco e sem fructo era: pero deu o que se esperava do Levita e Fariseu. Assy dado que eu seja árvore do Senhor, chamada na vocaçam do matrimonio, nam pera dar o fructo dos Levitas

Ad Romanos ix. ca.

Ad Corinthius vii. ca.

Virgilius in Bucolica. ii.

Luce. x. ca.

/3r/ e Fariseus (pois hy áa muitos que ao presente dam o neçessario): com tudo por nam aver a maldiçam da figueira, (ja que em outra cousa nam posso) offereço vos este pomo\*, que nação destes dous ramos gregos a hũu chamam Ropica e a outro Pnefmaticos. Os quaes enxertados hũu em outro, lançaram de sy Ropicapnefma: a que em nossa linguagem podeis chamar mercadoria espiritual. Nã cuideis que vos ey de fallar na material: porque esta tem mais naturaes ministros, e em que se millhor dáa, que em vós e em my. Aqui, estava bem dizer eu, quanto mais naturaes vos sam as armas e as letras humanas: mas por nam dizerem que me gabo em vos louvar, diguo somente o verso de Ovidio. Tende cuidado de vós e de m̃y. De vós, em examinar o que pedistes: e de m̃y, que nam sendo tal, o entregueis ao fogo e nã a Germam. Pero se for tam ditoso que vos contente, (sem engano de amor) e mereçer com

Ovidius in Epistola  
Leodomie.

German ter a amizade que áa de ter a vosa Amiciçia: fiz a seguinte introduçam, (casi argumêto da obra) pera aquelles que folgarem, saber a tençam della. A qual vay dividida em tres graos: correspondentes aos tres nóos, com que o peccado muitas vezes ata, a Vontade, e Intedimento dos mortaes. Desta minha quinta da Ribeyra do

/3v/ Alitem a .xxv. de Maio de Mil e quinhentos e trinta e hũ annos.

### **Introduçam e Argumento da obra.**

Mathei. xxiii. ca.

Pera os doctos, pouca neçessidade avia de algũua introduçã, por a obra em si, ser leiga e clara de entender. Pero como ée linguagẽ, e todos os *que* lem querem ler lembro aquella palavra do evangelho. Quem lée entenda. E que áa de entender? Que a mayor parte desta obra vay em methaphora: e *que* as cousas e auctoridades que a Vontade, Intẽdimento, e Tempo arguem contra a Razã, sam as que qualquer infiel e pecador pode arguir: e com esta condiçam sem lhe dar outro crédito, as receba. Esta ée a prinçipal cousa que encomendo e peço aquelles que tanto nam alcançam. Agora pois ja fiz esta salva, direy o argumento. A Vontade, e Intendimento, que sam as prinçipaes partes da alma, leixando a Razam sua superior, ajuntaran se com o Tempo, e fizeram se mercadores de espirituaes mercadorias: que sam os viçios, que estas duas potençias acçeptam e cõ-

Mathei. xxv. c.

/4r/pram quando desobedeçem a Razam. E com *que* compram estas taes mercadorias? Com os talẽtos e moeda do evangelho: que sam as graças e dotes que Deos a cada hũu dáa, pera cõ elles multiplicar e mereçer: e quando lhe pedir cõta, darẽ multiplicaçam como bons e fiés servos. E o que for negligente, escondendo o talento de sua possebilidade, ou delle fizer máo emprego: serãa lâçado em o fogo eternal. Assi *que* tomado desta *spiritual* parabola todo o fundamento, vã as tres pessoas que disse seu caminho, em quanto dura a vida: e a ora da morte? (Que ée a pôte per onde todos mortaes passam do regno deste mũdo pera o outro) acham a Razam, que ée o synderesis morsu da cõçiência: per o juizo da qual, sam nesta vida julgadas totalas mercadorias e empregos que cada hũu nella fez. Aquelles

que seguem o conselho da Razã em qual<sup>quer</sup> ora que os argue de pecado, leixam todolos viçios (se os cometeram), e tornam empregar sua moeda em penitência, *que* é a segunda mercadoria: se careço da primeira que o pode fazer justo. E mediante a fé da paixã de Cristo, sello que faz todas as nossas perfectas operações meritorias, recolhe os a Razã em sua casa: que é a çerta esperança que recebem de poder entrar em a gloria (passada a ponte da ora da morte). E se querem estar em sua contumácia\*, cõ-

/4v/ fiando em longa vida, e dilatam a penitência, leixando os conselhos da Razam: ficam casi priçiptos\*, se nam sobrevivem hũu momento, (pera outro momẽto\* como o do ladram). Este caminho seguem aqui o Tempo e seus companheiros: depois que se acharam confundidos ã as tres heresias que moveram, (causa geral de todolos pecados) por amor dos viçios em que sempre viveram, negam a Razam, e convertem se ao mundo. Pero dirãa alguem: que quer dizer tãta reprẽsam, como nesta prática vam teçidas, e outras cousas que parece nam serem do tal proposito? Onde se trata de peccado e viçios, neçessario ée reprender, pera provocar os culpados a penitência: ou ao menos a vergonha, que ée parte della. E que a Razam sendo este seu offiçio, o nam faça sempre nesta prática: ella ée tam casta, que as mais baixas cousas leixou a seus propios contendores: pois louvando elles a sy mesmo, reprendẽ por ella. Porque gabar se o Intendimento de tãta cousa como sabe, per doctrina de letras, e per continuaçam do paço, com quantas particularidades toca, nam ée mais, que reprender a Razam os homẽs muy soliçitos e previstos ã as cousas do mundo, e nas de sua alma serem tam rudos e ignorantes, que nam sabem se a têm mortal se immortal: e *per* este exẽplo, julgue cada hũ os mays

/5r/ que achar. E se parecer a alguem, estas pessoas nã guardarem seu decoro, este ée o do peccador: cõ a differença dos viçios, representar differẽtes pessoas: Assy que nem sempre o soberbo pode falar sesquipedalia verba: porque tragicus plerum<sup>quia</sup> dolet sermone pedestri.

Horatius in Arte Poetica.

/5v/ **Ropicapnefma de Joam de Barros.**

**“Hoc est: merces *spiritualis*.”**

**Tempo. Vontade.**

**Intendimento. Razam.**

Nũa os culpados segurã  
em seus erros.

[**Tempo**]. Nam ée tã leve cousa convencer a Razam, se algũ erro ou *deffecto* achar nesta mercadoria *que* levamos, como vós outros dizeis ca me lēbra (dado que estēe na sexta\* idade de minha vida) per muitas vezes em casos diferentes ter negócio cõ ella, quãdo nos dias de minha mãgebia florei e achei a sempre tã firme ã seu parecer e proposito, que isto me faz levar algũu reço.

Ao soberbo tudo lhe  
parece possível.

**Võtade.** Dias áa *que* tenho sabido os modos e artes *que* a Razã tē, no juizo dalgũua cousa *que* nã ée de seu gosto e deste co-nheçimēto, aprēdi pode lla atraher a meu desejo como algũas vezes fiz *per* força de palavras, ou *per* imaginações e exēplos: assy o podemos agora fazer todos tres se algũa dúvida posser ã nossa mercadoria (o *que* eu nã creio pola bõdade e pureza della).

Os maos toda razam  
desconhegem.

**Intendimēto.** Que antre nós aja algũu parentesco, eu tenho tam pouca notíçia da Razam por causa de sua aspereza, que nam sey particularmente suas cousas. Folgaria

Nam se chama prudencia  
o cõselho injusto.

/6r/ se as tu Tempo sabes, que praticasemos nellas, *pera* cõsul-tarmos a maneyra que se terãa com ella: ca o conselho provido ante dos casos, faz leve o remédio delles.

**Tempo.** A ty *que* o nã sabes e desejas, direy o que de sua vida e offiçio tenho alcançado. Sua abitaçam e morada, ée cá em çima no extremo deste regno, onde o rio Lecteo, o extrema do outro a que nós levamos nossas mercadorias. Vive em hũa fortaleza, *que* estãa a entrada da ponte do rio per onde todos passam. Tem a melhor e mais forte torre do castello, de que vigia os que vã de todalas partes da terra. Seu offiçio ée examinar as mercadorias que passam deste regno ao outro: segundo as leys e preçeptos que lhe foram dados, per o senhor do castello que a aly pos. E neste exame ée tam isenta, de amor, odio, e temor: *que* se nam vence per força algũua. E que a Vontade diga *que* ás vezes a somete a seu desejo, isto se causa quando estãa mais subjecta a conversaça, *que* agora estãa *esquiva*, *esqueçida*

doutrẽ e toda ẽ sy: sem a obrigar hũa amorosa força a que se inclina, nam cõ o juyzo, *queeste*, sempre nella vigia com mais olhos, dos *que* fingem os poetas *que* tinha Argos.

**Võtade.** Muito me espanto de tỹmpo, sendo tã expirimentado ẽ todolos negócios do mundo, neste em que tam pouco aventuras e tam seguro de temores estãa, entras nelle sospeitoso de algũu desastre.

/6v/ Peço te que nam nos queiras estrear mal: ao menos a mỹ, que tenho a mayor parte do emprego, e em quem mais naturalmente está o temor de ver o effecto da esperança que té qui com tãto prazer me traz.

**Intendimẽto.** Bẽ me parece o *que* dizes, tu Tempo nam faças tam desastradas imaginações: taes sospeitas toma ẽ outras cousas *de* menos calidade, que antre estas nosas nam áa peça que temamos ser mostrada ao mayor príncipe do mundo, quanto mais ao juizo da Razam. E *que* seja muy rigurosa, na em que desfaleçer algũua dessas priminências\* e purezas que ella busca, tudo pasará cõforme se com a natureza, que cria bõ e máo. Hũas ervas ajudam a vida, e outras a encurtam, e todas aproveitam: assi as obras dos homens nã podẽ ser iguaes. Se hũu pano ẽ bõ porque se nam soffrera outro que tal nã seja? Natural ẽ do mercador, sortear grosso cõ delgado, grande com pequeno, máo com bom. Estes preçeptos, de serem os primeiros que pera o trato me ensinaste, ja os terás esqueçido. Nam te pesse pelejar eu com tuas armas: que louvor ẽ do mestre, o bom arguir do diçipulo. Sigamos a sentença do poeta que tantas vezes te ouvi, A fortuna ajuda aos ousados e despreza os temerosos.

**Võtade.** Per vẽtura ẽ esta a fortaleza da Razam *que* per antre estas árvores começa descobrir?

/7r/ **Tempo.** Sy. Nã ouves tu tambẽ hũu signo?

**Vontade.** Nã.

**Intendimento.** Nẽ eu menos.

**Tẽpo.** Pois como eu vejo a fortaleza, assi ouço hũu signo, que a Razam manda tocar pera se aperçeberem seus familiares, quando gente estrangeira ẽ entrada. Parece *que* ja somos

O esforço ẽ a pricipal parte do bõ acõtecimento.

Os viciosos sempre vem a razam per ẽcobertas.

vistos. Per aqui verás quam providente ée ã seu offiçio. E por sermos tam açerca, faz nam responder eu Intendimêto a tuas palavras: a verdade das quaes, está neste fim que ante temos: poys elle aprova totalas cousas.

**Razã.** Quem estáa em baixo batêdo? Tu es Tempo? Seja muy boa a vinda cõ toda a companhia. Que novidade ée esta, ajuntar se o Tempo, Vontade, Intendimêto, a minha porta, logar tã esqueçido e avorreçido delles, como se antre nós todos, nam ouvesse parêtesco e criaçã *pera* isto ser mais vezes?

**Tempo.** Agora nos tens aqui, *pera* lograr nossa antiga amizade: e a causa *de* nam ser mais çedo, foy negóçio e occupaã destas mercadorias que aqui trazemos, e nos trazem tam empregados em sy, que podem ser a nós justa desculpa.

**Razã.** Como, mercador te fizeste em fim de teus dias? Nã sabes *que* a vida empregada em diversos negóçios, nunca segura ã algũ, com repouso de seu proveito.

**Têpo.** A neçessidade inventora dos cõselhos, me fez trocar e mudar a vida que em minha mançebia tive.

/7v/ Que queres que faça e nam cometa? Eu vejo naçer e poer o sol, correndo igualmente per seus numeros e grãos, com que causa ventos, chuivas, geadas, neves, tudo *per seus* termos naturaes, sem hũus contradizerem aos outros, morteficando o que áa de criar, conservando totalas cousas em suas propias semêtes, com aquelles effectos, que causaram minhas seis idades: somente a terra, a todos estes trabalhos alheos, ée tã ingrata e negligente, *que* me faz leyxar o modo de toda a outra vida passada da lavrança, e seguir esta da mercadoria.

**Razam.** Natural ée a todos desejar vida repousada, se a ouvese na terra: mas por demais a buscas nella, ca o tẽ por maldiçam, e creçe cõ a sua idade.

**Têpo.** Nam tem inda tanta que se possa chamar esterile: pois que o eu nã sam em meus trabalhos, nẽ seus irmãos na sorte que lhe coube. Per ventura o fogo leixou algũua ora de queimar? O ar careçe de sua natureza? Agua ée negligente em seu offiçio? Certo depois que todos tevimos prinçípio, nunca algũ se fez tam escaso e remiso, como ella tem feyto. E que em pago deste dano, que os homens *della* regebẽ, tenha por galardã\*, o tormento

dos ferros da lavrança que a ferem e marterizam: com tudo eu padeço as injúrias de sua esterilidade: ca me poem nomes cōpostos, da neçessidade que cada hũ de my tem, o

/8r/ lavrador pedindo agoa, o marinheiro sol e vëto, e o caminhante nenhũa cousa destas. Quem te parece que em hũu momento, pode satisfazer a tres generos de homẽs de tam differẽtes vontades? E ainda nellas áa tantas mil. Ca este clima quer agoa, outro perder se com ella, hũ deseja vinho, outro azeyte, e muitos que se perca tudo, por vender bẽ o seu depositado. Assy que ver estas tenções e mudãças, e que todolos fructos de qualquer trabalho, se cõvertiam em comprar e vender: foram causa de aceptor este offiço que me ora ves. E çerto, a Võtade, Intendimento e eu, temos nisso consultado, e pela experiencia dos presentes negoços, achamos este da mercadoria (como se ella agora trata) mais seguro e priçipal. Em sete fardos que estes çinco servidores da Vontade trazem, verás nosso emprego, ser como de pessoas que vem tomar experiẽça do negoço desta terra tua vezinha. A Vontade e o Intendimento têm a mayor parte: ca empregaram os talentos e dinheiro que ouveram de sua erança. Eu somente fiz companhia poendo o cõselho, conforme ao que se mais trata e val na terra dõde vimos.

**Razam.** Nã sey como em trato vos podeis todos avir, por seres velho e elles mançebos, inclinados a seus appetites e natureza e nã aa tua?

**Tempo.** Isto me deu a idade, saber me

/8v/ conformar aa condiçã de cada hũu. É falso o proverbio que se diz de mÿ. Andar cõ o tempo. Eu som o que ando cõ todos: porque as cousas têm a mÿ, e eu nã a ellas. E pois faço esta comũ companhia, a aquelles que me tratam mal com suas pragas, que farey a ty de quem espero breve e bõ despacho no passar destas mercadorias: pois nos a dita trouxe a tua mam, *que* tomo por estrea *de* nosso proveito.

**Razam.** Nam ée a ty novidade o foro e ley deste porto, pois sabes ter dado menagem\*, nã regeber dentro em o castello, se nam aquelles que trouxerem patentes aseladas com o selo das

Ecclisiastes. iii. ca.

quinas reaes do senhor delle ou serẽ as mercadorias em sy tam puras e fiees, que se cõformẽ com o seu foral\*.

**Võtade.** Eu ate gora nã te quis falar, esperando que deçeses abaixo a nos reçoer com menos resguardo e priminças\* de tua pesoa e fortaleza: mas pois tu e ella (segũdo vejo) viveis ao modo dos que estam em frontaria de imigos, seja nesta parte da cortesia o que quiseres: ca nam perdemos por iso algũa cousa de nosso estado. Quanto ao exame da mercadoria, bẽ o podes deixar em o juizo do Tempo: que na compra della fez tanta deligência e resguardo por escolher, que serãa a tua vista bem escusada. E mais nam me ajas por tam ignorante e pouco prevista, *que* nas cousas de perda e ganho seja descuidada e negligẽte: descãsa no *que* trabalha-

/9r/mos, que a todos custou mais aviso e exame, do que tu podes ter em julgar.

**Razam.** A dor propria nam descansa em o repouso alheo: nem a culpa de hũu pecado, se paga com a penitência doutro. Bẽ vejo que se trata aqui em tua fazẽda, pero a sua bõdade ée a minha honra: ella me dáa mereçoer e desmereçoer em meu offiço. E quanto o espirito preçede a carne, e a honrra a fazenda, tanta differença vai da tua perda á minha: e porque mais nos deteremos em a prática que na obra, mãda desenfardelar\* se desejas bom despacho.

**Võtade.** Eu nã te requeria isto, com reçoer de minhas cousas sairẽ\* a praça, pois (como ja disse) sempre me prezey de muy esmerada nellas: pero farey o *que* nam devo e tu queres, pois estás em teu poleiro (como diz o proverbio). Per palavra *quero que* vejas as sortes *que* trago, *que* me parece asaz *pera* quẽ eu sam, e tu ficares contente sem mais vista. Em estes sete fardos, vẽ sete sortes de mercadoria: çinquo convẽ ao espirito, e duas a carne, os nomes da qual sam estes. Soberba, Avareza, Luxuria, Enveja, Gula, Ira, Preguiça.

**Razam.** Ó alto begnino, e piadoso Senhor, quãtos enganos e quã perversas doutrinas reçoer a Võtade e Intẽdimẽto humano ã suas obras. *Que* differenças, *que* inclinações, *que* juizos, *pera* preverter meyo daquelle verdadeiro fim *pera* que foram criados.

**Võtade.** *Que* exclamaçã ée essa?

/9v/ Sem veres as propias cousas te espantas do nome, e julgas por maldade nellas o que lhe pos o primeiro\* homem? Bom juizo estáa este, pera julgar tam exçelente mercadoria como a nossa: mas entẽdo que o fazes por estado de teu offiçio, e nos dar trabalho em desenfardelar\*, ou por te delectares em a vista de taes peças. Assi quero que seja, vee o corpo, parecer, e cor de cada cousa, e verás quam alegres sam a vista dos olhos: que per ventura terem millhor desposiçam pera julgar que os ouvidos, que têm o sentido mais fraco e trovado com diferentes objetos.

Genesis. ii. ca.

**Razam.** As cousas que per seus propios nomes em juizo comũ sam conheçidas, per elles se sabe a maldade e effecto dellas. Sabido estáa, que per este nome Pavam entendemos hũa ave muy louçam\*, vam gloriosa, e soberba: e per Cã\*, hũa alimaria das mais familiares de casa; naturalmente avarenta. Assi, *que* por a maliçia e natureza destas e doutras alimarias que tẽ seus propios appetites, conheçemos ja sem vista, somẽte pello nome. Os *de* tua fazenda, consiguo trazem o seu effecto, pode ser mais ou menos corada, segundo a pessoa, tempo e logar, ou tençã *que* levou na tintura: acçidentes e circumstançias que agravam e nam contradizem o ser fundamental. Este, estriba em tres cousas, correspondentes ao corpo, parecer, e cor *que* diseste

/10r/ terem as tuas peças: hũa tẽ dúvida na immortalidade d alma, outra na sua pena e gloria, outra na ley de Christo. E porque tu mesmo (se es que[m] eu cuido) irás descobrindo teus infernaes propositos nam falarey mais em elles: porque ainda a magestade de meu offiçio se offende em te soffrer (se a esperanza de te converter a millhor caminho nã fosse).

Tres grãos de condenaçã eterna.

Os mãos podẽ dissumular suas obras: mas nam encobri las.

**Tempo.** Eu (como ja disse) o mayor emprego *que* neste negóçio trago, ée familiar companhia com a Vontade e Intendimento: e por essa causa nã me quis atravesar em responder (dado *que* minha idade pera tudo tinha liçença): mas por a confiança com que me entregaram suas cousas, direi o *que* neste caso entendo. Nam me parece justo, nẽ cousa digna de teu nome, enviar nos com desengano que nam dáa outra causa mais que avorreçimento a nossas peças. Bem, asy queres tu que percamos o

O espiritual medico: nunca desespera o infermo.

O tẽpo da neçssidade  
abranda o soberbo.

trabalho e emprego que nellas temos posto? Em boa verdade mais mostra tẽ isso de odio aas pessoas, que aa mercadoria. Sigue o natural de tua condiçam, deixa esses acçidentes, folga de ver nossas cousas, com olhos mais claros do *que* estam os ouvidos. Ao menos de sete peças vêe a prinçipal: e quando em algũa cousa te descontentar (ô que eu nam creyo) dize a causa *de* seu effecto pera podermos respõder ao engano que nisso reçeberes. Nam pareça que por te veres senhora da

O que razã nega aos  
sentidos nã convẽ.

/10v/ melhor fortaleza da terra, estimas os outros tam pouco, que os nam queres ouvir e encaminhar sendo este teu offiço: do qual se te desviares, com justa causa podes perder o nome *que* por elle ouveste.

O soberbo nã sofre  
cõtradiçã.

**Razam.** Que parte tenham *de* culpa os sentidos que açeptam o que lhe nam convem, pera bem aconselhar tudo podem reçeber: assi eu ouvirei o *que* disseres: menos indinada do que se mostra a Võtade polo que eu disse. E por nam cõfundirmos nossa prática cõ a furia que em vós outros vejo, pois soes muitos, e a mayor parte deste negõçio ée da Võtade, ella apresente suas mercadorias: diga as bõdades que lhe acha, e eu responderei. O Intẽdimento, nas cousas em que tener dúvida pode perguntar, e algũuas mover segundo o que disse sente. Tu, como padre em quẽ estáa a experiẽncia do passado e presente, peço te que aprove o justo e honesto e reproves o cõtrairo: nã negues *aqui* tua natureza favoreçẽdo as cousas *que* mais força e autoridade tẽ. E em comũ peço a todos *que* reçebeis minhas palavras cõ a parte *que* bẽ julga e nã *que* mal açepta: ca nisto faço o que me obriga o preçepto *de* Deos e do proximo, sem temor das palavras comicas: Neste tempo o comprazer ganha amigos e a verdade odio.

O tempo desengana os  
enganados.

Terentii: Comedia Prima.  
Aqui descobre a võtade a  
primeira peça *que* ée o  
dito\* *que* disse Lucifer  
quando pecou.

Esaie. xiiii. ca.

/11r/ **Ascendam super altitudinẽ nubiũ similis ero altissimo.**

**Võtade.** Que te parece Razã desta peça tam exçelente? Ja estarás confusa e arrependida do mal que della dizias? Viste algũa ora outra de tanto mereçimento? Certo se bem olhares o corpo, parecer, e lustro de sua cor, acharás com justa causa, ter seu naçimẽto em o çeo: e na terra ser a mais prezada e amada dos

humanos. E sabes de quaes? Dos poderosos e abastados: ca ella os hõrra e engrandeçe, cõ fama, poder, riquezas, e cõ totalas outras bem avêturanças da vida: per aqui verás quanto engano regebias de ty mesmo se a nam viras. E o mais claro e çerto signal per que conheçerás sua bondade e grandeza, ée nam se achar em baixos e temerosos espiritos. Nam deçe a cousas pequenas e de vil preço: e isto lhe tẽ dado tanto, *que* sempre a verás ã as casas dos reis e príncipes. Nã say de camaras d ouro e musaico, por se meter em as cavernas da terra: *que* os primeiros abitadores naquella ãtigua idade tomavã por estado. Nã veste *aquellas* torpes vestiduras despojo das alimarias brutas, brutamẽte usadas: com *que* elles mal cobriã suas carnes do frio e fervor do sol. Esta, inventou

/11v/ remédio pera as *quatro* differenças do anno. Trouxe a seu uso, lam, linho, seda, lavrados\* e teçidos, per tantos mil modos de cores e galanteria, com quantos se a terra revistio de flores. Fez roupas forradas, outras singelas, hũuas de hũu dia, outras pera outro. Deu trajos, deu golpes e invenções em todolos usos dos mortaes: com que os espertou a viver com pompa e estado (causa de tantos bens como ao presente possuimos).

**Razam.** Folgo de te esprayares tãto em gabos e louvores de tua vaidade, pois mayor logar me deste pera ajuntar a mÿ mais razões e vencer o teu engano. E nã me espanto de ty, açeptares as cousas odiosas a tua salvaçã, pois de tua mançebia foste mal inclinada mas do Tempo que sabe o mão príncípio que essas tiveram, e o fim que todos terem. Isto me daa mayor pena, pois naquelles onde estáa o conselho, se acha ignorância, onde a verdade á hy o engano, e o vício onde se espera virtude. O Intendimento em quanto seguir teu parecer, sempre o terás por companheiro em tuas mercadorias: cõ que elle multiplicaráa tanto em meriçimento, que ganhe o fogo infernal. E por comprir o que prometi ao Tẽpo, direy em que vens enganada, que ée o principal do trato: saber os seus preçeptos, dos quaes tu careçes (segũdo vejo em essa peça) por negligência, ou por malícia. Todos

/12r/ os negócios do mundo, per que se compra mereçer e desmereçer, estan repartidos em partes: como generos de que dependem diversas espeçias. Estes têm hũu çerto fim a que vam endereçados com leis e termos que hũs nam sam dos outros: como os da gramatica que sam differêtes dos da musica, os da logica da geometria, os da rhetoricha da arismética\*, os da philosophia moral dos da natural. Assi os preçeptos da mercadoria que tu debes tratar: hũs sam pera multiplicar bens e outros pera fugir males, têm antre sy afirmar, e negar, donde a hũus chamam afirmativos, e a outros negativos. E se do conhecimento delles te apartares ou em algũa parte cõtradisseres, em poucos dias perderás teu cabedal\*, e farás banco roto. E bẽ como os philosophos, acharã totalas cousas proçederẽ de dez raizes fundamẽtaes, a *que* Aristoteles chama predicamentos: assy no trato deste mundo em qualquer genero de mercadoria que teus talentos quiseses empregar, ora seja activa ora cõtemplativa: acharás dez maximas ou *preçeptos*, seguindo os quaes terás ganho seguro de çento por hũu com eterno repouso. O primeiro e mayor, ée amar a verdade sobre totalas cousas. O segundo nunca a perjurar, em pressa ou pirigo de tua pesoa. O terceiro esguardar os tempos *que* sam de comprar e vender: e os outros que sam

Cada cousa tẽ propios preceptos e os de Deos comprehendem a todas.

/12v/ *pera* numerar o perdido e ganhado. O *quarto* em todolos negócios e juizos, da ventage aos ançãos que do trato mais sabẽ e melhor sentẽ. O quinto, nam serás iroso mas soffrido: que a segura fazẽda com paçiençia se ganha. O sexto, nam desprezes a castidade, porque cõserva todolos bens da vida. O septimo em o livro de tua razam, nam asomes o alheo; mas o propio: porque este segura a fazenda. O octavo nam levãtes nova falsa por desbaratar mercadoria doutrem e venderes a tua. O nono, nam cobiçes a molher de teu proximo, se queres a vida e alma segura com ganho de teus empregos. O deçimo nam *desejes* o alheo, que perderás o crédito eternalmente. Enfadan te tantos preçeptos? Em estes se asomam. Dá o de Cesar a Cesar e o de Deos a Deos. Isto nam alcançou Platam. Isto nam cõprendeo Aristoteles em seus predicamentos: converte llos a duas maximas, tã dignas como estas sam, *pera* todo fiel mercador trazer em

Marci. xii. ca.

sua memoria: cõ as *quaes* tãto se ganha\* ao galarim, que orelha o nã ouvio, nem olho vio, nem coraçã alcãçou. Enellas\* podes asomar todolos numeros do çeo e da terra, por serẽ hũ substancial número, *que* no genero humano verás figurado. Que partes tẽ o homẽ? Espirito e carne: hũas cousas sam mãtimento d alma que lhe dam vida, outras do corpo *per* as *quaes* se governa. Que quer o espirito?

Prima ad Corinthios. ii.  
ca.

/13r/ *spiritualidade*. O corpo? Cousas materiaes: pois dáa logo ao espirito o *spiritual* mantimẽto, e a Cesar o que lhe ée divido *per* natural e justo tributo: nã *per* a maneira que tu repartiste tua mercadoria: cinco partes pera o espirito, e duas pera a carne. Verdade ée, que tres sortes á hy de bẽs em esta vida em que tu podes multiplicar. Hũs sam d alma assy como fee, esperança, caridade, justiça, prudẽcia, fortaleza, tẽperança. Outros do corpo *que* sam saude, ligereza, força, fermosura com totalas graças naturaes. Aos terçeiros, chamam comunmente *per* errado vocabulo, bens de fortuna: em que entram riquezas, offiços e dignidades, *et caetera*. Todos estes bẽs Deos universal distribuidor deu conformes a medida e calidade de cada hũ: pera cõ elles tratar e cõmutar o presente pollo eterno, sobjeitando tudo aos dous numeros que disse serem soma\* das somas. E vós outros em lugar *de* multiplicaçam meritoria, diminuis a graça bastimal: trazendo a este regno tã falsas mercadorias, que mais mereçem queimadas *per* fogo infernal que de mỹ respondidas.

**Vontade.** Certo eu te avia por pessoa mais sabida e ariscada pera qualquer negóçio, e fazia mayor fundamento de tua amizade do que ao presente faço: pois ficas tã embaraçada e tam confusa com a vista desta peça, [q]ue nam respondes aa meu proposito, nem a ti

/13v/ mesmo entendes. Fazes hũas chimeras, que o mais que dellas entendo, ée nam as entender. E daqui vem, viveres ca em estes castellos roqueiros\* esqueçida do mundo, antre teus vasconços\*: fora da verdadeira lingoagem que todos falam e tratam. Verdadeiramente eu nam sey como te podes manter nestes exames tam delicados, e piores de ver, que os atomos

Os perversos sempre  
julgam do presente.

Juvenalis. Satyra. i.

Joãnis. xiiii. c.

Aa virtude e saber: a  
morte lhe dáa estima.

dos Ipicuros: delles queres compoer tudo, e nelles resolver tudo, e em fim, todos esses teus numeros sam nada. Os negoçios desta nossa arte, têm mais corpo a sua substância: logo se ve o proveito della. O Tẽpo ée presente, sabe que nam consistem tanto nos teus preçeptos e verdade, pois nam se ganha algũa cousa per trato sem engano e manha: esta põe crédito na bolsa, e a verdade em louvor sem fructo. Aconselha te cõ Juvenal. Se queres ser alguẽ, comete crime digno de morte, a bõdade ée louvada mais effria\* se.

**Razam.** Como tu negas a verdade, logo negas a *Deos*, por elle ser o caminho e verdade: e pois esta te nam apraz, *que* posso dizer que te contẽte e entendas?

**Tempo.** Eu por cumprir o que tu Razam em nossa prática ordenaste, sofri algũas cousas em que podera romper o fio della, esperãdo que te emendases ã tua furia: mas pois ja o negõçio vay em termos que requiere bastam em meyo, nam passarey mais sem acudir. Inda atego-

/14r/ra nam sey causa, porque assi devas reprovar o *que* a Vontade mostra; pois ée çerto, nenhũa alta impresa se acabar, sem meyo da soberba: a qual já per muitas vezes teve a monarchia do mundo, quando e per que modo, le cronicas de gregos e Romanos que outra cousa nam contam. Se queres graças naturaes, sem ella poucos as podem ter. As letras em qualquer genero que sejam quem as faz valer? Viste algũas encolheitas e estimuladas\* que o mundo estimase? Estas nunca tẽ vida se nam depois da morte. Das armas e valẽtia, a soberba ée o estẽdarte. Pois os bens da próspera fortuna, nunca se viram sem ella. Certo nam pode ser que com clara vista, ves o que te a Vontade apresenta. Deves ter todolos outros sentidos torvados: pois dos príncipaes, que ée ver e ouvir tanto careçes.

**Intendimento.** Ao que eu entẽdo, assi o julgaria: ca vejo em esta peça muitas grãdezas, e nam sinto cõtrariadade que a Razã possa dar. E o que mais confirma seu engano, ée, serem pela soberba governadas cassy todallas provincias do mundo: e sem ella poucas têm estado. Que farãa em as outras peças de menos preço: quãdo nesta tam çega estãa?

**Razam.** A minha çeguidade ée a tua luz: porque a ty çega o

claro e a m̃y o escuro. Donde te vem isto? De seguires as trevas:  
e quem anda per ellas neçessario ée cair

/14v/ em perigo. Assi te acontecerá em quanto obedegeres  
aa Võtade: que azeptou partes, a m̃y e a todo bom juizo  
contrairas. E pois tu Tempo falaste ã monarchia e bens natu-  
raes e da fortuna, que da soberba foram tam familiares. Dize o  
fim desse Alexandre, desse Cesar, a fermosura de Narçiso,  
as letras de Plato e Aristoteles, ouro de Midas, as riquezas  
de Creso, com todolos estados dos Assirios, Medos, Persas,  
Gregos, e Romãos que tam favoreçidos forã da soberba, que  
galardã\* lhe deu? A sepultura infernal, fim dos seus devotos  
mercadores.

**Intêdimento.** Se isso assi fosse, nã se aproveitariam os pulpitos  
da religiam cristãa de suas memorias, dictos, e doctrinas? Nam  
careçe de virtude, o que em acto virtuoso se traz.

**Razam.** Os que seameam a palavra do avangelho, seguẽ a obra da  
abelha: da frol da maa erva, tiram a pureza e doçura do mel;  
Que obra faz a candea? Queimar a sy mesmo e alumiar a outrem.  
Os que fizeram obras de meriçimento sempre teram louvor,  
os viçiosos sempre vituperio, e todos sam exemplo, hũus de  
virtude pera imitar, outros de viçio pera fogir: e juntamente,  
hũus e outros, igual eternidade têm na pena, por conmutarem  
a verdade de Deos em mentira, e servirem ante aa criatura, que  
ao criador, tendo todos a minha luz de que se nam podem  
escusar.

A virtude nũca perdeo:  
e o viçio sempre penou.

Ad. Romanos. ii. ca.

**Intendimento.**

/15r/ Parece, que nam guarda loguo Deos igual justiça, se todos  
igualmente padeçem? (Porque antre elles ouve differentes  
meriçimentos).

**Razam.** Eu nam fuy expirimentar os quilates que cada hũu tem  
na pena: mas sey, nam aver hy obra virtuosa sem galardã\*.  
Onde estáa este divido prémio? No fim per cujo respecto se  
obrou. As obras *que* seu intento e fim ée Deos, têm a Elle por  
galardã\*. As que estimaram o mundo e foram parelle dalgũa  
bõa doctrina, conçeдео lhe Deos, andarem nos actos virtuosos  
(que dizes) por bõ exemplo: pero careçem do principal prémio,

que ée Deos e a sua gloria, pois a nam quiseram conhecer. Os *que* máo exemplo leixará com suas obras, tẽ duas penas: hũa eterna que respecta a eternidade *que* offenderá, outra temporal e acçidental em *quanto* durar seu máo exẽplo.

**Intendimento.** Logo queres dizer (por seres cristã) *que* Mafamede em *quanto* durar sua secta terá temporaes e acçidentaes penas, cõ os acçidẽtes *que* per sua doutrina se obrarem?

**Razam.** Nam digo Mafamede, mas todolos inventores de erradas doutrinas: e assi o príncipe em cujo tẽpo, *per* seu favor ou negligẽcia, algũas *prevaleçerã* tanto, que corromperam bons costumes de povo. E *quando per* sua industria, os bons enxemplos e honestos trabalhos, ficarem por thesouro a seus regnos e senhorios: teráa aqui temporal louvor, e na gloria

/15v/ eterno galardam\*.

**Intẽdimento.** Como, o príncipe christão em cuja vida e terra se invẽtou a artelharia, obrigado seráa aos males que se com ella fazem? Nam lhe bastará a tençam com que a açeptou, *que* seria pera mouros, do vençimento dos quaes se seguia tanto louvor a Deos? (Segundo sua ley).

**Razam.** A tẽçam muitas obras salva, mas em esta obra, nem o inventor nem o favoreçedor tiveram bõ juizo. Milhor o teve o tirano Phalares quando lhe apresentaram o touro de metal: por lhe nam parecer cousa pera gratificar, o que era *pera* destruir a espeçia humana. Fazes e invẽtas pera mouros, seja com tal, que se nam converta em teu danno. Quem vêe este mal? Pergunta o a Italia, e a outras muitas partes, que inventaram e descobriram cousas com que perderam vida e virtuosos abitos d alma.

**Vontade.** Entendo que te lançaste a esta parte, por te desviar do meu proposito? Pois sabe çerto *que* eu nã me esqueço d'elle. E porque de todo conçedas o em que estavas cõfusa, quero tomar meus fundamentos (nam que tire ao branco e preto de tuas rhetoricas, porque a natureza mais caminhos ensinou *que* os arterizados\* de Tullio e Quintiliano). Os dous numeros em que tu asomaste totalas cousas: esses tomo eu pera provar as minhas. Dizes *que* a humanidade tem *espõritu* e tẽ carne? Eu o conçedo: ca tu favoreçes

Sẽpre o máo inventor:  
paga o dano da invẽçam.

/16r/ hũa parte e eu sam senhora d ábas. A estas partes corrosspondem outras duas em que todo genero humano estáa repartido. Quer seja antre gētios, quer antre judeus, quer antre christãos, ou mouros: todos estam divididos (ou divisos qual quiseses) em saçerdoçio que corrosspõde ao espirito, e secular que significa a minha humanidade. E se oulhares este saçerdoçio em *qualquer* opiniã, secta, ou ley, acharás que mais se conforma comigo, açeptando os preçeptos deste nosso trato, que com os propios que lhe dam nome *de* saçerdotes. Quem os faz tanto amar a minha parte mais que a tua? Entenderem que lhe traz mayor proveito e delectaçã. E a natureza (que nũa foy enganada em seguir desordens) o ensina. Em quê? Em acudir cõ totalas partes do espirito as infirmitades e paixões do corpo, a se condoer com elle nellas. Isto nã sómente em os homês mas nos brutos, pois vemos *que* assy buscam em as agoas e ervas mezinha pera sua saude, cõ tanta diligēçia, como os humanos em escolher famosos medicos. E estes medicos quẽ cuidas que os faz mais venerados que os teus saçerdotes? Favoreçem a saude corporal: e os outros pregã da espiritual. Qual foy o medico judeu ou mouro, *que* nã fosse a sua vista mais saudavel a hũa *christão* infermo: que a dhũu triste e carregado confessor? Áa hy xarope, purga, ou

/16v/ cauterio\*, *que* seja mais forte e de mayor dor? Quẽ o causa? A natureza, que ée amiga do prazer *que* mata a muitos. Loguo com grande causa, se correm e çercam totalas partes da terra: buscando remedios e mercadorias pera delectar este corpo de tâta estima. Quem deu a conhecer o oriēte, ao ocçidente, meyo dia, ao septentriam\*? Quem causou estes comerçios e conmutações? A humanidade que tudo áa mister\*. Por ella se açeptam tâtos trabalhos, per mar, per terra, per vento, per fogo, *per* ferro, per sangue. Finalmente, todosos elemētos sentem sua valia, totalas asperas e duras cousas se soffrem polla cõplazer, todas lhe obedeçẽ polla conservar: como a senhora universal, e nã ao espiritu seu servo. Queres inda mais experiēçia nos brutos? O liam, o touro, ou qualquer outra besta fera, a quem obedeçe? Debaixo de que jugo se somete? Per ventura do espirito que elle nam vée, ou do corpo

Ecclesiastes. xxviii. ca.

Genesis. i. ca.

a *que* tão teme? Quaes sam as forças que o atormentam, ou as mãos que o atam? Aquellas a quem o senhorio e possisam de totalas cousas foy dado, em o Pētatheuco de Moses, dizêdo: Creçey multiplicay e enchey a terra: senhoreay todos pexes do mar, e as aves do céu, e toda a alma vivête *que* se move sobre a terra. Donde entenderás *que* nam sómente ée o corpo universal senhor dos brutos, pexes e aves, mas ainda de todos

Genesis. ii. ca.

/17r/ *spiritus*. Isto nã lhe foy concedido per hũa vez, mas muitas cõfirmado: e em differentes idades do tẽpo, ãte do dilivio e depois delle. E que diz mais esta escriptura? Formou *Deos* o homẽ do limo da terra, e espirou na sua façe espiritu de vida. Vées como na formaçam do corpo, concorrem mais effectos: porque este verbo formar, presopõe obra mētal, e no acto da formaçã, obra actual, e o ispirar ée somēte effecto do espiritu, que nã tem mãos nẽ estromento pera o segundo. Pois as obras onde concorrẽ mais effectos e causas, mais exçelencia e perfeiçam têm que as outras. E a mesma escriptura o aprova: porque pera a criaçam do céu e da terra disse e foy fecto, e na do homẽ ouve cõselho em estas palavras. Façamos homẽ: o qual conselho se nam teve sobre os anjos que sam espiritos. Ja te isto provei pela natural inclinaçam dos homes, per suas propias obras, per natureza dos brutos, per a escriptura que tanto aprovas: agora o quero provar, por quam pouco conheçimento este teu espiritu tem de sy mesmo (signal de sua fraqueza). Pergũnta ora ao saçerdoçio que se vangloria deste nome medico ispiritual, de que substãcia ée a alma cõposta, e em *que* parte do corpo obra mais, onde lhe toma o pulso *quando* ée inferma, em *que* parte das sete destintas como áa no corpo regna mais o humor\*, qual dos quatro ée *predominãte*, se estãa

Genesis. i. ca.

/17v/ formada cõ duzētos corēta e oito ossos, trezentas sesenta e seis veas, como se causam as digestões nutritivas, quẽ as distribue *per* todos mēbros, onde se deposita o humido\* rredical, quãto tempo se poderá conservar e mãter nelle o calor natural, desfaleçendo lhe o çibo\* e mantimēto? Certo nam acharás medicos tam diligētes do teu espiritu, como eu tenho do corpo: ca se os ouvires falar na cõposiçã e notomia\* do

genero humano, nas quatro cõpleixões, no[s] espiritos vitaes, e como tẽ repartido entre si seus officios, e quantos ventriculos áa no çerebro, e se ée parte mais principal que o coraçam: e outras mil repartições tam ordenadas *que* parece o mais alto regimẽto de rrepublica que áa em toda a terra. Isto se nã acha antre os teus medicos: por saberem e terem experiẽcia da minha parte, ser mais substancial em o homẽ *que* a tua. Somẽte ouvirás a muitos (por relevar ao corpo e nã a alma) que Abel Justo foy o *primeiro que* offereçeo dizimo a *Deos*: e de si Abrahã ao saçerdote Melchisedech, e que per dereito divino e humano lhe cõvẽ os dizemos, cõfirmados per actoridade dhũu e outro testamento, e *que* as cõmemorações anaes polos finados, ée a mais principal obra da caridade, e *que* releva mais hũu trintairo\* de Sancto Amador pera relaxar as penas do purgatorio, *que* tirar dez cativos e casar vinte orfans, e em quantas

Genesis. iii.ca.

Genesis. xiiii.ca.

/18r/ partes se reparte o grosso, e destas quantas vẽ ao prelado, quantas ao cabido, e os que nam vençẽm çertas festas do anno por andar.

**Razam.** Espera, nam vás mais avante, que começas encher muito as vellas cõ que podes çeçobrar\*: e quero seguir teus termos por saberes quam errado vás per esse caminho. Todalas cousas que áa no mundo, tẽm duas partes em sy, hũua material, e outra formal, as quaes proçedem de quatro\* prinçípios elementares, tam cotrairos per natural calidade, como as quatro\* vozes da musica sam destintas hũas das outras: pero juntas com suas naturaes proporções, compoem a harmonia das vozes. Assy os elementos proporçionados pela natureza, ajuntam e ligam a compostura em todalas cousas: com que cada espeçia fica hũu mesmo corpo. E bẽ como estes elemẽtos sam quatro: assi destintamente (em genero) fazem quatro composturas. A primeira e de menos pòtos em a natureza, sam aquellas cousas que somente tẽm ser, mas nam vivẽ, nẽ sentem, nem entẽdem (dado que todas convenhã em ser). Debaixo do qual grão estã os elemẽtos, metaes, pedras e todo o mais *que* careçe de viver, sentir e entẽder. Aqui jazẽ as virtudes elemẽtares, e as influẽcias tã escondidas: *que* gastã a vida e fazenda a philosophos e alchemistas. A segunda cõpostura, ée das cousas *que* sam, vivẽ,

/18v/ e nã sentem, nem entẽdem, assi como arvores, plãtas, e ervas: que tambem distantemente obram seus effectos em naçer, creçer, fructificar, e corrõper com totalas virtudes espeçíficas que conprẽdẽ a mayor parte da saude nas infirmitades dos mortaes. A terceira compostura que ée dos animaes brutos, têm ser, viver, e sentir, mas nam entendem. E antrelles, nã sómente áa differença em hũs serem de hũa espeçia e outros doutra, mas inda algũs (assy como caracoes e outros conchados) têm o sentido do tacto, sem memoria e sem ouvido: e este ée o menos gráo dos brutos. Os *que* têm tacto, memoria, e nam ouvẽ, sam formigas com os de semelhante qualidade. As bestas e cães preçedem a estes, por terẽ tacto, memoria, e ouvido: ca na memoria áa prudẽçia, e o ouvir lhe dáa ensino, pera se moverem á vontade de quem os mãda. Os da quarta compostura têm ser, viver, sentir, e entender, que ée acto do livre alvidrio\*: o qual somente estáa em o homẽ por onde foy chamado rraçional: sem aver antrelles algũua differença de hũus preçederem aos outros per natureza, como os animaes com partes destintas que fazem differentes espeçias. Porque quanto a ser homem que ée usar do livre alvedrio\*, todos nisso convem, o que nam ée em as outras composturas: ca nam somente ante os animaes (como ora

/19r/ vimos) áa hy gráo mayor e menor, mas ainda nos metaes, nas pedras, nas plantas e ervas. E tanto hũa per gráo ée mais alta em natureza que a outra, quanto senhorio e uso della tem. Porque as arvores, plantas, e ervas, manten se da substança elemental, e a cabra da silva, e o boy da erva: e o homem de todos se serve segundo a neçesçidade e uso pera que os áa mister\*. Donde claramente entenderás a exçelencia de sua natureza, ca nam tendo algũua cousa senhorea tudo. E a sua pobreza e fraco naçimento que com tantas palavras Plinio desfaz, faz ser a mais enlevada criatura e de mayor contemplaçam que Deos criou, pois por seu respecto teve o mundo ser, e o seu corpo por causa da alma, e a alma por louvar e glorificar o criador de tantas e tã maravilhosas obras: com tal ordem, pesso, número, e midida, que no corpo mortal em que ella estáa aposentada, se achã totalas partes deste

Plinius I. prologo libri. vii.

corpo e redondeza mundana, donde os antigos chamaram ao homẽ mundo pequeno. Que partes tem o mundo? Materia e forma (como ja disse). Qual ẽe a materia? Os quatro elementos. A forma? A redondeza<sup>25</sup> que faz hũu só çentro. Desta materia ẽe o corpo cõposto. Tẽ ossos e a carne, e o mũdo pedras e terra. Tẽ veas e sangue, elle outras per õde corrẽ as aguas. Tẽ folego e bafo, o mundo aar e vento. Tẽ calor

Aristoteles. viii. Physicorũ.

/19v/ natural, elle fogo influido que cõserva e gasta as humidades. Quanto a forma, se tomares hũ corpo humano estendido em cruz, e do çẽtro do embigo lançares hũu compaso, fica çirculado como a figura da terra. Vẽs aqui as partes materiaes do mundo grande e pequeno, venhamos aas d alma correspondentes ao mundo intelectual, as quaes alcançamos pellos movimentos do corpo: ca elles como sam destintos, assi mostram distintamente as potências della, de quem reçebem força e movimento pera todas suas obras, que ẽe o contrayro do que tu sentes gabando os medicos do corpo em perjuizo dos d alma. A primeira e mais baixa obra d alma (nam faço destinçam) ẽe criar, acreçentar, e gerar: donde medicos inventaram seus vocabulos chamando lhe virtude nuctritiva, virtude augmentativa, virtude generativa. Estas tres operações estam sob a compostura (que já disse) chamada virtude vegetativa: e sam comparadas a estes tres generos de homẽs, mechanicos, lavradores, e tratantes. Os quaes, dado que sejam a mais baixa qualidade em as repubricas, *pero* neçessaria *pera* a sua conservaça, por serẽ hũas colũnas que sostẽ todo o edeffiço. Ca mediante o suor de todos estes, o saçerdote reza, o cavaleyro defende, o senhor governa. E ainda estas tres virtudes *pera* poderẽ obrar se ajudam doutras

/20r/ como de ministras, em este trabalho de substentar o corpo. Hũa ẽe a virtude apetetiva que deseja comer, outra a virtude retentiva que retem o mantimento; outra a digestiva que coze no ventre, e a quarta a expulsiva que lança fora o nã

---

<sup>25</sup> redondeza] C, A, B, H e RJ redoodeza.

neçessario. Todas estas virtudes obram em o corpo com estromentos e partes que pera isso nelle foram ordenadas: as quaes nam diguo, ca nesta terra nam se faz notomia\*. Vai te a Monpelher se quiseres mais entender em tuas digistões materiaes, e como recebem força ou fraqueza com a bõa e máa desposiçam corporal, per cujo respecto foram chamadas virtudes corporaes: e isto te enganou, parecer te serem virtudes proprias do corpo e nam d alma. Estes servidores que trouxerã tuas mercadorias, sam os çinco sentidos: ministros prinçipaes na republica d alma: por serem actores aparentes das suas operações. A vista tẽ suas forças da potencia visiva, cujo offiço ée receber cores, figura, e luz. O ouvido da potencia auditiva: per quẽ alcança todallas vozes, armonias e cõsonanças. O cheiro da potencia olfativa, que recebe os bons e máos cheiros: e assi os outros dous gostam e apalpam, per virtude das potências a elles atribuidas. E todas estas virtudes animaes que obram per os çinco sentidos, estam sob hũa virtude chamada sensetiva, *que lhe*

/20v/ deu nome de sentidos: e ellas e as outras comummẽte se chamã organicas, por as ministrar a alma mediãte os mēbros e orgãos corporaes. E por saberes em *que* grão podes estimar cada hũu delles, direy como preçedem hũus aos outros: assy por causa do logar que têm, como polla força da virtude que os ministra. O gosto preçede o tacto, e o ouvido ao cheiro, e a vista a todos. Mais alta estáa, mais longe vée, do que o tacto sente, e o gosto gosta, e o cheiro cheira, e o ouvido ouve. Porque *quanto* cada hũ cõ mais *pequeno* termo se estēde, menos jurdiçã, menos poder, e menos valia tẽ. Á hi outras potências *que* está no çerebro: *que* ministrã e ordenam<sup>26</sup> antre sy seus offiços, sem estromento aparente que se possa veer. Dos quaes, o sentido comum ée o primeiro que recebe todallas cousas confussamente, e de sy as entrega á imaginativa, a imaginativa á fantasia, a fantasia á istimativa, a istimativa á memoria, que fica detrás com a bãdeira deste exercito recolhendo em si todolos cativos

---

<sup>26</sup> ordenam] C, A, B, H e RJ orednam.

que lhe as outras potências entregã: e tanto tempo as guarda quanto amor lhe tẽ. Outra virtude áa hy chamada motiva, que move o corpo a hũa e a outra parte, estendendo e encolhendo os membros nas obras mechanicas, segundo o uso de cada hũu: donde naçem as virtudes operativa, progresiva. et *cetera*. E todas estas potências

/21r/ que sam menistros d alma nam se comparã as outras que ficam. Ja me entendes? Seres tu hũa que tens o offiço de querer e o Intendimento a outra que tem o de entender. E sendo ambos tam exçelentes em genero e offiço apartados da baixeza corporal, favoreçeis a seus appetites e mercadorias: desprezando a mỹ que sam suprema senhora na republica de vós outros. Leixais a altura desta fortaleza *que* nos deu o eterno Deos por senhorio e abitaçam: lançastes vos com meus imigos, fezeistes vos de sua conserva, com que vindes tâ çafaros\* e ignorantes, que desconheçeis vossa natureza e a parte onde vos criastes. Nam sabeis se soes espiritoaes se corporaes: somente como brutos, seguis as inclinações da carne, que tendes em logar de vosso Deos e de vossa natureza. Ella vos faz estranhar quem eu sam, o meu offiço, e logar que tenho. E assy começastes materialmente comigo, entrando ao modo de mercadores de infernaes mercadorias: e nam como espiritos que azeptam as espirituaes<sup>27</sup> obras. Ca se vós outros trouxeres as que chamam gratuitas, alem das naturaes e moraes que qualquer pagão pode ter, eu as aselara\*: pera poderdes entrar nesta fortaleza e passar ao regno do Senhor, onde se multiplicará eternalmẽte em gloria. Pero o Tempo vosso companheiro, té esta ponte (que

/21v/ ée a ora da morte) vos poderá acõpanhar e mays nam. E a culpa que lhe ao presente dou, nã ée nas vossas más inclinações, ca o tendes *per* natureza, mas em o favor de vos complazer: tendo tanta experiencia do mal *que* estas peças causaram em totalas idades de sua vida. E em pago deste azo\*

---

<sup>27</sup> espirituaes] C, A, B, H e R] espirirituaes.

*que* pera vossa condemnaçã dáa: ée condemnado per divina justiça, ser destroido per foguo. Pero dâdo algũ bõ conselho de melhor empregardes vossos talêtos e dinheyro, terâa por galardã\*, mais vida nesta sexta\* de sua idade, que em totalas çinquo passadas: veja qualquer, aconselhar em bẽ, ou complazer em mal. A alma ée lhe entregue como hũa tavao rasa em que nada ée pintado. Eu queria que obrasemos e esculpiseamos nella a figura *de* salvaçam, elle e o demonio com vosso consentimento, pintam desvairadas culpas pera eterna condemnaçam: cõ *que* logo nesta vida infermaes a alma em extremo da primeira morte, e fica julgada pera a segunda. Porque bem como os medicos do corpo que tanto louvaste achã que nelle áa saude ou infirmitade, assi os d alma *que* tu nã conheçes ou negas poem em ella dous termos, graça, ou pecado: cõformãdo se com a natureza, que qualquer substancia áa de ter forma, qual esta seja, será da graça ou do pecado. Nam pode alma receber mais que hũu destes: da maneira que se todallas cousas geram

Aristoteles. iii. De Anima.

Idẽ. viii. Phisicorum.

Aristoteles. i. De Generatiõẽ.

Idem. v. Methaphisices.

A culpa promete a pena.

Psalmus. iiii.

A conçiẽçia ée o primeiro juiz das obras.

/22r/ que a corrupçam dhũa ée causa doutra. Quando se a graça perde, se introduze o pecado, o ponto e extremo que ée fim dhũu, ée princípio doutro ca nam podẽ dous açidentes estar em hũu subjecto. Quem ée o Galeno, Ipocras, ou Aviçena, que conhece esta saude e infirmitade d alma? Quẽ? Eu. Conheçe os meus effectos, pois me sabes o nome e officio. Quem tive por mestre desta çieçia? A culpa. Que me ensinou? Abrir os olhos. Que aprẽdi cõ elles? Que era inferma. Que me ficou daqui? Hũu natural conhecimento, pera julgar qual ée a infirmitade ou saude. Cõ que mãam tomo este pulso? Com o psalmo: Assignado estáa sobre nós, o lume do teu rosto. Este lume e claridade ée tã vivo e claro em todo genero humano, *que* sem ley e preçeptos, gentios, judeus, christãos, e mouros todos entendẽ suas infirmitades: per este lume conhecem esta universal mezinha: O que nam queres pera ty a outrem nam faças. Com este lume conheceo o espiritu ser hũa substancia intelectual sem corrupçã, alcançando per natural desejo estar o seu fim e repouso na eternidade de seu princípio: e que o corpo que tanto louvaste se corrompia na primeira materia, e que lhe fora dado por guerra e contenda em quanto nelle

estivesse. E mais que pera os trabalhos desta contenda, avia mister\* ajuda, nam sómente da luz e armas naturaes,

/22v/ mas doutras postas em preçeptos e ley de guerra. Abel justo (em que falaste) foy o que deu as primeiras, offereçendo sacrefiço em sinal de sua fraqueza: e enelle\* esteve o primeiro saçerdoçio, mas loguo teve contêda. Enoch deu as segũdas. Noé as terçeiras: pero como repartio as terras antre os filhos, foy logo o saçerdoçio diviso, hũus seguindo Habrá, outros Abelos. Começaram philosophos philosophar, e com preçeptos e leis de suas erradas opiniões constituiram saçerdotes, a Jupiter, a Vulcano, a Pallas, a Ceres, e outras suas sanctidades: segundo as operações da natureza. Pero que cada hũu tivese cõtrairas opiniões de parecer, todos antre sy convinham em ter as duas partes que disseste, saçerdoçio, e secular: por que a natural luz nam os desemparou pera negarem a Deos, primeira causa das causas. Per meyo do qual saçerdoçio, se reconçiliavam em suas culpas, e louvavã pera seu merito: dando pena ao vício e gloria a virtude. E daqui naçeram campos Iliseos e Plutam com suas furias, em que aprovam alma ser immortal e o corpo que tu tanto louvas se corompe no apartamento della. Veo Moses com novo lume da verdade, deu os preçeptos da sagrada scriptura: até *que* naçeo a luz dos homẽs, que andava encuberta antre as figuras de tantas çerimonias da ley Mosaica\*. Esta luz

Joannes. i. ca.

/23r/ descobrio a ignorância de Pitagoras, a vaidade de Socrates, a çeguidade de Platã, a fraqueza de Aristoteles, a torpeza de Ipicurio, e doutras sectas e opiniões que se asentaram na cadeira pestenenciãl\*. E começou replandeçer naquelle alto mõte dizêdo: Bẽaventurados os pobre[s] de spirito dos quaes ée o regno dos çeos. Nam entrou com tua soberba e van gloria: antes a reprovou. E nas oito\* bem aventurãças que aly prometeo, deu foral\* e ley a esta sua fortaleza de que sam presidente: pera as mercadorias que ey de aselar\* com as armas das quinas que ganhou no monte Calvario: em virtude das quaes, podẽ entrar cá neste regno as mercadorias cõtrairas aa tua.

Psalmus. i.

Mathei. v. ca.

**Intendimento.** Algũua de quantas mil cousas disseste se pode reçeber, assy como a dignidade e offiço que na republica d

Os preçiptos tudo o *que*  
nã faz por elles achã  
desordenado.

alma temos (dado que tu absolutamẽte queres usurpar o mando e senhorio della). Pero quanto a conclusam do nosso negóçio, nam ataste algũa cousa ã todas tuas razões, e sempre foste nelas muy derramada sem acudir aos substãciães pontos que a Vontade apontou: gram signal de tua confusam, porque a máa ordem em respõder aos argumentos, testifica nam achares a elles cõtradiçam.

**Razam.** Teus falsos argumẽtos, e o inventor delles, e o lugar onde todos naçem, tudo ée hũu sempiterno\* tremor sem nenhũa ordem,

Cicero in Prohemio  
Rhetoricorum.

Iden, De Divinatione.  
li. ii.

/23v/ por isso nam me culpes na que tenho em vos responder e proçeder. Nam áa *quy\** os colores rethoricos de que a Vontade zombou: como se os ella nam invẽtara pera as cousas que careçem de verdade. Certo ée (segundo Tullio) *que* grandes fructos e proveito: tem a copia de dizer, se com çerto intendimẽto e determinada moderaçam do ânimo ée governada: pero do falso nam pode fazer verdadeiro, por a verdade ser hũa simplez plãta que se nam pode retorçer. As minhas palavras porque somente levam fée de verdade e nã da elegança mũdana, pareçem te desordenadas: e esta desordem que eu siguo, ée a ordem do cavallo do enxedrez\*, saltando per çima das peças a hũa e a outra parte, por acudir ao prinçipal de minha tençãm, que ée trazer vos ao mate da vossa.

Horatius in Arte Poetica.

**Intẽdimento.** Nam te conformas loguo com Horaçio: que mãda estar cada cousa sorteada em seu logar.

**Razam.** E quando se elle nos sermões ascẽde, *per* ventura torna ao lugar dõde partio? Mais casas salta elle e os outros seus secaçes\*, do *que* áa no tavoleiro em que jogam. Pero leixando a elles torno a vós outros, que se trouxereis perfecto juizo, o pouco que disse era muito pera desfazer as autoridades de *que* se a Võtade quis ajudar: retorçẽdo as de maliçia a seu proposito, nam fazẽdo a elle. E se ao presente as nã declaro cõ a verdade *que* am de ser entẽdidadas

Os perversos nam  
estimam a verdade se nã  
em seu favor.

/24r/ ée por ver que vos ajudais como d armas de imigo: na vossa mãam estimai las por vos defẽder, e na de seu dono as reprovais por vos confundirẽ. Diguo isto, como quẽ sinte em

vós outros mais torpe pensamêto do que té ora descobristes: e quẽ tal traz, nam aprova auctoridades da sagrada escriptura de que eu usava, pareçẽdo me falar com christãos enganados em má mercadoria, e vou descobrindo em vossas palavras e tenções, que nam seguis perfectamente algũa ley. E pera corações tam danados e corrompidos, far me ey inferna da vossa infirmitade, *per* conselho daquelle famoso medico Paulo. Depois que com o cauterio\* da razam natural, queimar e alimpar essa má carne tam morteficada em seu perverso ãgano: eu virey a soldar com a suavidade da sancta escriptura, remedio de totalas incuraves chagas. Ao presente quero descobrir com tua propia mãam, as tres rayzes dessa torpe e pestifera praga: que tanto lavrou em vossos corações, que totalmẽte os corrompeo no aceptor de taes mercadorias. Dize pois conçedes a exçelencia que nesta republica d alma tendes per onde está claro serdes espirito e nam carne, o espirito ée immortal ou acaba juntamete com o corpo?

Prima ad Corinthios. ix. ca.

**Intendimento.** Quero te responder primeiro com as opiniões dalgũs philosophos: e de sy direy meu parecer. Pythagoras diz, que alma ée hũ número

O espirital Deos o entende e o material poucos o alcança.

Opiniões de philosophos aqerca d alma.

/24v/ que se entende assy mesmo, Platam hũa substancia dada a intendimento. Aristoteles, a primeira forma potẽcial do corpo. Diarcho a harmonia dos quatro elemẽtos. Tales, hũa natureza sem repouso que se move a sy mesmo. Anaxagoras, hũa cousa semelhante ao aar. Ipicurio, hũa temperaça elemental. Asclepiades, hũu apertamento dos sentidos. Demetrio, hũa cousa ençẽdida: e outros, outras muitas opiniões: com que afirmo nã aver mais que naqer e morrer.

**Razã.** Bẽ sabia eu, que avia algũ de vós outros descobrir essa infernal chaga: e ante que entre á cura della, quero te tomar em hũa confusam. Quando tu disseste que nam careqia de virtude o que em acto virtuoso<sup>28</sup> se trazia, e que Deos nam guardava igual justica naquelles que igualmẽte padeqiam, nam cõfessas que estes Cesares e Alexãdres tẽ alma lá onde está?

---

<sup>28</sup> virtuoso] C, A, B, H e RJ vittuoso.

**Intendimento.** Pouca logica aprendeste: sabe que no modo d arguir, se podẽ ajudar do falso como do verdadeiro. Por eu isso dizer, nã cuydes que cria aver almas que padeçã: entam vinha me bẽ, e agora ẽe cõtra a opiniam que temos.

**Razam.** Natural ẽe dos infermos, nam terẽ sabor nem gosto em cousas que lhe trazem proveito, nẽ lhas logra o estamago se lhas fazem tomar per força. Assy tu, reçois o conhecimento dalgũa razam das minhas, e por tua má infirmitade loguo a lanças da memoria. Se

/25r/ agora cõfessaste a dignidade que no reyno d alma tinhas, e que eras espiritual e nam material: nam fica claro a inmortalidade d alma? Nã tem mais força o que eu demostro e de mỹ ouviste, que *quantas* vaidades *de* philosophos leste (dado que se as bem sentires entenderás o que nam alcanças ao presente). Pero leixando a elles em suas differenças, tu que entendes de ty mesmo sem conselho nem opiniã dalguem? Que te parece que deve ser, a parte que te faz querer hũa cousa e nã outra, e *que* quando se converte em contemplaçã donde veo e aonde áa de ir, per muitas imaginações que faça, sempre fica em olhar *pera* o çéo com hũ natural e fervẽte desejo de saber o que la vay, e seráa depouys *que* o corpo se converter em terra? Parece te *que* esta parte que tantos argumentos e tantas repostas por sy e por outrẽ dáa (sem de alguẽ ser perguntada) deve ter mais perfeçam e *de* mayor exçelencia e melhor natureza que a dhũ aliphante o mais ensinado que possa aver?

**Intendimento.** Ó *que* gentil comparaçã, queres tu cõparar o *que* eu entendo ao saber de hũ aliphante, ainda *que* forme palavras humanas: como dizem do outro *que* áa na India. Sabes dõde te isso veo? De nam saberes *que* o Tempo que estáa presente me ensinou outras çienças mais *prĩncipaes* *que* o trato da mercadoria.

**Razam.** Ignorãcias devẽ ser, pois te nam insinaram conheçeres

/25v/ a ty mesmo: dar te yã olhos *pera* ver a outrẽ e nã a ty.

**Intendimento.** Sob reverência do Tẽpo meu mestre por louvor de sua doutrina, quero que saibas o *que* sey e as ignorãcias

que delle aprêdi, e os discípulos que agora tem: pera lhe dares mais divina cõparaçam. Abre as orelhas e julga se á poder de alifante *que* sofra tanta cousa aas costas: quanto mais as torpeza[s] *que* diseste. Em os primeiros elementos de toda a çiência que sam as tres lingoas. Grega, Latina, e Hebra, aprendi todolos preçeptos, figuras, e colores rhetoricos: pera declamar, orar; compoer em prosa e metro. Sey per logica conhecer mayor e menor, e em *que* figura e modo estáa o argumêto, se em Barbara\*, Cesare\*, ou Darapti\*: com todolos sillogismos demostrativos dialeticos e sophisticos. Vi as outras partes que fazê o número quadrivial\*, e esta primeira da arimetica\*, que trata do número discreto, cõ as espeçias de mayor e menor disiguldade: em que entram as proporções Arimetica\*, Geometrica, Harmonica, com seus termos e differenças: donde se causam os numeros liniaes, superficiaes, triangulares, quadrangulares, té chegar ao número dígito, artículo, composito, que sam prinçípio da prática. Esta ensina a somar, diminuir, multiplicar, repartir, regra de tres, progressões, tirar raizes de qualquer número: com tantas perguntas e

Gramaticos.

Logicos.

Arismethicos.

/26r/ regras *que* ella mesma se nã pode asomar per çifras ou tentos. Em a theorica da musica que trata de número comparado, pasey as tres consonaçias simples: Diapassam\* *que* entra em proporçã dupla, Diapente em sesquialtera\*, Diatessarã em sesquiterçia, cõ todallas suas vozes e intervalos, tons e semitons mayores e menores, com *que* faço obras e cõposturas mais exçelentes que as do Reguem e Josquim: porque elles cõpõem somête ao modo frâçes, e eu, Françes, Italiano e Espanhol que ée mais saudoso. A outra parte de número cõtino que ée geometria, e trata de ponto, linha, superficie, com quantos angulos, corpos, e figuras áa nella todos passey: (té quadratura circuli) por me servirem muyto em a architectura. Açerca da cosmographia, cõ a grandeza dos mûdos *que* os esclareçidos reys de Portugal descobrirã, se agora cá viesse Ptholomeu, Strabo, Põponio, Plinio ou Solino cõ suas tres folhas, a todos meteria em confusam e vergonha: mostrando lhe que as partes do mûdo que nam alcançaram,

Musicos.

Geometras.

Cosmographos.

- Oratius in arte poetica. sam maiores que as tres em *que* o elles dividiram. E o mais confuso seria Ptholomeu, em a graduaçã de suas tavoas: porque como passa de Alexandria, pinta as cõ *aquella* liçẽça *que* Horacio dáa a pintores e poetas. Pero em a astronomia se salva, onde falou, tam altamẽte, *que* fala como *spiritu* em todolos outros
- Astrologos. /26v/ astronomos *que* depois vierã. Nesta parte me deleitey, por tratar dos corpos celestes e movimẽto de todolos orbes eçentricos\* e conçentricos, epiciclos e differẽtes dos planetas: com *que* na astrologia sey julgar qualquer naçimento, respõder a hũa interrogaçã per Ali ben Rragel, tirar hũa revoluçã per as conjũções de Albumazar, cõ o juizo dos tẽporaes e estado do mũdo. Da Chiromançia\* sey tãto, *que* sem ver o Cocles, logo te direy pela mãam se áas de morrer a ferro, ou tens algũ piriguo n agooa: pero ao *que* vejo em tua phisionomia (ainda *que* estás alta) parece *que* serás pobre e pouco estimada lançãdo te muito a verdade. E *que* se nã trate pubricamẽte, tambẽ me sirvo da Geomãçia\*, por ser de menos custo e mais façil de obrar. Cõ vinte e tãtos põtos *que* ée a raiz, dõde se cõpõe as madres e filhas, servidores, e testemunhas: vẽ o juiz per derradeiro *que* julga o effecto *de* qualquer obra futura. As outras tres irmans cõ todallas suas espeçias passey levemẽte: por causa da Magica *que* ée cousa mais pura, e pera homẽs de alto ingenho. Quãdo cõvocava o espirito Florõ, (*que* ée da zerarchia dos cherubins) pera o subjectar em espelho d aço, cõpunha me cõ vestidos puros e cheirosos, cõformes a sua natureza: por me ser mais verdadeiro e benivolo nas cousas altas e enlevadas *que* delle sabia. Os segredos elemẽtares, alcãçava dos espiri-
- Chiromãticos.
- Geomãticos.
- Magicos. /27r/tos septẽtrionaes, *que* se subjectam a baraões\* de nobre natureza como eu sam: ca os homẽs baixos e de torpe vida, como onzeneiros\*, usurarios, e outros de tã máo trafeguo\*, sã lhe muy avorreçidos pola pureza de sua espiritualidade. Assy, *que* destes, e dos Incubos\*, Sucubos, Marmorios, e Asmitos *que* abitã nos coluros\* dos solstiçios, cõ os mais *que* se conheçem no livro *de* Salamã De Umbris idearũ: de todos me servia muy familiarmẽte ã meus negoçios. E oxalã ganhase eu tanto nesta

mercadoria *que* trazemos, como tenho ganhado cõ todas estas artes.

**Razam.** Se tu sabes tãta astrologia, cõ quãtas espeçias della dependẽ e Satanas invẽtou, como nã adivinhas o ganho desta mercadoria em *que* ora trataes?

**Intendimento.** Vées ahy o mais geral argumẽto *que* todos inorãtes põe aas pessoas de minha calidade: *pero* por saberes a differença do meu ao teu saber, *quero* te declarar quã perfectã e ordenada vay a natureza. E sabes ã quẽ? ã dar aos homẽs olhos e juizo cõ *que* vejã e julguẽ a outrẽ e nã a sy: isto por tirar dous grãdes incõveniẽtes *que* podiã diminuir o genero humano. Hũ, *que* vẽdo os mortaes o mal proprio como o alheo, a fraqueza do espirito lhe daria mais cedo a morte. E daqui vẽ *que* nenhũ medico em as agudas e grãdes enfermidades, o ée de sy mesmo: *porque* a imaginaçam do pirigo da vida, lhe trova o juizo *pera* julgar.

Todos julgam o alheo, e poucos sentẽ o seu.

/27v/ O outro inconveniente, traz o grande prazer que se alcãça das bõas andanças: porque dado que a esperança atormenta em os grãdes desejos, mayor mal seria a çerteza de os pessuir retardada per tẽpo. E se fosses namorada, sentirias *quanto* mays perigoso ée esperar as cousas çertas *que* as inçertas (*quando* igualmẽte sam estimadas). Assi acõteçeria aos astrologos, *que* sabẽdo o mal *que* lhe estava ordenado, o temor lhe faria suar gotas *de* sangue como se escreve de Christo. E vẽdo algũ delles representado o bem que avia de ter: primeiro *que* lá chegase, o *spiritu* lhe secaria a vida co desejo *de* o pessuir. Nã cures *de* emendar a natureza: deixa seguir sua desordenada ordẽ, que estes enganos *que* os homẽs reçoem em suas proprias cousas, os faz viver cõtentes com *que* se o mũdo cõserva. Bẽ basta aos astrologos saberem nada em o seu, e pouco ã o alheo, *pera* viverem muy estimados no mũdo.

Mais atormẽta çerta esperãça *que* a duvidosa.

Luce. xxii.ca.

**Razam.** Se sam estimados, como leixaste tã çerto e nobre offiço polo da mercadoria *que* tẽ ventura de perda e ganho, pois dizes *que* em tuas proprias cousas nam achas çerta a eleiçam de cõprar e vender?

**Intendimento.** Dize, cousa algũa áa no mundo fora de mercadoria? Se me deres hũ homẽ que viva sem ella, eu to darey sem

cabeça. Faze *quantas* divisões *quiseres* de totalas calidades de homês: *quer* sejã eclesiasticos, *quer* seculares, com *quantas* dignidades, estados e offiços ouver

/28r/ antre elles, nenhũ vive sê cõprar e vêder. E por te nã parecer *que* leixey meu offiço e manhas sê mais causa, *quero* te descobrir a verdade: somête *de* me ver mais importunado e perseguido cõ diversas pregũtas, do *que* foy o oraculo de Apolo em seu tempo. Hũus pergũtam por a medrãça\* d elrey. O rey pelo seu estado, o *prelado* se morreráa, o outro a *que* paga pensam e teráa mitra\*. O legista se êtrará cedo no parlamento ou palrramento, o mercador se poderá segurar a náao a seu salvo, o marinheiro pola viagem *que* espera fazer. O rrendeiro em *que* ramo ganharáa mais *aquelle* ãno. O marido pergũta por a vida da molher: e ella pola morte delle. A solteira se casaráa cõ hũ que lhe quer bẽ: e elle por outra *que* tẽ melhor casamêto. Em fim, senhores e servos, leterados e ignorãtes, velhos e moços, leigos e saçerdotes, os mais delles per esta via, queriã saber o effecto de seus desejos.

**Têpo.** Como te esqueço a philosophia? Nã sabes *que* a mágica tem muitas regras dela? Mal proçedeste na ordẽ das sciẽcias, nã levey eu esta ã te doutrinar.

Philosophos.

**Intendimento.** Parcat mihi<sup>29</sup> dominatio tua: porque me enlevarã tanto as mathematicas, *que* preverti a tua ordem. Na philosophia, Razam, nã me detive tanto, porque nã se dáa alguẽ tanto agora a sua contẽplaçã, que arrinque os olhos ou lãçe a fazenda ao mar: como os antigos philosophos por entender a providẽcia das formigas.

/28v/ Sómente por causa da medeçina ouvi algũs livros de Aristoteles cõ a primeira e segũda Fen\* do Aviçena: e logo me dey a prática, tomando primeiro esta. Se me achava antre medicos de linguagẽ, falava latim, e antre latinos, em grego hũus versos de Homero *que* trazia decorados: cõ que nam ousavam *de* me respõder cuidando serẽ auctoridades dos originaes de Galeno ou Dioscorides. E cõ esta sagaçidade, quãdo nos

---

<sup>29</sup> mihi] C, A, B, H e RJ michi.

ajãtavamos vinte e trinta em cõselho de hũa Effimera\* dalgũ príncipe: todos a hũa voz se hiã cõ a minha. Porque tambem andava eu pera isso mui autorizado, cõ minha beca\* de veludo, e par de anéis cõ suas turquesas pera as quedas da mula: e a qualquer proposito alegava cõ os amphorismos de Ipocras, e trezêtas de Joã de Mena. Isto somête bastava pera ser medico de hũ rey, quanto mais de hũa çidade populosa: onde se achã muitas vidas pera fazer experiêcias, e ser bõ prático. E mais as vezes leyxava o pulso e tomava a mãam aa paçiête e ensinava lhe qual era a linha da vida, e como estava rameficada em hõrra e outras graças e fãbulas que obrã mais na saúde que duas oytavas de escamonea\*. E ja me aconteçeo ter hũ infermo aa morte de colica\* passe, e com[o] disse que lhe achava pela mãam aquelle anno muita medrãça\* com el rey, e que avia de casar outra vez mais rico: empregou tâto a fantasia em perguntar se era

/29r/ em cousa de seu proveito, e a segũda molher se avia de viver muito, que lhe arrincou mais preste a dor que hũa untura\* d alacraes.

**Tempo.** Nam digas isso que ée contra toda mediçina: e diram que tomaste liçença poetica.

**Intendimento.** Se quer tu domine preceptor? Nam te lembra que a dor obedeçe ao temor, e o amor ée senhor dambos? Isto per ventura acha se nos pronosticos de Ipocras? Vay hũu homẽ fogindo debaixo dos cornos de hũ touro, e levando as tripas na mãam, os peés avoam: e outro que vio este perigo, pola dama que tem á janela, sem pées, sem mãos, e sem cabeça, vay esperar o mesmo touro. Que dirás aquy? Parece te que neste primeyo impeto do temor que hũ leva, e amor que outro tem, teria hũa colica\* passe algũa jurdiçam? Sabe que a cobiça ée hũu aziar\* pera todalas dores: e eu me espanto como os antigos Romãos lhe nam fizeram templo como aas outras deosas. Perdoa mestre por te contrariar que tudo ée teu louvor, porque saiba a Razam que disçipulos fazes: e quero acabar cõ ella que tenho inda gram jornada. Bẽ viste Razam minha suficiencia em a mediçina, a qual leyxey, escolhêdo as leys por mais proveitosas. Sã de inverno e verã: nã esperam corrupçã dos

Legistas.

ares nẽ os effectos dos ecclipses, pera aver boa novidade de  
infermos. Ja o tenho experimentado a minha custa, ca muitas

Canonistas.

/29v/ vezes na çidade onde vivia nam achava hũu infermo pera  
hũa mezinha, e avia çẽ mil demãdas: sem me valer alargar hũa  
cura té que viesse outra; (como despachos de corte) tudo vência  
a saude e multidã dos phisicos. E quando vi que nas leis perdia  
tã bom lâço da bolsa (e outros proveitos de fidalguia) dey ao  
demo *quantos* volumes tinha do cõçiliador e gẽtil, e cõverti os  
ẽ Bartolo, Baldo, Paulo de Castro, Jason, e os Abbados sobre o  
direito canonico: por causa das audições do vigairo da vara,  
que ée auditorio gracioso, e *de* ganho surdo. E somẽte cõ hũus  
prinçípios da instituta e o primeiro livro do Códeguio, me fiz  
tã grãde jurista: que ao fazer de hũu libelo\* e arrazoado,  
nũca Tulio pro Milone assi ponderou os passos da efficaçia  
da ley. E como a demãda era cõtestada, sem aver eçepeções  
perẽptorias\* da incõpetência do juiz, ou algũua sospeiçã, desfazia  
cõ minha rreprica na *primeira* audição a cõtrariadade do rreo.  
E se os artigos erã impertinẽtes eu os fazia pertinẽtes, e pedia  
dilaçã pera fora do regno se me cõvinha retardar algũs: por  
alõgar a cura e se nã deçedir a causa em breve (posto *que* autor  
fosse), porque as custas importavã mais *que* o prinçipal. Em fim  
nam ey de estar agora dizẽdo, o que fazia polo auctor, e como  
avisava o rreo: ca seria proçesso mais infinito dos que faz o  
dinheiro, que sabe mais

30r/leys e milhores que Solon. Isto só quisera, que me viras em  
hũa causa de importancia antre partes poderosas: porque nam  
te pareçera tã pesado como me fazias com tua comparaçam:  
mas ouveras me por mais solto da língua que hũu esgrimidor  
dos pees. Tomava os talhos na cõtrariadade, dava rreves com  
dilaçam, metia a espada té a marca *de* Bartalo, ou a parte a  
mãam na bolsa, cõ que derribava hũu juiz da seda\* morto de  
sospesiçã. E como o fecto era ẽ outro julgador mais brãdo que  
reçebia melhor o crunho\* em sy: trazia os fios da espada tam  
delgados, que cortava per folhas de papel melhor *que* por hũu  
sombreiro. E se em fim do negóçio, os fados nam suçediam  
bem com algũas oposições contrairas de melhor aço, e a parte

cansava de dar e eu d esgrimir: leixava todolos parraphos, e rematava hũa demãda de vinte annos com esta sentença. Assy o entendi. Esta nam poem vida por vida, honrra por honrra, fazenda por fazenda: a receita e despesa toda ée hũa conta. E quando se a parte muito queixa, torno á consolar dizendo: Amigo vós nam me informastes bẽ no prinçípio, e o máo nam pode conseguir bom fim. E mays sempre vos mostrastes neste caso muy frio, tendo a parte vossa contraira muita diligẽcia e aderençia, e o direito aos que vigiam e nam dormem favoreçe: pero nam vos agasteis,

/30v/ iremos com embargos á sentença ou averemos revista. E com esta esperança vay hũ homẽ consolado: torna a demanda de novo, e se a nam acaba em sua vida, fica por herençia a seus filhos, e assy nunca say da linha como morgado\*.

**Tempo.** Tu Razam estarás esperando, que diga o Intẽdimento o que aprendeo da outra theologia que tambem se costuma antre christãos. Pera te dizer verdade, eu lhe ensinava algũus prinçípios: pero como a devaçam das cousas estáa no proveito ou gosto dellas, e na de Cristo nam se ganha agora tanto como em a de Justiniano, contẽtou se com algũas proposições pera mostrar sufficiẽcia, e per regras de Aristoteles argumẽtar em as relações de Scoto, e reprovar Sãcto Thomas no quarto. Ja nã costumamos theologia moral, esta disputativa provada per Aristoteles e Averroiz (prinçipalmente açerca da resureyçam da carne) converteo muitos gentios e mouros quãdo se foram disputar a Paris. E tambem com os sermões que os Ocanistas\* fizeram em Marrocos troxeram mays a fee de Cristo do que pescou Pedro em a primeira rredada de penthecoste. Avemo nos de conformar, em costumes com os passados: e na fala, com os presentes.

**Intendimento.** Sabes Razã que me causou leixar a theologia? Ver estar hũ pregador quebrando a cabeça assy e

/31r/ a todolos ouvintes, volteãdo no pulpito todo hũ sermam: e nam lhe fica Garçi Sanchez de Badajoz, nem Dom Jorge Manrique em a contemplaçã de: Recorde ell anima dormida, nem Dom Joam de Meneses em, Quẽ tem alma nam tem vida,

nem quãtos sonetos fez Petrarcha a madama Laura (pera dhi\* auspicar\* a graça) que todos nam alegue, por serem auctores ja escriptos no cathalogo de Hieronimo: e com todas estas e outras palavras cortesans, *que* anda buscãdo pera isca de seu requerimẽto taçito, sam ja os pasaros tã previstos *que* aventam o visco de longe. E em logar de galardam\*, pagã ao coitado o suor da testa com dizer depois *que* deçe: Ó padre, porque acabaste tam çedo? Estaves hũ Paulo em Athenas: e elles se algũu diz bẽ, sabe mal, e se mal, sabe bẽ. Ja *quando* joga de cor o ãxedres, vã lhe á mãam a todolos lãços. Bole cõ o piã, dizem *que* lhe esqueçeo o cavallo. Corre cõ o rroque\* té o poer ã casa negra, *que* o ponha na brãca. Muda a dama, *que* a leixe estar. Joga do dalphim\* *que* se nã pode descobrir. Jaquea\* o rey, perde tudo. Parece te *que* ée cousa pera sofrer o acotovelar *que* vay neste jogo? E o inoçẽte cuida *que* dãdo cõ todolos trebelhos\* na bolsa da ora da morte, fica tudo reprehendido: e elle vay muy bem zõbado, de quẽ nã ée arrepẽdido de seus viçios. Se eu viesse a estes publicanos\*, Sã\* Joã vay, Sã Joã vẽ, cree tu por çerto

/31v/que já eu ouvera de experimentar este genero de vida. Pero eu vejo que andam alugados, louvãdo o sancto de quem se faz a festa: e o prior cãta as alleluyas com suas offertas e offereçidas: e elles vam pagos com hũ jantar e jornal de dia inteiro, como a gaita e trombetas que trouxeram o çirio e fogaças\*. Pera eu andar toda minha vida, notissime per oppida buce, digo te que nã quero, *quando* me quiser vingar dalguem, nam ey de subir naquelle logar de vinganças: mas ir m ey a Roma a estatua do mestre Pasquim, e lançar lhe ey ao pescoço hũs porquês, como se costuma ã Espanha. Nam me convem mais theologia de Christo da que tenho: ja sey que per bancos de cambo\* e nam per ella posso saltar no curral das mitras\*.

Joaonis. x. ca.

**Razam.** Leyxemos teus ardiis pois que os reprova Christo: vejamos se sabes mais algũa cousa, per ventura antrellas verey o que desejo achar em ty.

**Intendimento.** Sey mais o que me deu a natureza e o paço que eu mais estimo, por ser hũu saber galante e cortesam: nam ganhado ao fumo da cãdea do escolar, porque tem outras priminências\* naturaes e nam abachereladas.

**Razam.** Que preminências?

**Intendimento.** Nam, máo vocabulo ée este: inda me isto ficou do estudo: nam ée termo cortesam priminências\*, primores quisera dizer.

**Razam.** Bem, a que chamas tu primores? Nam ée termo dirivado do

/32r/ latim como priminências?

**Intendimento.** Ó que especial cousa, áa se de comparar a doçura e graça de hũu vocabulo ao outro? Isto sam passos substanciaes pera homês d arte e de muito preço. Que farias já se visses o modo da corte, no falar, no escrever, e no vestir, quando somente dhũ termo louçam\* te espantas? Como se achariam enleados Demosthenes e Tullio, se lhe dessem hũa carta *de* hũ homê destes espeçiaes da corte. Parece te quãdo viesse ao sobre\* escripto, por mais copiosas *que* a lingua grega e latina fossem, achariam vocabulos conformes a sua calidade? Se soubes que cousa ée entrar ou atravessar hũa casa, com despejo e aar do corpo, sem poer mãam per cabelo ou bolir com as luvas, e quanta desenvoltura tem o que sabe cometer hũua móo\* d homês especiaes e de rrespeito (partes essenciaes do paço): eu te afirmo que julgarias poder trinchar a hũu rey, quem açertar a jũta dhũ sobrescriyto\* dos d agora: *Porque* as aves antre os bons trinchâtes tēdifferētes cortes. O comũ ée das pernas, outro dos cotos, outros das titelas\*: e o pior ée do pescoço, ca sobreste nam falou Plinio. Pero acho neste costume hũu prejuizo ao serviço dos reys. Quãdo se quiserē servir em hũa presente neçessidade dalgũu fidalguo de sua casa, a mayor parte delles se apousentã em a senhoria *de* Veneza: tam longe de seus parentes,

/32v/ *que* áa mister\* hũs éditos postos em sete apontadores acastellados, onde as suas neçessidades acodem por vencer os quinze do mês. Dizem que os reys por evitar este prejuizo, mandaram tolher pespontos na escriptura: *porque* pareçia melhor hũu Deos vos salve, de costura chãa ao modo antigo, e que custava menos que as mãos de qualquer obra d agora. E mais que têm estas senhorias outro mayor pirigo, quando

asentã o arrayal de seu nome em algũa escriptura: aam mister\* hũus campos Maçedonios em que caiba a fardagem de tãtos titolos. E leixam cõ os esquadros de suas neçessidades tudo tã rraso e esterile, que pera passar esta travesa de seu arrayal, convem cafila\* de siso que leve pam, agooa, e todolos mantimentos do corpo e d alma: porque nestes desertos de Lybea, nam se acha mais fructo, que homẽs mortos dos montes de suas maliçias, que a gram vaidade de tanta pompa move dhũua a outra parte. Pero os rendeiros do rramo do papel, vieram a fazenda fazer encampaçam\*, pois se tolhiam ditados e sobrescriptos\*: provando que avia em Espanha homẽs que quando vinha o novo do papel e tinta, rrecolhiam mais mantimento deste pera o espirito, que trigo e azeite pera sua familia. E pera confirmar esta verdade traziam aquella sentença de Moses, que nam se mantem os homẽs em pã

Deuteronomiũ. viii. ca.

/33r/ mas na palavra *que* say da boca do lisõgeiro. Estãa o negõcio por determinar té *que* o sayba el rey. Mas segundo contou hũu correo do Tempo que poucos dias áa veo da corte, punha se taixa a porta dos alfayates inventores dos taes ditados: apreçando loguo, que por hũua illustre senhoria levasem tanto, Manifica singela sem soberba de vasalos, e reverẽdissima com tauxia\* mourisca, fossem ambas de hũu preço. Estimada e prezada merçe, levando nove lições com sua ladainha e offiços inteiros: que lhe tirasem hũu dozao\* da senhoria. E o modo que estas senhorias tinham de escrever aos outros homẽs, nam se taxava: porque cada hũu leva a sonda na mãã, temendo os baixos se deseja tomar bom porto. E tudo isto dizem que se punha em obra, por ser tirado hũu juizo que dizia: Mars e Saturno em o anno de trinta terem hũua conjunçam tam pestenencial\*, estando o Sol na casa de seu naçimento e exaltaçam: que o faram contra sua natureza rretrogadar ao signo de Piscis. E oulhando os outros rreaes planetas irmãam e benivolamẽte d aspecto trino: serem vistas em o çéo novas estrellas, que reçoberam tam grande claridade do sol, que esclipsaram algũas das outras mil e tantas conheçidas. E nos fructos da terra denotava esta conjunçam, na casa dos ódios aver boa novidade de

Juizo tẽporal.

/33v/ envejas e mentiras, antre os lavradores de terras altas: por cursarem grandes ventos a mayor parte do anno. E que a verdade onde estiver semeada, como apontar, virã sobrella tam grãdes geadas *que* a escaldará té as rraizes: de maneira *que* andaram a mayor parte dos homẽs doẽtes pera morrer d enganados, sem achar hũa pouca pera sua saude. E valeram tam pouco as almas e hõrras, que daram trinta por hũu çeitil\*. E na parte de Espanha averáa guerras çeviis, de linguas danadas antre a nobre gẽte: na qual batalha morreram algũus desta peçonha, por ser erva que lavra muyto como chega as orelhas dalgũ sangue real. E dos vivos, muitos ficaram aleijados nas famas: e em outros membros que sostem a boa opiniam. E quanto aos particulares juizos, mostra que os homẽs de naçimẽto noturno com Mercurio no asçendẽte, e pars fortune exalçada por manha inliçita, terẽ vida sospeytosa e morte arrebatada: por se ajũtar caput et cauda draconis na onzena\* casa. E destes vapores estaráa a terra tam chea, *que* desejado de os lançar fora de sy, tremeráa per espaço de corrẽta dias, com morte de povos, perda de sumptuosos templos e magnificos edeficios. E de todas estas cousas disse o correo do tẽpo ser elle bõ testemunha, por ter visto a mayor parte dellas em Espanha. E mais, vira em meyo

/34r/ *daquelle* espantoso e grãde tremor, hũa aguia voãte per meo do aar, bradãdo cõ espãtosa voz. Ve. Ve. Ve. E no fim destas tres syllabas leixou cayr hũu rótulo *que* levava em as unhas: a escriptura do *qual* dizia. Quãdo a filha do sol, encher as provinçias do mũdo cõ fama de sua fermosura, levãtar se ã os falcões Lusitanos vençidos do amor *de* seu fructo: e armados cõ armas d ouro e prata, cavalgarã em cavalos marinhos, pera a cõquistar dẽtro nos termos de seu naçimento. E a vida muy crua e aspera batalha, com os corvos das cristas brãcas *que* a defendẽ: vence llos am cõ o rresplendor das armas *de* seu capitã. E a pesar delles, seráa desposada cõ os mosquitos de pernas altas: *que* çelebrará suas vodas cõ sangue da terra. Mas este prazer, seráa cõvertido em grã carestia dos naturaes fructos da terra: *porque* os seus lavradores cõ desejo de seguir estas vodas de vẽtura, desempara la ã cõfiando mais em sua

Profeçia temporal.

industria *que* na piadade do Senhor, *que* os mâteve em honestos costumes sem cascavées de viçios. E *quando* se a terra vir desprezada, por as cousas á vida humana nõ neçessarias dão ella *aquellas* pellas *quaes* se cõserva, ja cansada de tãtos desprezos e ingratições *de* seus naturaes filhos, cõverter se áa ã ódio cõtrelles: dão azo\* e favor a dous famosos ladrões (per nome Abril e Mayo) *que* façã a guerra ao povo. Os *quaes* como

/34v/ çagações do tal offício, por mais seguros estarem das vidas, far se am fortes nos çeleiros da igreja: com o mantimento de todo hũu anno. E daly correram as comarcas talando\* pães, destroindo vinhas, e olivaes, salteãdo pobres, forçando virgês, desonrrando viuvvas, esfolãdo as bolsas, com outros mil males que naçem de tam crua guerra. E per derradeiro acolher se am á casa de Deos (como a spelũca latronum) repartindo nella tam desonestos despojos: per mãos de rrendeiros *que* çelebrã suas vodas cõ rramo verde em a mãam. Pero o summo esposo quãdo vir sua esposa posta ao ganho, adulterãdo cõ hũus e outros, e ser dada em dote aas filhas e filhos da carne: entrega la áa a prophanos possedores, em despreço e castigo dos invẽtores da tal corrupçã. Os *quaes* como pastores danados, ãdam pelos câpos tragando os suores alheos sem orar por alguẽ: cõprando cativas, nã tirando cativos, desaconselhãdo as acõselhadas, criando galgos e nã orfãos, e em lugar de sagrados volumes, tẽ cavides *de* chuças\* de môtlear, cartas de jugar, dados *pera* forçar, rescriptos *pera* herdar, negãdo o seu ábito e offício: cõ *que* indinarã ao Senhor *pera* os desposar de suas naturaes possissões. Estas e outras muytas cousas: contou aquelle correo do Tempo que dizia a escriptura da aguia voante: a verdade

/35r/ das *quaes* o Tẽpo a saberãa, por ser mercador tã marcado *que* tẽ feitorias em todalas partes da terra onde se estas mercadorias tratam.

**Razam.** Eu áa tantos ãnos que sam desterrada da corte e cõversaçam politica dalgũus principes, *que* sam *pera* mỹ todas essas cousas grã novidade, e muito mayor dor: pois a carne ée ja tã corrupta que entra nas colũnas da ley. Pero como em as

cortes estáa a frol dos homẽs que a sostẽ, e tu respplãdeçes mais em a nobreza que no comũ estado: pode ser que alcançarias conheçeres a ty mesmo, pois as muytas letras te confundirá o juizo.

Ignorãte siso e falso aviso.

**Tempo.** Por que melhor entendas quem eu sam, e outra ora nam faças em mÿ tam torpes comparações como fezeste: leixo as letras a parte, e venho ao puro e natural saber, ganhado per sangue e conversaçam de homens espeçiaes e de grandes calidades. Temos asentado eu e outros auctores modernos do paço, que o saber cortesam se parte em duas partes, á semelhãça da vida activa e cõtēplativa: a hũa chamã Siso capaz, e a outra Aviso despejado. O siso tẽ estes sinaes, rostro sereno e triste, fala pouco e palavras graves, lãça os passos vagorosos, passeia so assy a pée como a cavallo, faz soliloquios, esqueçe lhe dar cõ as esporas, transporta a fantasia em quanto sal se gasta em sua casa: e esta occupaçam o traz tam enlevado, que

O soberbo nã se quer cõparar.

/35v/ Lhe avoreçem companhias: e quãdo algũa açępta ée estimada no proveito, e escolhida na opiniã do povo, cõ que elle reçebe tãta autoridade *que* lãçara Catam fora do senado. Este tal siso tẽ esta prerrogativa. Ée bõ pera cõselho de príncipes, leva ãbaxadas, faz conçertos, cõserva amizades proveitosas, rrema mãso por *que* o nã sintam, escõde o ninho cõ temor d aguia, chupa o sangue innoçente mais doçe *que* hũa samexuga, nam estraga fazẽda, sabe a ganhar e leixar a seus filhos criados na cõtrariadade de sua miseria: cõ outros proveitos (*que* alcançã os seus devotos) tirados da mãtẽça dos criados *que* nã ficã pagos á ora da morte. O aviso ée mais solto, e nisto se conhece: Todo o seu corpo ée pees e lingua, em tudo fala, tudo comete (sẽ pirigo da vida) e *quando* se acha ãtre mãcos ou mudos, leva a fogaça\* do terreiro: e cõ a primeira *queda* fica senhor da força. Nũca tãge frautado: em apalpãdo qualquer estormento de pequeno negóçio, mete todolos rregistros por fazer soada e terremoto. Todo seu feito ée trovoadas sem lãçar gota dalgũ proveito alheo. E *pera* fazer o seu, ée lhe atribuido *adquirir* fazẽda per qualquer titulo, simular, disimular, negoçar cõ todos por seu interese, falar

bem ao povo porque o nã rroa, aos grãdes pola estima, visita imigos por temor, ganha amigos rreçebêdo e nã dãdo, açepta hũ em odio doutros, vêde a verdade polo

/36r/ appetite, faz brãco e preto tudo, ã hũ sojecto, sã lhe vir cor ao rosto *que* o peje.

**Razam.** Mais bẽ cuidey *que* achase em quãtos males rrepartiste: Tu qual dessas duas partes segues?

**Intendimento.** Eu tomey as *que* favoreçem os deoses, leixei as *que* aprova Catam.

**Razam.** Quẽ sam os deoses? Inda agora áa no mũdo Jupiter e Mercurio?

**Intendimento.** E porque nã? Té o fim áa d aver Mars, Bacho, Priapo, e todolos outros *que* sempre ouve. Os príncipes da terra foram os deoses della, e esses o sã agora.

**Razam.** Os príncipes por serẽ cõstituidos sobre os outros homẽs, per graça de *Deos* (como dizẽas suas escripturas) nã podẽ favoreçer senã as partes a elles cõformes.

**Intendimento.** Bẽ, e achas tu *que* serãa má parte seguir eu estas? Leixadas quãtas fabulas e istorias de Gregos e Romãos pasey ão estudo das letras, em o paço tomey as seguintes: Saber as coronicas dos nossos reys passados de gloriosa memoria, e os ditos, sotaques, com todolos anexiis dos homẽs daquelle tẽpo. Conheço as linhages e o seu princípio, e per *que* titolo ouverã o *que* tẽ: se por lãça, se por pena, se pola língua. Sey a maneira de totalas outras medrãças\*, e o modo *que* se terãa ã qualquer acçidente de guerra, sem pirigo de minha vida e fazẽda: escapulas\* *pera* negar promessa, deligẽcia ã prover hũa grã neçessidade a custa alhea, e eu *que* fique cõ ganho na bolsa e crédito na pessoa.

/36v/ Em inverno e veram, ando sempre afrontado com os cabellos trá las orelhas: e como atravessa hũu rrato debato me na alcãdora\*, por mostrar que sam ardido e *pera* grandes negoçios. Se me compre ser tido por sesudo\*, contra faço a figura do siso, se cavaleyro som brigoso ã pubrico, trago espada çinta e falo sempre na guerra, se marinheiro no mar, se mercador no trato, se caçador na caça: em fim se me nam

falecer lingua nã me faleçerã v̄tura: porque me tem feyto hũ Cameliã, em qualquer cor que me ponho essa tenho.

**Razam.** Acabaste ja?

**Intendimento.** Ainda tu queres que alguem mais sayba pera sua medrança\*?

**Razam.** Loguo (segundo vejo) todo o teu saber rematas em a semelhança do Cameliã? E a meu juyzo nã erraste, porque ambos vos mantêdes do aar, elle do elementar, e tu da vaidade das letras e do paço. Segues a ignorãcia do cãm\* do fabulador. Leixas a verdade pola mentira, a substãcia pola sombra, desconheçes a ty por conheçer a outrẽ, e assy tu e teus compãheiros, ficaes sem saber que tendes alma immortal: cousa que todo genero humano cõfessa, se nam os bructos que careçẽ della, e os danados que a nã estimam.

**Vontade.** Bem cõçedo eu que todolos humanos tẽ alma, pois estáa claro ser hũa forma potencil que move todolos membros do corpo. Pero tu queres que

/37r/ seja hũa substãcia intelectual e immortal, e ella ée (quanto a meu juizo) hũu espiritu movedor, terminado em seu offiçio e nã em seu ser: como o pesso do relogio que obra em quanto dura a tẽpera em que foy posto.

**Razam.** Pois nã posso per m̄y quero com tua propia semelhança temperar a ty e a teus cõpanheiros: ca melhor me entẽdereis per meyo della *que* de minhas palavras. Verdade ée que totalas rodas desse material relogio *que* dizes, sam movidas per seus pōtos e espaços, só cõ a força do pesso que as roda, ao movimẽto do çéo como se totalas cousas çircularmẽte movẽ: e acabando este pesso d estender sua corda çessam as rodas. Mas *que* comparaçã pode ter o artefiçio com *Deos*? Ca de tres movimẽtos e obras *que* hy áa subalternadas, a obra de *Deos* preçede á da natureza e á d arte. Queres ver hũa mostra desta verdade? Em totalas obras da natureza, nũca a verás obrar ã instãte, mas progresivamente de *imperfecto* a *perfecto* mediãte tẽpo: e *Deos* obra per modo volũtario sem tempo. E daqui vem, *que* nã ée em poder da natureza reter a alma dalgũ humano em quanto ella *quer* e pode, mas em quanto ée a vontade de *Deos*: porque como ã hũ instante a criou sem obra da natureza:

assy em outro a chama daquella abitaçam corporal, pera ser julgada segundo as obras *que* nella fez. E o corpo como fica de todo desemparado torna a natureza

/37v/ per hũa continuaçam de tempo corromper o que formou. E *que* tu vejas todas as cousas materiaes per este modo de corrupçam acabar: fica a causa *de* sua criaçam immortal, que ée alma, onde o fim de todas estáa incorporado, como a vitoria de hũu grande exercito em seu capitam. Nam fez *Deos* tamanha fábrika como foy o mundo, nem cria as almas que ée mayor obra, pera terem tam pequeno termo como ée esta vida: porque quanto proçede delle per modo de vontade (assy como alma) tudo ée infinito, e as outras cousas por causa della sempre ficam vivas em o ser elementar que as compos, dado que percam o formal que as representa á nossa vista. E acabando alma quando se a formaçam corporal desata (como tu dizes): tinha grandes inconvenientes que arguyã a bõdade de *Deos*: hũu ser criador de cousas vans e sem fructo: outro ficava injusto, pois nam tinha parte em que executar sua justiça, ou misericordia, segũdo o que cada hũa das almas cá nesta vida mereçer. Per ventura averãa o galardam\* de suas obras em os bens temporaes? Nam paga *Deos* ao espiritu com o temporal, nem ao corpo com o espiritual (Leyxo a sua glorificaçam que ée outra materia). Assy eu, por ser espiritu enlevado na cõtẽplaçã e obediência de *Deos*: nã respõderey materialmẽte, mas farey o teu relógio do meu genero.

O que razã nã rege: mal se pode governar.

Bernardus de. xii.  
Gradibus Humilitatis.

/38r/ Bem como tu viste em a republica d alma (em *que* falamos) que as prinçipaes partes della eras tu e o Intendimẽto: assi em este espiritual relógio, ambos soes as rodas de mayor conta, *que* moveis as de menos pontos. Eu som o peso *que* forço a todas, pera andardes per os numeros da roda das oras *que* ée a vida, repartida em *quatro* partes prinçipaes da idade: (nã falo na infãcia e decrépita\*, por serẽ prinçípio e fim do movimẽto della). Esta vida tẽ doze grãos, em que acaba sua perfecta revoluçã. O martelo ée a tençã, o qual por mais que eu tire e forçe, se algũua de vós estiver destemperada cõ a ferrugẽ de taes mercadorias como trouxestes, sempre faz a campa das

obras mentirosa: e soa ante *Deos* pera vossa condenaçam. E a experiencia desta verdadeira semelhança, podes contemplar em a presente prática, pois vees cõ quanta força trabalho de vos mover dessas tres heresias, *que* em toda orelha soam tã aspera e estranhamẽte, *que* o mesmo demonio que tas inventou, estando em o oraculo de Apolo o nã poder sofrer a Polybetes: *que* tinha o teu<sup>30</sup> mesmo error, e respõdeo lhe estas palavras. A alma em quanto estãa retida em o carcere do corpo, sentindo corruptas paixões, dáa logar aas mortaes dores: mas tanto que o corpo ée corrompido e ella acha liberdade, ée levada ao céuo, onde estãa eternalmẽte sem pena: porque assy o despos

Latátius. li. vii Divinorũ Institutionum.

/38v/ a divina providência. Ves aqui o que o demonio descobrio da immortalidade d alma: vejamos o que disseram os seus secaçes\*. Conta Laertio que Tales Millesyo foy o primeiro que disse: as almas serem immortaes. E Phocylides o aprova nestas palavras. A alma ée immortal, e vive perpetuamente sem envelheçer. Isto sentia Ovidio quando disse. Deu o fabricador de totalas cousas, ao homẽ, rostro alto e mandou lhe contemplar o céuo: nam o fez como os outros animaes cõ elle derribado, curvo e posto na terra. E mais adiante diz: as almas careçẽ de morte. E no livro chamado Dos Tristes o torna cõfirmar dizẽdo. Algũua cousa temos mortal, eçepo os bens d alma e do ingenho. E Manilio pergũtando o afirma: Algũua dúvida áa hy, que dentro em nosso peito abita *Deos*, e que as almas vêm dos céuos e lá tornam? Seneca nam em hũua mas em muitas partes afirma e diz: alem da morte áa hi vida. Tullio faz esta comparaçam. Bem como *Deos* eterno dalgũua parte move o mundo mortal, assy o ânimo sempiterno\* move o fraco corpo. E no livro das Tosculanas. O ânimo humano ée tirado da mente divina: e se isto ée liçito, com nenhũa outra cousa se pode comparar, se nam com esse mesmo *Deos*. E no De Amiciçia se declara mais, dizendo em pessoa de Lelio. Nem consinto com

Laertius de Vita Philosophorum. Phocilides.

Ovidius. li. i. Metamorphoseos.

Manillius. li. iiiii.

Seneca l. Thieste. Cicero. li. vii. De Republica.

Idem. li. Ultimo Questionũ.

Idem l. primo De Amicia.

/39r/ aquelles que pouco áa começaram dizer: juntamente com os corpos pereçerem as almas. Parece te que se ouvira a tua

<sup>30</sup> tinha o teu] C, A, B, H e RJ tinha a teu.

Salustus in Catelinario e Jugurtino.

opiniam que te fizera outras Philipicas, que lhe custaram menos que as de Antonio? Salustio seu compitidor que tanto o louva em o Catelinario, com que entra nelle? O ânimo temos comũ com Deos, e o corpo com os brutos. E no Jugurtino? O ânimo ée hũa guia e governador dos mortaes: a fermosura, as grandes riquezas e força corporal, cõ totalas outras cousas desta calidade em breve desfaleçem: mas per o contrayro as nobres forças do ingenho, assi como a alma sam immortaes. Finalmête os bês do corpo e da fortuna, qual ée seu prinçípio tal ée seu fim: tudo começa, tudo envelheçe, e tudo acaba. Pero o ânimo incorrupto e sempiterno\* governador do genero humano, governa e êtêde totalas cousas, e nenhũa a elle. Vées aqui a immortalidade e exçelência d alma, provada per tantas razões naturaes e semelhanças exemplares: agora *per* autoridades *de* poetas, oradores e philosophos, estes sómente tomãdo por testemunho de tua ignorãça. Se quiseres beber mais da fonte da philosophia<sup>31</sup> por nam andares levantando muyta caça: vay te a Platam, que falou tam altamente desta immortalidade: que custou a vida a Catam e a outros muitos que o seguiram neste genero

/39v/ de morrer.

**Vontade.** Eu estou ja tam cansada de te ouvir, que por tomar conclusam leyxo poetas, oradores, e philosophos que têm o contrayro desses, e quero ver o que respondes a este em que a religiam christaã tanto estriba: porque respondido elle, dou os outros por condenados. Que sentia Salamam d alma, quando disse: Hũu mesmo fim ée o do homẽ e o dos brutos? E mais a diãte diz. Isto me parece bẽ: que cada hũ coma e beba e logre o prazer de seu trabalho.

**Razam.** Dize, quando o sol estáa em sua verdadeyra luz, claro e limpo de todolos vapores e grosuras da terra, terás tâta força na vista *que* a possas entesar nelle, como ã *qualquer* outra parte da terra?

**Võtade.** Nam.

Ecclisiastes. iii. ca.

Ecclisiastes. v. ca.

---

<sup>31</sup> philosophia] C, A, B, H e RJ philosophia.

**Razam.** Que o causa?

**Võtade.** Será per aquella regra de Aristoteles: que a força de qualquer cousa sensível corrompe o sentido.

Aristoteles in iii. De Anima.

**Razã.** Nam diz mais que a força de qualquer cousa inteligível, dá perfeição ao Intendimento?

Ibidem.

**Võtade.** Sy: a que proposito do que eu pergũto?

**Razam.** Espera, per essa auctoridade concedes, que a causa de nam soffreres a luz do sol, nã ée defecto delle, mas dos teus olhos? Salamam quando essas cousas disse, com dous olhos quis ver o sol da justiça: hũu do intendimẽto corporal que lhe fez duvidar o que tu duvidas, outro da Razam espirital que lhe fez dizer as seguintes palavras. Que tem mais o sabedor que

/40r/ o sandeu\*? Nem que mais o riquo, se nã ir ter onde estáa a vida? E mais adiante, Milhor ée ir a casa do choro *que* do convite. Em as quaes palavras reprova o comer e beber que ante dissera. As primeiras, eram por parte da tua carne que tem muy fraca vista: pero cõ as segundas que lhe descobrio a divina luz deu perfeçam ao intendimento e desatou totalas çeguidades *que* çegã a ty e a outros infernaes ignorãtes. Quis Salamam represẽtar em estas dúvidas, a ty e a mÿ: as *quaes* forã ja causa e laço em que muitos perversos cairam, çegos n alma e muy previstos em as cousas do corpo: como tu ao presente fazes, auctorizãdo as cõ os trabalhos e pirigos (que disseste) todo genero humano sofrer polas delectações e saude da carne. Se bem oulhares a tençam daquelles *que* têm verdadeiro conhecimento de sy mesmo, acharás que o fazẽ por respecto da vida que ée imagẽ d alma, movedor de todos os membros e sentidos, a fim de buscar o neçessario pera se manter e nã delectar. E os trabalhos que este corpo passa, nam cuides que marteriza, a sy, por sy: mas por glorificar a alma em mayor gloria da que tem nesta vida: como se podia ver per exemplo de muytos *que* desprezarã a vida por causa d alma: os quaes exemplos leixo ao Tempo teu companheiro que os vio e experimentou: porque delle os receberás com mayor

Ecclesiastes. vii. ca.

/40v/ crédito que de m̃y.

**Tempo.** Segũdo o que cá diz a Vontade e Intendimento: ja conçederom<sup>32</sup> ser a alma immortal, por verem ser o homẽ a mais exçelẽte criatura que a natureza criou: pero quãto aos trabalhos e martirios que passam, nam ée por glorificar alma em gloria, mas em fama antre os vivos: pois ée çerto que nenhũ humano pode multiplicar em mereçimẽto as cousas divinas como ée a alma, ou diminui llas do *que* naturalmẽte tẽ.

**Dos tres grãos em que a obra vay dividida, aqui feneçe o primeiro e entra o segũdo: que trata da pena e gloria.**

**Razam.** Dou graças aquella eternal luz que descobre totalas ignoranças, pois ja o primeiro laço e de mayor dureza em vosso intendimento ée desfecto: e assy espero que com vossa disposiçam desate todos os outros, *pera* de todo sairdes da prisam e trevas de Satanas. E quanto a este, em que duvidas pena e gloria, e dizes que os passados mais marterizavã o corpo por fama que pola gloria d alma: eu te conçedo poder isso ser em algũs, assi como Catam, Cleopatra, e outros que mais mostraram com suas mortes estimar a fama e temor dos imigos que a gloria da alma (posto que sabiam ser ella immortal). Mas que dirás a quãto povo o fazia e faz agora tã geralmẽte per toda

/41r/ Asia e Africa, õde a idolatria tem algũu assento, que assi vam todos offereçer as vidas a qualquer genero de morte, como a tomar hũu alegre convite? Isto nam com lembrança *que* am de leixar de ser (porque contradiz a toda natureza), mas pareçendo lhe que espedida a alma da carne, fica livre de todos trabalhos e tromentos *que* nella reçebe: e vay acõpanhar as almas daquelles, per cujo respecto se offereçeram, ao fogo, ao ferro, e a outros mil generos de morte *que* lhe o demonio invẽtou. Esta ée a imaginaçã *que* entra em a alma de hũu danado, pareçer lhe *que* saido do corpo, acaba totalas miserias e desavẽturas *que* o chegarã aquelle estado: prometẽdo lhe o guiador desta infernal obra, descãso perpẽtuo no outro mũdo,

---

<sup>32</sup> conçederom] A conçederam, (*manuscrito*).

isento das corporaes penas e tã cõtrairos açidêtes como a vida tẽ. Vées aqui os enganos do demonio, e *quantas* vezes argumêta cõtra sy: aos herejes tira a fêe da immortalidade d alma, e aos desesperados promete a gloria se leixarẽ o corpo. E *quando* vée nã poder substãtar tã falso argumento como vós outros fazeyz, por ser cõtra a natureza da humanidade, duvida na pena e gloria. Dize se esta nã ouvera, *pera que* açceptavã os marteris de Cristo tantas mil invenções e novidades de morte, como dos tiranos reçoberam? Quem os delectava no martirio? Satanas nam: que este somente esforça té lâçar o baraçõ\* na

/41v/ garganta. Nũca sosteve alguem sobre as palmas *pera* se delectar em a pena, como a caridade de Cristo fazia aos seus martires: sostẽdo a vida de muitos em o martirio, tantos dias, quãtos eram os mẽbros que lhe tiravam, ora cõ fogo, ora cõ fero, trespassando os *de* frio a quẽte por os mais atormentar em estes extremos. Pero o fogo de sua fe, e os çeos abertos de Estevam e doutros *que* assi foram consolados, os fazia nam estarẽ em sy *pera* sentir, mas em *Deos* que amavam. Isto nam somẽte em os homens que tẽ ânimo duro e esforçado *pera* sofrer: mas que dirás a tantas mil virgens delicadas em as forças corporaes, *que* com as do ânimo se offereçeram ao martirio mais animosas *que* Hercules, mais alegres que Muçio, mais cõstantes que Régulo: desprezãdo o corpo como vil carga que as impedia ãtrar com os mereçimẽtos de sua vida, em este regno a *que* vós outros vindes, cõ soberba tresdobrada de malinas opiniões.

Acta Apostolorum. vii. ca.

**Vontade.** Nam ée tam leve cousa que logo se possa reçober cõ tuas palavras, aver hi pena e gloria: mais efficácia *de* razões naturaes, auctorizadas *per* divinos barões, requere caso de tanta<sup>33</sup> importancia. Tu porque és medrosa e fraca no açceptar as cousas de grãde impresa, (como as mercadorias *que* te mostro) nam duvido que creas o que amoestas: ca sendo eu de menos idade tive essa opiniam, por causa

---

<sup>33</sup> tanta] C, A, B, H e RJ tâto.

/42r/ do temor que tinha das fabulas do ãferno. Mas agora com as cans\* *perdi* o temor e naçerã me estas tres dúvidas. Se alma era immortal, se áa pena e gloria, quẽ tem a verdade do *que se* deve crer de *Deos* e de suas obras: Gẽtios, Judeus, Cristãos, ou mouros? E esta derradeira (a meu ver) tẽ piores nãos *pera* desatar *que* os de Alexãdre.

**Razam.** Pera isso trago comigo a verdade *que* corta mais que a espada de Alexãdre: pera me nã deter em desatar laços infernaes, mas deçepa los em raiz. E nam me espãto tam tarde descobrires tua tençã, ca natural ée a quẽ confessa culpas, preambular primeiro: como musico que ante de cãtar apalpa o estromento pera saber com que tom entrarã. Assi vós outros quisestes tomar as consonãcias de minha tençam, murmurando indistintamente essas tres falsas vozes: que eu senti nas três partes *de* tua mercodoria, em o corpo, parecer, e cor cõ *que* as quiseste denotar. Pero pois entramos em a segunda dúvida, e da primeira estás satisfecto: quero primeiro saber de ty, se sabes as três languages de que se o Intendimento gabou.

**Võtade.** Sey as setenta e duas principaes, com quantos vasconços\* e barbarias áa no mũdo, quanto mais tres. Tal mercador como eu sam, pera fazer seu proveito totalas feiras corre. Queres que seja como algũus cobiçosos, que sem saber as languages estranhas

/42v/ van se offereçer aos pirigos da vida: e no tempo da negoçeaçam fazem o officio dos cachopos que querem tomar françelho\*. Açenam do mar cõ hũ pequeno *de* pano vermelho, ao outro que estáa na terra muy çafaro\* dos enganos e tráfeços de sua cobiça. Mas a que proposito perguntas se sey as languages pera as dúvidas que eu tenho.

**Razam.** Porque entendendo as, debes saber os preçeptos que cada naçam tem, per onde cuyda que se salva em sua ley.

**Vontade.** Em o prinçípio de nossa prática, tomey por fundamento que todo genero humano estava repartido em sacerdoçio e secular, que fazem alma e corpo da soçiedade humana: a qual fructifica em o mundo per obras de diversos generos. O sacerdoçio tem os preçeptos da ley escripta, como semente que lança no campo secular: estes levam a virtude na tençam,

donde vem que boa semente dáa máos fructos. Estas cousas por serem hũu prinçipal fundamento de meus negoçios, sempre as trago decoradas. Ca nam faria meu proveito aportádo em Tunez com a não carregada de vinhos, confessar em púbrico que os levava, porque os defende a ley. E quero te descobrir algũus segredos desta nossa negoçaçam, por saberes quanto mais proveitosos sam os meus que os teus preçeptos: e tam estimados de todos, que a mayor parte dos

/43r/ principes ecclesiasticos e seculares, mais se governa per elles que per os artigos da ley *que* tem. E sabes a causa? Por verem que o estado estáa no poder, e o poder no dinheiro, e o dinheiro no trato, e o trato na cobiça: que ée hũua perenal fonte donde todos los bens manam. Assy que como dizia, aportando em Tunez vou provido com muytas armas que secretamente tiro da Europa (por causa das escomunhões do papa). E com esta fama de armas el rey de Tunez ée o primeiro que ençeta\* os vinhos: lá tẽ sob terra suas abobodas, õde está mais venerados *que* a sanctidade das mesquitas. Os caçizes\* e prinçipaes alcaides\*, como sabẽ que el rey emçetou e tẽ ja sua parte: ée a presa tamanha ao mais que fica, que em duas noites (por honestidade) me despejã a não e eu encho a bolsa. As armas; mãda el rey lançar pelo povo, de que som bem pago por seu favor.

Prinçipes justos.

Da corrupçã do prinçipe:  
se corrõpẽ os subditos.

**Razam.** Folgo de ouvir o modo que tens em tuas materiaes mercadorias: pero quisera saber as espirituaes que cada naçam compra.

**Vontade.** Essas sam como mantimẽto que em toda terra se gasta, e toda ley açepta: sobre que debato eu contigo, ja te esqueçe o prinçipio de nossa contenda? Pois sabe que como o espirito move o corpo, assi a mercadoria material leva dentro em sy a espiritual, que a faz correr per toda a terra: mas por nam escandalizar meus

/43v/ fregueses, nam quero particularizar as inclinações de cada povo. Sabe hũua cousa, que em poucas casas entrarás, onde nam aches oratório desta nossa imaginaria: cõos grãdes milagres que por seus devotos fizeram, pera os animar como

as estátuas da via Flaminia em Roma. Aly verás o soberbo triumphar das vitorias que com gloria de fama em vida ganhou: e per derradeyro morre honrrosamente as punhaladas, com as pernas cubertas por ficar bem composta. A ipocresia sua erdeira, estáa com a cabeça chea de mitras\* e capelos\* que ganhou com o seu metido té os olhos. Da pedra que tinha por cabeçeyra (porque della nunca vio a escada de Jacob) converteo a em almofadas de veludo cremesim pera o estrado. E debayxo dos pées descalços sobpea\* as cabeças dos príncipes com hũa letra que diz: Super aspidem et baseliscũ. Avareza mata a sy mesma de fome em vida, por fartar tantos mil homens com sua morte: e sem desferrar a presa, apressa a cobiça que lâçe as náos ao mar. Mas elle com sanha da gula que o mata por pexes prezados, e da ira que o espanca com suas armadas, anda tam furioso e fora de sy, que dáa com tudo a traves. E ellas com muyto esforço, por mostrar seu poder e animar o exercito de seus secações\*, loguo em hũu instante se refazem tantas

Tiranos.

Ipocritas.

Genesis xxviii. ca.

Psalmus. I. Avaros.

Gulosos.

Irosos.

Luxuriosos.

Envejosos.

/44r/ vezes té que o cansam. Os milagres da Luxuria sam mayns universaes: porque aves, pexes brutos, a hũs ata, a outros liga a seus tempos, e aos humanos em todalas oras. E estáa tam appetitosa por seguir seu furor, que sobverte çidades, destrue regnos, derriba Troya, perde Espanha, se nam per aço, per brandura. Fia ouro, deffia olanda, faz camilhas\*, corta sedas, toma banhos veste martas\*, repousa de dia, vegia de noyte, pisa pivetes\*, compõem pastilhas: busca mais cheyros pera hũa conjunçam, do que foram planetas\* na de vinte quatro. Em fim, nam me quero deter como a Enveja se cria nas tetas, e ja creçida converte o siso alheo em sandiçe, o saber em ignorança, o esforço em convardia, e o branco em preto e o preto em branco: ca se ouvese de contar quantos milagres e transformações fazem os que disse e nam disse, faria outro Metamorphoseos de viçios como Ovidio fez de fabulas. E com todos estes milagres nam te posso converter a fée destes que taes obras fazem: e agora novamente descuydada de suas grandezas, perguntas se sey os preçeptos que cada hũu guarda em sua opiniam secta ou ley. Ja te disse a maneyra que pera isso tinha, por causa de minhas mercadorias: que queres tirar dhy?

**Razam.** Eu te direy: tu confesas que todos crem merecer per os

/44v/ preceptos de sua ley?

**Võtade.** Diguo que sy: ja isso parece de quẽ se nã pode tornar a carreira.

**Razam.** Esta pena e esta gloria que cada hũ tem se os quebrãta ou guarda, em que estáa? Nam tem o gentio campos Iliseos, o judeu mesias e terra de promissam, o mouro jardins e rios de mel e manteiga, e o Cristão paraiso em os céos? Nam sam estes os gualardões prometidos a cada hũ em sua ley?

**Vontade.** Ha, ha, ha, cór\* de rir me toma com essa graça ignorante que disseste. E a ty farteam inda agora coco, como a criança? Nam vees tu estas minhas cans\*, tam confiadas e seguras em as cousas do mundo? Cuydas que me espantam gadanhos\* pintados? Quero te desenganar delles: Sabe que tudo ée hũ estímulo pera os humanos se asoçarem bem, e se guardar o direyto comũ antrelles, como o natural antre as alimarias. E queres que repita esta verdade de longe? Acharás *que* na criaçam do primeyro homẽ, hũa só ley de obediência lhe deu *Deos*, dizêdo: De toda arvore do paraiso come, mas da arvore da çiençia do bẽ e mal nam comas. E que pena consegueria desobedeçêdo? Ve lla aqui. Porque em qualquer dia que delle comeres, morte morerás. As outras cousas que *Deos* disse depois que Adam pecou, foram maldições, quasi denũciações de sua vida e trabalhos *que* avia de ter. Esta foy a pena da culpa, esta foy a

Velhiçe obstinada.

Do hábito de pecar: naçe a incredulidade.

Genesis. ii. ca.

/45r/ ley, sem multiplicaçam de mais preçeptos. Hũu era o criador, hũu o legislador, hũa a ley. Nam esperou que viessem philosophos, Moses, Cristo, ou Mafamede cõ novos preçeptos pera as obras que elle fizera: ca fora injusto se leixara o mundo tantos mil annos sem ley, esperando outrem que a viesse dar. E nam hũua, mas muitas, multiplicadas com tãtos preçeptos tam differentes hũus dos out[r]os, como os legisladores que os deram. Desobedeçeo Adam, seguiram se os males do pecado, lançaram no daquelle logar delectoso pera sentir fome, sede, frio, quentura, trabalhos e infirmitades, e per derradeiro morte que ée mais espantosa e chea de dor que todalas cousas:

a que tu podes chamar purgatorio da culpa. E desemparada a carne fica na terra, e a alma torna-se a *Deos* com aquelles grãos de mereçimêto que de lá trouxe. Porque bem como no primeiro acto da vontade, os anjos poderam mereçer ou desmereçer: assy na obediência de Adam, este o mereçimento ou culpa de todo genero humano. E o seu pecado foy tã actual em todos, que ninguem pode mais pecar ou mereçer pera a gloria. Verdade ée que nam pecando, estivera naquelle logar delectoso sem pirigrinar cõ quãtos trabalhos lhe deu a culpa por pena: assi como aos anjos careçer da gloria *que* perderã. As outras vaidades de câpos Eliseos,

/45v/ terra de promissam, rios de mel e manteyga, e parayso como os christãos entêdem, com as penas a estes contrairas: sam espantos e temores d abusam\*, *que* os saçerdotes destas opiniões inventarã, *pera* enfrear o povo rustico e o trazerẽ a obediência de seus preçeptos. Aos quaes saçerdotes os poderosos da terra ouverã enveja, vendo que eram tã obedeçidos e adorados da outra gête. E por ja nam poderem tomar a parte d alma que era saçerdotal: tomarã a liberdade e os fructos dos trabalhos do corpo. Porque cõ titulo de cõservaçã da republica, entrarã mansa e begninamête: e de sy cõ a posse constituiram leis, ordenando tributos *pera* substêtar estado contra a natureza *que* a todos fez livres, e contra o exemplo de *Deos*: O *qual* como ora viste, deu a ley de obediência divina e nã humana: sem dar a Adã o senhorio dos outros homens que depois naçesem, (podendo os senharear como tronco que os gerara) sómente uso comũ dos<sup>34</sup> fructos da terra. Porque todolos elemêtos criara *pera* serẽ universalmente pessuidos como a luz do sol, *que* tãta parte *quis que* delle ouvese o servo, como o señor. Pero todos estes preçeptos naturaes se corrõperã, e o do sol ficou seguro, por estar ã parte õde os poderosos da terra nã chegã: ca se o tiveramos cá ã bayxo, ouvera novas cõtêdas antrelles sobre quem seria senhor da luz, *pera*

O interesse particular invêto os tributos universaes.

Tiranos.

---

<sup>34</sup> dos] *C, A, B, H e RJ* das.

/46r/ mais sobpear\* os subditos com suas leis e imposturas.

**Razã.** Nam cuidey...

**Intendimento.** Espera Razam que estou mais perto da Võtade, quero lhe responder, ca me tocou nas leys imperiaes: nam pareça que lhe som ingrato, poys dellas alcancey a mayor parte da fazenda e honrra que tenho: depouys que acabar responderás a teu proposito.

A furia nam espera razam.

**Võtade.** Mais quero ter essa prática contigo, sobre as leis, que com a Razã que nã segue algũas d agora. E ante que me respondas ao que disse, dize: Qual teve primeiro princípio, a ley, ou derecho da causa?

As leis am de seguir a razã e a razã nã as leis.

**Intendimento.** O direito da causa: porque as auções\* fizeram as leys.

**Vontade.** Errado andas. Da me a diffinçam da justiça que he madre da lei e verás teu engano.

**Intendimento.** Justiça ée hũa constante e perpétua vontade, que dáa a cada hũu o seu.

Justinianus De Justiça e Jure.

**Võtade.** Essa ée a escripta de Justiniano: e a praticada ao presente, sabes qual ée? Eu ta direy. Justiça ée hũa inconstante e mudavel vontade, que dáa o alheo a quem vigia com diligência e aderência. Pero tornando a tua, per ella te cõdenas, ab ordine litere que tem gram força açerca dos juristas. E mais, o que ée constante e perpétuo áa de ser substância, porque como diz Aristoteles: Impossibile ée ter algũa cousa ser, sem aquillo em que primeyro áa de estar. Que nos ensina nisto? *Que* depouys da substância podem vir os acçidentes.

Aristoteles In Predicamento Substancie.

/46v/ E mais abaixo se declara dizêdo: Toda cor estáa no corpo. Pois se a substância ée primeiro que os acçidentes, loguo primeiro princípio teve a ley *que* as auções\* que sam acçidentes. Porque quando hũ rouba a fazenda doutro, que ée acçidente: ja a ley tẽ constituido pena, que ée outro acçidête *que* se consegue ao primeiro.

Ibidem.

**Tẽpo.** Ambos soes companheiros, tã fracos na logica como em as leys: nã quero favorecer a hũ nem a outro. Porem tu Intêdimento *que* es escotista\*, vêe que o argumêto estáa em Barbara\*.

**Intêdimento.** Barbara\* nam entra em os paragraphos das leis, que as constituirã os bõs juizos, e nã a sophistaria do Tartareto. E que[r]les a razam do engano que tu Võtade regebes em teu argumento? Pela ley que alegaste que Deos posera ao homem, verás como lha constituyo com pena se a trespassase: Porque? Por ter auçam\* na arvore que plantara.

**Vontade.** Isso quanto a ley de Deos bem estáa, por ter ab eterno posse das cousas de sua criaçam: mas eu falo em a ley dos emperadores que sem plantar, sem idificar, sem ter cousa que lhe a natureza desse, atribuyem a si a possisam das terras que sam comũas aos homens, como o aar as aves, e agua aos pexes. E sobrestas debatem e contendem a custa de tantos trabalhos e vidas alheas: como se as suas vodas, que no fim desta comedia vam çelebradas,

/47r/ nam podessem ser, sem sacrificar ao deos Hymineu muyto sangue de vidas humanas.

**Intendimento.** Com a multiplicaçam<sup>35</sup> dos homens creçeo a cobiça: e por se conservarem antresy, constituiram ley, que o meu, nam fosse teu, nẽ o daquelle do outro.

**Tempo.** Bom serãa acodir a tal contenda, porque temo dardes armas a Razam com que vos depoyos vença: ca levemente se alcança vitoria contra os cansados em as guerras çeviis. Tu Vontade áa pedaço que debates, estás hũu pouco afrõtada: leixa me com este meu discipulo legista, lembrar lhe ey o que perdeo. Sabes tu Intendimẽto qual foy a cobiça que dividio as terras, e *que* primeyro achou este pronome Meu? O maleçioso poder, na minha primeyra\* idade quando tu em os homẽs tinhas fraco juizo. E este poder, vẽdo a simplicidade de tantos povos, atribuyo a sy, adoraçã, estado, senhorio, e posse: como se Deos criara o mũdo por sua particular causa. E onde a ley deste poder diz. Querendo assy o uso e as humanas neçessidades, as gentes antre sy cõstituiram ley: Aquelle uso, sabes como o áas de entender? Querendo a poderosa força, as gẽtes obedecerã

Muito regna a posse onde acha simpleza.

---

<sup>35</sup> multiplicaçam] multidicaçam em C, B e H; multiplicaçam em A (manuscrito) e Rf (correção manuscrita transformando o círculo da letra 'd' em 'p' e o traço vertical em 'l').

a sua ley. Cuydas *que* foy nesta constituiçã, Plebiscita, et *et caelera*? Sómente principũ placita, E sabes quẽ confirma esta verdade? Justino que foy ante de Justiniano, dizẽdo: *que* ante da ley escripta

Justinianus De Jure Ciuili.  
Justinus in li. i.

/47v/ a vontade dos principes era tida por ley. E se este poder cobiçoso, tivera tanta capacidade quanto desejo tinha pera em si reter todalas possisões particulares, nũca desistira da possa delas: e quando mais nam pode, chamou se cabeça do povo por levar as natas de seus fructos. Donde se causaram servidões, cativerios, tributos e todalas outras cousas ao direito natural contrairas: multiplicando as leis com a posse. Porque nas muytas está muyta execuçã de penas, e misericordia de as perdoar: que ée todo seu estado. E entã vós outros *que* vos prezaes de juristas trazeis ã proverbio: Mais sam os casos *que* as leis, como se ellas nã multiplicassem os casos: e os casos nam a ellas. Queres disso a experiẽcia? Nunca se fez ley pera evitar hũu dano que nam fosse a serpente Idra: onde se corta hũa cabeça, aly naçem sete. A maliçia humana áa d arrebẽtar per algũa parte: solda o que quiseres, porque quãto mais leis mais doctrina pera erros. Donde o Italiano tirou este proverbio. Facta la lege, pensata la maliçia. Nam te parece que toda Asia e Africa se governam sem cautellas de Cepola jurista? Nam fora melhor estarem no seu pecto, que as poeer em termos e arte que todos as possam aprender? Se elle foy cauteloso, logo queres que as suas cautellas aproveitem e nam danem? As cousas postas em arte *pera* industria ou engano

A cobiça: disto so ée liberal: das cousas *que* nam pode possuir.

A posse ée raynha dos tributos.

Onde está o uso das cousas ali mais viva a maliçia dellas.

/48r/ cõtra partes, logo sam tam danosas ao mestre como ao discipulo. E isto entẽdia Ovidio de sy quãdo disse. Ó mesquinho, muytas cousas temo que malfiz, e eu mesmo som atormentado cõ temor de meu exẽplo. Cree a experiẽcia de minha idade, *que* tẽ visto todolos máos exẽplos sairẽ das boas leis: *quanto* mais das cõtrairas. Ellas sã no mũdo como a mediçina: õde se menos usa, aly mais saude, menos leis menos legistas, menos legistas menos *demãdas*, menos *demãdas*, maior paz.

Ovidius De Sine Titulo.  
li.i.

**Intendimento.** Pois como as favoreçes tâto, e mas ensinaste, dizẽdo: que depois da obediẽcia de *Deos*, a nenhũa cousa os

homens eram tam obrigados, como aa ley do príncipe da terra por ter suas vezes?

**Têpo.** Bẽ sabes que tenho a tẽda aberta a quem me vem requerer: todos me buscam e eu nam alguẽ, e igualmente a todos ensino o que me pedem. Quiseste leis dizendo: que regnava mais este humor\* de cobiça que causava infirmitades litigiosas, que destemperãça dos ares pera corromper complexões\*, ensinei te as imperiaes, mas nam a justiça: porque nam estãa na letra, por ser propio dom da alma de cada hũu. O esgremidor dáa coraçam ao discipulo? Nam: mas ensina lhe talhos e amparos pera se defender e offender. Assi eu, ensino montantes pera esgremir com o mũdo: e por serem preçeptos (como ja disse) todos o sabem. Onde fica loguo

Pouco val a diligẽcia onde desfaleçe ventura.

/48v/ a vitoria? Na vẽtura e diligẽçia de cada hũu. Assi a justiça, nã estãa no esgremir de Cepola nẽ no sit in quãto da prática Papiẽse: mas na breve execuçã da ley justa, ministrada *per* justo.

**Intendimento.** A primeira liçã das leis *que* me tu deste, foy, *que* aa magestade imperial cõvinha: ser defendida *per* leis e afermosentada *per* armas. Nã ée muyto folgarẽ todos de as cõpoer, pois ée em *defensam* e favor do príncipe cujos subditos sam: e o *que* elle muitas vezes perde em o negõçio das armas, cobra em o trato das leis.

O viçioso: *que* lhe tenha odio sempre tẽ acatamẽto a razã.

**Têpo.** Eu nã travey cõtiguu, *pera* mais, *que* *pera* te declarar o princípio *que* teve a constituicã da lei aprovãdo as poucas e justas por serẽ mais leves e suaves de sofrer. Pero, pois estamos ante a Razã, *de* quẽ eu ja reçoibo algũu pejo pela gravidade de sua pesoa e boa opiniam *que* de mỹ tem: nam me quero mostra[r] tam parçial cõtigo em este negõçio, como em o que té gora debatemos. Nã perco por algũa estreita amizade o natural de minha condiçam: favoreçer as cousas que mais força e comũ cõsentimento tem. E isto causarãa perder da jornada hũu pouco, por ganhares repetiçam do *que* me já ouvirias e te vay esqueçendo. Nã quero *que* digas *quando* te em outra tal achares, que fuy escaso em a doctrina: em logar da qual toma esta pintura, nã decores poeticos, mas da experiençia da minha idade *que* sabe mais *que* Appeles.

/49r/ Áa hy hũs pintores que se delectã em pintar nũus, outros têm mais gosto em o trapo: outros nam se lembram de sy por payjages que sam mais contemplativas. E outros leixam estas tres partes, e tomã a do romano. Cada hũ segue e obra o natural de sua cõdiçã e ingenho: hũs imitãdo a natureza e outros a fãtesia sem ordẽ. Porque os nuus, se sã perfectos, guardã regra de medida, cõta, e proporçã. A payjagẽ, tẽ prespectiva e natural. Trapo, sã algũa ley destas, nam faz mais *que* cobrir, dobrar, e pregar. Romano, segue mõstros, *que* nã sã hũa cousa nẽ outra: toda sua tençã ée encher a parte onde se pinta. Assi os príncipes da terra, cõ estes quatro generos de pintura pintã o retavolo de sua vida. Hũs *querẽ* leis e armas de *que* se louvou Justiniano (em *que* falaste), outros estado e fazenda, outros tudo e nã fazẽ cousa algũa. Os *que* pintã nuus, sam dados ao culto divino e aa veneraçã do saçerdoço: *que* segue a imagẽ da verdade, nuua sã mágua ou torpeza que encobrir. Os amadores do direito, pintam a payjagem das leis: *que* por serẽ parte muy auctiva aam sempre de andar em o campo da execuçam. Os que desejam estado, seguem o trapo: todo seu saber estãa, em armas sobre armas, dobra sobre prega, escureçer a outrem, por fazer asy claro: Estes nan tẽ çerta regra, obrã pelos accidẽtes conformãdo se<sup>36</sup> as vezes com o nuu, e pela mayor

Obras justas.

Opiniões viçiosas.

O entender em tudo faz nã entender em algũa cousa.

/49v/ parte com o appetite e fantasia. A fazenda, pinta romano: começa em homẽ acaba em peixe, tem bico d aguia, corpo de liam, ata os pees, põem asas nas mãos, e com esta variaçam nunca tem çerta ley.

**Intendimento.** E os príncipes que com essas quatro partes pintarẽ sua vida, achas tu que se poderã intitular, senhores de tantas provinçias como fez Justiniano quando recupilou as leys antigas?

**Tempo.** Os que governarem com justiça (nam fallo sómente na judicial, mas na distributiva). Tu cuydas que a magestade do príncipe estãa em muyto prender? A mayor parte estãa no soltar, em sazam e como deve, e a quem deve. Leve o sy, quẽ o

Da justiça d alma: proçede a execuçam das obras.

---

<sup>36</sup> conformando se] *Falta em B (rasgão no papel).*

Diogenes De Vita  
Philosophorum.

Aristoteles in .x.  
Ethicorum.

Seneca De Seniis  
Oratorum.

ganhou, e o nam, quem o merece: porque o príncipe que nam trocar esta ley que tem no peito, espere religiã das que possen na letra. E as que assy forem justificadas, acharam justos pera as obedecer, e justos *pera* as ministrar. Como dizia Solon, perguntado que tal avia de ser o governador da repubrica, respodeo: O que se rectificar a sy primeyro que o povo: ca doutra maneyra, serãa como aquelle que quer indereitar a sombra da vara torta. E nisto o ajuda Aristoteles dizêdo: Mais nos movem exemplos que palavras. As quaes, ainda que sejam justas, ée o que ensina Seneca: O máo auctor faz a obra torpe. Nam *aa de* seguir o legislador o que pode, mas o que poderá sofrer<sup>37</sup>

/50r/ o povo. Sempre o oleo foy mais aceptor do paçiete que a lançeta\*: ca muytas vezes por amezinhar, a volta de hũa onça de máo sangue, se tiram tres da vida. Poucos medicos se sangrã nas suas infirmitades: e nas vidas alheas sam muy soltos em obrar.

**Inttendimento.** Logo serãa neçessario, se quisermos constetuir novas leis que desenterremos hũu Solon, ou Licurgo laçedemonio\*?

**Têpo.** Eu nã te gabo os invẽtores das leys, mas aquelles que foram justos nellas. E sabes quanto o foy esse Licurgo? Que disse o oraculo de Apollo entrãdo elle no seu templo: Ó Licurgo, eu duvido quem diga que ées, se homẽ, se *Deos*. Estes e outros *que* per seu justo viver, o mũdo teve delles tal opiniam: tiveram mais partes de doctrina pera cõpoer e ordenar leys, do que Victruvio dáa ao archetector. Que *aa* mister\* o bom archetector pera nã mudar, ora a porta, ora a escada, ora a janela? (Segundo Victruvio) *quer que* seja debuxador, geomatra, prespectivo, arismethico, lido, philosopho, musico, medico, legista, e astrologo. E o legislador por a cada momento nã tirar hũas e acreçetar outras, (sinal *de* pouca cõsideraçã em as cõstituir) todas estas partes lhe cõvẽ cõ *que* fará o corpo da ley. A *qual* pera ter espirito *de* viva, cõvẽ lhe ser honesta, justa,

Xenophon De Republica.

Victruvius. li. i. ca. i.

As obras universais  
universal actor  
requerem.

---

<sup>37</sup> sofrer] falta em B (rasgão no papel).

possivel, proveitosa, cōveniēte, executiva ã logar e sazã. E as taes leyes, cōpostas de corpo e alma

/50v/ per quẽ tever estas duas partes, vã tam previstas dos constituidores e inspiradas de graça divina: *que* sam recebidas cõ amor, e guardadas cõ temor, per çentenaz de muytos ãnos. Nã te pareça que se podem mudar como moeda, *que* cada prinçipe faz hũa por memoria de seu estado: porque o ouro como na primeira fundiçã ficou nos quilates de sua pureza (dado *que* receba diversos crunhos\*) sempre estãa na primeira ley, salvo se nelle ãtra algũa liga doutro contrairo metal, ca esta corrõpe toda a fee e estima da moeda. E nam basta terem as leys a justa tençam do prinçipe, mas ainda am de ser dadas com grande auctoridade dos promulgadores: por ser a mais prinçipal causa de sua veneraçam. Exemplo temos desta verdade em muytos que deram leys: os quaes buscaram modo com *que* fosse melhor açeptadas. Assy como Moses, que esteve primeiro em o monte Sinay corenta dias, ardendo o monte em fogos com terremoto que dava admiraçam a todo povo. Solon quando deu as suas aos Atheniẽses, tambem buscou cautelas pera serem bem recebidas: fingindo que lhas dictava Apollo. Minos rey de Creta, que as recebia de Jupiter. Numa Pompilio rey dos Romãos, da nimpha Egeria, Sartorio as da guerra per a çerva de Diana. Mafamede, pela pomba do espirito sancto. Todos buscaram mo-

Quando alma ée corrupta todas as obras sam do seu genero.

/51r/dos e arte pera darem veneraçã divina aas suas leys humanas: e os que nam seguiram cautellas confiando na verdade da ley, pouca fée alcançaram antre os povos. Joane Batista se levara outro caminho e nam entrara dizendo. Fazey penitẽcia, per ventura nam perdera a cabeça. Cristo tambem quis seguir esta penitẽcia e reprender viçios: e sendo justo e perfectissimo em vida, logo zombaram delle dizendo: Bem donde veo a este sapiencia e virtude? Nam ée elle filho de hũ carpinteyro, nam chamã a sua madre Maria? Aas quaes murmurações Jesu disse esta sentença universal: Nam áa propheta sem honrra se nam em a sua patria. Como baram sapientissimo, que sabia estar a estimaçam das cousas do

Mathei. iii. ca.

Mathei. xiiii. c.

mundo no careçer dellas, e o careçer na fraqueza do ânimo, e o ânimo, no desprezo de as pessuir: mas quem nam tem este ânimo, tem natural secura do alheo e fastio do seu. Donde vem, que o Nilo deseja o ouro do Tejo, o Tejo as moliçias\* do Gange, o Gange os çirnes\* do Meandro, e elle os papagayos do ryo Real. Estam tam trocados os desejos humanos, que a mezinha que a natureza proveo e deũ a cada hũu em sua propia terra (dado que lhe posa dar mais preste saude) nam ée tanto estimada como as outras que vieram de çem mil legoas: nem o oraculo e sancto que estãa no tẽplo

/51v/ de sua çidade, ouve tã begninamẽte as prezes dos seus naturaes como dos estrãgeyros. Dõde os legisladores que ora disse (dado que em seus negoçios e vida, tivesem fee de perfectos antre os seus subditos) quizeram per arte prover a esta infirmitade geral. Ora se estes tam aprovados, nam confiavam de sy o crédito de tanto peso como sam leis, e buscavam modos de religiam pera serem reçevidas, como lançam os príncipes o seu bom e justo proposito, em vasos que embebem em sy grande parte de sua veneraçam? Sabes que se causa daqui? O que vemos que algũus movem contra os conçilios da igreja Romana, dizendo: que o espirito sancto nam pode falar per boca de pecadores e de vida infame. Assi as leys *que* no conçílio de temporaes homens sam compostas: venho eu com outros conçilios que as reprovo. Pero as justas menistradas per justos e aprovados barões, sam tam neçessarias e tam proveytosas, que em todalas partes e em todolas idades de minha vida, todolos homens as reçebem. Muytas cousas sam inventadas pera o uso dos mortaes, assy como as obras da lavrança do campo e as machanichas que ajudam a estas: as quaes depois que foram achadas, por serem tã príncipaes e neçessarias, eu as sostive e retive na memoria universal de todos, com tanto lou-

A verdade ée eterna e o interesse pereçe.

/52r/vor de seus inventores, que ãtre gentios sam adorados por deoses. E destruí muitas leys, armas trajos; usos, e falas que se agora nã costumam: por serem cousas acçidentaes e de pouca conta.

Aos acçidẽtes cõ outros pereçẽ.

**Intêndimêto.** Costuman se logo outras de mayor políçia como se pode ver em todallas artes, ca differentes sam as obras d agora aas antigas: as quaes bem consiradas\*, mayor ée a magestade que lhe tu dás que a sua perfeçam. Porque assy como tu dizes, reçoberen se com mays veneraçam as cousas estranhas em distância de logar: assy tem mayor magestade em distância de tempo. Certo ée que se Homero andara agora cantádo de casa em casa os trabalhos de Ulises, como elle fazia per toda Greçia: seria mais impurtuno e preluxo, que os çegos que cantam os trabalhos da vida de Christo per toda Europa. Se bem philosopharmos a verdade, leyxando a propia liguagem destes Homeros e Virgílios em que os presentes gastam a mayor parte da vida: quanto a invençam e ordem das obras cheas de naturaes e moraes preçeptos, tam liberalmente se áa a natureza com os presentes como se ouve com os passados. Pero desfaleçem Miçenas de que se ja queyxava Juvenal: porque Satur est Horattus, et *et caetera*. Isto trago por exemplo de totalas outras cousas: Sejam armas, sejam letras,

A estima das cousas estáa no careçer delas.

Juvenalis. vii. sa.

/52v/ dá me azo\* e favor dar te ey o *que* nunca viste. Mas em lugar de louvor, áa hy vituperio e zombaria, por galardam\*, pena e desprezo, e por honrra infamia e inhabilidade: Que parte pode ficar pera que os homêns obrem algũ bom proposito? Eu nã sinto outra se nam a que diz Juvenal: Indignaçam, a qual muytas vezes custa mays caro aos indinadores que aos indinados, de que tu es bõa testemunha.

A ingravidam deçepea os bõs ingenhos.

Os máos galardões: cõ penitência pagã sua culpa.

**Tempo.** Bem parece que te esforças em sangue de homem manço. Que podes tu fazer que ja nam fosse fecto: poys nam áa cousa nova *de*bayxo do sol? O que foy, isso ée, e seráa: nã áa cousa dicta que ja nã fosse dicta. Verdade ée *que* duas tenções levã a mayor parte das obras, proveito em vida, e fama na morte. Porque nam a hy tãta humildade *que* a doçura da gloria a nã toque. Quando se as armas vestem, se careçem da segũda tençam e levam a primeyra, podes dizer que este tal, assy toma a espada na mãam, como o carpinteiro a enxo\*: que ée estromento de sua mantêça. Os passados em as armas, em as letras em o regimento da republica, estas duas tenções levaram: por serem fundamento prinçipal *de* qualquer obra.

Ecclesiastes. ii. ca.

Terentius in Eunucho.

Valerius. li. viii.

Pero mais seguiam a segūda que a primeyra: ca sem Miçenas e sem outro galardam\* mais que gosto de bem obrar, nam perdoaram aos trabalhos do corpo e espirito. Este ardor de perpe-

A paciēcia ée madre da hōrra.

/53r/ tuar nome obrou tanto nelles, quāto esfria na mayor parte dos presentes: por nam terem a paciēcia, *que* as obras de immortal fama requerem. Cesar bem se podera contentar com hūu estado comū que erdou de seu padre: mas os altos pēsamētos de seu ânimo, passados com paciēcia per tātōs trabalhos e perigos da vida lhe deram a monarchia. E Tullio nam orou tantas vezes no senado, pera se manter pella enxo\* de sua lingua como machanico: mas por se esclareçer tanto, que sendo homē de pouca sorte foy chamado pay da patria. E por muyto que favoreçeo a republica, os negoçios da qual lhe davam azo\* pera constituyçam de leis, por ter experiēcia das grandes disensōes\* que as muytas em Roma causavam, em *quantos* tratados fez hū só intitulou dellas: mais em genero moral que contēçioso. Nem acharás em totalas suas oraçōes este verbo, paraphear\* que vós outros novos juristas com vossos paragraphos litigiosos destes em o mundo. E sendo tam impropio nesta linguagem, fica ja mais natural que gorgear, o qual trouxe algū françes aa terra: como chatinar\* que agora ée novamente descuberto. Estas sam as cousas e acçidentes que eu mudo cada ora: tam levemente, como as leis que caregem das partes substāciaes *que* disse. E sabes *que* o causa? Entēder eu nã serem proveytosas,

/53v/ as universaes que cōstituyo o direyto comūu dirivadas do divino, estas sam tam neçessarias pera manter a alma, como o arado e enxada pera governar o corpo. E daqui vem, estarem sempre estas em sua força, por terē seu fim na cōservaçam da republica: e as outras que buscam jurdiçam e senhorio interesal, sam na mãam do príncipe, como em a lingua do avogado, *que* busca salario per ellas. E por este negóçio ser mais de mercadoria *que* de justiça: alevantam e abaixam a minha vōtade e nam do primeiro constituidor.

**Razam.** Asaz injustiça seria pois te mostras tam justo, e o

Intendimêto estáã tã rrendido, queres ir mais avãte per essa materia: ficando ja tã longe a que a Võtade moveo, que casi se perde de vista. Leixa nos ambos tornar a nosso proposito, pois te fica logar pera justificares as leis humanas.

**Vontade.** Eu cuidey que estavas ja tã rendida, que podia triũfar de tua perfia.

**Razã.** Tu cuidavas isso, e eu nam cuidey que avia opiniã mais pera rir que a de Pytagoras: e tu novamête tiraste agora do inferno, hũ monstro de tres cabeças mais espãtoso, que o que de lá trouxe Hercules. E porque de todo nam corrõpa a terra com sua maliçia: cõ a propia maça de Hercules que foy da minha razam, quebrantarey suas cabeças. E ante que contigo mais proçeda ã prática, de duas ás de fazer hũa: receber

/54r/ o testamento velho em todo, ou nam te aproveytes delle em algũa cousa. Tu queres fazer da sagrada escriptura hũa palmeyra, que te dee doçe, azedo, e quanto ouveres mister\*. Porque nam tomaste a criaçam do mundo, e reparaçam do genero mortal depois do diluvio, segũdo cõta Ovidio?

**Vontade.** Por me parecer fabulosa: E a de Moses mostra mais verdade.

**Razam.** Conçedes quanto Moses escreveo?

**Vontade.** Na criaçam do mundo sy: mas tu nã me venhas com alegorias sómente com o sentido da letra, e razam natural se a teveres.

**Razam.** Assy seja, per as tuas propias actoridades que conçe-deste, quero seguir meu caminho. Diseste que bem como os anjos com o primeyro aucto de seu livre alvedrio\*, poderam mereçer e desmereçer: assy Adam em quem esteve todo o genero humano, com a sua culpa desmereçeo pera todos. E tomas daqui conclusam, que nam áa hy outro inferno pera os anjos, mais que careçer da gloria que perderam: e pera os homens, sentir os trabalhos da vida e apartamento d alma da carne. Tu usas ao modo dos musicos sotiis, ãtre duas consonançias verdadeyras metes hũa falsa: por a nam sentir o ouvido, e fazeres a ty mays doçe harmonia. As proposições dos Anjos sam verdadeyras a do homem falsa: e quere lo entender?

/54v/ Depoys que *Deos* criou juntamēte os anjos, e hũs pecaram e outros se salvaram, çesou desta obra sem mais criar algũ: mas na criaçam do homem criou hũu só Adam o qual tinha duas partes, espirito e carne. Quanto a esta, foi Adam pay de todollos homens: e quanto ao espirito pay de si mesmo. Porque bem como o formento tem tãta força que corrompe a outra masa, e asaz fermentada: assy a humanidade deste primeyro Adam ficou tam leveda\* e corrompida per o pecado, que a todo genero humano abrangeo esta culpa original. Em quẽ? Em ser carne subjecta a todollos trabalhos da vida, té se converter no póo de que foy cõposta. Pero quanto a alma, por ser espirito que *Deos* novamente cria quando algũ corpo ée formado: por suas propias obras mereçe gloria ou pena, sem a culpa de Adam a fermētar como a carne. Somēte em todo o tempo que no corpo pousa, vive em tã contínua e crua guerra como tu comigo tens: (por estar o seu galardã\* no fim desta meliçia). E da maneyra que tu dizes fazes *Deos* injusto, poys as almas de todolos que am de naçer que estam e procedẽ da sua võtade, ja sam pecadores como a alma de Adam: e entrã no corpo sómente pera purgar a culpa doutrẽ. Se bem entenderas quãto nesta tua opiniam cõtrarias a bondade e justiça de *Deos*: eu creio nam

/55r/ seres tam irraçional, que ousaras de a imaginar, quãto mais defende lla. A carne que ée composta dos quatro elemētos, sem espiritualidade e semelhança com *Deos*: esta fica fermentada da primeyra culpa. Assy que podes ter esta raçional conclusam sem mais auctoridades: Os anjos por juntamente serem criados, no primeiro aucto do livre alvedrio\*, mereçeram o que açeptaram: delles pena, e delles gloria. Mas Adã, por ser hũ só homẽ e ter duas partes, corpo e alma, duas cousas cõseguia: incorrupçam da carne, e glorificaçã d alma. Desobedeçeo, seguiran se os contrayros: corrupçã do corpo, e guerra espiritual. E como isto ficou em os filhos de Adam, podes sentir per esta semelhãça: o rayo do sol ã quãto estáa em sy, ée puro sem algũa cor terrestre: mas entrãdo em algũa casa per hũa vidraça corada, por causa do aççidẽte, reçebe a sua luz a cor da mesma vidraça. Assy a alma de qualquer humano, ée hũu

espírito puro *que* procede de Deos per vontade e nam per modo de effecto (como os rrayos do sol): e entrando em o corpo, por ser fermentado da culpa original fica com os accidentes da guerra, pera cada hũa per sy mereçer ou desmereçer: (ca esta ée a justiça de *Deos*). E que no primeiro aucto de sua vôtade hũs anjos se salvasem, e outros cōdenasem, nam foy por culpa de hũ: mas por todolos condenados

/55v/ consentirem em desejo cō o primeiro que naquelle instante formou essa tua peça, pera seu dano e de todolos mortaes *que* depois vieram. Assi os filhos de Adã, as almas dos quaes *Deos* cria hũa e hũa: fica lhe mereçer *per* sy (como já disse), apenas por suas culpas, e a gloria, mediante a ley de *Deos*. E *pera* dar esta ley nã esperou *Deos* novos legisladores (como tu disseste) porque logo naquelle instante ficou a ley racional, pera se cada hũu salvar *per* ella: a *que* nós agora chamamos ley de natura. De sy chegou se *Deos* mais a nós, pera o melhor conhecermos<sup>38</sup>: e deu aos filhos de Israel a ley de escriptura. Veo Cristo (estormêto *per* quẽ *Deos* mais familiarmête se quis cumunicar a nós) e consumou hũa e a outra: dando a da graça, figurada nestas duas. E retardar *Deos* eterno esta consumaçam de ley, e fazer tres distincções della em diversos tẽpos: espiritualmente podes entender, que correspõdem a tres distintas pessoas da trindade que *per* o pecado de Adã foram offendidas. A ley de natura que foy de justiça, ao padre, a de escriptura que foy de temor, ao filho, a da graça *que* foy de amor, ao espírito sancto. E que a ley de *Deos* tenha estas distincções, e modo em o dar della, e differença das pessoas *per* que foy dada: todas acabavã em sua honrra e amor do proximo. E se Adam comprira a primeira nã foram necessarias as duas seguintes, mas perdẽdo

/56r/ a graça, ouve se *Deos* com elle ao modo que hũu pay muy piadoso tem cō algũ filho desobediẽte. Lança o fora de sua casa e favor por muytos tempos, polo atraher a penitẽcia do erro

---

<sup>38</sup> conhecermos] *C, A, B, H e RJ* conheceremos.

cometido: Pero sempre o amor do pay estáa na salvaçam do filho, ca elle mesmo se faz rogado dalgũs amigos e diz: Praz me de o recolher, com tâto que alem da obediência filial *que* deve e ja hũa vez quebrou, faça tal e tal preçepito, *pera* per elles satisfazer aa culpa passada e ao diante mereçer minha graça e herança. Assi Deos eterno padre do genero humano, offendido per Adam, mãdou ao anjo que o lãçasse daquelle logar delectoso em que fora criado: mas a piadade e misericordia divinal tam cõjũtos amigos a essencia de Deos, logo em aquelle instante que Adã pecou, começaram pedir que o nam cõdenase eternalmẽte, mas ouvesse algũa leve pena *pera* purgar tanta culpa. Conçedida esta merçe, pos condiçam, que guardasse os preçepitos *que* lhe fossem escriptos com o seu dedo: porque mediante elle e elles, poderia ser abilitado em sua herança. E em pena da primeira desobediência, mãdou *que* leixase na terra o corpo, instrumẽto com que tâtas offensas cometeo: té *que* venha o dia de sua ira. Todas estas cousas em soma, té vir ao mõte das bẽ aventuras disse na saude d alma: mas cõ a escuridade das tuas mercadorias, nã ves *que* te pode

/56v/ salvar. Andas com danados intendimentos prevertẽdo o juizo dos mortaes: reprovãdo as obras de *Deos que* ée justo e perfecto em todas, per comũ cõsentimẽto de gẽtios, judeus, cristãos e mouros, e do propio demonio que taes argumẽtos te ordena. Pero pois a razã natural e a da fe te nã satisfazẽ, sem auctoridade dos antigos investigadores desta gloria e pena *que* duvidas, vay te ao sexto do Virgilio que doutra cousa nã ée cheo: *que* eu nã ey *de* estar cantãdo todo los seus versos. E se deste só nã es contente: poys na boca de dous ou tres estáa a verdad[e], seja ao Metamorphoseos de Ovidio em o verso *que* diz. Est via decliuis, funesta nubila taxo. Ou a este de Tibullo. At scelerata iacet, sedes in nocte profunda. Ou a outro de Claudiano *que* começa. Est locus infaustis, quo conciliatur in unũ. *Que* dizes? *Queres que* alegue as mais per linguagẽ? Digamos esta de Catullo. Lá per o caminho tenebroso donde dizem que ninguem torna. Seneca na tragedia quarta pos nome a este logar dizendo. Nunca mais torna a este mundo aquelle *que* entrou nos infernos. E por saberes quẽ sam estes *que* lá

Deuteronomiũ. xx. ca.  
Ouidius. iiiii. Metha.  
Tibullus li. i. Elegia. iii.

Claudianus li. ii. Cõtra  
Rufinũ.

Catullus. Ode. ii.

Seneca in Tragedia. iiiii.

entrã, na primeira tragédia disse: Certo logar têm os cõdenados. Este avoreçem os mãos (segũdo afirma Horaçio) dizendo. Cõ amor da virtude os bons avoreçẽ pecar e os mãos com temor da pena. E *que* diz Sillio italico? Ó vós almas

Horatius in Epistola. xvii.

/57r/ fermosura das terras, povo honrrado dos campos Elyseos: yi afermosentar os castos asentos dos piadosos. E Platam que sentio desta gloria e pena? Antre outras muytas cousas, disse: A alma ée conjũta ao corpo, pera lograr as çieçias e virtudes, e se a estas tiver amor, begninamẽte serãa reçevida de seu criador: e com o contrairo serãa degradada *pera* os infernos. Queres outra sua mais clara? O imperfecto e viçioso irãa ao inferno: e o perfecto e purgado, passando daqui abitarãa cõ *Deos*.

Sillius. li. li.

Plato in Thimeo.

Idem in Phedrone.

**Võtade.** Nã ée neçessario mais auctoridades, baste o que disseste quanto a segunda dúvida que tinha: mas que dirás a terçeira que ée o remate de todo o meu intento?

**Retraida a Vontade do segundo grão de suas heresias: entram em o terçeiro que trata da fee cristã e daquelles que andam per diversas opinioes e sectas.**

**Razam.** Costume ée muy justo e aprovado antre os humanos *que* temẽ e amã a *Deos*, de seus trabalhos e fructos darẽ suas primicias\*, por lhe gratificar o presente: com esperãça que pollo tal conhecimento, no vindiouro reçeberã dobrada multiplicaçam. Assy tu, nesta espiritual mercadoria *de* que tinhas perdido as duas partes, poys te forraste dellas: offereçe lhe em premiçias de tanta merçe, melhor disposiçã pera alcãçares o terçeiro fructo.

/57v/ E pera virmos a este effecto, quero saber de ty: Que causa nam te afirmares em algũa das quatro partes em que a comũ opiniã e ley dos homẽs estãa posta.

**Vontade.** Nam ée tã leve a minha causa, que a *qualquer* juizo nã meta em afronta o escolher algũa dessas: pero pois te já descobri o mais direy o menos. Eu vejo *que* estas quatro gerações repartirã antre si os bẽs da vida humana: como os quatro elementos as qualidades, em que se cõprendẽ totalas cousas. Os gẽtios, sempre teverã a çieçia, armas e a puliçia da

Povo gentio.

Povo judaico.

republica: e per vezes a monarchia asentada em Asia, Greçia, e Italia. Agora dado que leixase as partes ocçidêtaes, estáa no Oriête: como quẽ deu hũa volta ao mundo e com seus triumphos tornou repousar em o seu primeiro asento. Lá tem ouro, prata, seda, pedras, cheiros aromatas, e outras muy prezadas cousas: fructo *que* lhe a terra dáa sem seu trabalho, e os ocçidêtaes cõ tanto pirigo das vidas, ventura das honrras, e baratar *de* fazêdas lá vã buscar. Vejo os da ley Mosaica\*, *que* segũdo diz a sua escriptura: naquelle tẽpo era povo *que* *Deos* criava tã mimosamente, como a prinçipe *de* toda a terra. Ella lhe obedeçia á sede, á fome, e a todolos appetites: sem arado, sem ferro sem suor de seu rosto se nã boca *que* *queres* (como elles dizẽ). Estavã naquelle pomar de Judea *que* lhe manava em outro çelestial maná\*. Depois *que* Tito

/58r/ e Vespesiano totalmente destruíram sua çidade, acõteço lhe como aos troyanos, que a causa *de* sua destruiçam foy pera mayor sua gloria e imperio: porque estando em Troya eram senhores do seu, e depois foram senhores do mũdo. Assy estes derramados per elle, nam como povo desprezado, mas como planta digna de ser plantada em toda a terra: foram recolhidos em populosas çidades, e os prinçipes dellas os plantaram na parte mais segura de pirigos, por serem arvores que dam saborosos fructos de rendimentos. Donde vem, serem sempre muy guardados e favoreçidos com leis e armas: porque povos travesos nam colhã algũu pomo\* de bom sabor. E posto *que* de todos sejam zombados, pessuem a grosura da terra onde vivem, mais folgadamente que os naturaes: porque nam lavram, nem plantam, nem edificam, nẽ pelejam, nem azeptam offiçio sem engano. E com esta oçiosidade corporal, nelles se acha mãdo, hõrra, favor, dinheiro: sem pirigo das vidas, sem quebra de suas honrras, sem trabalho de mēbros: somente com hũu andar meudo e apressado que ganha os fructos de todolos trabalhos alheos. Chamã se herdeiros do povo: e a elles, ninguem lhe herda o seu sem retorno de oyenta por çento. Nunca fizeram serviço, que nam corrompessem alma, honrra, ou fazenda de quem o azeptou.

/58v/ E daqui cobram tanta ousadia, que com hũu bedem\* no braço espera qualquer delles mais atrevidamente hũu touro dos mais poderosos da manada: do que o podem fazer tres moços de monte com suas chuças\*. E sabes que ardil tem? Em o touro remetendo pera o levar, lança lhe o bedem\* nos olhos: e em quanto estáa çego nelle, arrinca dhũu requerimẽto que corta alma e honrra, e dá lhe hũ pique\* com que o jareta\* e pon se em salvo. E em casos dalgũua carniça sobre que desçem muytos corvos, mete a mãã na bolsa e por hũa mealha\* acha hũu valente defensor: e vay se pera casa com hũu rramo verde na mãã, cantando: Ja vós jazedes. E o outro coytado por tã pouco preço, anda carregado d armas dos pees té a cabeça guardando aquelle sancto thesouro: té que passem os conluyos que nam fazem se nam picar. Que mayor bem aventuraça queres de gente, poys com tres pretos acham mil soldados, nam do povo, mas dos Naires\* que offereçem suas armas, honrras, e vidas polos cõprazer? E elles sem espada, sem lâça, somente com hũua godelha\* cheia de mosas\* de esfolar bodes vençem o Turco, e poeram gẽte em campo pera senhorear o mundo, per favor de Deos, ou dos deoses que o governã: donde me parece, que antre todalas outras gẽtes têm o principal do que se deve crer. Doutra parte vejo os

Cobiçiosos officiaes.

Arredamẽtos.

Mãã nobreza.

Povo de Mafamede.

/59r/ mouros que logram os temporaes mais abastadamente *que* as outras nações. Todolos seus rios sam de mel e manteiga, têm muytas molheres, muyta largueza nos costumes e vestidos: refrescam a natureza a seus tempos com banhos frios e quentes d aguas compostas da molher que os quer lograr, e elles muy isentos da obrigaçam dellas. Se hũua brada, outra rri, se nam quer nariz acha olhos: anda de taverna em taverna ençetando\* todalas pipas (isto quanto as delectações da carne). Na honrra da cavalaria, sam senhores de Asia, Africa, e parte de Europa. Perderam Espanha, ganharam çinquenta e seys regnos e dous imperios. Dize ora *que* lhe vam tirar Judeus ou Cristãos Jerusalem das mãos: onde estam os misterios da ley que cada hũua destas nações tem? Se os oje vençem, amanhã cativam o vẽçedor. Ley ée *de* guerra, a todos acodẽ tres ases nos dados e nas cartas. Nã sey *que* maior bẽ avẽturaça se deve desejar:

Povo cristã.

*que* delectações do corpo, estado e senhorio, ganhado cõ fama de cavalaria *que* ée manjar d alma. Nestas duas cousas, vejo que os mouros preçedem a todolos outros povos: com que me nã sey *determinar*. O povo Cristão, foy como a gralha de Isopo fabulador, vestio se das penas de totalas fermosas aves: mas o pavam vendo *que* o preçedia em fermosura, ouve lhe ãveja e fez cõ

/59v/ as aves que cada hũa pedisse sua pena por ficar em pior estado.

**Intendimento.** Eu tenho andado a mayor parte das feiras onde lhe foram tomadas essas penas: por amor de mÿ poys áa tanto que falas, leixa me dizer quaes foram os primeiros depenadores. Quando Roma. Nam, mas Basilea. Seja ante em Paris. Em fim quero começar em Lixboa que ée mays ocçidental: onde começam todolos cosmographos.

**Razam.** Leixa agora tua cosmographia: em outra parte eu te darey logar que a faças de toda a terra. Ao presente leixa me acabar com a Vontade tua companheira: que vay muy comprida cõtando males e nam bens alheos.

**Vontade.** Se tu chamas males aos bẽs que estes pessuẽ, dá me tu logo outros na vida em *que* os homẽs mais afirmem sua tençam?

**Razam.** O prinçipal bẽ que elles podem ter nesta: ée seguir çerto caminho, per onde vam ter ao fim pera que foram criados. E dado que estas quatro gerações em que ora falaste, algũuas nam levam o verdadeyro, tu tomaste a pior parte, em ter opiniam per ty: ca menos mal ée ser imperfecto com muytos, que nada antre todos, porque esta generalidade, grãde desculpa ée a quem estáa em algũu erro. Pero ao que eu entendo de ty, por as auctoridades que alegaste do Pentateucho de Moses: pare-

/60r/çe que mais inclinada estás a sua ley que a outra algũua. E se isto assy ée confessa a verdade acabaremos: porque vejo que o Tempo cansa ja de te esperar.

**Vontade.** Sabes donde veo entenderes a minha inclinaçam a ley de Moses? Do amor *que* lhe tomaste polas bẽ aventuras

que cõtey da sua gẽte. E de muytas causas *que* me moverã a isso, direy somẽte tres: por te mais cõfirmar ã seu amor. A primeira e principal, ée por estar fundada em ley: e a dos cristãos e mouros della tomaram a mayor parte das suas, como de mais antiga e melhor, e nam das vaydades dos gentios idólatras. Tem hũu saçerdoçio que se conforma antre sy em observãçia de preçeptos: com çerimonias e trajos endereçados em louvor de hũu só Deos. Nã se acha antrelles tãtas cores de panos, brãcos, pretos, azues, pardos: e ainda nestes pardos tanta differença de pardos, hũus claros, outros muy apertados, e tam divisos em vidas, que parece ser tudo dirivado da gentilidade, que eu tenho por a mays so menos parte de todas. E pior me parece algũuas tenções destes panos que as cores: porque falando hũu preto em caridade, diz o pardo que as suas chagas sam seraphicas, e as outras seneses\* nã aprovadas. Sempre se atuã hũs aos outros, chamãdo Geronimo, Agustinho, Bernado, Francisco, *Dominico, et caetera.*

/60v/ E quando nomeam algũ do seu ábito, dizẽ: Hũu religioso da ordem do nosso padre. Já os da barca\* de Pedro, antrelles sam cassy publicanos\*: por serem isentos dos silençios e permutações conventuaes, e muy subjectos a simonia\* dos beneficios. E sabes com que os de Pedro lhe pagã este nome? Com outro de fariseus, que dilatã suas filaterias\*, *et caetera.* Vés aqui hũs çertos sinaes que mostrã nam guardarem todos o avangelho que lém: onde diz: Hũu mandado vos dou novo, que vos ameis hũs aos outros: e assy como vos eu amey assy vos amay antre todos, ca nisto conheçeram serdes meus discipulos, se vos tiverdes este amor. E elles trazem a contenda antre sy, de que se queyjava Paulo com os de Corinthio, quando hũu dizia: Eu som de Paulo, outro eu de Apollo, outro eu de Cephas. Per ventura Cristo ée diviso em partes? O ábito branco nam ée seu como o preto, o pardo como o azul? Leyxo estas fraquezas que andam antre homens simples e comũs, e venho as opiniões que muitos dos mais doctos tomaram açerca de Cristo e do intendimento da sua ley: porque depoyes que padeçeo té gora nunca acabaram de asentar esta pedra sobre que elles dizem a sua igreja estar fundada. E querem provar

Joãnis. xiii. ca. e xv.

Prima ad Corinthios. i. ca.

per os cantares de Salamam ser hũa, e eu provar lhe ey que sam estas: Romana\*, Maronita,

Josue. vi. ca.

/61r/ Armenia, Grega, Nestoriana, Jacobita, com outras muitas de opiniões que ja foram defectas assy como a dos manicheos, Donatistas, Arrianos: e agora novamente a dos Lutheranos, que ée hũa salada de todas estas passadas ervas, muy saborosa a ignorantes e dissimulada dalgũs doctos. Estas alteraçõs na ley que Deos deu, nũca se acharam ante os judeus tam corruptamente: sempre foram muy zelosos della, como se vée por sua escriptura. A outra causa que me obrigou estar nesta ley, ée porque sempre os hebreus pelejaram por ella, levando a arca em que a tinham como escudo de sua defẽsam: em virtude da qual, tangendo aquellas çelestiaes trombas os muros das çidades cayam per terra. Isto se vée pelo contrairo ante as outras nações, prinçipalmente açerca dos cristãos: porque sem temor do signal da Cruz contra quem elles vam, fazem outro na testa que os livre daquelle pirigo. Hũs bradam por hũu sancto, outros por outro, como se os *sanctos* tivesem orelhas pera ouvir intereses e payxões de cobiça humana. E quãdo andã no fogo desta furia, despem de melhor vontade hũa imagem da madre de Christo que ée sua avogada: do *que* o fazia o tirano Dionisio a imagem de Apolo. Os vasos sagrados do uso sancto dos sacrefiçios, convertẽ em moeda pera pagar soldados, *que* nã vam cõtra

iiii. Reguũ. xx. ca.

i. Reguũ. xxi. c.

/61v/ os imigos da ley: mas pedindo as vidas e fazendas daquelles *que* tẽ a sua agua de batismo. E el rey Ezechias de Israel, porque mostrou os vasos e preçiosas joyas de sua casa aos embaxadores de Babilonia: depois teve por castigo nam os herdarem seus filhos mas seus imigos. Os pães e offertas saçerdotaes, nam os tomam pera tam puros corações, e cõ tal neçessidade como os tomou David hũa só vez. A terçeyra causa do amor desta ley, ée por esperarem rey novo a que chamam Mesias, onde estáa o galardam\* dos cativerios e oppresões que soffrem por seu amor: que serãa dar lhe por elles os fructos e grosura da terra: em mayor abastãça, do que tiveram aquelles antiquos patriarchas donde elles descẽdem. Estas tres causas quis

sómente apontar, hũa porque toca na essência da ley, outra na observança e religiã della, e outra no galardã\* que esperã: mais çerto e seguro que quãtos paraísos fingem cristãos depoyos de morte: Amostra do qual, se tu e elles quiserdes confessar verdade, nunca algũ de vós outros vio: como os hebreos passados tẽ gostado parte do nosso naquelle çelestial manãa\* do deserto, e em outros muytos signaes *que* lhe Deos mostrou polos criar e animar ã tã çerta esperãça.

**Razam.** Qual dessas que dizes tomarem da ley de Moses, se conforma mays com ella?

/62r/ **Vontade.** Nam falando em a linguagẽ, modo *de* escrever, açptaçam do Talamud, e outras çirimonias da çircunçisam em que se os mouros muyto conformam com os hebreos: quãto a essência da ley e prophetas, os christãos preçedẽ a todos. E sabes porque? Por antre elles e os judeus aver hũa só differença: nós esperamos Messias, e elles aperfiã\* ser Christo crucificado.

**Razam.** Se te eu provar Cristo per Moses defenderás esta causa que tomaste, como procurador, ou como cada hũu dos çircũçisos? (O que tu nam es.)

**Vontade.** Que o nam seja em acto, estou loguo em potencia pera receber a çerimonia: tâto por as causas que ora disse, como por ver preçederẽ a todos nas bem aventuras da vida.

**Razam.** Agora estás em caminho *pera* acabarmos, pois estás posta em ley: e por levar a ordem que sempre cõ vós outros tive seguindo primeyro a Razam natural, entrarey com ella, e desy\* viremos a Moses e aos prophetas que da vinda do Mesias falarã.

**Intendimento.** A Võtade acha se mal desposta e cansada de tua contumaçia\*: nam quero que trate mal suas carnes donde se cause algũa máa disposiçã: comigo o áas d aver, ja conheçes minha suffiçiência, vés me aqui, comete per onde quiseres, que a todas partes acharás quẽ te offenda e se defenda.

**Razã.** Bem parece que estás folgado, nam te

/62v/ apreses porque temos comprida jornada em *que* podes desfaleçer: ca segundo tu es espiculador parece me que será mayor do que poderá ter cõ a Vontade. E que assy seja, eu

Hieremie. ii. c.  
Joãnis. iiii. c.

Luce. xvi. Cap.  
Mathei. xii. c.

Marci. xvi. c.

Joannis. x.

reço bo disso prazer: por ficardes mais alumiados no ãgano de vossas mercadorias. Verdade ée *que* bem me podera escusar desta prática por os muitos tratados que doctissimos barões sobrella escreveram, pero pois estamos na presente neççessidade e nam irdes de mÿ imperfectos e sequiosos desta agua viva, partirei cõ vós outros. E nã serãa da *que* colhẽ as cisternas de que se queyxava Jêremias, nem da do poço de Jacob, mas da *que* alcançou a fiel Samaritana. E *que* em respecto da sua, a nossa seja hũa gota, esta tem tanta força que dáa mayor refeçam na vida que a de Lazaro ao riquo avarêto em a morte infernal: (porque assy o aprova a cantidade do grã\* da mostarda do sagrado avãgelho *que* vós outros negaes). E leyxados algũs prinçípios e fundamentos em que se podia tratar de quãta efficaçia erã os preçceptos e çerimonias da ley de Moses, e se de per sy podiã salvar ou nã: por abreviar tomo esta cõclusã: Cristo foy verdadeiro Mesias prometido e prophetizado na ley, per cuja morte todo genero humano se pode salvar, mediãte esta fé e o baptismo. E prova se por parte da honrra de Deos, e das obras do mesmo Christo: Clara e muy

/63r/ geral cousa ée a todos, dizer Cristo: o padre e elle serẽ hũu mesmo ser, e que elle estava no padre e o padre em elle. E cõ estas e outras palavras *que* no discurso de sua vida se podem ver: afirmou ser *Deos* e homem. Certamente grande impressa, e muy remota de todo juizo humano: e pera qualquer barã de perfecto intendimento nam açeptar, se careçera desta verdade que elle em sy tinha. Porque simular hũu homem virtude e sanctidade por algũu particular fim, muitos ouve e áa no mundo que seguem este modo de ipocresia: mas chamar se Deos com escripturas que o prophetizam, milagres que o aprovam, e duraçam de ley per tantas çentenias de annos que o cõfirma: isto trespassa todalas vans opiniões e perversas doutr[in]as, e fica em hũa çerta e firme fêe, pera ter e crer, ser verdadeiro Misias esperãça das gentes. E sendo o cõtrairo, justamente se pode chamar Deos injusto: e cuidar delle que nos lançou em este mundo como em parque de montaria, sem alma, sem ley, sómente pera montear em nossas vidas, cõ os cães da fome, da peste, da guerra, e doutros mil generos de

morte: sem alumiar algũ intẽdimẽto mortal pera conhecer e escolher ley que lhe fosse acepta. E consente cõ esta ignorancia andarẽ os humanos tã errados *per* diversos caminhos: e este *que* deu Cristo, cõ titolo *de* sua essencia, cõ obras *de* sua potẽcia,

/63v/ prevalecer tanto, que em juyzo dos prinçipaes povos do mundo seja esse Christo adorado por elle mesmo Deos. Mas isto se nã pode crer de sua misericordia e magestade: ca nam seria Deos, se tivesse menos providẽcia ã as cousas de sua offensa, *que* os reis da terra nas de seu estado (sombra do seu regimento universal). Porque em o falsar de sua figura que nas moedas mandam empremir tẽm tanta justica, que punem gravemente aquelles *que* a contrafazem com engano: por ser em prejuizo de seu estado e dano de todolos povos. Pois Cristo nam fora digno *de* mayor pena, se tomara falsamẽte esta imagem de Deos que tocava tanto na honrra de sua magestade, e condenaçam de tantos milhões d almas?

**Intendimento.** Hũu malfector em padeçer paga todolos erros que cometeo: assy Cristo *que* mais podia pagar a Deos que morrer a mais injuriosa morte que se naquelle tẽpo dava e que pela ley era maldita.

Deuteronomiũ. xxi. ca.

**Razam.** Bem dizes tu se com a morte de Cristo acabaram as suas cousas: mas Deos por as mais glorificar permitio em sua vida fazer menos milagres e converter menos gente do *que* fizeram os seus apostolos: sendo os mays rusticos e fracos homẽs, em poder, e saber, que avia em toda a terra. E sabes quam rusticos, que acabara Cristo de lhe declarar os misterios *de* sua morte, esforçando a todos no temor que aviam *de*

/64r/ passar: e quãdo veo ao caso, os que se mostraram mais constantes e ardidos esses o fizeram pior. Porque Pedro baram de tanta idade que tinha leixado totalas cousas por o seguir, cõfessãdo ser filho de Deos vivo, e que se comprise morreria por elle: este cõ temor de hũa cachopa servidor da casa *de* Annás, logo o negou. E os filhos do Zebedeu que per razam do parẽtesco era ley de sangue e de boa amizade sayrem por elle: naquella revolta de sua prisam acolherã se como os outros diçipulos, leixando hũu delles a capa no terreiro em sinal de

Luce. xxiii. ca.

Acta Apostolorum. ii. ca.

sua fraqueza. Pero cõfirmados na fée com a resurrexçam de Cristo, o dia *de* Pentecoste: este fraco e rustico pescador de Pedro, sem letras, sem temor, com muyta ousadia, na façe daquelles *que* temera lançou a rede da palavra de *Deos*: com que pescou casy tres mil homens, (por se comprir a promessa de Cristo). Pareçe te que tam grande injúria como *Deos* recebia, que fora justa cousa acabarem com a morte *de* Cristo suas obras e doctrina? E nós vemos que ella descobrio mais sua divindade: pois per meyo de doze homens rusticos e covardos e de tam pouca fe em vida deste mesmo Christo: foy depois a mayor parte do mundo debaixo seu juguo. E nam de gête barbara nem per força d armas como o povo de Moses fez: e a secta de Mafamede: nem per favor de príncipes

Acta apostolorum. v. ca.

/64v/ como muitos herejes passados e presentes fazem: sómente com fervor da fe e espirito sancto que nelles falava, nam duvidaram de se apresentar ante a presença das sinagogas e príncipes da idolatria: e vinhã alegres de sua presença por serẽ dignos por Cristo padeçer injúrias. E nam cuides que era em aldeas inorantes mas em meyo de Athenas e em meyo de Roma, onde todalas çiências naturaes e moraes floreçiã. Em boa verdade, homẽs que desemparavã seu mestre por o ver preso em mãos de quẽ se podia soltar, *que* era menos obra que resuçitar hũ morto *que* lhe muytas vezes virã fazer, com mayor causa depois *de* sua morte o diveram\* negar: escondẽdo se dos naturaes como homẽs infames e seguidores de máo partido, pois ja escaparã de hũ pirigo em *que* seu mestre lexara a vida, e elles ao cõtrairo desprezavã as suas polo cõfessar. Como, tãta inorância e desprezo de sy mesmo, cabe em algũ coração humano, que se algũ interesse queira morrer por hũ homẽ morto, sem parentes, e sem valia, que naturalmente esqueçe a todos? Ainda por hũ vivo poderoso, muytos vemos que aventuram alma, vida, hõrra, e estado: cõ esperãça de terẽ retorno da tal amizade: Mas estes que virã ou esperavã de Cristo, sendo morto per tã vil morte como dizes?

**Intẽdimẽto.** Esses *que* tu fazes rusticos, nã ficaram tã inorantes

/65r/ da doutrina de seu mestre que per ella nã podessem atraher o povo a sy: obrãdo mayores milagres segundo se conta da sombra de Pedro. Exemplo temos de muytos discipulos preçederem em saber a seus mestres: como Platam a Socrates, Aristosteles a Platam, e outros muytos com *que* alcançará mais fama que os propios mestres.

Acta apostolorum. v. ca.

**Razam.** Dize que çiençia podiam aprender homens tam simples em tres annos e meo que durou a doutrina de Cristo? Nam és tu o proprio Intendimẽto que sabe o trabalho que levam os mortaes pera entender os termos dalgũa? Quanto mais serem elles tam universaes em todas, que desputavam com muytos philosophos e letrados da ley Mosaica\*, declarãdo o misterio e figuras della: fогindo aas honrras e adorações das gentes, e açeptando o martirio como triumpho de sua milícia. Este era o prémio que buscavã, este lhe deu o mũdo, e nam favor de povo: de que ja tinham experiẽçia na morte de seu mestre, ser muy fraca e mudavel cousa. Se disseres *que* faziã as taes obras em virtude de Belzebut? (Como os phariseus diziã de Cristo) Injurias a Deos por a razam *que* te ja disse. Se per virtude daquelle sancto\* nome de quatro letras, que os hebreus modernos dizẽ Christo levar furtado pera o Igipto? Todolos vossos Cabalistas *que* falã dos nomes divinos per *que* se obrã milagres,

Acta apostolorum. xiiii. ca.

Luce. xi. ca.

/65v/ confessam nenhũu baram aproveitar em esta arte se nam aquelle que for justo e puro de toda maldade. Logo onde nã áa maldade, estáa pureza, e a pureza ée casa de Deos: se Cristo per esta arte obrava, nelle estava Deos. Áas de ter hũu fundamẽto, que toda a doutrina de Cristo, dá lhe quantos intendimentos falsos quiseres, mais releva ser verdadeira a bõdade de Deos, *que* a salvaçã de todo genero humano: por lhe tirar parte de sua adoraçam e ser posta neste homẽ Cristo, igual em divindade a elle. Moses Mafamede cõ os mais *que* quiseres imaginar, nũca ousaram de atribuir a sy mesmo a essencia de Deos, mas chamaran se enviados pera dar e declarar a sua ley: por esta ser hũa impresa *que* cõpete á humanidade. Pero ser Deos, isto os mesmos ãjos danados *que* por sua espiritualidade e dotes naturaes delle mais alcançaram e entenderã, (cõ sua soberba, tua mercadoria) nũca ousará

anichilar tãto a sua magestade: pola alteza de tam enlevada ousadia, trespassar todo o seu intêdimêto e *desejo*. Mas como Cristo era hũ instrumêto per *que Deos* quis obrar piadade em nossa salvaçã, cõversando na terra familiarmente cõ os homês: nã lhe deu o galardã\* que ouve Luçifer, mas favoreçeo e glorificou tãto as partes de suas obras e doutrina, *que* foy hũ vivo fogo pera *aquelles que* mais se opposerã cõtrella. Estes sã os Hebreus *que* tãto louvaste

/66r/ padeçẽ taes cativerios desterros e opresões como nũca passarã. *Porque* os setenta ãnos de Babilonia *que* foy o mais grave, sempre teverã *prophetas* e socorros de *Deos*: ã os ter jũtos sob poder e senhorio dhũ senhor: por se cõfortarẽ hũus cõ os outros. Mas cruçificado Cristo, destroida Jerusalem, forã e sam espalhados per todo o mũdo: cativos, subjectos, e desprezados de todalas nações delle. E a bẽ aventurãça *que* lhe a Võtade achava em terẽ mãdo, honrra, favor, dinheiro, e offiçios nas terras onde vivẽ mais descansadamente *que* os naturaes: essa foy a mayor maldiçam *que* lhe *Deos* deu. *Porque* vêdo a fraqueza cõ que os homês acodem a fé e ley de Cristo, a estes *que* o matarã deu naturalmente hũa agudeza e soltura industriosa, pera viverẽ do trabalho do povo Cristão: *porque* esta magua de os verẽ prevaleçer, fosse hũu estímulo de os avoreçerẽ, pois o nã faziã por ter tal contumaçia\*. Assy *que* podes daqui tomar hũa cõclusã. Os hebreos por seu pecado sam semelhãtes ao demonio: *pera* os povos sã estímulo e açoute de *Deos*, e *pera* si sã pena e tormêto.

**Intêdimento.** Nã áa tã má doutrina no mũdo: *que* nã tenha suas efficaçes razões *pera* passar a primeira carreira: ée como a musica, ãquãto se ouve hũ instrumêto, este *precede* a todolos outros: pero ouvĩdo outro melhor e mais *perfecto*, fica o passado ã nada. Assi serã as tuas razões ouvindo as minhas *que* tẽ

Malachie. iii. ca.

/66v/ a harmonia da divinal arpa de David, e doutros *prophetas* que cantam a verdade do que se deve crer da ley de *Moses*. Que dirás a estas palavras de Malachias? Eu vos mandarey *Hylas* ante que venha o dia grãde e espãtoso do Senhor: *pera* cõverter o coraçã dos paes aos filhos, e o dos filhos aos paes, *et*

*caetera*. Em *que* claramẽte diz vir ante o Mesias, pera aparelhar os povos cõ sua pregaçã receberem mais levemente a ley. E nesta vinda fará o Mesias quatro cousas. A *primeyra* guerrear e someter a sy todo o povo gentio e reis da terra: senhareãdo de mar a mar como se mostra no psalmo .lxxi. e per Zacharias. A segũda obra recolheráa os filhos de Israel de totalas partes do mundo como reza Isayas. A *terçeyra* edificará nova Jerusalẽ no monte Syon, e nella cõgregaráa todos os filhos de Israel, *pera* com grãde prosperidade guardarẽ toda a ley de Moses: onde averáa tanta paz que totalas armas seram convertidas em arados e fouçes. A quarta obra, faráa immortaes e impassives todos os filhos de Israel *que* naquella idade viverem: *porque* derribaráa a morte eternalmente e tiraráa a lagrima *de* seu rosto e doesto\* de seu povo em toda a terra. Hylas nã veo, Cristo nenhũa cousa destas fez, antes *quebrã*tou o sabado e as outras çerimonias legaes: logo claramẽte se vée ser falso e nam verdadeyro Mesias?

Psalmus. lxxi.  
Zacharie. xi. c.

Esaye. ii. ca.

Esaye. xxv. ca.

/67r/ **Razam.** Naturalmẽte o vemos em os fructos da terra, aquelles serẽ mais perfectos e duraves, a que a natureza cobrio com casca e códea\* pera se defender dos inconvenientes da corrupçam: assy a ley de Deos que avia de ser tratada per tam contrairos intendimentos como tu es, por a mais cõservar em tempo e perfeçam, deu lhe casca que ée letra, e miolo de espiritualidade com que áa de ser entendida. A casca e códea\*, açeptais vós outros: prevertendo o espirito revelado, que os prophetas debayxo suas visões entenderam. Outras *quatro* obras diz Malachias *que* o mesias faráa: as quaes tu tam mal entendes (pois dellas nam falas) como as outras que alegaste. A *primeyra* tirar os sacrefiços de Moses dãdo outro limpo e comũ em totalas gentes: e *cassy* como avorreçido de tanto sangue de brutos diz: Ja nam tenho vontade em vós outros: o dô de vossas mãos nã o receberey. Do oriente té o ponente grande<sup>39</sup> ée o meu nome em totalas gentes, e em todo logar me será sacrificada e offereçida offerta limpa. *Reprova* mais o

Malachie. i. c.

---

<sup>39</sup> grande] C, A, B, H e R] ganrde.

Malachie. iii. c.

saçerdoçio cõ os seus saçerdotes. No terçeyro capitulo fala da vinda do mesias e diz: Eu enviarey o meu anjo, e preparará o caminho ante a minha façe. E loguo virá ao seu templo o Senhor que vós buscaes, e o anjo do testamento, que vós *quereis*. Estas tres obras sam ja cõpridas:

Luce. ii. ca.

Joannis. i. ca.

/67v/ porque Deos nã recebe sacrificio dos judeus, pois nã têm tẽplo pera o çelebrar: o qual avia de ser em Jerusalẽ, e nam em outra algũa parte. Nã recebẽdo os sacrificios, fica o saçerdoçio reprovado. O terçeyro, cõprio se em Joanne Batista, que foy enviado pera dar testemunho da luz *que* elle demostrou cõ o dedo: e Simon justo cõ o cantar quãdo veo ao seu templo, e Ana prophetiza, falando maravilhas *áquelles* que esperavã a redençã de Israel. A segũda vinda *que* ée o dia grande e espantoso do Senhor que tu mal entẽdes, esta serãa no juyzo universal.

**Intendimento.** Se tu dizes *que* o Mesias áa de tirar os sacrefiçios da ley, como diz o propheta ãte *que* fale em Helias: Lẽbrai vos da ley de meu servo Moses? Quẽ tal lẽbrança dáa, quer que dure eternalmẽte.

**Razam.** Por causa do Antecristo a *que* se os judeus converterã, pareçẽdo lhe ser o mesias: dá lhe Deos essa lẽbrança per Malechias, por os atraher á pregaçam de Hylis e Enoch declaradores da ley de Moses. Donde entenderás, que Joanne Batista foy prometido na primeira vinda que ja passou: e Hylis na segunda que virãa. E que[r]es ver esta verdade? Oulha a ordem que leva o propheta, que no fim dos quatro capitulos que somẽte escreveo poem a vinda de Helias: por dar a entender, que depoy do juyzo universal, nam áa *que* esperar nem prophetizar. O psalmo e propheçias

ii. Ad Corĩthios. iii. ca.

Psalms. lxxvii.

Indicuũ. vi. c.

Luce. i. ca.

/68r/ que alegaste, leyxa a letra que mata toma o espirito que dáa vida: ca o mesmo psalmista nos ensina a ley de Deos ser dita em parabulas e figuras. E mais todolos hebreus cõfessam ser muy familiar dos prophetas usarẽ metaphoras: que ée a códea\* conservador do espirital intendimento que nella estáa. Assy como o vello da lãm do psalmo que alegaste, entendido pello outro de Gedeon: que foy figura da encarnaçã do filho de Deos, *que* tu negas. O ouro de Arabia, pelos dões da rainha

Sabáa figura do offereçimêto dos magos. O pã\* sobre os môtos, pelo *que* *Deos* mãdou no exodo levâtar sobre a cabeça dos sacerdotes: figura do misterio da eucharistia. Nesta espeçia e redôdeza, ée Cristo verdadeiro *Deos* e Mesias adorado dos Ethiopas e reis de Tarsis, em os sumptuosos tēplos que os cristianissimos Reys de Portugal fizeram. Aos quaes com justa causa podes chamar novos apóstolos: pois levarã o nome de Cristo a ser adorado çelebrado, e louvado de mar a mar, té os termos da redôdeza das terras: ã *que* se cūpre a monarchia que lhe David dáa espirital e suçessivamēte nesta primeira vinda. Em a qual elle teve tam poucas temporalidades: que confessou nam ter algũa cousa em que poer sua cabeça. E desta pobreza tomaes vós outros todolos falsos argumentos, *pera* substētar vossa contumácia\*.

**Intendimento.** Ja nam posso

/68v/ sofrer tanta fábula, como dizes da ley de *Deos*: *que* o justo Moses com puro coração e justiça de fé recebeo. Ao dar da qual, a alma de David e de todolos prophetas e doctores da ley forã presētes: *pera* que quando entrassem em seus corpos viver neste mūdo, tivesem espirito de intelligēçia na declaraçam della. A estes taes, podes tu dar auctoridade na exposiçam da sancta escriptura, e nã aos fabuladores que segues: os quaes nã sam dignos de crer como partes sospeitas a Cristo.

**Razã.** Pois nam queres tomar este caminho: convem levar outro contigo. Ley comum e muy aprovada ée antre os homēs, nenhũa pessoa ser mais sospeita, do que cada hũ ée asy mesmo: *pera* de suas proprias obras nam receber crédito ou auctoridade. Quem te parece ser mais sospeitoso á sua vida e doctrina? Cristo que nã escreveo e muytos escreverã delle, ou Moses *que* quãto fez e disse, elle o notou como Cesar os seus comentarios? Per ventura istorias gregas, romanas, ou dalgũus outros povos, dã testemunho do que elle escreveo, *pera* lhe darmos essa fé que tu tēs? Té oje eu nam tenho visto mais que Justino, o qual diz: que por causa de hũa grande e contagiosa infirmitade *que* os hebreus tinham antre si, os Egipçios os lançaram fora da terra *pera* se tornarem a sua patria damaçena\* dõde vieram. E que nesta saida Mo-

iii. Reguũ. i. c.

Mathei. iii. ca.

Exodi. xxix. c.

Psalmus. lxxi.

Mathei. viii. c.

Justinus. li. xxxvi.

/69r/ses seu capitam, muy sabedor das cousas futuras como Joseph seu padre, furtara todas as cousas sagradas dos egipcios, e escapara do alcanço delles por causa de grãdes chuivas que os fez tornar: e Moses fora ter cõ todo o seu povo ao môte Synay onde andou per aquelles desertos de Arabia perdido sem comerem sete dias. E *que* em memoria daquelle trabalho constituirã hũu dia solene a *que* chamarã sabado: porque em tal dia sayrã do seu error e trabalho. E lēbrados *que* por a sua má infirmitade forã lãçados fora do Egipto, por nã serẽ avoreçidos aos moradores da terra, nã comunicavã com os pirigrinos de sua naçã: e este precepto pouco e pouco se cõverteo em religiã. Este testemunho sê sospeita pode se provar *per* o discurso da vida do mesmo Moses: porque sendo homeçida fogio da cõversaçam dos seus com temor de Pharaó de quẽ era familiar, e casou com Sephora filha de Jetro saçerdote madianita que nam era çircunçiso. E depois que teve filhos, vendo se poderoso em çiençia e obras maravilhosas, e *que* era morto o Pharaó de quẽ se temia: pareceo lhe tẽpo desposto pera cõseguir seu desejo. Porque o povo hebreo andava tã atribulado e oprimido nos serviços e adobes\* do Egipto, *que* sem milagres e sem sinaes, tomara qualquer capitã<sup>40</sup> *que* azeptara a empresa de os querer livrar da tal servidã: quãto mais vindo Moses cõ

/69v/ sua vara que lhe fazia dar tanto crédito antre aquelle povo rustico, que nam entẽdia poderẽ se obrar mayores cousas *per* regras de astronomia: em *que* elle foy mais docto *que* quãtos magicos naquelle tẽpo ouve ã Igipto. E passados algũs dias em *que* acabou de cõvocar o povo: hũa noite o tirou cõ todas as joyas e preçiosas alfayas\*, *que* pedirã emprestadas aos egipcios. Mas ã galardã\* deste roubo nenhũu delles entrou na terra de Chanã: porque todos passaram *per* espaço de corẽta annos tantos trabalhos e tẽtações naquelle deserto, *que* os seus corpos forã enterrados ã hermas sepulturas. E o mesmo Moses em idade de .cxx. annos, a vista da terra que prometeo, foy arrebatado

---

<sup>40</sup> capitã] C, A, B, H e RJ copitã.

dãtre todos, como Romulo dãtre os Romaos: sã lhe ficar herdeiro naquele estado, tendo filhos *pera* erdar: mas per juizo divinal Jesu filho de Navé *que* era seu criado governou o povo. Certo hũu propheta tã sancto *que* via *Deos* de façe a façe outro galardã\* mereçia. Como nisto se converteram as bẽ aventuras *que* elle prometia? Pereçerẽ *quantos* tirou de Igipto sômẽte duas pessoas e os inoçẽtes de vinte annos *pera* bayxo. E ainda estes quãdo entraram naquella terra tam desejada, os rios de mel e manteyga *que* viram correr: foy sangue de suas *proprias* carnes ã muitas guerras çeviis e comarcans *que* sempre teverã. Se David (segũdo a mesma escriptura cõta) sendo tam

/70r/ açepto a *Deos*, nam quis *que* lhe edificase templo material por ser homẽ guerreiro, mas Salamam seu filho *que* era paçifico e tinha as mãos limpas de sangue humano, como avia *Deos* de entregar a sua ley, áquellas *que* o derramaram com homeçideo, e roubaram os vasos de Igipto *que* eram crimes contra o direito natural e divino? Per meynos tam imperfectos e pecadores, avia *Deos* novamente cumunicar sua divindade aos homẽs? Sancta escriptura se pode chamar a *que* estáa chea de idolatrias, adulterios, roubos homiçidios, e de quantos males e torpezas áa no mundo? Preçeptos áa hy dalgũa ley limpa e pura, *que* deça a particularizar as bayxezas da natureza, *que* ainda *pera* historias prophanas era víçio fallar nellas? Nẽ templo em *que* *Deos* aja de ser adorado, cõvertido em carneçaria chea de tanto sangue d alimarias e daquellas grosuras nojentas? O matar das quaes inda per instituto politico se faz fora dos muros das çidades, por ser cousa contagiosa o seu cheyro. Tam faminto estava *Deos* de sangue, *que* todallas suas offertas e victimas mais açeptas, *queria* *que* fossem delle? E os seus saçerdotes cobrasem nome de magarefes\* *que* ée offiçio infame e o mais torpe das republicas, e julgasẽ todallas máas e torpes infirmitades? Na ley de Cristo acha se outro sangue se nam o seu, derramado

/70v/ por salvaçam da geraçam humana? Certo differẽte foy a sua vida e as obras de Moses. Elle perdoou suas injúrias e morte dizendo: Padre perdoa a estes *que* nam sabem o *que* fazẽ. E

Luce. xxiii. ca.

Mathei. v. ca. Moses sem receber algũa, matou hũ Igiçcio *que* cõtendia com hũ hebreu do povo. Cristo dava vista aos çegos, fala aos mudos, vida aos mortos, e curava todalas más infirmitades: e Moses lâçava pragas no Egipto, com que matou tantas mil almas té os brutos do campo. E como lhe desobedeçia algũ dos seus çircũçisos: logo pagava a pena muitas vezes com a vida. E Cristo *porque* nam vinha a julgar, mas a salvar o mũdo: executou sua justiça nã em os homẽs mas ã hũa figueyra que secou cõ sua maldiçã. E avendo tanta differença na pessoa e obras de cada hũ: blasfemas a este e adoras o outro. E sabes a causa? Porque Cristo veo *quando* os hebreus estavã na sua Jerusalẽ, fartos e viçiosos em más costumes: e nam lhe tinhã os Romãos tomado mais *que* a jurdiçã de cõdenar a morte. E Moses veo na mayor oppresam que elles tiverã: e cõsentio lhe onzenar\*, repudiar molheres, casar cõ parentas, e trezentas mãçebas cõ outras larguezas cõformes a sua cõdiçã. E Cristo reprẽdia a onzena\*, o repúdio, o adulterio, dête por dête, olho por olho: e mãdou aparar hũa façe a quẽ desse na outra. Se elle viera no cativerio de Ba-

/71r/bilonia, onde elles faziã os cantares *de* lagrimas, e prometera a salvaçã dos corpos como *prometeo* em Jerusalẽ a das almas: eu te afirmo ã verdade *que* lhe conçederã mayores mastos\* de çera, que *quantos* prometerã a Moses na tormẽta Egipçiana. Pero em tempo de bonãça nã se conhece a divindade de Deos: quãto mais a sua humanidade reprensor de Viçios (causa *de* o poerẽ na cruz).

Joannis. v. ca. **Tẽpo.** Mais me parece (pois tam desarrazoada estás) que te convẽ o nome de sandiçe\* Erasma *que* Razã portuguesa. Bem, dôde\* veo a Joanne falar Alemã? Cousas sam essas pera cuydar do justo Moses? Nam sentes tu que cõtradizes ao mesmo Cristo, que por auctorizar sua ley aprova com o mesmo Moses? Nam dizia elle aos hebreus: Se em Moses creseis sem dúvida crerieis em mỹ: por que no prinçipio do livro escreveo *de* mỹ. Em que esperas de te salvar?

i. Reguũ. xxi.ca. **Razam.** Aas cousas do mundo tu lhe dás o nome, pero as divinas Deos lho poem que as ordena. Sesudo\* era David e simulou sandiçe em casa de el rey Achis: por lhe cõvir a sua

salvaçam, e ée lhe atribuido a gram siso. Seguir eu a sandiçe de Justino e doutros *que* assy sentẽ das obras de Moses: ée por vos atraher ao siso do que deveis sentir de Cristo. Per muitas maneira e modos, Deos eterno nos dias passados falou aos hebreus em prophetas: mas agora

Ad Hebreos. i. ca.

/71v/ falou em seu filho que constituyo universal herdeiro, e per quem fez o mundo. Em tam era Deos escondido nos preçeptos e materiaes figuras da ley, e ao presente, ée *Deos* humanado em carne passivel e fraca: que a vista dos homẽs era julgada *per* corrupta e peccador, assi como sam julgados por viis e torpes os preçeptos da ley de Moses, daquelles que nam alcãçam o miolo della. Pero as cousas que se fazem segundo a vontade de Deos, ainda que pareçam más essas lhe sam gratas e açeptas: porque a natureza dellas nã as faz serem más ou boas, mas o mandado e vôtade divina. Exemplo temos desta verdade em Achaab rey de Isrrael: que contra preçepto de Deos, tendo cativo Benadad rey dos assyrios deu lhe vida, e cõfederõ se em sua paz e amizade. E inspirãdo Deos este misterio em hũu propheta, foi sse a hũu seu proximo e disse: Em nome do Senhor firi me. E nam o querendo fazer, disse o propheta: Pois nam ouviste a voz do Senhor, tu fugirás de mÿ e hũ liam te ferirãa (e assy acõteçeço). Partido delle, foy sse o propheta a outro e pedio lhe com as mesmas palavras que o ferisse, e este o fez. Que mayor injustiça podia ser, aquelle que ferio o propheta salvou se, e outro padeçeço por lhe nam fazer dano? Por que entendas que nos mandados e preçeptos divinos, nam convem ser muy corioso em querer

Crisostumus Cõtra  
Judeus.

iii. Reguũ. xix. c.

/72r/ examinar a natureza das cousas mandadas: somẽte obedeçer a ellas, como Abraham no sacrificar de seu filho, que sendo contra razam natural, obedeçia, alumiado deste verdadeiro intendimẽto. E porque o primeiro, quis fazer esta examinaçã, dizendo lhe o propheta da parte de *Deos* que o firisse: mereçeço pena, e o outro em obedeçer, galardam\*. Firido assi o propheta, atou a cabeça, cobrindo o rosto de maneira que nã fosse conheçido: e cõ este hábito mudado apareçeço ante el rey Achaab por que o avia de reprender e

Genesis. xxii. c.

sentêgear na salvaçã que dera a el rey Benadad, e elle ser tam cruel e odioso aos prophetas, que se o conheçesse, nam o cõsentiria ãte sy, e ficava a sua culpa sem correpçã. E posto em parte per onde el rey passava, começou bradar: Senhor, eu teu servo foy ao exerçito pera pelejar, ex aqui vem hũ homẽ e entregou me hũu cativo dizendo: Guarda muyto bem este, ca se o soltares darás tua *propia* vida por elle, ou pagarás hũ talento de prata. Acõteço que oulhando eu a hũa e outra parte, desapareço o cativo. Respõdeo el rey, Pereçeste: ca tu es juiz de ty mesmo. A estas palavras descobrio o propheta o rosto pera ser conheçido del rey e disse: Isto diz o Senhor: Porque soltaste da tua mãam ao homẽ digno *de* morte, darás tua vida pola sua. Vés aqui como os mesmos homens per semelhante maneira julgam as

Numiri. xxv. c.

/72v/ cousas, nam oulhando a natureza dellas: mas ao fim e causa porque sam factas. Certo ée *que* humanidade real era, soltar e dar vida a hũu cativo como el rey Achab fez: mas em ser contra a vontade de *Deos* mereço a morte. E Phinees por obedecer a ella cometendo dous homeçidios, nam condenou por isso su alma: ante a fez mais pura e alcançou o saçerdoçio. Por tanto, quando vires a este que firio o propheta salvo, e ao outro morto, e el rey que perdoa cõdenado a pena, e o que matou louvado com galardam\*: seja sempre a çerca de ty, mais prinçipal a razam do que *Deos* manda, que a natureza dos negoçios que tu julgas. Per ventura o que obrou piadade chamar lhe ás piadoso? Nam: mas cruel, e ao matador piadoso, por serẽ casos que pertencem a *Deos*. O vaso que o oleiro faz, levantar se á em juizo contrelle porque o fez dhũa maneira e nam doutra? Pois tu homẽ fraco e de vil barro, como queres contender com *Deos*, examinãdo as obras *de* sua vontade? Noée justo era, e quantos se com elle salvaram. Porque lhe nam deu *Deos* a ley escripta, pois da sua mãam a reçoberam seus filhos, e se fora multiplicando com a geraçam dhũus em outros? Habram na tua terçoira\* idade, por a fé que teve mereço em sua semête serem bentas totalas gentes, como nam reçobeo esta ley? Pera *que* era o seu pirigrinar ã Egipto,

Ad Romanos. ix. ca.

Genesis. vi. c.

Genesis. xxii. ca.

/73r/ o sacrificar de Isac, o furto da bēçam de Jacob, o modo de seu casamēto, a multiplicaçã de tãtos filhos, a vēda de Joseph, a sua valia ã casa de Pharao, a ida de seu pay a Egipto cõ toda a familia, a multiplicaçã de tãtas gētes, o naçimēto de Moses, a sua saida com os filhos de Israel, o abrir do mar em doze carreiras, o dar da ley cõ todolos outros misterios della? Per vētura destas cousas pidiremos cõta a *Deos*? Nã, por serē obras *que* proçedē da sua vôtade, e nã cõvẽ ao intēdimēto humano tã grãde alteza: nẽ podemos mais sentir dellas, *que* quanto nos ensinã as escripturas dos sanctos barões, a quẽ *Deos* em espirito quis denũciar parte das suas obras. Loguo *que* sentiremos daquella grãde arca de Noée, e do recolher totalas alimarias lĩpas e immundas, por nã pereçerē nas aguas do geral diluvio? Sētiremos a sagrada humanidade de *Christo*: arca de *Deos* eterno, na *qual* e pela *qual* todo genero humano se pode salvar, das aguas ãfernaes do geral pecado, sē fazer exçeçã dalgũa pessoa. Verdade ée *que* ã Noee e ã seus filhos, estava o verdadeiro conheçimēto de *Deos* ãte de entrarē na Arca: pero recolherã os brutos *que* deste conheçimēto careçã. Assi em Habrã, Isac, Jacob, e ã todolos seus tribus, esteve este conheçimēto ãte *que* arca da humanidade de *Deos* fosse formada: e facto o verbo carne, salvaran se nella, judeus, gentios, mouros, e totalas

Genesis. vii. c.

Joannis. i. c.

/73v/ mundiçias e vans opiniões *que* per fé nella entrarē. Zombavam de Noee os que lhe viam fazer tal fãbrica, e avian no por sandeu\* em pregar o diluvio vindoiro. Assi zombavã de Cristo vēdo a sua humanidade, chamãdo lhe, samaritano\* por declarar os misterios de sua paixã. Pero se os *que* zõbavã de Noee seguirã sua doctrina, nã pereçeram em as aguas. Assy os cõtrairos a Cristo conheçendo sua divindade per fé, nã podem pereçer eternalmēte: mas lograrã aquella sua sancta humanidade, terra de promissam, dos sanctos padres tam desejada e dos novos hebreus tã mal entendida. Per quem corrē rios de mel e manteiga, mãtimento prophetizado *que* avia de nutrir o minino Jesu. Nome a *que* todo giolho se humilda, çeleste, terrestre, e infernal. Nem áa outro de baixo do çeo dado aos homē: no qual lhe convenha ser salvos. Nome sancto

Joãnis. viii. c.

Esaye. vii. ca.

Ad Philipp. ii. ca.

Acta apostolorum. iii. ca.

e divino, significado per este de quatro letras em que os hebreus nam podiam falar. IHVH\*. tres distintas e hũa dobrada misterio da sanctissima trindade subpositada em duas naturezas, divina e humana: cousa tam alta de entender e contemplar, *que* trãstorna todolos intendimentos que divinamente nam sam inspirados.

**Intendimento.** Pera que estás mais martelãdo\* em frio, (como diz o proverbio). Sabido estãa ser Cristo hũ dos mesyas prometido na ley, mas ée o *que* avia de pade-

/74r/çer filho de Fraim: o filho de David que á de salvar o povo de Israel, dos males e trabalhos *que* padeçẽ pelo mũdo, este estãa por vir e este esperamos.

**Razam.** Ser puro judeu he hũ erro, mas aguado cõ hereje: esta ée hũa calabreada\* tam má e danosa, *que* embebeda eternalmẽte. Antes disseste *que* as almas de David e de todolos prophetas esteverã ao dar da ley, per onde cõfessas as almas serẽ criadas jũtamente *que* ée opiniã comũmẽte reprovada: agora dizes *que* forã prometidos dous Mesias, hũ *pera* padeçer, outro *pera* nã sey quẽ. Se o Tẽpo teu cõpanheyro o quiser confessar, elle dirãa *que* na cõsulta de Babilonia foy essa invẽçã forjada antre os novos rabiis, vendo *que* em Cristo cõcorrerã todolos misterios da ley. Certo mais obrou o *Spiritu Sancto* em Gamaliel quãdo tiverã a outra consulta em Jerusalẽ duvidãdo o *que* fariam a Pedro e a Joãne *que* pregavã Cristo resusçitado, dizẽdo Gamaliel: Barões Israelitas oulhay o *que* vos cõpre e determinais destes homẽs: porque dias áa *que* se levãtou Theudo, ao qual seguirã número de quatro çentos homẽs, pero foy morto cõ todolos *que* nelle criã. Depois veo Judas Galileu, a *que* tambẽ seguio grã número de gẽte: isso mesmo foy destruido, e os *que* cõ elle cõsentiram: Agora a meu parecer, apartai vos destes homẽs, leyxay os, ca se este cõselho e obra ée dos homẽs, ella se destruirã, se ée de *Deos* não podeis fazer:

Acta apostolorum. vi.

/74v/ nam pareça que o contrariais. Este sancto baram como era alumiado per *Deos*, entendia que as cousas de sua offensa (como te ja disse) nam podiam muyto durar: e disso tinha experiẽcia nos exemplos que alegara. Se per dous homens

ouvidos em Jerusalem, dava tal conselho, que dissera vendo a mayor parte do mundo convertida per elles e per seus companheiros, com perpetuidade de mil e quinhentos e tantos annos? E em todo este tempo, sempre a igreja de Cristo foy muy perseguida e tentada de judeus, gentios, mouros, e de muytas heresias dos propios batizados: com que per vezes a barca\* de Pedro que a traz per as ondas destas tētações, esteve de todo çeçobrada\*. Mas per divino favor, sempre foy e seráa favorecida e multiplicada em mēbros fiées: e os outros povos que nũca tiverã antre sy estas torvações e espirituaes cõtendas, irã diminuindo, té ser factio hũu cural e hũu pastor. Porque nã ouve antrelles estas contradicções sobre a ley? (Como a Võtade depois pergũtava) Que[r]es a reposta? Porque he regra geral, aos mãos serẽ mais cōstantes em seus propositos: que os fiées seguidores da verdade. Sabes a causa? Por terem o demonio por cõtēda, que sempre tenta de os preverter e discordar: e dos mãos nam faz cõta, por os ter já ganhados e seguros em seu error. E daqui

Crisostomus Cõtra  
Judeos.

/75r/ vem os judeus quando mereçiã pela ley, idolatravã e indinavã a Deos, desviãdo se de seus preçeptos e mãdados: depois que se cõdenarã per elles, tomou lhe tamanho fervor de os guardar que nam passam hũa jota\*. E assi tẽ duas penas, quebrãtar as carnes cõ abstinēcia, e cõdenar alma per elles. Ca se fora verdade mereçerẽ por isso algũu prêmio, mais açeptos ouveram agora de ser a Deos do que nũca forã polo obrigar cõ duas cousas, hũa em crucificar a Christo que lhe divia ser obra gloriosa pois nã era seu filho, outra por guardarẽ a ley melhor do que ãtes faziã. Mas nós vemos que diz Esayas: Principes de Sodoma ouvi a palavra de Deos: povo de Gomorra dáa as orelhas aos sermões de teu Deos: Pera que quero a multidã de vossas victimas? Cheo sã dos elocaustos de carneiros e da enxunda\* das ovelhas. Sãgue de bodes e touros nã os quero, nã venhais ãte mỹ. Quẽ vos pede estas cousas das vossas mãos? Et caetera. Per vētura estas palavras sã ditas cõtra Christãos? Nã, por nã usarẽ dos taes sacrefiços: nẽ menos cõtra os de Sodoma, por ja serẽ destruidos e anichilados ãte a façe do señor. Pois cõ quẽ fala? Cõtigo povo (nã de Israel) mas

Esaye. i. ca.

Gomorritha: dâdo te este nome por ser âtelle tã torpe o teu pecado, como o destas çidades. Dirás pois como lhe erã açeptas as victimas? Sabes como se ouve *Deos* niso, a maneira *que* se áa hũ medico cõ algũ

Crisostomus Cõtra  
Hebreos.

/75v/ inferno de febres muy derregrado e impaciente no desejo d'agua fria: em tãto extremo *que* pereçerã de todo cõ desatino e mania se a nã beber. E reçeãdo o medico este pirigo, *que* pode sobrevir ao inferno: cõsente lhe o menos. E depòys *que* concede em seu appetite, manda trazer de sua casa hũu vaso d'agua dizendo, que beba sõmente daquella: e secretamente avisa aos ministros que o quebrem, polo apartar da tal secura e desejo. Assy *Deos* eterno, vêdo os hebreus tam desejosos das victimas e sacrificios *de* sangue, por nam cayrem no pirigo da idolatria, consentio lhe *que* os fizesem. Pero isto foy com sapientissimo conselho, tirando lhe logo o que premetio: pois em nenhũa outra parte do mundo podiam sacrificar se nam em Jerusalem. E esta pessuiram pequeno tempo, como o vaso do paçiente: ca logo foy destroyda, por lhe derramar aquella agua das victimas que tanto desejavam. E se o nam fez por tal causa, porque ençerrou esta religiam em hũu só logar, aquelle que todallas cousas enche? E porque pós o sacrificio nas victimas, e as victimas a hũu çerto modo, e o modo a hũu limitado tempo, e o tẽpo a hũua çidade, e esta loguo lha tirou das mãos? E agora estãa tam desolada, que nam áa hy quem diga: aqui foy a verdadeyra Jerusalem. Sõmente ficou aquelle logar dos mal feitores (monte Cal-

Luce. xix. ca.

/76r/ vario) que sendo fora dos muros, tam desprezado dos habitadores: ée ao presente pedra angular no meyo daquella pequena povoaçã, (em outro tempo senhora das gentes). Porque assy o permitio a *summa* providẽçia, nam ficar mais que os signaes e insignias da paixam de Christo, que lhe profetizou mayores males. Dirás cristãos fizerã isso por exalçar suas cousas. Dize, Tito e Vespesiano tinham batismo? Os que agora pessuẽ Jeru[s]alem e crem totalas obras de Cristo sõmente esta de padeçer a vossas mãos, como nam dest[r]uẽ esta lembrança que nã aprovã? Responderás ée rendimento parelles. E a vós

outros como vos nam consentẽ<sup>41</sup> redificaçam do templo, que lhe pode render com vossas romages? Pero dou lhe que vos leixem fazer hũu templo de pedra e cal. Quéé dos *prophetas*, da arca, dos cherubins, da vara de Aram, das tavoas da ley, do manna, do fogo çelestial, dos vasos sagrados, e doutras muytas reliquias daquelle tempo, pera lhe chamardes casa do Senhor? Com *que* glorificareis este templo? Com quẽ? Eu o direy. Com inorancia da ley de Deos e çiencia de hũus conluyos, com odio do proximo, por amor de hũua onzena\*. Desta depende a vossa ley e prophetas presentes, esta ée vosso Deos, a ella adorais e servis: e por ella negaes a *Christo*, e negareis a Moses se vo lla negase.

/76v/ **Tempo.** Eu se contrariey a Cristo foy per modo de argumento como se costuma antre os theologos escolasticos: negar sua sanctidade e pureza de vida, nam serey algũ daquelles que o cometa, ca me lembra ver lhe obrar cousas que mais pertençiam a divindade de Deos que ao poder dalgũ humano. Pero quando cuido que ouve fome no deserto, sede em a cruz, chorar sobre Lazaro, temer morte no orto, (fraquezas naturaes do genero mortal) rremonta se o meu sentido a cuidar menos delle do que tu aprovas.

**Razam.** Leixemos as obras e milagres que em sua vida fez: venhamos ao que disse que seria depois de sua morte, e os sinaes que nella e depois della çertificaram essa divindade em que nam estás confirmado. Que disse indo pera Jerusalem o dia que foy reçevido cõ: Osana fili David? Profetizou lhe sua destruiçam vindoira. E a Magdalena em casa de Simam leproso? O louvor e nome que avia de ter pello mũdo, da obra que fizera no derramar dos inguentos. E a Pedro quando cõfessou ser filho de Deos? E tu es Pedro, e sobre esta pedra edificarey a minha igreja. E a seus diçipulos quando os mãdou pregar ás ovelhas *que* pereçerã da casa de Israel? Nam cuideis que vim meter paz sobre a terra mas gladio. Estas palavras de Cristo ouverã effecto depois de sua morte? Tu es testemu-

Mathei. xxvi. ca.

Luce. vii. c.

Mathei. xvi. c.

Idem. x. ca.

---

<sup>41</sup> consentẽ] C, A, B, H e RJ consententẽ.

/77r/nha do que viste em mil e quinhentos annos: e nos do que contigo vemos ao presente. E que vemos? Vemos Jerusalem destroyda sem ficar pedra sobre pedra: por nam conhecer o dia de sua visitaçam. Vemos Maria Magdalena louvada e çelebrada, onde se cré, e lé o evãgelho de Cristo. Vemos sobre Pedro estar fundada a igreja, e *que* nunca totalmente a furia de muytos imperadores e tiranos idólatras a pode destruir, nem menos as heresias de grandes leterados nas humanas çiências: tendo naquelle tempo tam tenrras rayzes, que pequena força a podera desarreigar, se per humano poder fora plantada. Mas o de Cristo que ée de Deos eterno lhe tem dado esta eternidade por ser figura da outra çelestial igreja *que* esperamos. E cõ esta fé e esperança muytos negarã pais, mães, irmãos, maridos, molheres e filhos sã o amor natural ter algũa força ou poder, *que* prevertese o que tinham a Cristo. Que mais agudo gladio se pode imaginar ou vir sobre dous corações ligados *per* natureza e cõversaã de muito tempo *que* assy corte e aparte hũ do outro, como tu tã visto em muytos martires, que todas estas cousas desprezavã juntamente com a vida? Dizes que o viste aver fame em o deserto? Assi verias o vëçimento que ouve do tentador: e no fim deste tam grande triumpho, a refeçam espiritual que

Mathei. iiii. c.

Joãnes. xix. c.

/77v/ Lhe ministraram os ãjos. Viste que ouve sede em a cruz? Assy verias escureçer o sol contra natureza, e o vello\* do templo rasgado em duas partes, tremer a terra, quebrar se as pedras hũas cõ outras: Viste que...

**Võtade.** Cásada estou de te ouvir, e enfadada de esperar teus vagares: venhamos a cõclusam de nossas mercadorias, *que* isto me releva mais que tuas comũs aprovações. Ser Cristo filho de Deos, nós o tinhamos assy, per fé e batismo<sup>42</sup> *que* reçebemos: quis fazer experieçia de teu saber, e ja passaste esta carreira tanto a força de espora, que nam sey como nos queres aqui mais deter em outros exames, pois ficas examinada pera daqui a hũs dias.

---

<sup>42</sup> batismo] C, A, B, H e RJ bastismo.

**Razam.** Natural ée aos cõtumaçes nũa confessarem seu erro, se algũa ora sam desenganados delle. E per qualquer maneyra que seja, cõfessares a *Christo* ser verdadeiro filho de *Deos*, disso nã reçebes ao presente de mÿ louvor: pois o cõtadizes em o amor que ainda tens a essas tuas mercadorias. Se queres e desejas eterna multiplicaçã de teus talẽtos: estas am de ser queimadas *per* fogo de penitẽncia, e elles empregados em suas cõtayras. Porque ter fe em *Cristo*, sem obrar seus preçptos: ée obra morta *pera* mereçer, e viva *pera* te cõdenar. E só *aquelle* ée verdadeyramente chamado *Cristaam*: que por costumes quanto suas forças poderem, se chegar a *Cristo*. Que te aproveyta

Cyprianus de xii.  
Abusiõibus.  
Agustinus de Doctrina  
Cristiana.

/78r/ seres chamado o que nam és e usurpares o nome alheo? Pero se te delecta ser cristã, obra as cousas de cristandade, e com razam tomarás o tal nome.

**Intendimento.** Jagora estarás desabafada de nossos argumẽtos, pois se a Võtade ãfadou *de* te *esperar* e quis descobrir o que sentiamos de *Cristo* e de suas obras. E çerto isto deverã bastar, sem mais contrariares nossas cousas. E sabes porque o digo? Porque dizes só aquelles mereçerẽ nome de cristãos, que imitam e seguem as obras de *Cristo*. Parece que negas ao presente aver hy algũu? Pois dás a entẽder, aquelles serem capazes do tal nome, que em nossas mercadorias nam tratarem? Como tã enganada es tu que te parece aver no mundo alguẽm que viva sem parte deste nosso trato? O que se nam achou ão çéo queres tu dar na terra?

**Razam.** Sabes que chamo imitar a *Cristo*? Seguir seus preçptos, prinçipalmẽte este tam contrairo a tua peça infernal. Aprẽdey de mÿ que som manso de coraçam: E nam disse, sede como eu som, mansos *de* coraçam: porque nenhũ humano lhe podia ser igual em algũa cousa, imita llas e segui las si. E desta maneyra pode aver no mundo justos imitadores da sua ley, em que dividamẽte caiba este nome, *Cristãam*. Nam te pareça que por a hũ negro chamarem Joam branco, logo lhe fica a cor do appellido: quando tener este

Mathei. xi. ca.

Psalms. i.

/78v/ acçidente branco, convir lhe áa naturalmête. Assy quando tu de todo perderes as trevas de teu engano, e per lagrimas de penitência te embranqueçeres mais que a neve: receberás em tuas orelhas prazer e alegria de remissam de tuas culpas, pera ficar herdeiro com Christo, como algũus justos que neste mundo se nam humildarã ante Bahal, e infinitos penitentes que avorreçeram o que tu e teus companheyros tanto amaes.

iii. Reguũ. c. xix.

**Intêdimento.** Em os dez preçeptos *que* tu no prinçípio apontaste, estáa hũ que diz: Em todolos bons negoçios e juizos, dáa vantagem aos anciãos que do trato mais sabẽ e melhor sentem. E que tu nam fizeras disso lembrança, nós o seguimos: imitando em todallas obras ao Tempo e aos seus anciãos, por serem justo exemplo do que os mançebos devem fazer. E a experiencia desta verdade que seguimos, verás em nossa mercadoria, onde nam estáa peça comprada sem conselho do Tempo: por ser o mais ançiam de toda a terra, e que em qualquer obra, ora seja ecclesiastica, ora secular, em todas preçede, em cõselho e em liberdade de costumes aos mançebos. Porque como diz Job: Em os antigos estáa a sapiência, e no muito tempo a prudência. Que queres agora arguir contra nós que nam seja contra teu preçepo?

Job: xii. ca.

**Razãm.** Amor, odio, e proprio proveito: muitas vezes fazem

Aristotiles. li. i.  
Rhetoricorũ.

/79r/ o juiz nam conhecer a verdade. Estes têm tanta parte em ty: que te çegam de todo, em o juyzo de minhas palavras. Quãdo eu disse em todolos bons negoçios e juizos, dáa vantagem aos anciãos que do trato mais sabem e melhor sentem: Que quero dizer? Que nã obedeças áquelles que mãos negoços tratarẽ, e perversos juizos tenerẽ. Os anciãos *que* têm por coroa o muito saber, e por gloria o temor de Deos: a estes mãda o Ecclesiastico *que* obedeças, e te guardes do velho sandeu\* e luxurioso<sup>43</sup>: por ser hũu dos tres generos d homẽs que elle muito avorreçia. A velhiçe *que* Gieronimo louva, ée daquelles que sua mançebia ordenaram cõ honestas artes, e na ley do Senhor cuidarã de dia e de noite: porque cõ a idade se faz mais

Ecclesiastici. xxv. ca.

Ibidem.

Hieronimus ad  
Nepotianũ.

---

<sup>43</sup> luxurioso] C, A, B, H e RJ luxuririoso.

sabedor, com o uso mais certo, com o tempo mais sapiēte, e colhe os docēs fructos de seu antigo estudo. Segũdo Gregorio, nam costumou a sagrada escriptura chamar velhos, áquelles que sam maduros com a cantidade do tempo: mas com a gravidade dos costumes. Porque as cans\* (como diz Crisostomo) entam sam dignas de venerar, quando fazē o *que* a ellas cõvê: *pero* se o velho se trata como os mãçebos, mais ée *pera* zõbar delle *que* delles. Pois (*per* doctrina de Cipriano) aos velhos mais que a todos convê a boa religiã da vida: porque a fresca idade deste mũdo os desemparou. E os *que* começã a

Gregorius. li. xxx.  
Moraliiũ.

Crisostomus. Super Epist.  
ad Heb. sermone. vii.

Cyprianus de xii.  
Abusionibus.

/79v/ viver (diz Seneca) que nam áa cousa mais torpe no mundo.

Ad Lucilliu. epis. xxi.

**Tempo.** Três foram dadas aos mortaes *pera* se conservar e soster em soçiedade, paz, e saude: Ley divina que tem jurdiçam universal, ley humana que ampara a vida e fazenda, mediçina *que* menistra a saude corporal. Estas tres cousas, sendo tam neçessarias (cada hũa em seu genero) serem puras e limpas de todolos erros: sobreveo o uso das letras, que de proveitosas, as tem fecto as mais odiosas de toda a terra. E em boa verdade eu ousaria dizer, que papel e tinta tẽ morto mais homens em o mũdo, que ferro e aço: por que estes obrã na guerra, e a escriptura ã a guerra e na paz. Elles naçeram *pera* defender dos imigos: e o uso das letras foy inventado *pera* destroyr amigos e ganhar imigos. E sabes quando foy descuberto este seu dano? Depoys que ãtraram em juizo de homẽs mançebos. Aos quaes (segundo Crisostomo) nam lhe aprazem tanto as cousas substãciaes como as pintadas, mais seguem as aprazives que proveytosas, mais amam as que soam que as que obram, mais folgã de os cobrir a fresquidam das flores que ser mantidos na substãcia do fructo. Porque (como afirma Seneca) *per* inclinaçam natural facilmente ouvẽ os piores preçeptos. Assi tu neste labarinto do estudo das letras, mais seguiste o estilo de reprender que de

Crisostomus in Prologo  
Super Matheum.

Seneca in Tragedia. li.

/80r/ louvar. E sendo té ora tã comedida (dado *que* proluxa) em tuas palavras, ençetaste\* em mÿ alegando actoridades ã *per*juizo da velhiçe: como se Tullio e Synesio cyrenẽse nã

escreveram tratados, hũu em louvor da velhiçe, outro das cans\*. E os propios que tu alegaste em suas obras a louvam: como parte da vida a mais prinçipal do homem. E que per elles mesmos te podera confundir com auctoridades: por serem letras nã me quero lembrar posto que me lembrẽ. Pero quero te provar o seu dano, nã por mÿ *que* lhe sã contrairo: mas per aquelles antigos patriarchas o uso e obras dos quaes ée nossa doctrina. Adam õde todas as cousas neçessarias<sup>44</sup> e proveitosas tiveram prinçípio, como nam teve este uso *de* letras? Noee e os justos daquella idade sem ellas viveram. Habram e os sanctos daquella ley de natura, todo o saber *que* tiveram: mais lho ensinou a revelaçam que a escola. Per vêtura por nã usarẽ da escriptura leixarã de ser tã açeptos a *Deos* como Moses õdella\* teve prinçípio? Dirás ja ante *de* Moses se usava? Eu nam fallo agora em opinões quando as letras hebreas começarã, ou se as caldeas forã primeiras: ca esta cõtenda leixo aos mortaes, como as outras de tã pouco fructo. Sabes *que* chamo começar em Moses a escriptura? A ley que foy dada em tavoas de pedra figura da outra que avia de ser escripta em

/80v/ os corações dos apostolos: os quaes obrãdo e nã escrevẽdo doctrinavã as gentes. Pero como lhe faleçerã corações ficees, *que* regebesem bẽ em sy as letras de suas obras e doctrina: socorreran<sup>45</sup> se a tinta y papel, por ser testemunha *que* obrarã seu misterio em toda criatura. Escreverã os quatro avãgelistas, escreveo Paulo e algũus apostolos, começarã danados intendimẽtos retorçer sua escriptura: quiserã emẽdar este error algũus velhos e sanctos barões, assy como Hieronimo, Agustinho, Ambrosio, Gregorio: mas sobrevierã a estas quatro colũnas quatro opiniões, Thomistas\*, Albertistas\*, Scotistas\*, Ocanistas\*, dizẽdo *que* por estas colũnas serẽ lavradas muy chans e claras, elles lhe queriam poer hũu mosaico que as lustrasse. Pera a qual obra ajũtarã estas cores de pedras, duras e frias em o conheçimento dos misterios de *Deos* eterno: Aristoteles, Galeno,

Marci. xvi. ca.

<sup>44</sup> necessarias] C, A, B, H e RJ neççsarias.

<sup>45</sup> socorreran] C, A, B, H e RJ socorrenran.

Ptholomeo, Plinio, Abenazar, e outras muy *desvayradas* cores, e tã cõtrayras a paz e mãsidã da perfectã doctrina, *que* mais armas requerẽ hũas escolas *que* hũu çerco de mouros. Quẽ fez estas cõtendas sem fructo, se nã tinta e papel, posto em juizo de homẽs mãçebos enlevados na vaidade e alteza de seu engenho, e çegos no claro e moral estilo dos antiquos? Dize nam fora millhor reçoer se a doctrina cristã per<sup>46</sup> obra *que* ée voz viva e nã *per* escriptura? Agusti-

/81r/nho nam lia elle as obras de Paulo, pera *que* desejava de o ver pregar? Sabes a causa? Por *aquelle* nã sey *que*, *que* Hieronimo diz, estar mais no acto da viva voz pera imprimir cõ mais força no coraçã do ouvinte, *que* a escriptura. Pois mais differença áa da obra a voz, *que* da voz á escriptura. Como nam te parece a ty, *que* convertera mais asy as obras e vista *daquelle* sanctissima e piadosa humanidade de Christo, do *que* agora converte a sua doctrina posta em tinta e papel? *Que* ée mays tentada, mais cometida e perguntada de phariseus presentes do *que* elle foy dos passados, e poucos respondem por ella? E se algũus a querem defẽder, nam ée com obras obradas mas impremidas, *que* fica ja mais em trato de mercadoria *que* de doctrina. E o *que* pior ée, os *que* am de favorecer esta escriptura *de* Christo com armas, esses ao presente querem contender per letras: e as letras vestem as armas, mais por suas particulares paixões e ligas de error, *que* por obrigaçam de seu officio. E se quiserem alegar *que* disse Christo a ora de sua morte: O *que* nam tener gladio venda a vestidura e compre o. E sabes per *que* gladio o ás de entender? Per *aquelle* *que* elle veo meter sobre a terra: e nam pelo material d aço de Milã. Porque este gladio de paciẽcia cõvem aos seus servos em as tentações e oppressões mundanas:

Agustinus.  
Hieronimus in Epis.  
xxxj.

Luce. xxij. ca.

/81v/ e corta tanto per ellas, *que* as deçepe e mata no sentimento dos fiées. Se Christo falara em gladios materiaes, nam mãdara a Pedro *que* embainhase o seu, dizendo: Todolos *que*

---

<sup>46</sup> per] C, A, B, H e RJ per per.

Mathei. xxvi. ca.

tomarem gladio com gladio pereçeram. Cuidas tu que nam posso rogar a meu padre que me mandasse agora mais de doze legiões de anjos? *Et caetera*. A virtude e paçieçia mais pode sempre na igreja de Deos que as armas. Exemplo temos de muytos que se asentaram na cadeira episcopal: os quaes cõ hũu cajado na mãam, posserã e desposseram da rreal grandes e muy poderosos príncipes. Pero os *que* leixará o baculo pastoral e tomarã as armas materiaes, *querendo pera* si a vingança sendo ella do Senhor: sempre desfaleçeram em seus impetos, naturaes da moçidade de *que* me queixo. Esta foy a que fez da casa da oraçã casa de trato e ira: quãdo a simonia\* começou a comer ã o berço os meritos e galardões\* da docta velhiçe. Esta anda mēdicãdo, e a moçidade, ã galgos, gaviães, cartas, e máos dados em preço de sangue, gasta as grãdes perlaçias\*. Estes sam os bēs *que* as letras causarã: abelitar per petiçã, os *que* a natureza nã abelitou cõ idade e costumes. Quãdo o pastor punha a vida por suas ovelhas, todo o negóçio era eleições, e agora, estáa no fiat das pitições: porque merçenarios gostarã do *prémio* material, e nam do trabalho de

Deuteronomiũ. xxii. ca.

/82r/ pastorar. Isto quãto a ley de Deos: na dos homēs que cuidas de maldade que as letras nam causasem? Áa hy peste que mais em breve tire a vida, do que libelos\* gastam fazēdas? Quem rouba os filhos de suas patrimoniaes heranças se nam custas de máos fectos? Quem causou testamentos, çedulas falsas, contractos dissimulados e cautelosos, os pontos de engano, o negar juiz de seu foro, o pagar sem forma nem ordē de juizo? E quãdo vem a execuçam desta escriptura: ée com outra dhũa bala de papel, et nondũ finitus Orestes. Quem tirou a brevidade do mũdo e tam proveitosas palavras como, *sy, nã? Quem?* Letras, que têm morto as dez partes dos homens no labyrintho de sua indeterminada sentēça. Pera que sam logo boas? Pera vender justiça a rricos, e rouba lla aos proves, culpar inoçētes desculpar intereses: e outros mil danos de que sam testemunha. Que fez mais o uso da escriptura em a mediçina, revelada aos homēs *pera* as enfermidades humanas? Ordenou tãtos cõpostos de cousas simples *que* alterou as naturezas, corrôpeo as cõplexões\*: com *que* ficã oppiladas\*

pera toda sua vida. Os bocados cōpostos, cō dias determinados á vida, ella os ensinou: e dos abortivos e movitos\* foy cōselheira. Em fim, se buscares os bens destes tres divinos dões *que Deos* deu aos homẽs pera o louvar e servir:

/82v/ acharás *que* a escriptura lhe tẽ dado tãtos cōtrairos, que val mais a simpleza justa esecutiva *que* a sua doutrina maliciosa. Esta como ée mais impituosa ã suas obras, assy segue as calidades do sãgue. No frio como ée o dos velhos, muy rara se acha: mas no fervente dos mãçebos ée tã natural, como a variaçã dos seus appetites. Dõde disse Salamã *que quatro* cousas achava muy defficis, e a quarta totalmẽte ignorava: O caminho da aguia pelo aar, O da cobra sobre a pedra, O da náao per meyo do mar, e o do mãçebo em sua adoleçẽcia. E por isso afirma Ambrosio que ée muy vezinha a caidas: ca o fervor da variaçam de seus desejos, se ascẽde com a idade. Nem podem em algũa maneira os mançebos (segundo Aristoteles) ser prudentes, porque a prudẽcia requere experiẽcia: a qual tẽ neçessidade de mÿ, e a multídam dos dias a faz. E por nã dizeres *que me quero* ajudar da escriptura, trazẽdo auctoridades suas: calarey outras muitas *que cõtra* tua opiniã podera alegar.

**Razam.** Como diz Paulo: A ley nã cõstrãge o justo, mas aos injustos. Que eu falase ã velhiçe, nã cõprẽde a rreprẽsam mais *que* os culpados. Sabes *qual* despraz a *Deos* e aos justos e perfectos barões? Aquella *que* tu em muytos presentes verás. Os quaes postos em colos d homẽs paraliticos e esqueçidos da natureza acharás nelles (de palavra) toda a cavalaria, to-

/83r/da a desenvoltura: com tanta determinaçam pera qualquer desafio, como no mais verde *de* sua idade. E falãdo em linhagẽ, per a mais dereita linha vẽ dos Fabriçios. As suas letras e saber, se o mũdo o etẽdesse: elle bastava *pera* o governar. Açerca das armas, vio se ja em tãtas cousas: *que* pode triũphar mais vezes *que* Mario. E pinta se *que* tornava da victoria, ã hũ cavallo\* põbo creçido, tinto *de* sãgue dos imigos, cõ as armas rotas *per* mil partes. E *quando* assi entra põposo: vẽ asoprãdo cõ os mares mais grosos ante si *que* dez baleas. Pero se vieses ao caso do interesse e da sua natural cobiça: verás este sãgue Fabriçio tã

Proverbiorũ. ca. iii.

Ambrosius in li. De Officiis.  
Aristoteles. i. Ethicorum.

i. Ad Thi. i. ca.

A velhice ignorante: *que* *perca* as forças nam perde opiniã.

Cobiça e nobreza: nũca se bẽ avieram.

metido cō Rabi Açof, que o seu sinal lhe fica no peito, e Açof no seu estado. Quinze ânos tingẽ de preto pera brâco, por cobrar crédito e actoridade: e oitêta tingem de brâco pera preto, por comprazer a doze: que o fazẽ converter em piores figuras que os ospedes de Cirçes. Isto nam sam actoridades das escripturas gregas e rromanas: mas obras ao presente de ty muy favoreçidas, e de *Deos* gravemente estranhadas. E se por esta tal velhiçe reprovaa a escriptura, fazes dous erros: favoreçer a maldade *que* em nenhũa cousa o deve ser, e ir contra a mais proveitosa e neçessaria cousa *que* se achou dos homẽs. E que algũas vezes se mal use das letras, culpa a tençã de quẽ obra: ca esta ée culpada ou louvada em todolos actos

/83v/ humanos. Verdade ée que antre tuas palavras vam muitas muy proveitosas e çertas: mas levã o intento dos máos, antre a virtude envolvẽ maliçia, por se nam ver e sentir. Dizes que muito melhor fora o que está escripto ser obrado? Quem te negará tamanha verdade. Pero, ja que a maldade desterrou cassi de todo a virtude, ainda tu quiseras que a escriptura que sostem essa pouca que ficou nã fora achada. Os de Ninive a que Jonas foy enviado, se nam ouvirã sua pregaçam: nam fizerã penitẽcia. E se em Sodoma algũa escriptura clamara tantas vezes, como ao presente clama na igreja de Deos: per ventura conmutara seu diabolico uso, em penitẽcia, e por esta ignorança ante o juyzo universal teráa menos culpa. Leixa as letras clamar, pois *que* as obras perderã ja sua vez. Leixa estas inoçentes servir e louvar ao Senhor: e se de todo quiseses que calem, as pedras e elemẽtos tomaram seu offiçio. Ca per meyo de dous livros pode Deos ser conhecido: hũu da natureza, e outro da escriptura. O primeiro se chama elemẽtar e o segundo spiritual. Porque bem, como pela letra *que* ée morta, entendemos a tençam de quem escreveo: assy *per* as cousas materiaes alcançamos as immêsas de *Deos*. Donde podes entender *que* muitas sam criadas nã *per* a neçessidade humana: mas *pera* entẽdermos a *Deos per* ellas. E pois esta escriptura

Jonas. ii. ca.  
Mathei. x. ca.

Luce. xix. ca.

Ad Romanos. i. ca.

/84r/ da cõtemplaçam se foy com os antigos padres *que* alegaste: leyxa aos presentes a das letras, por se nã corrõper toda a

carne. Ca per ellas mais *que* pelos exemplos de seus clamadores, somos cõvidados aas çelestiaes vodas do Senhor: onde nã entrã os vestidos das cores dessa tua mercadoria. E se por esta causa, e por serẽ inventadas contra os danos do esqueçimento que traz a tua velhiçe, praguejas dos seus devotos: palavras de imigo nam têm fée nem actoridade em prejuizo de seu contrairo. E que a moçidade e velhiçe ãtre sy sejã differêtes: nam te pareça *que* assy reprêdo as cans\*, *pera que* a moçidade fique louvada. Muytas arvores áa hy de hũ mesmo genero, plátadas em hũa mesma terra e que dos agricultores recebem igual benefício: e hũa fructifica e outra viçeja ã rrama. Em os velhos e mançebos acharás a mesma differença, todos sam mortaes e infinitos subjectos a essa tua mercadoria: e nem por isso todos empregam seus talentos tam mal como vós outros fizestes. Velhos acharás como Noee e Loth, em cuja virtude se pode salvar hũa çidade e ficar a fée do mundo: e outros mais falsos e viçiosos *que* os de Susana. E mançebos *que* seguẽ os dous Joãnes Batista e Avãgelista: e outros *que* em maldade vēcẽ a Judas, en crueza a Nero, em torpeza a Sardanapalo. E estes *perversos*, ou seguẽ a<sup>47</sup> ty ou tu a elles: por que

Mathei. xxii. c.

/84v/ os ouvir, ouvirãa toda eloquencia em reprimir viçios, em blasfemar do mũdo mal governado, que tudo se perde, a verdade nã val, os bons perecem, a fée se resfria: isto com tanto fervor do ânimo como se nelles estevese toda a virtude ençerrada, mas elles trazẽ na ao pescoço como reliquias sem fée *pera* jurarem per ella.

**Intendimento.** Erro seria nã acodir a quanto enfadamento deste ao Tẽpo com tuas vaidades: como se na razã dellas estevese posto o estado do mũdo. Toma as regras universaes da natureza, e verás a *verdade que* debes seguir. Nã ves cõ quanta variedade d arvores, ervas e flores, tam differentes em espeçia cobrio a terra? Estas obras *per* vëtura sam vans? Nã, mas doutrina *que* nos demonstra ãtre os homens per semelhãte modo, aver tã differêtes estados e opiniões: hũs fructificã doçe,

---

<sup>47</sup> a] C, A, B, H e RJ a a.

outros azedo, e muitos nada. (Como tu dizias) nẽ todos sam máos, nẽ todos bõs, nem todos servos, nẽ todos senhores. E esta variaçã faz a natureza maravilhosa: pois ẽ hũ só genero, variou mais tenções e appetites do que áa nas ervas da terra. Porque estas ou sam frias ou quẽtes, humidas ou secas: e antre os homẽs acharás outras calidades que nã entrã em estas quatro. Dõde me parece, *que* os auctos humanos mais seguẽ opiniã e vêtura: *que* as regras da natureza ou de tua doctrina. E destas opiniões, *per* regra moral

/85r/ es obrigada seguir a mais comũ. Nã leste do outro philosopho *que* nã quis ficar sesudo\* antre os sandeus\*? Toma de mỹ este cõselho: Nũca leves musica aos surdos, nẽ cores onde julgã çeguos: nẽ te faças covardo ao feroz, nem prove ao riquo, nẽ sesudo\* ao sandeu\*. *Porque* dado *que* cõpetidores em hũ appetite sempre sejã cõtrayros: muyto mais o sã os differentes em tenções. Dõde vẽ *que* casto e desonesto, verdadeiro e mẽtiroso, nũca se bem avieram. Hũu sandeu\* outro o enfrea, hũ sesudo\* cõ outro se cõçerta: e assy estãa toda esta fábrica mũdana ordenada *que* hũs sam cõtrayros aos outros, e juntamẽte todos se cõservã. A justiça nã se faz sem algoz nẽ o marteyro se ganha sem tíranos, nẽ o senhorio das cousas sem escandalo *de* partes. Todalas maldades têm seus ministros, e a virtude seus devotos. Hũs seguẽ preçeptos escriptos, e outros *de* costume e tudo ée ley. Estes dous modos ouve antre os gregos: Os Athenienses se governavã *per* leis escriptas, e os Laçedemonios\* *per* leis de costume. Dõde Justiniano na istituçam rromana diz Os costumes cotedianos, aprovados com uso *de* quem os usa imitam ley. Nós por as causas *que* ja o Tẽpo disse, de quanto mais exçelencia era a obra que a escriptura: tomamos esta parte de costume e nam della. Na terra onde vivemos, verdade ée que muytos volumes acharás de todo genero

Justinianus de ju. na. gen.  
e ci.

/85v/ de doctrina, mas estes servem d arreo e crédito: e as obras ministrã as cousas neçessarias a esta nossa mercadoria. Se tu queres tomar a parte da escriptura e nam do custume, busca novo mundo em que vivas: que este cheo está da nossa opiniã,

e muy vazio de tua doctrina. E *que* em trazer estas mercadorias tam contrairas a teu juizo, nam seguise o conselho que te dey: a culpa nã fica em nós, mas no pouco conhecimento que tens de sua bondade, e seres tam sojecta a cousas baixas e pacificas, *que* as altas e de corações heroicos e enlevados sam pera ti estranhas. Queres ver como estás enganada, oulha a quẽ seguimos, que sam os príncipes da terra. Os quaes sam governados per *Deos* segundo aquella auctoridade. O coração do rey está na minha mãam. Pois como estes sejam a guia a que todos devam seguir, por que leixarey suas obras de tal poder favorecidas, por tuas razões sem fructo? Nelles vejo estado, poder e senhorio, em ty fraqueza e miseria: hũ se ganha per muyto saber, outro por tudo arreçar. Que fica logo daqui? *Que* tal é o saber, *qual* é o estado. Pequena posse, pouco siso: grãde valia muita industria. Sẽpre a natureza neçessariamẽte socorre: dãdo a cada hũ o *que* cõvẽ a sua possebilidade.

Proverbiorũ. xxi. ca.

**Razam.** Verdade é que o saber e virtude d agora, podes cõparar á pedraria: a mãam de quẽ a pessue lhe dá o preço.

/86r/ Pouco val hũ robii em poder de hũ lavrador: e muyto em a mãam de hũ príncipe. Nẽ por este ãgano estar ã o juyzo dos mortaes: perdẽ as cousas seu justo preço, ante aquelles *que* a verdade sentem. Nã cuydes *que* dáa *Deos* o saber como dáa o estado: porque a muytos acontece bõa ventura e a poucos bõ cõselho. Herdeiro áa hy, que careçe de saber pera a herẽça, e deserdado, da herẽça *pera* o saber.

**Intendimento.** Qual desses a teu juyzo averás por mais enganado?

**Razam.** Todos vivem de sy contentes: o ignorante por se nam entẽder, e o sabedor porque o entende. E que a escriptura diga: O coração do rey está na minha mãam: nem por isso entendas que *Deos* o move ã preversas obras. Certo estáa que muitas vezes castiga os povos com príncipes injustos: e que *pera* esta justiça lhe chame seus servos como a Nabuchdenosor: nem por isso lhe sam açeptos e justos em perfectõ saber. Sabes onde estáa o verdadeyro saber *que* a todos convem? No temor de *Deos*, e o temor nas obras, e as obras no conselho e o cõselho na conversaçã: e qual ella for, tal serãa

Hieremie. xxv. ca.

o conselho, tal a obra, tal o temor. Nã te engane o *que* dizem ignorantes maleçiosos, que muitos obram mal e aconselhã bem, e *que* dos taes se deve tomar o que dizem e nam o *que* fazem, e se deve usar com elles ao modo que os medicos tẽ com as bitoras, tomã o necessário pera a tiriaga\*

/86v/ e o mais engeitam por lhe nã convir. Sigue ante esta regra que ée mais segura e menos odiosa: Dos máos, nenhũ bom cõselho: porque mais infamam com sua conversaçam, do que aproveitã com elle. Nam te pareça que ées tam justo como Cristo, que conversava os publicanos\* por os trazer a penitẽcia, ca te podẽ provocar a ser mais publicano\* que elles, e se nam em costumes serãa em fama. E sabes per *que* regra serás conhecido, nam pella dos phisionomistas, que dizẽ per a proporçã e membros conhecerem o bravo o manso o casto e desonesto, mas per as tuas conversaçõs: porque tal ée alma, qual a vida, tal a vida, *qual* cõpanhia. E no escolher desta, pera alma pera honrra, pera fazenda, convẽ tanto exame e providẽcia, *quanto* cada hũa destas cousas se am de estimar. E na primeyra êtrada desta açeptaçã, ainda os phisionomistas em suas primeyras regras, mãdam escolher os homens bem asinalados, sem aleijam ou erro perque a natureza os quis abalisar: porque a má fortuna deste, ainda pode empeçer a quem lhe for muyto familiar. Donde veo o comũ proverbio: Guarde vos Deos d homem mal asinalado. Pois se as taes companhias empeçem com seu infortunio ao corpo: quanto mais prejudicarã a alma com seu cõselho. E onde se mais claro vee os danos que trazem os máos conselhos, ée no

87r/ regimento dos reys *que* sam subjectos a elles: porque dado que a tençam do príncipe seja justa e piadosa, estes o fazem hũu alchemista *de* erros, com imaginações de acreçentar seu estado. E pera esta obra lançam na fornaça da esperança, a alma, hõrra, vida, fazenda, e outros materiaes (substancia do rey e do regno): em *que* os folles de suas maliçias cõtinuadamente ventã, por lhe o vêto ser *próspero* e favoravel. Perde se hũa fundiçã, nã faleçe desculpa e cõselho *que* a desculpe, e faça tornar a outra e outras: e o fogo do tẽpo nã faz se nã gastar e

cōsumir todolos bõs materiaes, sã ficar mais *que* hũa triste e arepẽdida lãbrãça de como se cõfundirá. E poucas vezes se apura hũ pouco de bõ cõselho: *que* desengane, *que* a pureza do ouro de seu perfeyto estado, nã se cria *per* industria de homẽs *que* ajudã cõ vẽto, mas cõ os rayos do sol da justiça. Este faz da morte vida, da guera paz, do temor esforço, do trabalho repouso: e todalas escorias da terra converte em seus contrairos. E *que* algũa luz da minha demostre esta verdade: ée a carne tã contumaz\* em sua tafularia\*, que se deseja forrar com aquelles e *per* as artes cõ que se perdeo. E assy nunca mudam a vida nẽ o estado della: e sempre andam tismados da conversaçam desta má alchimia.

**Tẽpo.** Por mais çertos e ditosos alchimistas averia eu aos menistros que ao senhor: ca elles põe vento e

/87v/ o senhor a substãncia, e da sua perda tiram o ganho. Perde honrra, tiram honrras, do estado, tiram estados, e da fazenda fazẽdas. Assy que fazẽdo neçessidades alheas fazẽ assy mesmos neçessarios: *que* ée a mais sutil alchimia que agora anda na terra. E esta a meu juyzo, bem empregada em prinçipes que tomam por parte de seu regimento viver de baixas cautellas. Sabes a *que* chamo cautellas? Ser sospeytosos e desconfiados daquelles a que entregaram confianças: ca este modo faz perder se a fée e usar da alchimia que disse. *Porque* assy como ã escolher homẽs cautellas, ée signal de prudẽcia: assi más suspectas nos escolhidos ée azo\* de seu dano. Quem quiser verdade, cõfie nella, se aa nam acha reprove a pessoa e nam disimule: ca sendo sentido das partes culpadas, mostra fraqueza e neçessidade dellas. E o coraçam que for subjecto a invẽções alheas e nam a sua industria, e dhissimula pecados d homẽs que nam têm penitẽcia: este tal, fica subjecto aos negociadores, e os negoçios nam a elle. Eu sempre me prezey de leal e bom conselheyro ante os prinçipes, mas quãdo me vi zombado e mal agradeçido, e que se cõpria em mỹ o dicto de Salustio: Aos reys os bons mais que os mãos lhe sam sospetosos: converti me a outra sentença: Pelas artes cõ que se ganhã os estados *per* essas se conservam. Usam de

A confiança em todos ée signal de ignorãcia.

A desconfiãça em todos mostra tẽ de tirano.

Salustius in Catelinario.

/88r/ cautellas<sup>48</sup> onde lhe nam cõvem, tenho as á sua custa. Negoçam por preço, e eu por preço antelles. Assy como comprã avisos assy vendo eu os seus conselhos: e faço de hũu leve dano outros mayores, e dhũu máo conselho ser neçessario pera muytos.

**Razam.** Mais prejudicial ée esse pera tua conçiência, do que pode ser danoso a seu estado. E que algũus príncipes sejam ingratos aos fiees, nem por isso ás de usar mal de tua alma com elles. Sabes donde vem a sua ingratidam aos bons? Nam mereçer a Deos que os tenham por amigos e conselheiros: porque quando os elle *quer* castigar, tira lhe o bom conselho per este modo de o elles avorreçerem. Exemplo temos desta verdade em muytos reys de Isrrael, que lhe tirou *Deos* os verdadeiros prophetas e dava lhe os falsos: pera cõ seus conselhos os destruir. Pero o teu em quanto o quiserem aceptor seja livre, claro, e sem temor de poderes desprazer. Nam te vêça a esperança presente dos homens: ca maldito ée aquelle que nelles confia, espera na verdadeira que galardoa\* eternalmente.

Hieremie. xvii. ca.

**Tempo.** Quem seráa tam diamante que possa sofrer desprezos da verdade e honrras da mentira? Vejo nestes conselhos homẽs que sam como lugares mal situados, que naturalmẽte nenhũa cousa tem em sy, tudo lhe vem d acarreto\*: e por se nobreçer de crédito, fazẽ o offi-

/88v/çio dos caçadores vam gloriosos: compam a caça no mercado, e vêm com ella ás costas contando mil aventuras de como a caçaram. Outros tẽ laçado sua çilada na conjuraçam das vozes subornadas: e como os pareçeres sam travados na escaramuça\*, fazem signal e leixan se vençer, por ficarem vencedores de seu proveito. Per outra parte algũus delles trazem o odio tam descuberto de paixões antre si, que ainda nos casos alheos onde nam põem mais cabedal\* que parecer, querem exercer suas danadas vontades: contrariando a verdade se per dita algũu a disse (samente por nam levar este

---

<sup>48</sup> cautellas] C, A, B, H e RJ cau-cautellas.

o merito daquelle conselho). Que queres que diga? Sam os ventos tam contrayros nesta navegaçam, e os mares tam cruzados: que fazem correr a não todolos rumos d agulha, sem nunca tomar porto dalgũ repouso. E sabes a causa? Porque desta oppressam tiram todolos seus intereses: ca os que podem ajudar com armas, sempre ordenam os casos pera temores da guerra: os da fazenda, desneçessarias neçessidades pera as sempre aver: e os da justiça, invẽções pera mayor confusam do direyto (causa de sua jurdiçam). Todos aconselham o seu mister\*, todos praguejam do alheo, no seu estáa o estado, e no dos outros o appetite: e com estas differenças em poucos acharás o que me aconselhas, e em muytos

/89r/ a parte que seguimos. E poys esta parte ée agalardoada\* dos príncipes: té qui aconselhey e agora emgano. Siguo o modo dos prophetas falsos de Israel que alegaste, porque com dizer: Hec dicit dominus, Se ée boa a paz, aconselho guerra, pera ter tesouro, vendo a esperãça por muyto preço, causo cobiça por destróir fazenda, esqueço a cabeça por me lembrar dos pées, acudo a dor leixo a obrigaçam, trago a mãam nas orelhas, os olhos na lingua, a bolsa na vontade, e o galardam\* na ventura: totalas cousas troco em seus contrayros e a meu proveyto.

**Intendimêto.** Agora confirmas o que antes contey a Razam, quando lhe disse os modos da corte dos príncipes: e ainda te quero nisso ajudar porque saiba quam pouco medraria se andasse na dalgũus. Tenho me eu com a ventura: que sem meter cabedal\* de sangue, pessoa, fazêda, serviços, ou dalgũu<sup>l</sup> fructuoso mereçimêto: entra muy despejada (ou deslavada) em a casa dos galardões\*, e leva o resto da mesa com que fica senhora dos senhores. E nenhũu outro mayor inconveniêto os mortaes ao *presente* têm pera perder o que ella ganha, mais que a tua companhia: porque o mũdo nam entregua á ministraçam de suas cousas a quem o pode reger, mas aquelles que pejam\* logar e nam occupam a posse dellas.

**Razam.** Poys eu

O príncipe ée senhor dos costumes.

/89v/ vejo casas, estados, grandes rendas cõ nobreza de novos títulos, dados em satisfação de serviços: os quaes galardões\* sam bom exemplo pera imitação doutros taes factos. Logares, homens, costumes: muytos têm o cunho do rey que os nobreço. Dõde vieram fidalguias e trajos se nam do gosto que os reyes tiveram delles? Sempre se disse: tal rey folgava em tal lugar, fez tal casta hõrrada, era monteiro, vestia as armas, estimava as letras (e outros exerciçios prazer de sua vida). Regna outro e desfaz quanto este fez. Todos vẽ interpollados: hũu guereyro, outro pacífico, hũu cobiçoso, outro<sup>49</sup> liberal, hũu previsto, outro inhabil. Cousa ée muy geral proviñcias, regnos, çidade, homens, costumes: todos tẽ sua vez, sua frol, seu princípio e seu fim. E bẽ aventurado o príncipe em cujo tempo florecebam cousas de louvor, e homens de perfecta vida medraram: ca ée signal da perfeiçam de sua. Nam áa mister\* mais coronica que os costumes de seus povos, porque tal será o rey quaes elles forem: por ser hũu espiritu potencial da sua republica. E que na distribuiçã dos galardões\* te pareça, algũus nam guardarem justiça, iguando o prémio dos que vieram a tarde cõ o dos trabalhadores do dia inteiro: Amigo nã te faz injúria, porque o galardã\* pendia do seu contõtamento e nã do teu serviço, e cõ esta ley azeptaste

Luce. xxiii. ca.

/90r/ o trabalho. Como nã lhe serãa a elle liçito usar de sua liberalidade? Per ventura a sua frãqueza serãa causa de teu escandalo? Joãne astando ao pé da cruz escãdalizou se quãdo Cristo disse ao ladram: Oje serás comigo em o paraiso, e elle ficou no mũdo pera sofrer martirios?

**Võtade.** Agora te quero responder pois falas ã galardões\* propios: e nã quãdo tratavas do regimẽto comũ. Dize esse Cristo nã prometeo aos seus diçipulos a gloria, porque permanecerã cõ elle em as suas tẽtações?

**Razam.** Si.

**Võtade.** Pois se o tu alegas pera desculpa dos príncipes, como estes quando estã no repouso de suas tẽtações negã o galardã\*

---

<sup>49</sup> outro] C, A, B, H e RJ outro.

prometido aos *que* viveram d esperança té *aquelle* tẽpo de seu estado, e cõvertẽ se *áquelles* que trouxe a ventura?

Luce. xxii. ca.

**Razam.** E tu *queres que* as suas cousas tenham a razã de *Deos*? Sabes qual ée a dalgũus? Este verso de Juvenal: Assi o quero assi o mando seja por razam a võtade. E em outros nam lhe acharás mais inconveniente que desejo de bem obrar: nem mais crueza que mãsidã, nem mayor injustiça que a muyta que querem fazer: Assi que no erro dos primeiros estáa obra, e nos segundos vontade pera obrar. E retardarẽ algũus o galardam\* de teu serviço: nã te debes por isso escandalizar, ca ée ministro: e o espirito onde quer espira, e pode ser que o nam mereças a *Deos*, ou ée contra tua salvaçam. Conformam te cõ *Deos* em

Juvenal in Sa. vi.

Tãto se culpa a furia:  
como a fraqueza.  
Joannis. iiii. ca.

/90v/ teus desejos, e perderás odio de quẽ os nam satisfaz. Pero dize como te *aqueixas* da medrãça\*, se no prinçípio de nossa prática disseste que em casa dos reys e prinçipes nẽhũa outra cousa era mais estimada e de mayor preço *que* a tua mercadoria? Parece *que* mais a quiseste gabar porque a eu aprovase, que por ter algũa valia antelles?

**Vontade.** Bem apontaste, mas entẽdes mal o caso. Sabes dõde naçe o meu escandalo? De sermos tãtos a esta mercadoria *que* abatemos hũus aos outros: e este incõveniẽte tem factõ nam ser eu ja monarcha das terras.

Onde todos querẽ ganhar  
muitos am de perder.

**Razam.** Muyto te alargaste, Nam sabes que estáa repartida antre justissimos prinçipes, que a possuem com honestos titolos, pois cõ sangue e armas ganharam dos infiées parte de seus estados? E mais se tu esperas galardam\* de vasallo, como te farias senhora? Com que dereito e com que poder poderias ter tam injusta herança?

**Vontade.** Pouco sabes do mundo, o Tempo ée testemunha que muytos servos se fizeram senhores com as artes do senhor: e muytas penas foram honrra dos culpados. Sabes o titolo que eu teria no que alcançase? O que muytos tẽ no que demandam. Ja algũus trouxeram por letra de sua divisa: O direyto nas armas. Pergunta ora quando hũus contedem com os outros, quẽ ée o juiz de sua causa? O poder que mais sol-

O poder ee senhor do direito.

Horatius. Ad Lolium.

O tẽpo acrecẽta e diminue todalas cousas.

A nobreza está na propria virtude: e nã ã effectos alheos.

O que os grandes estimã: isso aprovã os pequenos.

/91r/dados ajũta, e mais polvora despende. Padeçã vidas, destruyã se regnos: *que* o fim destas cousas estáa no termo de seu furioso appetite. Donde disse Horaçio: Qualquer desordem dos reys pagam os povos. E sabes com quẽ? Com as vidas e fazẽdas em quanto dura a guerra: e depoyos com tributos *que* a neçessidade pera sempre ordena. Pois falando em sangue e nobreza dalgũs, a que derã novos epitetos de magnos castos, *et caetera*, sabes o Jupiter, o Mars, o Hercules donde descendem? De Romulo e Remo pastores que andavã ao\* salto: e de Eneas e Antenor que ve[n]derã a patria, e doutros de tam gloriosos factos. E se os ouvires cõtar a ordem de sua prosapia, o principio de seu estado, as divindades e casos que sobrevieram *pera* a cõfirmaçã delle: querẽ mostrar *que* sam cõpostos da quinta essençia sem parte dos elementos populares. Como se nam soubesemos que o estado real teve prinçípio em pastores, e o saçerdoçio em pescadores: e *que* a fidalguia comũu d agora, nam ée mais que hũ esqueçimento antre os vivos, da pequena fortuna *que* os avós daquelle teverã. E quãto esta memoria ée mais esqueçida, acompanhada cõ posse *pera* substar estado: tãto ée mais estimada sua nobreza. Entã se vires as suas aguias negras, os liões rõpẽtes, a serpe *de* duas cabeças, os grifos\* d ouro, os falcões de prata, as estrellas

/91v/ em cãpo *de* sangue: com seus paquifes\* mais revoltosos *que* as portas do Laberintho. Nã áa fera, nẽ ave, nẽ cousa açima e abaixo do sol *que* seja sem dono. Todos blasonã\* que ouverã seus avós *aquellas* armas *per* tã varios casos, e tot discrimina rerũ, *que* lhe nã chegam os de Eneas e Ulixes. E muytos destes têm tã pouco parentesco em sangue, vida, e costumes com o primeiro *que* as mereço: quanta parte tẽ, nos titulos de suas sepulturas. Onde verás hũs liões *de* marmor em metal, que sostẽ *aquella* grã machina: com os olhos *que* lhe saltã fora do peso e grandeza desta letra: Aqui jaz quẽ totus non capit orbis. Hũus foram capitães *de* trinta lâças, outros enviados por embaixadores, do cõselho de tantos reyes, que tiverã taes offiços, casados cõ a filha de foã\*, netos do grã Janafonso: em fim se gostares da escriptura de sepulturas, leixarás Luçiano, Homero, Isopete. Quando eu cuido em tanta fabula, e que

estas têm as natas do mūdo, e todalas outras *de* teu cōselho nam aproveitam, em honrras, fazēda, ou ã outro algũu bem da vida temporal: que posso e devo fazer, se nã empregar alma e vida nesta mercadoria que tanto multiplica antre os mortaes com esperança de poder ser per ella o *que* cada hũ dos mayores foy. Tu chamas lhe engano e invēções de Satanas: e eu *proveitosa* opiniã pois dáa o que todos buscã.

**Razam.**

/92r/ Todolos *que* plantã arvores, em quãto a planta ée nova e tenrra cõ esperança do fructo, sempre a vã criando té chegar ao natural tẽpo de fructificar: e se responde ao trabalho e benefício, ée muy estimada do senhor *que* a plãtou. Pero quãdo esta plãta viceja em folhas, *que* lhe faz o senhor? O *que* manda aquelle grande agricultor Cristo: Toda arvore *que* nã faz bom fructo, corte se e seja lançada em o foguo. Eu ã quãto vos nã leixavã creçer ã graça as tres pestiferas opinões *que* vos rroyã as raizes da fée, sempre trabalhey por vos lavrar cõ naturaes razões, mondar\* os erros de maliçia, e regar cõ a sancta doctrina da escriptura sagrada: esperando *que* desabafados desses tres males, fructificaseis ã conheçimẽto da verdadeira luz. Mas jagora vejo fecto callo em a Võtade, callo em o Intẽdimẽto, callo em o Tempo: que nenhũa cousa sentẽ nẽ reçebem de sua salvaçam. Que farey loguo a tanta ingravidam? Queixar me ao Senhor que esta arvore do genero humano plantou, dizendo as palavras do justissimo Moses: Senhor nã posso sofrer este povo *que* me ée muyto grave, e se te outra cousa parece, rogo te *que* me mates e ache graça ãte os teus olhos: por nã ser atormẽtado cõ tãtos males. Faze Senhor destes mãos e perversos outro sepulcro *de* cõcupiçẽcia\*: pois *que* agudeza da peste, da fome, da guerra, e doutras mil pragas *espirtuaes*

Mathei. vii. ca.

Numeri. xxv. ca.

/92v/ e carnaes, nã podem deçepar sua má inclinaçã, e o coraçã deste Pharaó com trabalhos e amoestações mais se ãdureçe. Ó misera e perversa carne, que vaidades, que monarchias, que riquezas, te pode prometer essa tua soberba: que a experiẽcia dos temporaes te nã desengane, quãdo indinado estáa o Senhor de tuas obras. Se vés regnos e senhorios ganhados per tãtos

Psalms. xxxvi.  
Ecclesiastes. i. ca.

Psalms. xxxvi.  
Ecclesiastes.

trabalhos da vida, fechados em mão forte e robusta: olha dhy\* a pouco o cedro\* do Libano e não acharás onde foy plantado. Que se fez desta arvore que tanta terra assombrava com suas folhas? Cortou se e é lançada em fogo eternal. O seu estado quẽ o levou? Ao logar onde naçẽ os rios ahy tornã. Roubos o trazem, roubos o levam: piores saydas que entradas tem o mal ganhado. *Porque* o injusto serãa punido: e a semente do máo pereçerãa. Quem leixas por herdeiro desta presa de sangue alheo, que gota e gota encheste pera se vazar em hũ ponto? Os que diz Salamam: E por isso mal disse a minha industria: na qual com grandissimo cuidado trabalhey, pera herdeiro depois de mĩ que nam sey se ée sesudo\* se sandeu\*, e que dos meus trabalhos se áa de senharear: A hy algũua cousa tam vã debaixo do sol? Pera quem logo trabalhas e roubas tua alma de seus bens? Pera que edificas, pera *que* plantas, e arreas a vida de tantas alfayas\*

Job. xx. ca.

Psalms. lxxvii.

Crisostomus Super  
Matheũ.

Idé Humilia. v.

/93r/ de dor: pois tudo ée afliçam do ânimo e tudo vay ter a terra de que foram fectas e juntamente nella se convertem. Donde dizia Job: Isto sey des o prinçipio *que* o homẽ ée posto sobre a terra: *que* o louvor dos máos ée breve e o prazer do ipocrita a semelhança de hũ pôto. Se sobir té o çéo a sua sombra, e cõ a cabeça tocar as nuves, em fim casy como esterco se perde: e aquelles que o virã diram. Que delle? E nam serãa achado como som *que* voa, e passará como nuturna visam. *Porque* os pecadores (segũdo o psalmista) pereçẽ ante a façe de *Deos*, como desfaleçe o fumo e corre a çera ante a façe do fogo. Ca o altissimo os avorreçe e paga a vingãça aos máos. Se esta ée a multiplicaçam de tuas mercadorias, *que* te aproveita cá as grãdes memorias de teus morgados\*, capellas, e sumptuosas sepulturas cõ titolos de vaidade, se onde tu estás es atormentado e onde não estás louvado? Certamẽte (como diz Crisostomo) se os humanos entẽdesem este verso: vaidade das vaidades: ã totalas paredes, ã todolos vestidos, na praça, na casa, nas ãtradas nas saidas, e ãte totalas cousas o deviã escrever: *pera que* de cõtino cõ seus olhos o vissem, e no coraçã o sentissẽ. Per vêtura gloriar se á o forte a quẽ hũa pequena infirmitade fez infermo, e o riquo em suas riquezas a esperança

das *quæ*s lhe tira hũ ladrã? E o nobre *de* sua nobreza *que* muitas vezes

/93v/ se somete aos máos e indignos? Logo nã sómẽte deves desprezar aqui as cousas em *que* se muyto trabalha, mas ainda fogi llas: e julgar por mais prinçipal a tua alma *que* esses bens enganosos, que cada dia se trespassam mais preste do *que* entrã. E que té o fim de tua vida uses *delles*, todavia am de ficar a outrẽ: e nenhũa outra cousa podes cõtigo levar mais *que* a vida bẽ e inoçentemente acabada. Queres verdadeiramẽte pessuir tudo? Despreza tudo: ca de grande ânimo ée desprezar as grandes cousas. E façilmẽte as desprezarás, se desprezares a ti: nã como algũs fazem cõ palavras mas cõ effecto. Ca (segũdo Tullio) nenhũa cousa ée de tã pequeno ânimo, como amar riquezas: e nenhũa mais honesta e magnifica *que* o desprezo dellas. Que ás logo de fazer? O *que* acõselha o avangelista em sua canonica: Nã queiras amar o mundo, nẽ as cousas que nelle sam. E aquelle *que* o amar, o amor de *Deos* nã estáa em elle: porque quanto áa no mundo, ou ée cõcupiçẽcia\* da carne, ou cõcupiçẽcia\* dos olhos, ou soberba da vida. Esta ée a corda de tres fios *que* Salamã diz ser diffiçil de quebrar. Quẽ torçe cada hũ *delles*? A Võtade que deseja, o Intẽdimẽto *que* açepta, o Tẽpo que cõfirma. E assy ficã tam torçidos e cochados\* em dureza: *que* vos emlançou nas tres heresias *que* trouxestes envoltas em vossa mercadoria. E que ja de palavra confeseis as almas

Lactãtius. li. vii.

Seneca ï epis. lxxxv.

Aristoteles Ad Alexandrũ.  
Tullius in li. De Officiis.

Joannis. ca. ii.

Eclesiastes. iii. ca.

/94r/ serem immortaes, aver pena e gloria, e ser Cristo verdadeiro *Deos*: fica inda esta corda tã esforçada que vos força nã chegar a penitẽcia de tã mal empregardes os talentos *que* de vosso criador reçebestes. Em que logo esperas tua salvaçã, pois nam açeptas a segũda tavao da penitẽcia? Nam ves *que* diz Paulo: *Deos* quer *que* todolos homẽs se façã salvos: e *que* venhã em conhẽimẽto da verdade. Loguo neçessario ée que vos arrepedãis e cõvertays *pera* que se desfaçã e destruyam vossos pecados: lâçando de vós toda mudiçia e avõdança da maldade de vossas mercadorias, e em mansidã reçebey o verbo enxertado o *qual* pode salvar vossas almas. Porque quẽ o seguir

Ad Thimotheũ ca. ii.

Acta Apostolorum. ca. iii.

Luce. ix. ca. éé necessário fazer o *que* elle manda. Negue a si mesmo e traga a sua cruz. Leixay o pecado, segũdo vossa antiga cõversaçaõ, e segũdo o desejo de vosso error: renovay vos em *spiritu* de vossa mente, vestindo a graça, que segũdo *Deos* éé criada em *sanctidade de* verdade. Toda amargura, ira, indignaçã, clamor, blasfemia, cõ toda maliçia seja tirada *de* vós. Sede hũs cõ os outros benignos, misericordiosos, doando vos a vezes como *Deos* ã Cristo se *deu* a vós. Cõforma te cõ o Ecclesiastico *que* diz, Nã tardes cõverte te ao Senhor e nã dilates de dia em dia: porque virãa a sua ira de improviso e no tẽpo da vingança te destroyrà. Isto amoesta Esayas: cada hũ se torne do seu máo ca-

Ap Epheseos. iii. ca.

Ecclesiastici. v. ca.  
 Esaye. xxv. ca.

Mathei. iii. ca. /94v/minho e dos seus pessimos pẽsamẽtos: e habitará em a terra *que* o Senhor *pera* sempre deu aos bõs. Chegai vos a penitẽçia *que* se chega o regno de *Deos* a vós: *per* tãtas amoestações *per que* vos a sancta escriptura chama. Derrama o teu coraçã em lagrimas ante a presença do señor: e dize cõ David: A ti só *pequey* e mal fiz ante ty. Per ventura es chamado a penitẽçia sòmẽte *per* estes a *que* a divinal luz alumiuo cõ ley de escriptura e graça? Nã: mas ainda *per aquelles* que teveram a natural: antre os *quaes* acharás Seneca dizendo. A quem pessa de pecar inoçente éé da pena. Porque como (diz Ovidio) Proveitoso proposito éé apagar as chamas crués e nam ter o teu coraçã servo dos vicios. Nem te guardes *pera* as oras *que* am de vir: ca o *que* se nã faz oje, de manhaa será menos conveniẽte. Quando pecares tẽ penitẽçia diz Periandro (ca segundo Menandro) ella éé *fecta juyzo* aos homẽs. Todollos mortães *que* souberã apartar virtude do víçio sam nesta sentença de Plauto. Quem algũa culpa cometeo nam éé tam ignorante que nam aja vergonha e se nam purgue *della*. Com que alimparás esta maliçia do coraçam, pois que a entendes? Com a simplicidade *delle*. E os limpos de coraçam, veram a *Deos*. Com *que* a ira? Com mansidã. E os mansos pessuirã a terra. Com *que* a delectaçam: com lagrimas. Estas alimpam e lavam alma de todolos víçios

Hieremie. ii. ca.  
 Threnorum.  
 Psalmus. l.

Seneca in Tragedia. vii.  
 i. De Remedio Amoris.

Periander.  
 Menãder.  
 Plauto in Aulularia.

Mathei. v. ca.

Psalmus. cxxv.

/95r/ e torpezas da carne. E aquelles *que* nellas semeã, colhem em prazer. A oraçã abranda *Deos* mas as lagrimas constringẽ no: hũa unge e as outras pungẽ. (Ca segundo diz Ambrosio) Pedro doe[u] se e chorou por errar como homẽ: nã acho o que disse, sey *que* chorou, as suas lagrimas leo e nã a sua satisfaçam. A Madalena aos pées *de* Cristo pedia cõ palavras? Nã: mas mereço com lagrimas, porque estas nã pedẽ mas obrigã. E bẽ avêturados sam (como diz Bernardo) as que alimpa a mãam do criador, e bẽ aventurados os olhos *que* escolheram em taes serẽ desfectos: mais *que* enlevar se em soberba e acõpanhar avariça e sandiçe. Porque (como elle sente sobre os cantares): as lagrimas dos penitentes sam vinho dos anjos, por estar nellas cheyro de vida, sabor *de* graça, gosto *de* indulgẽcia, saude da inoçençia que torna, prazer de reconçiliaçã, e suavidade de quieta cõçiencia. Esta quieta e fora dos trafegos de tua má mercadoria, fica subjecta e obediẽte aos preçeptos e mãdados do seõhor que no prinçípio de nossa prática disse convirem a todo fiel mercador. Dirás que galardões\* averey por essa abediẽcia de preçeptos: Estes sam os que Moses ã nome do Senhor promete em este mũdo: Se obedeçerdes aos *meus* mãdados *que* vos eu mãdo, *que* ée amar a vosso *Deos* e Senhor, e o servirdes de todo vosso coraçã e ã toda vossa alma: dar vos áa

Hieronimus Super Esayã.  
Ambrosius Super Lucã.

Bernardus De Cõtẽplu  
Mũdi.

Idẽ Super Cãtica.

Deuteronomiuz. ca. xi.

/95v/ chuiva temporam e serodea\*, em vossa terra, pera *que* colhais o pam, vinho, azeyte, e sejais fartos em avõdança. Queres bens pera os filhos? Ouve a escriptura<sup>50</sup>: Guarday e inqueri todolos mãdados do Senhor pera *que* pessuais a boa terra, e a leixeis *perpetuamente* a vossos filhos depois de vós. Queres hõrra cõ esta fazẽda? Cristo a promete: Qualquer *que* fizer a vontade de meu padre que estãa em os çéos: este será meu irmãm. Queres outra promessa? E deu lhe poder serẽ fectos filhos de *Deos*: aquelles *que* crẽe em seu nome, e aquelles que em espirito de *Deos* obrarem. Que queres mais, *que* em Cristo nam aches? Desejas ser curado em tuas infirmitades? Ée

Paralipomenõ. i. ca.  
xxviii.

Mathei. c. xii.

Joannis. ii. ca.

Ad Romanos viii. ca.

<sup>50</sup> escriptura] C, A, B, H e RJ escriptura.

Mathei. iiiii. ca.  
Juãnis. viiii. c.  
Ibidem.

Joãnis. vi. ca.

Mathei. iii. ca.

medico: E curava todas as enfermidades. Es agravado com injustiça? É verdade: Eu sou o caminho e verdade. Andas em trevas de erradas opiniões? É luz: Eu sou a luz do mundo. Temes a morte? É vida: Eu sou caminho, verdade, e vida. Desejas comer, é mantimento. A minha carne é verdadeiro mantimento e o meu sangue verdadeiro potto\*. Que podes pedir a Cristo *que* te nam dêe? Elle te faz disso seguro dizendo: Pedi e dar vos am, perguntay achareis, batei a porta e a porta abrirá porque todo aquelle que pedir receberá, o que perguntar achará e a o que bater a porta se lhe áa. Que quer de ty pera te salvares? O que elle queria dos enfermos que curava: Cõfia filho, que perdoados

Ibidem.  
Proverbiorum. iii. ca.

Psalms. xxxvi.  
Esdras. li. ii. ca. viii.

Mathei. xi. ca.

Joãnis. iii. ca.

Ad Corinthios ii. ca. viii.

Anselmus li. ii. ca. ix.

/96r/ te sam os teus pecados. Nam desconfies com a grãdeza de tua má mercadoria, oulha que diz: Nam vim chamar justos mas pecadores. E Salamã te acõselha esta confiança dizendo. Tã cõfiança *de* todo teu coraçã em o Senhor, e nã estribes em tua prudência: mas em todas tuas vias cuida nelle e elle edereçará teus passos. Delecta te ã o Senhor e dar te á as petições do teu coraçã. Porque a sua virtude seráa com aquelles que o buscam com desejo. E elle os está convidando em estas palavras. Vinde vos a mÿ todos aquelles *que* trabalhais, e estais carregados: e eu vos descansarey. Tomay o meu jugo sobre vós, e aprendey de mÿ que sou manso e humilde de coraçã, e achareis folgãça em vossas almas: ca o meu jugo é suave e a minha carga leve. Quem Senhor vos obriga a tanta piedade e misericordia? Amar eu tanto o mundo que dey o meu unigenito filho: pera que todo o *que* crer em elle nam pereça, mas tenha vida eterna. Este filho *de* Deos Christo Jesu, (diz Paulo) *que* por amor de nós sendo rico se fez prove, sendo senhor tomou forma de servo, pera que com a sua pobreza fossemos ricos. Que se pode entender mais misericordioso (como diz Anselmo) que hũu pecador offereçido aos eternos tormentos, nã tãdo de *que* se possa salvar, diga *Deos*: toma o meu filho e dá o por ty, e o filho diga, toma a mÿ e rime\* a ty? Queres

/96v/ mais testemunho de sanctissimos barões que conheceram muito desta piedade do Senhor? Ouve a Crisostomo: Jesu temos por mestre pera que nã pequemos, defensor se pecarmos, confessor se nos convertermos: e rrogador por nós se algũa cousa do Senhor desejamos, e dador com o padre daquellas cousas que impetramos: Nã te pareça *que* folga Deos cõ o seu proveito, mas cõ a nossa saude: nem se intristeçe cõ a sua injúria, mas com a nossa perdiçam. Mais abastada ée a sua graça *que* o nosso roguo, sempre dáa mais do que ée rogado: porque o ladram rogava a Cristo que se alembraße delle quãdo fosse em o seu regno, e elle respõdeo: oje serás comigo em o paraiso (Como diz Bernardo): Que ée tã neçessario aos perdidos, tam desejado dos miseros, tam proveytoso aos desesperados: *que* Cristo saude a todas estas cousas, nã seja forma exemplar? Ée vida *de* saude, saude dos infermos, forma dos *que* sospiram, e vida dos *que* esperã. Logo ninguẽ<sup>51</sup> descõfie da piedade do Senhor porque (per doctrina de Agustinho) mayor ée a sua misericordia *que* a nossa miseria: e qualquer que a elle *de* todo coraçã clamar, ouvi llo á por ser misericordioso. E *queres* logo no instãte desta vida sentir esta sua piedade, e delectares tua alma nos bens daquella çelestial gloria? Aparta de ty e do teu sentido esta danada mercadoria em *que* tãto cõfias. Porque a delectaçam

Crisostomus in Sermone de Cruce.

Idem Super Matheum.

Ambrosius Super Lucã. ca. v.

Bernardus in Sermone Nativitatis.

Agustinus De Spiritu et Anima.  
Agustinus: Super Genesisim.

/97r/ da bõa e pura conçiencia: ée hũ terreal paraiso, semelhança do çelestial *que* esperamos.

**Têpo.** Nã creas tu Razam, termos o juizo tam prevertido que nam sintamos teus conselhos, serẽ sanctos, justos, e honestos: mas como estás isenta do amor *de* nossa mercadoria, queres *que* em hũ momento se esqueçã os ãnos, trabalhos e perigos *que* fazem a sua estima muy gostosa. Como tã dura cousa achas tu a natureza, *que* sem perigo da vida sofra o apartamento deste amor? Nã sabes *que* toda subita mudãça se faz com grande tormento do ânimo? Leyxa estas cousas em meu poder: Porque asy como eu som causa do muyto amor, assy ensino soffrer o

Boetius De Cõsolatione.

<sup>51</sup> ninguẽ] C, A, B, H e RJ minguẽ.

apartamento das *que* se muyto amam. O dia ée passado, a noite ven se, e porque nella os espiritos se recolhem mais em sy pera julgar as dúvidas *que* contra nossa multiplicaçam moves: fica te em bõa ora que a Vontade e Intêdimento querẽ aver novo conselho sobre os teus.

Laus Deo.

**Acabou se d empremir esta mercadoria espiritual ã a muy nobre e sempre leal çidade de Lixbõa a. viii. de Mayo de M.D.xxxii ãnos: per Germã Galharde Impressor.**

## Glossário

**abusam** – crendice, superstição.

**acarreto** – tomado de outros e não da sua própria invenção.

**adobes** – correntes com um bloco de ferro na ponta, as quais são atadas aos pés dos prisioneiros.

**agalardoar** – *vide* galardoar.

**Albertistas** – adeptos do pensamento do bispo e filósofo alemão Alberto de Colônia (1200-1280), professor de São Tomás de Aquino.

**alcãdora** – poleiro para aves de rapina; ‘na alcãdora’ significa ‘alcandorado’, ‘situado num lugar alto’.

**alcaides** – governadores delegados pelo rei.

**alfayas** – enfeites, adornos.

**alvedrio** – arbítrio.

**anathema** – maldição, excomunhão. “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos, de meus parentes segundo a carne” (Romanos 9: 3).

**ao salto** – a praticar furtos.

**aperfiã** – porfiam, insistem, teimam.

**arismética** – aritmética.

**arterizados** – vislumbramos aqui duas possibilidades: a de um erro ao escrever a palavra ‘autorizados’ (os caminhos autorizados pelas obras de Cícero e Quintiliano sobre retórica); a de ‘arterizar’ ter o significado de ‘abrir passagens’, como as das artérias por um corpo (os caminhos abertos pelas obras de Cícero e Quintiliano sobre retórica).

**aselar** – colocar selo, aprovar.

**auçam** – termo jurídico que tanto pode referir-se às ações judiciais propriamente ditas, como ao direito (divino, natural ou legal) de realizar tais demandas.

**auspicar** – auspicar, predizer um futuro bom.

**aziar** – instrumento em forma de pinça que se aplica no focinho de animais para imobilizá-los quando sentem dor.

**azo** – motivo, causa; meio para realizar algo.

**baraço** – corda com que eram esganados os condenados à forca.

**baraões** – varões, homens.

**Barbara** – os termos de um silogismo (raciocínio lógico dedutivo) podem ser de quatro tipos: A (todo X é Y); E (nenhum X é Y); I (algum X é Y); O (nem todo X é Y). A palavra ‘barbara’ é composta por três letras ‘a’ e designa a figura de silogismo cujos termos sejam AAA. Exemplo: Todo homem é um animal / Todo animal é mortal / Todo homem é mortal.

**barca de Pedro** – trata-se da humilde barca escolhida por Cristo como plataforma de onde pregou para uma multidão (Lucas, 5: 1-4); a expressão refere os fiéis simples que integram a Igreja Católica, sem poder eclesiástico nem temporal.

**beca** – veste preta usada, por exemplo, por magistrados em cerimónias solenes e no exercício das suas funções laborais.

**bedem** – túnica mourisca, curta e sem mangas.

**blasonã** – vangloriam-se.

**cã** – cão.

**cabedal** – património, riqueza.

**caçizes** – sacerdotes muçulmanos.

**çafaro** – sáfaro, inculto, rude; desconfiado.

**cafila** – grupo de mercadores que atravessam o deserto em camelos.

**calabreada** – mistura de vinhos de diferentes espécies, a qual provoca maior embriaguez que a simples ingestão do vinho puro.

**cãm do fabulador** – referência à fábula do cão que, ao atravessar um rio com um pedaço de carne na boca, deixou-a cair para abocanhar o reflexo dessa carne na água.

**cambo** – câmbio, troca (no caso, de favores, de bens).

**camilha** – cama para recostar-se, canapé.

**cans** – cabelos brancos (a velhice).

**capelos** – capuzes usados por frades.

**carapeteiro** – pereira-brava, árvore que dá frutos amargos e é utilizada para enxertar pereiras.

**cauterio** – procedimento médico baseado na queima dos tecidos do corpo.

**cavalo pôbo** – cavalo branco como um cisne.

**çeçobrar** – soçobrar, submergir.

**çedro do Libano** – espécie de cedro abundante em folhagem.

**çeitil** – moeda do tempo de D. João I que valia um sexto do real.

**Cesare** – A palavra ‘cesare’ é composta por duas letras ‘e’ e uma letra ‘a’, designando a figura de silogismo cujos termos sejam EAE (*vide* Barbara). Exemplo: Nenhum

crustáceo é alado / Toda mariposa é alada / Nenhuma mariposa é crustáceo.

**chatinar** – agir como um chatim (vocábulo oriental que significa ‘mercador desonesto’).

**chiromancia** – adivinhação pela observação das linhas das mãos.

**chuça** – pau munido de uma ponta aguçada de ferro.

**çibo** – alimento.

**çirnes** – cisnes.

**cochados** – com os fios bem torcidos (a ponto de formar um cabo).

**côcupiçência** – desejo carnal.

**códea** – superfície dura (como a do pão).

**colica passe** – cólera-morbo, doença epidêmica que causava graves distúrbios gastrintestinais.

**coluros** – círculos imaginários em torno da Terra e perpendiculares ao Equador, dois dos quais atravessam as linhas solsticiais, enquanto os outros dois passam pelas equinociais.

**complexões** – disposições físicas.

**contumácia** – grande teimosia.

**contumaz** – muito teimoso.

**consirar** – considerar.

**cór de rir** – rir de coração, rir com satisfação e naturalmente.

**crunho** – cunho (referência à maleabilidade).

**dalphim** – bispo, peça do jogo de xadrez.

**damaçena** – relativa à cidade síria de Damasco, próxima de Jerusalém.

**Darapti** – A palavra ‘darapti’ é composta por duas letras ‘a’ e uma letra ‘i’, designando a figura de silogismo cujos termos sejam AAI (*vide* Barbara). Exemplo: Todo elefante é cinza / Todo elefante é mamífero / Algum mamífero é cinza.

**decrépita** – velhice.

**desenfardelar** – retirar o fardo, a embalagem.

**desy** – depois de aí, depois disso.

**dhi** – a partir daí.

**diapassam, diapente e diatessarã** – som consonante obtido pela emissão simultânea de notas com intervalo, respetivamente, de oito, cinco e quatro tons (trata-se de uma terminologia platónica).

**disensões** – dissensões, divergências, diferentes opiniões.

**díveram** – deverão.

**dôde veo a Joanne falar Alemã?** – levando em consideração que o reformista protestante Lutero (*vide* Lutero) era alemão, a expressão parece significar algo como ‘como pode um português católico (Joanne) proferir tais heresias (falar alemão)?’.

**doesto** – ofensa, desonra.

**dozao** – doze avos.

**eçentricos, conçentricos, epiciclos e differêtes** – a teoria segundo a qual os astros se movimentam em círculos perfeitos tendo a Terra como centro (movimento concêntrico) foi refutada pela observação do diferente brilho que estes apresentam durante o ano; sem abandonar a ideia de que a Terra se encontra parada, propôs-se, então, que os planetas descrevem círculos (epiciclos) cujo centro (deferente) gira por sua vez em torno da Terra, sem que esta esteja exatamente no centro do círculo traçado pelo deferente (movimento excêntrico).

**Effimera** – o termo parece referir-se a questões prosaicas, cotidianas, relacionadas com a saúde do príncipe.

**effria se** – esfria-se.

**encampaçam** – restituição.

**ençetar** – beber um primeiro gole; bulir com o que está íntegro.

**enelle** – nele (em ele).

**enxedrez** – xadrez; jogo de tabuleiro que tem o cavalo como uma das suas peças e que termina quando ocorre o xeque-mate.

**enxo** – chapa de aço cortante presa a um cabo; instrumento utilizado por carpinteiros para desbastar a madeira.

**enxunda** – gordura.

**escamonea** – planta cuja resina tem efeitos purgativos.

**escapulas** – desculpas, escusas.

**escaramuça** – briga entre poucas pessoas.

**escotista** – partidário ou discípulo de João Duns Escoto (*vide* Scoto no índice de nomes próprios).

**estimuladas** – é curioso o uso deste termo significando algo oposto à soberba; a explicação talvez se encontre na origem latina da palavra: ‘stimulatas’ podia significar, em sentido figurado, ‘atormentadas’, ‘humilhadas’.

**Fen** – parte, capítulo.

**filateria** – prática condenável, da qual os fariseus eram acusados, de rituais religiosos baseados na interpretação literal das escrituras sagradas.

**foã** – foão, fulano.

**fogaça** – bolo de massa oferecido ou como prémio a atletas e artistas ou como oferenda a algum santo (‘levar a fogaça de alguém’ é o mesmo que ‘levar vantagem sobre alguém’).

**foral** – documento régio com regulamentos a serem obedecidos numa localidade.

**françelho** – uma ave de rapina.

**ganhos** – garras das aves de rapina.

**galardam** – prémio, recompensa.

**galardoar** – premiar, recompensar.

**ganha ao galarim** – recebe de volta e multiplicado um valor que empenhou (equivale à expressão ‘receber em dobro’).

**geomância** – adivinhação a partir de pontos marcados aleatoriamente (em estado de transe) sobre a terra; com base nos quais, traçam-se linhas que determinam figuras.

**godelha** – espécie de faca.

**grã da mostarda do sagrado avâgelho** – a parábola do grão de mostarda: trata-se da mais humilde das sementes, que se torna, porém, na maior das hortaliças.

**grifos** – animais fabulosos cujo corpo era parte de águia e parte de leão.

**humido rredical** – líquido corporal, sutil e balsâmico, que, segundo a medicina da Antiguidade, dá flexibilidade às fibras do corpo.

**humor** – termo médico em voga na época e que se referia aos líquidos corporais; Galeno, médico da Antiguidade cuja autoridade era então muito respeitada, havia defendido que o humor (excesso ou escassez de sangue, predominância de bÍlis amarela ou negra) determinava o temperamento dos seres humanos.

**IHVH** – *vide* sancto nome de quatro letras.

**Incubos, Sucubos, Marmorios e Asmitos** – entidades demonÍacas.

**jaquear** – dar xeque, jogada do xadrez em que uma peça ameaça o rei.

**jareta** – jarretar; cortar os nervos por trás.

**jota** – letra ‘j’ pequena; ‘nã passar uma jota’ significa ‘nã deixar passar uma mÍnima coisa’.

**Lacedemonio** – habitante de Esparta, cidade grega.

**lançeta** – instrumento com dois gumes utilizado para fazer a sangria de doentes.

**lavrados** – bordados feitos em tecido.

**leveda** – fermentada.

**libelo** – exposição escrita do que se pretende provar contra o réu.

**louçam** – belo, gracioso.

**magarefes** – aqueles que matam e esfolam o gado cuja carne será enviada para o açougue.

**mãgas ao demo (fiz de my)** – empenhei-me ao extremo.

**maná** – alimento enviado por Deus aos judeus para que estes sobrevivessem à travessia do deserto.

**martas** – tecidos feitos com a pele da marta (espécie animal).

**martelãdo em frio** – martelando em ferro frio, esforçando-se inutilmente.

**mastos** – mastros.

**mealha** – moeda de baixo valor.

**medrãça** – lucro, prosperidade.

**menagem** – juramento pelo qual o vassalo declara fidelidade ao senhor do feudo.

**mister** – necessidade (“que tudo áa mister”: que ambiciona ter tudo / “aconselham o seu mister”: aconselham o que lhes convém).

**mitra** – barrete usado por membros do alto-clero; dignidade de papa, bispo, arcebispo ou cardeal.

**molições** – voluptuosidade, languidez.

**momêto como o do ladram** – referência ao ladrão crucificado ao lado de Cristo e por este redimido momentos antes da morte.

**mondar** – arrancar ervas daninhas.

**montesinha** – selvagem, brava.

**móo** – roda, círculo.

**morgado** – bens transmitidos por herança ao filho primogénito.

**mosas** – mossas, sinais causados por pancada ou impressos.

**Mosaica** – de Moisés; a luz encoberta entre as cerimônias da lei mosaica é Jesus Cristo.

**movitos** – partos prematuros.

**Naires** – militares indianos pertencentes à nobreza.

**notomia** – anatomia.

**Ocanistas** – adeptos do pensamento de Guilherme de Ockham (1285-c.1348), baseado na disputa teológica através da lógica filosófica.

**ôdella** – onde ela.

**oito bem aventurâças** – no alto de uma montanha, Jesus declarou a uma multidão que são bem-aventurados: os pobres, os mansos, os aflitos, os que desejam justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacíficos e os perseguidos.

**onzena** – décima primeira; usura (*vide* onzenar).

**onzenar** – praticar a usura (receber onze em troca de dez).

**onzeneiros** – que praticam a usura (*vide* onzena).

**oppiladas** – enfermas por obstrução de canais do corpo.

**pâm sobre os môtes** – na cerimônia de consagração de Aarão como seu sacerdote, Deus ordenou a oferenda de pães, que deveriam “subir em fumaça sobre o altar” (Êxodo 29: 25).

**paquifes** – plumagens que saem dos elmos ou correm sobre os escudos.

**paraphear** – este verbo possivelmente refere-se à elaboração de paráfrases, comentários explicativos sobre um determinado texto (jurídico, no presente caso).

**pejam** – ocupam causando embaraço ou transtorno.

**perēptorias** – peremptórias, categóricas, que não deixam margem para dúvida.

**perlaças** – prelaças, dignidades eclesiásticas como a de bispo e a de arcebispo.

**pestenencial** – pestilenta, pernicioso, maldita.

**pique** – haste com ponta de ferro; “dá-lhe um pique”: espeta-lhe com tal lança.

**pivetes** – substâncias aromáticas que são queimadas para aromatizar o ambiente.

**planetas na de vinte quatro** – houve uma conjunção de planetas em 1524, o que gerou previsões catastróficas de um dilúvio que devastaria a Terra.

**pomo** – fruto.

**poto** – bebida.

**pricipitos** – perdidos, condenados à ruína.

**primeiro homem** – Adão, a quem coube dar nome às criações de Deus.

**primeyra idade** – segundo Santo Agostinho, a primeira idade estende-se da criação do primeiro homem (Adão) até à época de Noé.

**primições** – primeiros frutos dados pela terra em um determinado ciclo produtivo.

**priminências** – preeminências, qualidades excelentes; prerrogativas de superioridade hierárquica.

**publicano** – cobrador de tributos ou impostos; homem abominável.

**quadrivial** – do *Quadrivium*; a formação intelectual durante a Idade Média era constituída por sete disciplinas, as do *Trivium* (lógica, gramática e retórica) e as do *Quadrivium* (aritmética, geometria, música e astronomia).

**quatro princípios elementares** – era ainda corrente no século XVI a ideia de que os elementos água, fogo, terra e ar dão origem a toda matéria.

**quatro vozes da musica** – baixo, tenor, contralto e soprano.

**quy** – aqui.

**rime** – arrime, apoie.

**Romana, Maronita, Armenia, Grega, Nestoriana, Jacobita, manicheos, Donatistas, Arrianos e Lutheranos** – exceto pelo maniqueísmo (religião de Santo Agostinho antes da sua conversão), trata-se de ramificações da igreja cristã.

**roqueiros** – castelos assentes em rochas.

**rroque** – torre, peça do jogo de xadrez.

**sairê a praça** – serem expostos à vista de todos.

**Sã João vay, Sã João vê** – esta expressão não parece referir-se especificamente a São João, mas antes significar algo como ‘conversa vai, conversa vem’ ou ‘tempo vai, tempo vem’.

**samaritano** – gentílico desprezado pelos judeus na época de Jesus Cristo (para a “parábola do Samaritano”, *vide* Samaritano no índice de nomes próprios).

**sandeu** – insano.

**sancto nome de quatro letras** – quatro letras com que o nome de Deus é representado na Bíblia hebraica: iud, hei, vav e hei (usualmente transcritas para o alfabeto latino como ‘IHVH’ e traduzidas como ‘Iahweh’ ou ‘Javé’).

**sandice Erasma** – o humanista Erasmo é o autor de *Encomium Moriae (Elogio da Loucura/Sandice)*, monólogo através do qual a sandice personificada elogia-se a si mesma.

**Scotistas** – *vide* escotista.

**secações** – sequazes, seguidores.

**seda** – do termo italiano *sedia*, cadeira; derrubar o juiz da cadeira, retirá-lo do caso.

**sempiterno** – que dura para sempre.

**seneses** – termo de significado incerto: caso derive de *senex* (idoso), poderia valer por ‘coisas antigas’; se da planta *sene* (do latim *sane*), representaria algo como ‘mezinhas/purgantes’.

**septentriam** – norte.

**serodea** – que vem ainda no fim da sua estação própria.

**sesquialtera e sesquitercia** – equivalem, respetivamente, ao diapente e ao diatessarã (trata-se de uma terminologia do teólogo Boécio).

**sesudo** – prudente, ajuizado.

**sexta idade** – segundo Santo Agostinho, a sexta idade inicia-se com o advento de Cristo e conclui-se com a destruição do mundo.

**simonia** – tentativa de comprar um bem espiritual através de um bem material.

**sobpear** – meter debaixo dos pés; subjugar.

**sobrescriyto** – envelope no qual se escreve o nome e endereço do remetente ou destinatário de uma carta. O termo surge num excerto metafórico que desenvolve amplas críticas à ostentação de nobreza de alguns fidalgos, nomeadamente no que se refere à extensão dos seus nomes, títulos e dignidades.

**soma das somas** – tanto esta expressão como a que se segue, “multiplicação meritória”, parecem retomar o sentido de “ganha ao galarim”.

**tafularia** – torpeza, vileza.

**talando** – devastando.

**tauxia** – ornamento incrustado em metal.

**terceira idade** – segundo Santo Agostinho, a terceira idade estende-se do tempo de Abraão ao de David.

**tiriaga** – triaga, remédio contra veneno.

**Thomistas** – adeptos do pensamento de São Tomás de Aquino (*vide* Thomas no índice de nomes próprios).

**titelas** – peitos das aves.

**trafeguo** – tráfego, comércio, negócio.

**trebelhos** – as peças do jogo de xadrez.

**trintairo** – série de 30 missas rezadas em prol de um falecido.

**untura d alacraes** – pomada para picada de alacrau (escorpião).

**vasconços** – linguagem incompreensível.

**vello do templo** – véu ou cortina que fecha os lugares mais sagrados do templo.

**xiras** – banquetes. Azevedo, na edição de 1869, substitui o termo por “rixas”.

## Nomes Próprios

**Abbados** – provável referência a compilações jurídicas realizadas por abades, as quais ajudaram a enformar o direito canônico.

**Abel** – personagem bíblica, segundo filho de Adão e Eva. Foi assassinado por Caim, seu irmão mais velho, que se enfurecera por Deus não ter aceitado os seus sacrifícios, mas sim os do irmão mais novo.

**Abelo** – trata-se provavelmente de uma referência à personagem bíblica Lot (vide Loth).

**Abenazar** – *vide* Albumazar.

**Abrahã** – personagem bíblica, patriarca hebreu que deixou a Mesopotâmia para fundar uma nova nação em Canaã, entre a Síria e o Egito; Deus, para pôr à prova a sua fidelidade, ordenou-lhe que sacrificasse o seu próprio filho, Isaac, o que Abraão só não consumou porque um anjo o impediu quando estava prestes a executar o ato.

**Achaab** – Acab, personagem bíblica, rei de Israel. Suas terras foram invadidas pelos sírios sob a liderança do rei Ben-Hadade. Este foi aprisionado, porém Acab libertou-o em troca de territórios e privilégios comerciais. Isto contrariava os desígnios de Deus, que, por meio de um profeta, anunciou que Acab teria que responder com a sua própria vida pela vida que poupou a Ben-Hadade.

**Achis** – *vide* David.

**Açof (Rabi)** – não foi possível identificar com precisão a quem o texto se refere. A grafia 'Açof' tanto poderá remeter para Yosef, como para Iacob ou mesmo Yaavetz. Diversos teólogos judeus com estes nomes nasceram, viveram e atuaram, tanto em Portugal, como em Itália no período coevo e anterior à elaboração de *Ropicaꝑnefma*, mas o texto não apresenta informações que permitam uma identificação concreta. Embora Açof seja apresentado como um religioso, as práticas a ele imputadas parecem ser as de um usurário, razão pela qual não se pode descartar a possibilidade

de se tratar de um negociante ou banqueiro ao qual sarcasticamente foi atribuído o título de rabino. Finalmente, é ainda possível que a passagem não se refira a um indivíduo determinado: sendo Yosef um nome bastante comum, ‘rabi Açof’ pode meramente designar um judeu típico, com os traços da sua personalidade construídos segundo uma visão bastante caricatural.

**Adam** – personagem bíblica, o primeiro homem criado por Deus, sendo, assim, o pai da humanidade; viveu com Eva no Paraíso, de onde foi expulso após provar o fruto do conhecimento, pecado que afetou todos os seus descendentes.

**Agustinho** – Santo Agostinho (354-430), bispo e teólogo cristão cuja doutrina exerceu larga influência durante a Idade Média; inspirou a criação da Ordem dos Agostinianos.

**Albumazar** – (787-886) astrólogo persa conhecido pelo seu tratado traduzido no ocidente com o título latino *Liber Astrologiae*.

**Alexandre** – (356-323 a.C.) rei macedónio cujo império se estendeu da Grécia até ao Egito e à Índia. Morreu, possivelmente envenenado, ainda jovem e no auge das suas conquistas. A expressão “os nós de Alexandre” refere-se a uma lenda: quem desatasse o nó com que o rei frígio Górdio havia amarrado um carro de bois tornar-se-ia rei de toda a Ásia Menor; Alexandre desatou-o com um simples golpe de espada.

**Alexandria** – cidade mediterrânea do Egito, fundada em cerca de 332 a.C. por Alexandre da Macedónia.

**Ali ben Rragel** – Abenragel ou Abu Ali ibn ar-Rigal (fins do século X e início do XI), astrólogo árabe conhecido pelo seu tratado sobre as estrelas, traduzido no Ocidente com o título *Libro Complido de los Judizios de las Estrellas*.

**Ambrosio** – Santo Ambrósio (339-397), bispo de Milão, mestre de Agostinho; as ideias que pregou moldariam a exegese bíblica durante a Idade Média.

**Amiçicia** – *vide* Tullio Amicicia.

**Ana** – personagem bíblica; profetisa que estava entre os que viram o menino Jesus quando este foi apresentado ao templo pelos seus pais; na ocasião, falou do menino como de um redentor de Jerusalém.

**Anaxagoras** – (500-428 a.C.) filósofo grego naturalista.

**Annás** – personagem bíblica, sogro do sumo sacerdote judeu Caifás. Após ser preso, Jesus teria sido primeiramente levado diante de Anás, ocasião em que uma das suas criadas perguntou ao apóstolo Pedro se ele era discípulo do homem detido. Pedro negou que sequer o conhecesse.

**Anselmo** – Santo Anselmo de Canterbury (1033-1109), teólogo e filósofo italiano conhecido como o pai da escolástica.

**Antenor** – troiano, companheiro de Príamo, rei de Troia, à época da guerra contra os gregos; tendo sobrevivido à destruição da cidade, navegou pela Europa e fundou a cidade de Pádua.

**Antonio** – Marcus Antonius (83-30 a.C.), general de Roma sob o governo de César; depois da morte deste, integrou o triunvirato que governou Roma.

**Apolo** – deus grego que possuía diversos atributos, entre os quais o de fazer profecias através de uma sibila (profetisa) da cidade de Delfos. Para ‘Apollo’, referido no fólio 60v, *vide* Paulo.

**Appelles** – (século IV a.C.) pintor grego considerado, em função dos elogios dos escritores seus contemporâneos (suas obras não sobreviveram à ação do tempo), o maior da Antiguidade.

**Aram** – Aarão, personagem bíblica, irmão de Moisés; Deus fez com que uma vara onde estava escrito o seu nome florescesse, como sinal de que escolhera a sua progênie para enformar a classe sacerdotal.

**Argos** – Argos Panoptes (o que tudo vê), monstro mitológico assim nomeado por possuir cem olhos espalhados pela cabeça e pelo corpo.

**Aristoteles** – (384-322 a.C.) filósofo grego que escreveu, entre outros assuntos, sobre poética, retórica, ética, política, física, biologia e metafísica, exercendo vasta influência na teologia cristã.

**Asclepiades** – (124-40 a.C.) médico grego que influenciou Galeno.

**Averroiz** – Ibn Rushd (1126-1198), teólogo árabe que interpretou a filosofia clássica segundo as tradições islâmicas; autor de comentários a obras de Platão e Aristóteles.

**Avicena** – (980-1037) filósofo persa cujas teorias aristotélicas sobre a medicina tiveram larga influência na Europa durante a Idade Média.

**Babilônia** – cidade antiga cujas ruínas podem ser ainda hoje encontradas a cerca de 90 km de Bagdad; no séculoVI, o império babilônico invadiu a Judeia, levando consigo os judeus como cativos (segundo o *Antigo Testamento*, durante 70 anos).

**Bacho** – deus romano associado ao vinho e ao êxtase.

**Bahal** – divindade cananeia cujo culto é referido como uma heresia no *Antigo Testamento*.

**Baldo** – Baldo dos Ubaldi (1327-1400), afamado professor, conselheiro do papa e especialista em lei romana e feudal.

**Bartolo** – Bartolo de Saxoferrato (1313/1314-1357), jurista italiano cujas leis sobre a autoridade do governo das cidades-estado, os direitos dos indivíduos e as associações entre os indivíduos difundiram-se pela Europa.

**Bedeon** – Gideão, personagem bíblica; pediu a Deus, como sinal de que Ele o usaria para libertar o povo de Israel, que um velo de lã amanhecesse molhado enquanto todo o resto estivesse seco.

**Belzebut** – o diabo.

**Benadad** – *vide* Achaab.

**Bernardo** (nos fólhos 60r e 96v) – São Bernardo de Clairvaux (1090-1153), monge francês, fundador da abadia de Clairvaux e um dos teólogos mais influentes da igreja no seu tempo.

**Bernardo** (apenas no fólio 95r) – Bernardo de Cluny (século XII), monge francês, autor do poema *De Contemptu Mundi* (*O Desprezo do Mundo*), no qual indica o ascetismo como o caminho para a satisfação espiritual.

**Calvario** – monte onde ocorreu a crucifixão de Jesus Cristo.

**Catam** (apenas no fólio 35v) – Marcus Porcius Cato ou Catão, o Velho (234-149 a.C.), político, orador e escritor; foi censor do senado romano (responsável por fiscalizar a conduta moral dos candidatos a cargos públicos); durante toda a sua vida, opôs-se às frivolidades advindas do contacto com o helenismo grego.

**Catam** (todas as referências, exceto a do fólio 35v, que parece dizer respeito ao seu bisavô) – Marcus Porcius Cato ou Catão, o Jovem (95-46 a.C.), político romano adepto do estoicismo (doutrina que associa a felicidade com a razão, e não com os prazeres carnaís); suicidou-se após a vitória de Júlio César na segunda guerra civil romana.

**Catelinario** – *Bellum Catilinae*, obra de Sallustius que narra a conspiração de Lucius Sergius Catilina contra a república de Roma.

**Catullo** – Gaius Valerius Catullus (84-54 a.C.), poeta romano.

**Cephas** – *vide* Paulo.

**Cepola** – Bartolommeo Ceppola (400-474), comentarista jurídico italiano.

**Ceres** – deusa romana da agricultura.

**Cesar** – Gaius Julius Caesar (100-44 a.C.), general que, além de ter sido o primeiro imperador romano, é conhecido também como exímio escritor; faleceu assassinado por conspiradores. No *Novo Testamento*, o seu nome é utilizado figurativamente significando o poder temporal, em oposição ao divino; quando perguntado se é lícito

pagar os impostos, Cristo responde: “O que é de César, devolvi a César; o que é de Deus, a Deus.” (Marcos 12: 17).

**Chanã** – Canaã, região da Palestina que corresponde à terra prometida por Deus ao povo hebreu.

**Cipriano** – São Cipriano (c.200-258), teólogo e bispo de Cartago, líder de cristãos perseguidos por Roma.

**Circes** – personagem da *Odisseia* de Homero que transformou os companheiros de Odisseu em lobos, leões, porcos etc.

**Clarimundo** – *Primera Parte da Crónica do Imperador Clarimundo Donde os Reis de Portugal Descendem*, livro de cavalaria escrito por João de Barros na sua juventude (1522).

**Claudiano** – Claudius Claudianus (370-404), poeta nascido em Alexandria que abandonou a língua grega e passou a escrever em latim.

**Cleopatra** – (c. 70-30 a.C.) rainha do Egito, amante de Júlio César e, posteriormente, esposa de Marco António. Suicidou-se quando as tropas de Otaviano (futuro imperador Augusto) submeteram o seu reino ao domínio romano.

**Cocles** – Bartolommeo della Rocca (1467-1504), autor de um tratado sobre quiromancia e outras artes mágicas.

**Corinthio** – Corinto, cidade grega.

**Creso** – rei da Lídia entre 560 e 546 a.C., ano em que faleceu; ficou conhecido pela sua enorme fortuna.

**Creta** – a maior dentre as ilhas gregas, onde prosperou a primeira civilização europeia na Idade do Bronze.

**Crisostomo** – São João Crisóstomo (347-407), arcebispo de Constantinopla, célebre pela qualidade dos seus sermões.

**David** – personagem bíblica, rei de Israel (séculos X e XI a.C.); antes de tornar-se rei, fugindo às perseguições do rei Saul, usou pães consagrados para dar de comer aos homens que o acompanhavam, garantindo ao sacerdote que lhos concedeu que todos estavam purificados no que diz respeito ao contacto com mulheres; refugiado junto ao rei Aquis, fingiu-se de louco, para que este soberano não desse ouvidos aos súbditos que o alertavam sobre o quão poderoso David era; quando ainda não havia entrado em conflito com Saul, tocava harpa para este rei aliviando-o assim dos maus espíritos. Segundo a tradição bíblica, o messias prometido por Deus seria descendente de David.

**De Amiciã** – *vide* Tullio Amicicia.

**Demetrio** – (350-280 a.C.) filósofo, orador e político grego.

**Demosthenes** – (384-322 a.C.), estadista ateniense; é considerado o maior orador da Grécia Antiga.

**De Umbris Idearū** – *vide* Salamam.

**Diana** – deusa romana associada à caça e aos animais selvagens.

**Diarcho** – possível referência ao filósofo grego Archelau, que viveu em Atenas no século V a.C., sendo discípulo de Anaxágoras e mestre de Sócrates.

**Dioscorides** – Pedanius Dioscorides (40-90), médico e farmacologista grego cuja obra, *De Materia Medica*, foi considerada durante 16 séculos como o melhor texto sobre farmacologia.

**Dionísio** – (430-367 a.C.), tirano de Siracusa, que utilizou o espaço dos templos para fabricar armas.

**Dominico** – São Domingos de Gusmão (c.1170-1221), sacerdote espanhol; fundador da Ordem dos Dominicanos.

**Dos Tristes** – *Tristia*, coleção de elegias de Ovídio sobre as agruras do exílio.

**Eclesiástico** – livro do *Antigo Testamento* que, embora escrito originalmente em hebraico, é canônico para os cristãos, mas não para os judeus.

**Egeria** – divindade que teria esposado e aconselhado o rei Numa Pompilius.

**Eliseos** – Campos Elíseos; segundo a mitologia grega, lugar para onde vão os heróis que os deuses determinam tornar imortais.

**Eneas** – protagonista da *Eneida*, de Publius Vergilius Maro; liderou uma expedição de troianos que, uma vez destruída a sua cidade natal após guerra com os gregos, fugiram e instalaram-se na região do Lácio, formando as bases do futuro império romano.

**Enoch** – personagem bíblica; um dos patriarcas e bisavô de Noé.

**Erasmus** – Desiderius Erasmus (1469[66?]-1536), humanista holandês, autor do livro *Colóquios*. Suas críticas à Igreja Católica encorajaram, ainda que contra a sua vontade, a Reforma Protestante.

**Esayas** – (século VIII a.C) profeta cuja obra está reunida no *Antigo Testamento* em livro com o seu nome.

**Estevam** – Santo Estêvão (5-34), primeiro mártir do cristianismo. Tendo sido acusado por membros de uma sinagoga de desrespeito às leis de Moisés, declarou, antes de ser apedrejado: “Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus” (Atos 7: 56).

**Ezechias** – personagem bíblica, rei de Judá (século VIII ou VII a.C.); por ter mostrado ao rei de Babilónia todo o tesouro e armamento contido no interior do seu próprio palácio, recebeu a profecia que um dia os seus bens seriam saqueados e os seus filhos escravizados.

**Fabriços** – linhagem romana à qual pertenceu Gaius Fabricius Luscinus (século III a.C.), cônsul, general e censor romano, reconhecido tanto por sua austeridade como pelas conquistas bélicas.

**Flaminia** – estrada que ligava Roma ao mar Adriático.

**Fraim** – segundo algumas correntes da tradição judaica, um descendente de Efraim, filho de José (*vide* Joseph), deveria morrer para salvar Israel, antes da vinda de outro messias descendente do rei David (*vide* David).

**Francisco** – São Francisco de Assis (1181/1182-1226), defensor da pobreza e da caridade como principais valores cristãos; fundador da Ordem dos Franciscanos.

**Galeno** – (129-216) filósofo grego cujos preceitos sobre a medicina tiveram larga influência na Europa durante toda a Idade Média.

**Gamaliel** – (século I) mestre da lei judaica que, segundo o *Novo Testamento*, manifestou-se em defesa dos apóstolos de Cristo contra a fúria dos demais sacerdotes.

**Gange** – rio que corre pela Índia e é considerado sagrado pelo hinduísmo.

**Garçi Sanchez de Badajoz** – (1460-1526) poeta castelhano; alguns dos seus poemas estão no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

**Germã** – Germão Galharde, tipógrafo francês que imprimiu em Portugal a partir de 1519, trabalhando em Lisboa e Coimbra; responsável pela impressão de *Ropica pñefma*.

**Geronimo** – São Jerónimo (347-419/20), conhecido pela sua tradução latina da *Bíblia*, a *Vulgata*; fundador da Ordem dos Jerónimos.

**Gomorra** – *vide* Sodoma e Gomorra.

**Gregorio** – São Gregório I (540-604), papa que se destacou tanto como autor teológico quanto como administrador.

**Habrã** – *vide* Abrahã.

**Hercules** – um dos mais famosos heróis lendários greco-romanos, filho de Zeus e Alcmena. Após matar a sua própria família num acesso de fúria provocado pela deusa Hera, esposa do seu pai, penitenciou-se executando doze difíceis tarefas propostas pelo rei Euristeu; na última, teve de descer ao mundo subterrâneo para capturar Cérbero, monstro com três cabeças de cão e cauda de serpente.

**Hieronimo** (fólio 31r) – tendo em conta o contexto em que o nome é aqui referido, não temos convicção plena de que se trata, neste caso, de São Jerónimo (*vide* Geronimo). Todavia, é facto que este santo foi o autor de uma obra chamada *De Viris Illustribus*, que era tida como um catálogo de autores cristãos e que foi escrita segundo um modelo da Antiguidade Romana posteriormente replicado na Idade Média e na Renascença.

**Hieronimo** (fólios 80v e 81r) – *vide* Geronimo.

**Homero** – poeta grego (século VIII ou IX a.C.). É considerado o autor dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*.

**Horacio** – Quintus Horatius Flaccus (65-8 a.C.), poeta romano lírico e satírico; autor de um tratado sobre poética.

**Hylias** (apenas na primeira das duas ocorrências deste nome que há no fólio 67v) – Elias (século IX a.C.), personagem bíblica; profeta que se opôs ao culto herege de Baal.

**Hylias** (nas demais ocorrências) – Elias, não o profeta do *Antigo Testamento*, mas um novo Elias que seria enviado por Deus “antes que chegue o Dia de Iahweh” (Malaquias, 3: 23).

**Hymineu** – deus grego associado ao casamento.

**Idra** – Hidra de Lerna, monstro da mitologia grega que se assemelha a uma cobra d’água com várias cabeças; quando uma destas é cortada, nascem duas no seu lugar.

**Iliseos** – *vide* Eliseos.

**Ipicurio** – Epicuro (341-270 a.C.), filósofo grego adepto de teorias pré-socráticas sobre os átomos; centrou a sua investigação na procura dos meios corretos para obter a felicidade; de modo um tanto distorcido, porém, o seu nome passou a ser associado à busca desenfreada de prazeres.

**Ipocras** – Hipócrates (c.460-375 a.C.), médico grego; considerado como o pai da medicina.

**Isac** – *vide* Abrahã.

**Isayas** – *vide* Esayas.

**Isopete** – *vide* Isopo.

**Isopo** – Esopo (século VII ou VI a.C.), autor de fábulas que viveu na Grécia Antiga.

**Jacob** – personagem bíblica, neto de Abraão; tendo dormido com a cabeça sobre uma pedra, sonhou que uma escada ligava a terra com o céu e que junto a tal escada

estavam os anjos e o próprio Deus, que lhe dirigiu a palavra; antes disso, quando o seu pai Isaac estava prestes a morrer e encontrava-se velho e cego, Jacob ludibriou-o para receber a bênção que seria dirigida ao seu irmão mais velho. Sobre o poço de Jacob, *vide* Samaritana.

**Janafonso** – o termo foã (fulano) que o antecede sugere que este nome não se refere a nenhum indivíduo determinado; mistura de João e Afonso, nomes habituais entre reis e nobres portugueses, Janafonso parece antes remeter para quaisquer personalidades de destaque no reino.

**Jason** – Giasone del Maino (1435-1519), jurista italiano cujos comentários sobre direito romano tiveram larga repercussão.

**Jêremias** – (650-570 a.C.) profeta hebreu, a quem se atribui o livro de *Jeremias* do *Antigo Testamento*; numa das suas pregações, queixa-se, de forma metafórica, que o povo de Jerusalém trocou a fonte de água viva de Deus por “cisternas furadas que não podem conter água” (2: 13).

**Jerusalem** – cidade na qual, no antigo reino de Judá, foi construído o templo de Salomão e na qual, posteriormente, Jesus Cristo foi crucificado; no século XVI, encontrava-se sob domínio muçulmano.

**Jesu filho de Navé** – Josué, filho de Num, companheiro de Moisés durante a travessia do deserto; quando enfim chegados à terra prometida por Deus, este profeta faleceu e abençoou Josué como o seu sucessor.

**Joã de Mena** – Juan de Mena (1411-1456), poeta renomado cuja principal obra foi *El Labirinto de Fortuna*, também chamada de *Las Trescientas*.

**Joam de Meneses (Dom)** – (1460-1514) militar e poeta português; alguns dos seus poemas estão no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

**Joãne** – *vide* Joãnes Avãgelista.

**Joãnes Avãgelista** – São João Evangelista, um dos doze apóstolos de Cristo, autor de três cartas e do livro do *Apocalipse* presentes no *Novo Testamento*.

**Joane Batista** – São João Batista, profeta nascido menos de uma década antes de Jesus; foi o responsável pelo seu batismo e por anunciá-lo como a encarnação de Deus.

**Job** – Jó, protagonista de um drama do *Antigo Testamento*, narrado num livro que leva o seu nome.

**Jonas** – protagonista da narrativa de um dos livros proféticos do *Antigo Testamento*; foi chamado por Deus para ir a Nínive, para profetizar a destruição desta cidade em função das imoralidades que lá se cometiam.

**Jorge Manrique (Dom)** – (1440-1479) militar e poeta espanhol; sua obra mais famosa é o poema lírico *Coplas por la Muerte de Su Padre*.

**Joseph** – José, personagem bíblica; hebreu vendido como escravo pelos próprios irmãos; foi levado para o Egito, onde conquistou os favores do faraó; depois de reconciliado com os irmãos (entre os quais Levi, de quem Moisés é descendente), levou-os para viver no Egito; após a morte de José e a mudança de faraó, o povo hebreu viu-se escravizado.

**Josquim** – Josquin des Prez (1450-1521), compositor francês; um dos principais expoentes da escola franco-flamenca de música vocal polifônica.

**Judas** – um dos doze apóstolos de Cristo; traiu-o em troca de trinta moedas.

**Judas Galileu** – rebelde e líder religioso judeu que, segundo o *Novo Testamento*, reuniu entre o povo um grupo de seguidores que foi dispersado após o seu assassinato.

**Jugurtino** – *Bellum Jugurthine*, obra de Sallustius que narra os conflitos decorrentes da rebelião de Jugurtha, rei da nação africana da Numídia, contra o império romano.

**Jupiter** – deus romano que senhoreia toda a Terra e desfere os raios e trovões; corresponde ao deus grego Zeus.

**Justiniano** – Flavius Justinianus (483-565), imperador bizantino que se destacou pela reorganização administrativa do seu império e pela compilação de um conjunto de leis conhecido como *Codex Justinianus*.

**Justino** – São Justino Mártir (100-165), um dos primeiros a interpretar a filosofia grega e a história sob uma perspectiva teológica.

**Juvenal** – Decimus Junius Juvenalis (c.60-127), poeta cujas sátiras denunciavam a ignorância e a corrupção da sociedade romana.

**Laertio** – Diogenes Laércio (século III), autor grego que escreveu sobre a biografia e bibliografia dos filósofos gregos.

**Laura** – *vide* Petrarcha.

**Lazaro (fólio 62v)** – personagem bíblica, homem pobre e doente que viveu toda a vida às portas de um rico, que nunca lhe ofereceu ajuda; no mundo dos mortos, os papéis inverteram-se e o rico pediu ajuda a Lázaro para que os seus familiares não viessem também a cair nas profundezas do inferno; recebeu como resposta o conselho que estes dessem ouvido a Moisés e aos demais profetas.

**Lazaro (fólio 76v)** – personagem bíblica, homem da Betânia ressuscitado por Jesus quatro dias depois de morto; antes disso, contudo, Jesus chorou diante de uma das irmãs de Lázaro, desconsolada com o falecimento.

**Lecteo** – rio mitológico que atravessa as regiões subterrâneas do mundo pós-morte e corre ao longo das fronteiras dos Campos Elíseos (Paraíso).

**Lelio** – Laelius, personagem que expõe a sua visão a respeito da amizade no diálogo *De Amicitia*.

**Licurgo** – a tradição atribui a Licurgo as reformas políticas que tornaram Esparta (Lacedemónia) numa cidade-estado organizada e militarizada.

**Loth** – personagem bíblica (também conhecido como Ló ou Lot) cuja história se encontra no *Antigo Testamento* na sequência da enumeração da descendência de Noé. Lot acompanhou o seu tio Abraão quando este se dirigiu para Canaã, tendo-se separado dele na sequência de atritos entre os pastores do gado de um e do outro, indo então morar para Sodoma. Abraão é tido como o pai das religiões monoteístas; Lot deu origem aos moabitas e aos amonitas, povos politeístas tidos como bárbaros pelos hebreus. Antes da destruição de Sodoma, Lot recebeu a visita de dois anjos; tendo garantido a segurança de ambos diante da nociva curiosidade dos seus conterrâneos, foi, juntamente com a família, salvo do castigo divino.

**Luçiano** – (c.120-180) escritor sírio que passou os últimos anos da sua vida em Atenas; autor de diálogos fictícios e satíricos.

**Luthero** – Martinho Lutero (1483-1546), teólogo alemão que teve papel fundamental na fragmentação da igreja cristã, a qual passou a estar dividida entre o catolicismo romano e as novas correntes protestantes.

**Magdalena** – Maria Madalena, personagem bíblica; em casa de Simão, obteve o perdão dos seus pecados junto a Jesus após, com muitas lágrimas nos olhos, lhe ter ungido os pés com perfume; discípula assídua, foi a primeira pessoa a vê-lo ressuscitado; passou a ser venerada pelos católicos nos séculos vindouros.

**Mafamede** – Maomé (c.570-632), profeta árabe, fundador do islamismo e autor do Alcorão.

**Malachias** – Malaquias, nome que se dá ao último dos 12 livros proféticos do *Antigo Testamento*. Não se trata do nome de um profeta: a palavra ‘Malaquias’ foi escolhida apenas por significar ‘meu mensageiro’ ou ‘aquele que conduz a palavra’ em hebreu.

**Maluco** – ilhas Molucas, ao norte de Timor-Leste, nas quais os portugueses se estabeleceram a partir da segunda década do século XVI.

**Manilio** – Marcus Manilius (século I), poeta romano.

**Mario** – Gaius Marius (157-86 a.C.), general romano que, gozando do prestígio das suas tropas, levou a cabo, com sucesso, inúmeras guerras.

**Mars** – Marte, divindade romana associada à guerra.

**Meandro** – rio na Ásia Menor (atual Menderes).

**Melchisedech** – personagem bíblica, rei e sacerdote. Ao encontrar Abraão, que retornava de uma batalha, ofereceu-lhe pão e vinho e abençoou-o, recebendo em retorno o dízimo do butim da guerra.

**Menandro** – (c.342-292 a.C.) escritor grego autor de mais de uma centena de comédias.

**Mercurio** – deus romano conhecido como o mensageiro dos deuses.

**Metamorphoseos** – *vide* Ovidio.

**Miçenas** – Gaius Cilnius Maecenas (70-08 a.C.), político romano, conhecido principalmente como patrocinador de poetas, entre os quais se incluíam Virgílio e Horácio. Seu nome deu origem à palavra ‘mecenato’ (patrocínio a artistas).

**Midas** – personagem da mitologia grega que recebeu do sátiro Sileno a dádiva de transformar em ouro tudo o que tocasse; lamentou-se disto quando sua comida também se transformou no metal precioso, provocando-lhe fome.

**Milam** – Milão, cidade italiana que convivia com guerras frequentes.

**Minos** – lendário governante da época áurea da ilha de Creta, tratado pela mitologia grega como filho de Zeus (Júpiter).

**Monpelher** – Montpellier, cidade francesa onde, no final do século XIII, foi fundada uma universidade que se destacava pelo estudo da anatomia humana.

**Moses** – Moisés, personagem bíblica, considerado o autor do *Pentateuco* (*Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números* e *Deuteronómio*); profeta e líder dos hebreus, libertou-os da escravidão no Egito atravessando o Mar Vermelho em milagrosa fuga; foi escolhido por Deus para ouvir e divulgar os seus mandamentos; é venerado pelo judaísmo como o maior dentre os profetas.

**Muçio** – Gaius Mucius Scaevola (século VI a.C.), a quem é atribuída a defesa de Roma contra o rei etrusco Porsena. Após uma tentativa frustrada de matá-lo, Mucius confessou-lhe a sua intenção e castigou-se voluntariamente colocando a mão direita no fogo de um altar.

**Nabuchdenosor** – Nabucodonosor II (630-561 a.C.), rei da Babilónia, retratado na Bíblia como um homem violento que invadiu o reino de Judá e destruiu Jerusalém.

**Narçiso** – personagem da mitologia grega que morreu afogado após ter-se apaixonado pela sua própria imagem refletida nas águas de um lago.

**Nero** – Nero Claudius Caesar Augustus (37-68), quinto imperador romano. Tornou-se conhecido pelo seu comportamento extravagante, pela perseguição aos cristãos e por ter incendiado a cidade de Roma.

**Nilo** – o rio mais longo do mundo; nasce em África a sul da linha do Equador, e desagua no Mediterrâneo.

**Ninive** – capital do antigo império assírio; situava-se nas margens do rio Tigre, em território que atualmente pertence ao Iraque.

**Noe** – Noé, personagem bíblica; obedecendo a uma ordem de Deus, construiu uma barca para salvar de um grande dilúvio a si e à sua família, além de dois animais de cada espécie.

**Numa Pompilio** – segundo dos 7 reis que teriam governado Roma antes da fundação da república; a ele é atribuída a instituição de ritos religiosos como o das virgens vestais e o do culto a Marte e Júpiter.

**Ovidio** – Publius Ovidius Naso (43 a.C. - 17 d.C.), poeta romano, autor de *Ars Amatoria* e *Metamorphosis*. Nesta última obra, que narra histórias mitológicas nas quais ocorre sempre algum tipo de metamorfose, apresenta, entre outras fábulas, versões para a criação do homem e para um grande dilúvio provocado por Zeus.

**Pallas** – epíteto de Atenas, deusa da civilização.

**Paradoxas** – *Paradoxa Stoicorum*, obra de Cícero sobre a filosofia estoica.

**Pasquim** – referência a uma das seis chamadas ‘estátuas falantes’ de Roma, a do artesão Pasquino. Nessas estátuas, os cidadãos romanos costumavam colar, na calada da noite, suas reivindicações contra a opressão e os abusos de que se sentiam vítimas.

**Paulo** – apóstolo São Paulo (4?a.C.-62/64), cuja bem sucedida pregação em Atenas é narrada no *Novo Testamento* (*Atos dos Apóstolos* 17: 17-34); na primeira das *Epístolas aos Coríntios* (1: 10-13), repreende os discípulos de Corinto por divergirem entre si, os que eram adeptos do pregador Apolo dos que o eram de Cephas (nome aramaico do apóstolo Pedro), ambos bons cristãos; sofreu durante boa parte da sua vida com a ação de detratores; foi decapitado perto de Roma, para onde fora em socorro de correligionários martirizados.

**Paulo de Castro** – (?-1441) membro do grupo de intérpretes do direito romano que lançou as bases para o estabelecimento dos códigos jurídicos modernos.

**Pedro** – São Pedro Apóstolo (?-64), pescador escolhido para integrar o grupo dos apóstolos; embora tenha negado Cristo por três vezes quando este foi preso, arrependeu-se disso com muitas lágrimas e tornou-se no fundador da Igreja Católica; fiéis

levavam os doentes em macas para as ruas por onde Pedro passava, para que se currassem apenas por serem cobertos pela sua sombra.

**Pentateucho** – termo que designa os cinco livros do *Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*.

**Periandro** – (?-587 a.C.) tirano de Corinto, considerado um dos grandes sábios da Antiguidade; foi patrono de artistas e autor de uma coletânea de máximas.

**Petrarcha** – (1304-1374), poeta e humanista italiano cujos poemas destinados a Laura (que em muitas passagens da sua obra é referida como dotada de graça divina) contribuíram para o florescimento da poesia lírica renascentista.

**Phalares** – (?-554 a.C.) tirano da Sicília famoso pela crueldade: queimava as suas vítimas vivas dentro de uma estátua de bronze em forma de touro; o próprio escultor desta peça de suplício foi sacrificado dentro dela.

**Philippicas** – discursos escritos por Cícero imitando os discursos de Demóstenes contra o rei Filipe II da Macedônia. O texto ciceroniano, contudo, tem como alvo das suas críticas o general e cônsul Marcus Antonius.

**Phinees** – personagem bíblica, um dos seguidores de Moisés; obteve graça divina após matar um casal de idólatras.

**Phocylides** – (540-? a.C.) poeta grego.

**Pitagoras** – (século VI a.C.) filósofo grego cujas teorias influenciaram não apenas o pensamento platônico e aristotélico, como toda a matemática e filosofia racional do Ocidente.

**Platam** – Platão (c.428-348 a.C.), filósofo grego, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles; os seus diálogos socráticos (*A República, O Banquete, Fedro*, entre outros) exerceram profunda influência na teologia cristã.

**Plato** – *vide* Platam.

**Plauto** – (254-184 a.C.) escritor romano que instituiu a tradição do teatro em língua latina.

**Plínio** – Gaius Plinius Secundus (23-79), erudito romano, autor da *Historia Naturalis*, obra cuja autoridade científica era muito respeitada.

**Plutam** – nome romano de Hades, deus dos infernos subterrâneos.

**Polybetes** – referência a uma personagem mencionada na obra *Instituições Divinas*, do filósofo cristão Lactâncio: “um certo Polites”, que procura por Apolo no santuário de Mileto para o questionar sobre a imortalidade da alma.

**Póponio** – Pomponius Mela (século I), geógrafo romano.

**Priapo** – deus grego da fertilidade dos animais e vegetais, representado por uma figura humana disforme com um falo enorme.

**Ptholomeu** – Claudius Ptolemaeus (c.100-c.170), matemático, geógrafo e astrónomo cujo modelo de explicação geocêntrica do universo (segundo o qual Lua, Vénus, Mercúrio, Sol, Marte, Júpiter e Saturno movem-se através de sete círculos em torno da Terra) era ainda muito popular na Renascença.

**Quintiliano** – Marcus Fabius Quintilianus (35-96), escritor romano cuja obra *Institutio Oratoria* exercia larga influência no estudo e ensino da retórica.

**Real** – provável referência ao rio brasileiro que atualmente divide os estados da Bahia e do Sergipe (os portugueses conheceram-no em 1501).

**Reguem** – Johannes Regis (1425-1496), compositor holandês; um dos principais expoentes da escola franco-flamenca de música vocal polifónica.

**Régulo** – Marcos Atilius Regulus (século III a.C.), general que derrotou os cartagineses em batalha na Sicília e que era tido pelos romanos como um modelo de resistência heroica.

**Remo** – *vide* Romulo.

**Ribeyra do Alitem** – quinta de João de Barros situada numa freguesia de Pombal.

**Romulo** – figura lendária; fundador de Roma junto com seu irmão gémeo Remo. Antes da revolta que culminou na derrocada do rei usurpador de Alba Longa e na fundação da nova cidade, foram ambos presos acusados falsamente de saquear os campos. Após um desentendimento relacionado com a construção dos muros da cidade, Rómulo assassinou Remo. Foi rei de Roma até ser arrebatado ao céu pelos deuses.

**Sabáa** – a rainha de Sabá, antigo reino arábico, visitou, segundo o *Antigo Testamento*, o rei Salomão, chegando à frente de uma caravana de camelos e trazendo ouro, joias e especiarias.

**Salamam** – Salomão, personagem bíblica, filho de David e o seu sucessor no trono de Israel. Sendo conhecido e reverenciado pela sua sabedoria, foi-lhe atribuída a autoria de inúmeras obras além das que estão no *Antigo Testamento*. Entre tais livros apócrifos, muitos tratam de ciências mágicas e exorcismo de demónios, como é o caso do *De Umbris Idearum*.

**Salustio** – Gaius Sallustius Crispus (c.86-35/34 a.C.), historiador romano, famoso por ter escrito narrativas sobre personalidades políticas, corrupção e rivalidades partidárias.

**Samaritana** – personagem bíblica a quem Jesus solicitou que lhe desse água de um poço situado nas terras que haviam pertencido a Jacob; a mulher, demonstrando estranhar que um judeu dirigisse a palavra a alguém do seu povo, ouviu de Cristo que este poderia ofertar-lhe a água da vida eterna.

**Samaritano** – personagem bíblica que, segundo o *Evangelho de Lucas*, deu socorro a um homem caído na estrada, vítima da violência de salteadores. Este homem tinha anteriormente sido ignorado por um sacerdote (fariseu) e um levita (membro de família sacerdotal).

**Sardanapalo** – (século VII a.C.), último de uma linhagem de monarcas assírios; imitava mulheres no modo de vestir, de falar e de se comportar; foi responsável pela queda do seu império diante de um exército de medos, persas e babilônicos.

**Sartorio** – Quintus Sertorius (123-72 a.C.), general romano que governou a Península Ibérica; trazia sempre junto a si uma corça branca supostamente capaz de comunicar-lhe os conselhos da deusa Diana.

**Scoto** – João Duns Escoto (1266-1308), teólogo que, através da filosofia escolástica (marcadamente afeita à lógica aristotélica), discorreu sobre temas como os da concepção e encarnação de Cristo.

**Seneca** – Lucius Annaeus Seneca (04 a.C-65 d.C), filósofo, orador, político e dramaturgo romano.

**Sephora** – personagem bíblica, filha do sacerdote madianita Jetro, que a ofereceu em casamento a Moisés como forma de agradecimento por este ter defendido as suas sete filhas contra pastores que as teriam impedido de dar de beber ao rebanho.

**Sillio** – Silius Italicus (26-102), poeta romano.

**Simam** – *vide* Magdalena.

**Simon** – Simeão, personagem bíblica a quem foi profetizado que não morreria antes de ver o Cristo. Tendo o menino Jesus sido levado ao templo por seus pais, Simeão predisse a sua importância para Israel e o sofrimento futuro da sua mãe.

**Sinay** – monte no Egito onde Moisés recebeu as tábuas dos mandamentos divinos.

**Socrates** – (c.470-399 a.C.), filósofo grego cuja principal atividade intelectual consistia no diálogo com discípulos e adversários. O que se conhece atualmente sobre o seu pensamento deve-se, sobretudo, às obras dos seus discípulos Platão e Xenofonte.

**Sodoma e Gomorra** – segundo o *Antigo Testamento*, cidades destruídas por Deus por causa da imoralidade e crueldade daqueles que lá viviam.

**Solino** – Gaius Julius Solinus (século III ou IV), gramático e compilador latino.

**Solon** – (c.630-560 a.C.) político ateniense; substituiu um sistema de governo baseado na capacidade económica por outro baseado num código de leis.

**Strabo** – Estrabão (64 a.C.-21 d.C.), geógrafo e historiador grego.

**Susana** – personagem bíblica que, por se recusar a ter relações com dois homens, foi acusada por eles de ser uma adúltera.

**Synesio** – (373-414) bispo grego, autor do livro *Calvitii Encomium* (Elogio da Calvície) em resposta a um livro de Crisóstomo que elogiava as cabeleiras.

**Syon** – monte em Jerusalém.

**Tales** – Tales de Mileto (século VI a.C.), filósofo grego conhecido pelas suas teorias cosmológicas.

**Tarsis** – cidade mencionada no *Antigo Testamento* (possivelmente situada na Península Ibérica).

**Tartareto** – Tártaro, lugar onde, segundo a mitologia grega, vagueiam as almas dos mortos; a expressão ‘sophistaria do Tartareto’ parece atribuir aos filósofos que escreveram sobre a lógica a qualidade de farsantes (o termo derivado de ‘sofistas’ carrega tal conotação pejorativa).

**Theudo** – Teudas, rebelde e líder religioso judeu que, segundo o *Novo Testamento*, liderou um exército de cerca 400 homens, que foram todos mortos.

**Thomas (São)** – São Tomás de Aquino (c.1225-1274), teólogo e filósofo que reinterpretou a teoria aristotélica segundo a fé católica.

**Tibullo** – Albius Tibullus (55-19 a.C.), poeta elegíaco romano.

**Tito** – Titus Flavius Caesar Vespasianus Augustus (39-81), sucedeu a Vespasiano, seu pai, como imperador romano; auxiliou-o a conter as revoltas que ocorriam na Judeia.

**Tosculanas** – *Disputationes Tusculanae*, diálogo de Marcos Tullius Cícero sobre a morte, a dor, o sofrimento, a felicidade e a beatitude.

**Troya** – cidade antiga que existiu na Ásia Menor, em território que hoje pertence à Turquia. Segundo a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, foi destruída pelos gregos após um cerco de uma década.

**Tulio pro Milone** – obra de Cícero em defesa de Tito Milone, acusado de assassinato.

**Tullio** – Marcus Tullius Cícero (106-43a.C.), escritor, orador e legislador romano. Escreveu sobre retórica, filosofia e política, exercendo profunda influência na cultura humanista.

**Tullio Amicicia** – diálogo de Cícero sobre a amizade.

**Tullio de Officiis** – obra de Cícero sobre os fundamentos da filosofia.

**Tunez** – cidade muçulmana no norte da África (“herdeira” de Cartago e atual capital da Tunísia).

**Ulises** – nome romano de Odisseu, protagonista da *Odisseia* de Homero.

**Vespesiano** – Titus Flavius Vespasianus (9-79), fundador de uma dinastia de imperadores romanos após a morte de Nero em 68; antes e depois de subir ao trono, esforçou-se por sufocar as revoltas que ocorriam na Judeia.

**Victruvio** – Marcus Vitruvius Polli (século I), engenheiro e arquiteto romano; o que se sabe sobre a sua vida e obra está registado em *De Architectura*.

**Virgílio** – Publius Vergilius Maro (70-19 a.C.), poeta romano; autor da *Eneida*, poema épico sobre as origens lendárias do império romano; no sexto livro desta epopeia, é narrada a visita do protagonista Eneias ao mundo dos mortos.

**Vulcano** – nome romano de Hefestos, deus associado ao fogo e às erupções vulcânicas.

**Zacharias** – (século VI a.C.) profeta cuja obra está reunida no *Antigo Testamento* em livro com o seu nome.

**Zebedeu** – pai dos apóstolos João e Tiago; segundo algumas tradições, seria cunhado de Maria, sendo os seus filhos, portanto, primos de Jesus.

## Expressões latinas

**ab eterno** – eternamente.

**ab ordine litere** – pela ordem da letra (pelo modo como as palavras estão dispostas).

**Ascendam super altitudinē nubīū similis ero altissimo** – “Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo.” (Isaías 14: 14). Esta frase é proferida em tom de escárnio pelos mortos que recebem nas profundezas infernais um rei da Babilónia. Em conjunto com o versículo seguinte, a passagem bíblica é habitualmente interpretada como uma das referências à expulsão de Lúcifer do Paraíso: “E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo” (Isaías 14: 15).

**At scelerata iacet, sedes in nocte profunda** – No entanto, a morada dos ímpios jaz em noite profunda.

**caput et cauda draconis** – cabeça e cauda do dragão, que correspondem, respetivamente, ao ponto em que a lua atravessa o plano da eclíptica da Terra em movimento ascendente e descendente; cabeça e cauda aparecem sempre em signos astrológicos diametralmente opostos, sendo, portanto, aberrante a previsão de virem a encontrar-se numa mesma casa.

**Coridon que te demencia cepit** – “Corydon, Corydon, quæ te dementia cepit!”, verso da segunda égloga de Virgílio, na qual dialogam Corydon e Alexin: Corydon, Corydon, que demência se apoderou de ti!

**domine** – senhor.

**Est locus infaustis, quo conciliatur in unū** – “Est locus infaustis quo conciliantur in unum Cocytos Phlegethonque vadis”, verso de Claudiano: nos pântanos sinistros, há um local em que se unem o Cócito e o Flagetonte (rios do mundo subterrâneo).

**Est via declivis, funesta nubila taxo** – há uma via em declive, sob a funesta sombra do teixo [árvore de folhas venenosas].

**fiat** – faça-se; nomeie-se.

**Hec dicit dominus** – isto disse o Senhor, assim disse Iahweh; expressão utilizada em abundância na versão latina do *Antigo Testamento* para introduzir os discursos de profetas como Isaías e Jeremias.

**Hoc est: merces spiritualis** – isto é: a mercadoria espiritual (significado que João de Barros atribuía ao vocábulo ‘ropicapnefma’, o qual foi composto de modo equivocado pelo próprio escritor a partir de palavras gregas).

**Laus Deo** – louvor a Deus, louvado seja Deus.

**Nom enim erubescio euangelium** – “Na verdade, eu não me envergonho do evangelho:” (Romanos 1: 16). O versículo bíblico conclui-se do seguinte modo: “ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego.” (Romanos 1: 16). Do modo como Barros utilizou a expressão, ela parece indicar uma ressalva: embora deprecie a qualidade estilística de certos textos, o autor não se dispõe a renegá-los no que diz respeito à mensagem cristã que porventura transmitam.

**nondū finitus Orestes** – *necdum finitus Orestes*; ainda não terminado Orestes (apesar de as margens e os versos do papiro do livro já estarem preenchidos); na primeira sátira de Juvenal, o poeta queixa-se de ter de ouvir intermináveis e aborrecedoras comédias e elegias de outros autores.

**notissime per oppida buce** – a opinião conhecidíssima pela cidade (a expressão encontra-se na terceira sátira de Juvenal: “notaeque per oppida bucae”); em oposição, a estátua de Pasquim, em Roma, era usada para colocar, na calada da noite, críticas anónimas contra poderosos.

**Osana fili David** – *Hosanna filio David*; Hosana (interjeição de aclamação religiosa) ao filho de David!

**Parcat mihi dominatio tua** – que a tua soberania me perdoe; trata-se de uma fórmula utilizada em textos jurídicos antigos para introduzir uma divergência.

**pars fortune** – parte da fortuna; ponto da carta astrológica calculado a partir de fórmulas que levam em consideração a posição do signo ascendente, do Sol e da Lua.

**principū placita** – por decreto imperial.

**quadratura circuli** – quadratura do círculo; trata-se um dos três problemas clássicos da geometria grega: construir um quadrado cuja área seja igual à de um determinado círculo.

**quē totus non capit orbis** – verso do hino tradicional *Virgo Dei Genitrix*, o qual caracteriza Deus como aquele ‘a quem todo o mundo não pode conter’. No presente contexto, a expressão é empregada de modo evidentemente irônico.

**Satur est Horattus** – “satur est cum dicit Horatius ‘Euhoe’”; quando disse “Evoé” (expressão utilizada nos rituais do deus Baco), Horácio estava saciado. Este verso de Juvenal remete para a ode em que Horácio invoca o deus do vinho. Por outras palavras: é preciso que haja patrocínio para os escritores, pois para que Horácio escrevesse um poema como aquele em que invoca Baco, era preciso que estivesse saciado (financeiramente confortável).

**sesquipedalia verba** – palavras de seis pés; os versos hexâmetros, compostos de seis pés, eram muito populares na poesia greco-latina, sendo a medida utilizada nas epopeias modelares de Homero e Virgílio; assim, e em oposição à que lhe sucede (*vide* tragicus plerumquia dolet sermone pedestri), esta expressão adquire o sentido de ‘falar em linguagem perfeita’.

**sit in quáto** – *si et in quantum*, termo jurídico; se e enquanto (perdurar uma determinada situação).

**spelūca latronum** – covil de ladrões.

**Super aspidem et baseliscū** – “sobre a áspide [serpente] e a víbora” (Salmos 91: 13); o versículo trata daquele que, protegido pelos anjos de Deus, poderá “caminhar sobre a áspide e a víbora” e pisará “o leãozinho e o dragão”; o uso desta expressão em *Ropicapnefma* é, evidentemente, irónico.

**synderesis morsu** – dor (mordida) da consciência; contrição da alma.

**tot discrimina rerū** – *per varius casus, per tot discrimina rerum*, verso da *Eneida* de Virgílio: por várias dificuldades, por tão graves perigos.

**tragicus plerumquia dolet sermone pedestri** – “et tragicus plerumque dolet sermone pedestri”, verso da *Arte Poética* de Horácio: o [ator] trágico muitas vezes lamenta-se em linguagem prosaica.



# Índice

Apresentação .....	5
<i>Ropicaꝓnefma: a Mercadoria Espiritual</i> de João de Barros	
1. Breves apontamentos sobre a vida e a obra de João de Barros .....	7
2. <i>Ropicaꝓnefma</i> : do título à argumentação .....	10
3. <i>Ropicaꝓnefma</i> na sociedade quinhentista .....	15
4. Edições anteriores do diálogo <i>Ropicaꝓnefma</i> .....	19
5. Apresentação dos exemplares da edição princeps de <i>Ropicaꝓnefma</i> ..	21
5.1. Descrição codicológica dos exemplares .....	27
5.2. A pertinência de uma nova edição crítica .....	32
Bibliografia .....	34
Normas de transcrição e aparato crítico .....	41
<i>Ropicaꝓnefma</i> .....	45
Glossário .....	169
Índice de nomes próprios .....	177
Índice de expressões latinas .....	195

